

ANDRÉ SCHWARZ-BART

O ÚLTIMO DOS JUSTOS

Romance

PRÊMIO GONCOURT 1959

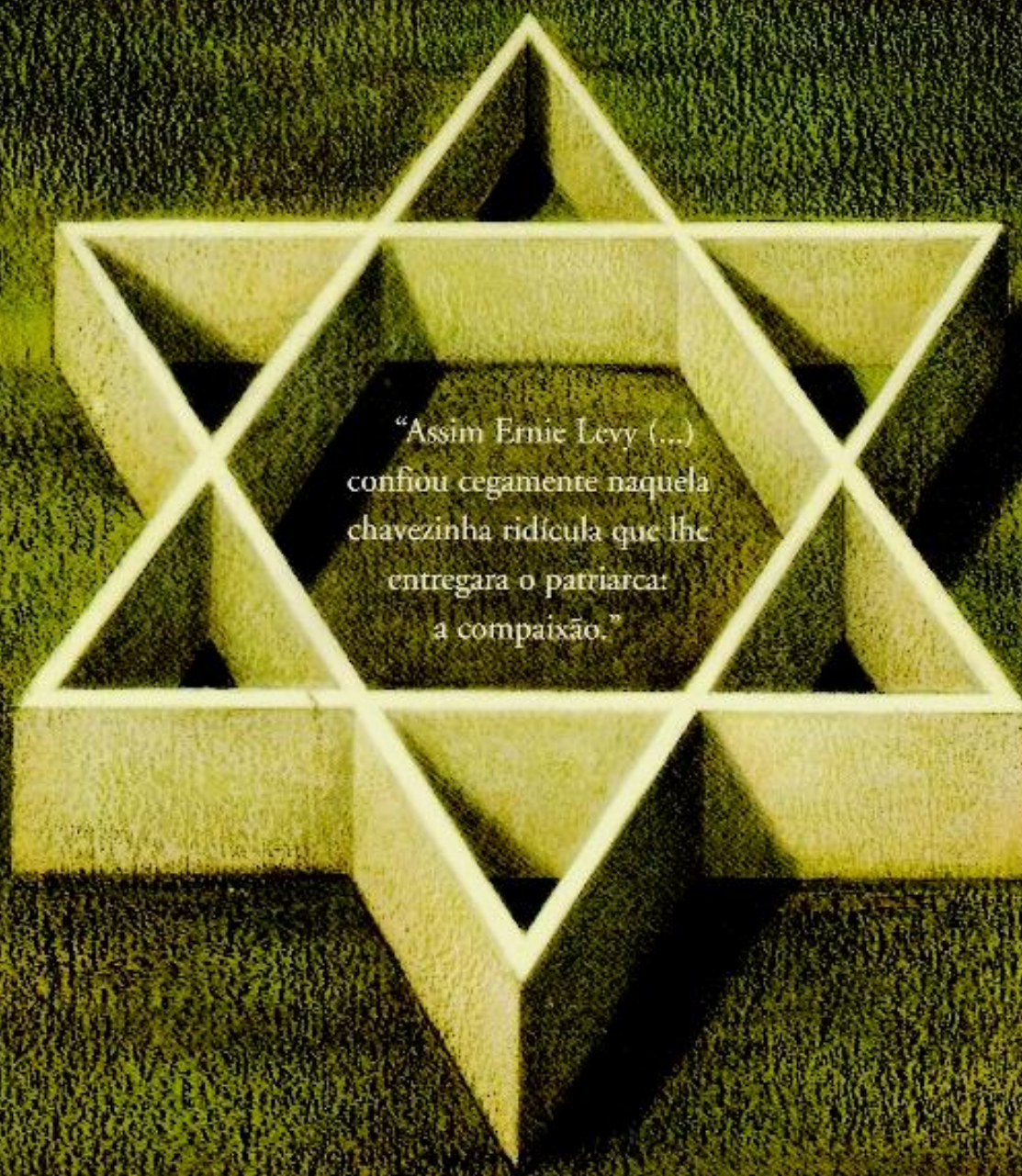


JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

O Último dos Justos

André Schwarz-Bart





“Assim Ernie Levy (...)
confiou cegamente naquela
chavezinha ridícula que lhe
entregara o patriarca:
a compaixão.”

ANDRÉ SCHWARZ-BART

O ÚLTIMO
DOS JUSTOS

Romance

Tradução
Maria Lucia Autran Dourado

2ª edição

JOSÉ OLYMPIO
E D I T O R A

Como devo celebrar tua morte
Como posso seguir tuas exéquias
Punhado de cinzas errante
Entre a terra e o céu?

M. JAZTRUN, Les obsèques

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	
A lenda dos Justos	9
CAPÍTULO 2	
Zemyock	29
CAPÍTULO 3	
Stillenstadt	87
CAPÍTULO 4	
O Justo das moscas	147
CAPÍTULO 5	
Sr. Kremer e Srta. Ilse	211
CAPÍTULO 6	
O cão	263
CAPÍTULO 7	
O casamento de Ernie Levy	315
CAPÍTULO 8	
Nunca mais	363

CAPÍTULO 1

A Lenda dos Justos

Nossos olhos recebem a luz das estrelas mortas. Uma biografia do meu amigo Ernie caberia facilmente no segundo quartel do século XX; mas a verdadeira história de Ernie Levy começa muito antes, pelo ano 1000 da nossa era, na velha cidade anglicana de York. Mais precisamente: 11 de março de 1185.

Naquele dia, o bispo William de Nordhouse pronunciou um grande sermão, e aos gritos de "Seja feita a vontade de Deus" a multidão espalhou-se pelo adro da igreja; alguns minutos mais tarde, as almas judias davam conta dos seus crimes a esse Deus que os chamava até Ele pela boca do seu bispo.

Entretanto, em meio à pilhagem, muitas famílias se refugiaram numa velha torre abandonada, um pouco afastada da cidade. O cerco durou seis dias. Todas as manhãs, de madrugada, um monge aproximava-se do fosso circundante e, crucifixo na mão, prometia garantia de vida aos judeus que reconhecessem a Paixão do nosso dulcíssimo Senhor Jesus Cristo. Porém, a torre continuava "muda e fechada", segundo expressão de uma testemunha ocular, o beneditino dom Bracton.

Na manhã do sétimo dia, o rabi Yom Tov Levy reuniu todos os sitiados na plataforma da vigia.

- Irmãos - disse-lhes -, Deus nos deu a vida; vamos devolvê-la, nós mesmos, por nossas próprias mãos, como fizeram nossos irmãos da Alemanha.

Homens, mulheres, crianças, velhos, cada um estendeu a frente à sua bênção, depois o pescoço ao punhal que ele oferecia com a outra mão. O velho rabino ficou sozinho diante da sua própria morte.

Dom Bracton relata:

"E então escutou-se uma grande lamentação, que foi ouvida dali a Saint-James...

Segue-se um piedoso comentário, e o monge assim acaba sua crônica: "Contaram-se 26 judeus sobre a plataforma da torre, sem falar das mulheres e da miuçalha. Dois anos depois, descobriram-se 13 na adega, enterrados durante o cerco; porém, quase todos eram crianças de peito. Quanto ao rabino, tinha ainda o punhal atravessado no pescoço. Não se

achou outra arma senão a sua na torre. Seu corpo foi lançado numa grande fogueira, e, infelizmente, suas cinzas dispersaram-se ao vento. De maneira que nós as respiraremos; e então, pela comunicação dos pequenos espíritos, chegará até nós um certo humor envenenado, que a todos assombrará!”

Esse fato não oferece nada de extraordinário em si. Aos olhos dos judeus, o holocausto da torre não passa de um modesto episódio de uma história sobrecarregada de mártires. Naquelas épocas de fé, como se sabe, grandes comunidades lançaram-se nas chamas para escapar às seduições da Vulgata. Assim foi em Spira, Mogúncia, Worms, Colônia e Praga, ao longo do fatídico verão de 1096. E, mais tarde, durante a peste negra: em toda a cristandade.

Mas a ação do rabi Yom Tov Levy teve uma sorte singular; elevando-se acima da tragédia comum, ela transformou-se em lenda.

Para compreender o processo dessa metamorfose, foi preciso o sopro da antiga tradição judaica dos Lamed-waf, que alguns talmudistas vão buscar na origem dos séculos, nos tempos misteriosos do profeta Isaías. Rios de sangue correram, colunas de fumaça escureceram o céu; mas, transpondo todos os abismos, a tradição se manteve intacta, até nossos dias. Segundo ela, o mundo repousaria sobre 36 Justos, os Lamed-waf, que em nada se distinguem dos simples mortais; muitas vezes, eles ignoram a própria condição. Mas, se acontecesse faltar um só deles, o sofrimento dos homens envenenaria até a alma das criancinhas, e a humanidade sufocaria num grito. Porque os Lamed-waf são o coração multiplicado do mundo, e neles se derramam todas as nossas dores, como num receptáculo. Milhares de narrativas populares contam isso. Sua presença é atestada em toda parte. Um velhíssimo texto da Haggadah narra que os mais lastimáveis são os Lamed-waf desconhecidos deles próprios. Para esses, o espetáculo do mundo é um indizível inferno. No século VII, os judeus andaluzes veneravam uma rocha em forma de lágrima que acreditavam ser a alma, petrificada de dor, de um Lamed-waf "desconhecido". Outros Lamed-waf, tais como Hécuba, desesperada com a morte dos filhos, teriam sido transformados em cães. "Quando um Justo desconhecido sobe ao céu, diz um texto hassídico, está de tal maneira enregelado que Deus precisa reaquescê-lo mil anos entre os dedos, antes que sua alma possa abrir-se no Paraíso. E é sabido que inúmeros dentre eles permanecem eternamente

inconsoláveis com a desgraça humana; de modo que nem mesmo Deus consegue reaquecê-los. Então, de tempos em tempos, o Criador, bendito seja Ele, avança um minuto o relógio do Juízo Final”.

A lenda do rabi Yom Tov Levy procede em linha reta dessa tradição dos Lamed-waf.

Ela deve também sua origem a um fato singular, que é a extraordinária sobrevivência do jovem Salomão Levy, filho caçula do rabi Yom Tov. Aqui chegamos ao ponto em que a história mergulha na lenda, e nela se submerge; porque faltam dados precisos, e as opiniões dos cronistas divergem. Segundo uns, Salomão Levy achava-se entre algumas das trinta crianças que receberam o batismo cristão em meio ao massacre. Segundo outros, mal degolado pelo pai, teria sido salvo por uma camponesa que o entregou a judeus do condado vizinho.

Entre as numerosas versões que circulam nos meios judaicos do século XIII, guardemos a fantasia italiana de Simeão Reubeni, de Mântua; ele narra o "milagre" nesses termos:

"Na origem do povo de Israel, há o sacrifício de um só, nosso pai Abraão, que ofereceu o filho a Deus. Na origem da dinastia dos Levy, encontra-se o sacrifício de um só homem, o sereníssimo e luminoso rabi Yom Tov, que degolou com sua mão 250 fiéis - dizem alguns, mil.

"Ora, vejam, pois: a agonia solitária do rabi Yom Tov foi insuportável para Deus.

"E ainda mais: do meio dos cadáveres cobertos de moscas renasceu seu filho caçula, Salomão Levy, de quem cuidaram os anjos Uriel e Gabriel.

"E eis enfim: quando Salomão atingiu a idade da razão, o Eterno apareceu-lhe em sonho e disse: 'Escuta, Salomão, presta atenção em minhas palavras. No 17º. dia do mês de Sivan de 4.945, teu pai rabi Yom Tov inspirou piedade a meu coração. Será pois dada à sua descendência, e nos séculos dos séculos, a graça de um Lamed-waf por geração. Tu és o primeiro, tu és um deles, tu és santo”.

E o excelente autor concluiu deste modo:

"Ó companheiros do nosso velho exílio, assim como os rios vão para o mar, todas as nossas lágrimas correm para o coração de Deus”.

Verídica ou quimérica, a visão de Salomão Levy desperta interesse geral. Seus menores feitos e gestos são relatados pelos cronistas judeus desse

tempo. Muitos descrevem seu rosto, fino, pensativo, um tanto infantil e ornado de longos cachos negros.

Mas foi preciso render-se à evidência: suas mãos não curavam as chagas, seus olhos não vertiam nenhum bálsamo; e se ele permaneceu durante cinco anos na sinagoga de Troyes, ali rezando, comendo, dormindo num mesmo banco de honra, esse exemplo era usual no minúsculo inferno dos guetos. Esperava-se também por Salomão Levy no dia da sua morte, que decidiria talvez o debate.

Ela aconteceu no ano da graça de 1240, após uma controvérsia ordenada pelo rei são Luís, de preciosa memória.

Segundo o costume, os talmudistas do reino de França ficavam de pé em fila diante do tribunal eclesiástico, onde eram vistos Eudes de Châteauroux, chanceler da Sorbonne, e o célebre Nicolas Donin. Nessas singulares controvérsias, a morte planava sobre cada resposta dos talmudistas. Eles tomavam a palavra, cada um por sua vez, a fim de repartir equilibradamente a ameaça do suplício.

A uma pergunta do bispo de Grotius, relativa à divindade de Jesus, houve uma vacilação bem compreensível.

Mas, repentinamente, viu-se aparecer o rabi Salomão Levy, que até então se mantinha um tanto reservado, como um adolescente intimidado por uma assembléia de homens. Franzino dentro da sua levita negra, ele se comporta com hesitação diante do tribunal.

- Se é verdade - murmura com voz sufocada -, se é verdade que o Messias de quem falam nossos velhos profetas já veio, como explicais, então, o estado do mundo atual?

Em seguida, tossindo de angústia, o timbre reduzido a um fio:

- Nobres senhores, os profetas disseram no entanto que, com a vinda do Messias, choros e gemidos desapareceriam do mundo, eh... Não é? Que leões e cordeiros pastariam juntos, que o cego seria curado e o coxo saltaria como... um cervo! E também que todos os povos quebrariam suas espadas, oh, sim, para que no lugar delas pudessem correr as relhas da charrua) eh... não é?

Enfim, sorrindo tristemente para o rei Luís:

- Ah, que iriam dizer, senhor, se fôsseis esquecer como se conduz uma guerra?

Eis as conseqüências desse pequeno discurso, tais como estão enunciadas

no atroz Livro do Vale das Lágrimas:

"(...) Então decidiu o rei Luís que nossos irmãos parisienses seriam forçados à missa, ao sermão, distintivo amarelo e chapéu pontudo, bem como a uma multa adequada. Que nossos divinos livros do Talmude seriam levados à fogueira, em espaço aberto de Paris, por serem fraudulentos e mentirosos, e ditados pelo diabo. Que, enfim, para edificação, seria mergulhado dentro das chamas do Talmude o corpo vivo do Justo, o Lamed-waf, o homem de dores, oh, quão versado em dores, rabi Salomão Levy, depois apelidado o Triste Rabi. Uma lágrima para ele”.

Após o auto-de-fé do Justo, seu filho único, o belo Manassés, retornou à Inglaterra, de onde seus antepassados fugiram. A paz reinava, havia dez anos, em terras inglesas, e ela parecia aos judeus consolidada para a eternidade.

Manassés instalou-se em Londres, onde o renome dos Justos colocou-o à frente da comunidade renascente. Como era muito gracioso de rosto e de linguagem, pediram-lhe para defender a causa dos judeus, diariamente acusados de feitiçaria, assassinato ritual, envenenamento de poços e outras "gentilezas". Em vinte anos, obteve sete absolvições, o que era extremamente notável.

As circunstâncias do sétimo processo são pouco conhecidas; tratava-se de alguém chamado Eliezer Jefryo, que rumores acusavam de ter apunhalado uma hóstia, e, conseqüentemente, entregue de novo o Cristo à morte, fazendo correr sangue do seu coração, que é o pão seco da hóstia. Esse último sucesso inquietou duas poderosas mitras episcopais. Pouco depois, acusado diante do tribunal da Santa Inquisição, Manassés se via manchado pelo crime que acabara de apagar em Eliezer Jefryo.

Submeteram-no ao interrogatório extraordinário, não intermitente - proibido pela legislação em vigor - mas "continuado". Os autos do escrivão o descrevem tomado pelo mal da taciturnidade. Assim, no dia 7 de maio de 1279, diante de uma platéia das mais belas senhoras de Londres, foi submetido à mesma crueldade da hóstia por meio de uma adaga veneziana benta e passada três vezes pelo seu pescoço.

"É assim, escreveu ingenuamente um cronista, que, após nos ter defendido em vão diante dos tribunais dos homens, o Justo Manassés Levy foi

advogar nossa causa no céu”.

Seu filho Israel parecia não dever seguir esse perigoso caminho. Homem de sangue pacífico e suave, tinha uma pequena tenda de sapateiro e forjava poemas elegíacos ao bater do martelo. Sua introversão era tal que os raros visitantes só se aproximavam quando com um calçado à mão. Muitos asseguram que ele era extremamente versado no Zohar; outros, que ele tinha exatamente a inteligência de uma pomba, bem como os olhos lentos e a voz úmida. Vários dos seus poemas entraram no ritual askenazi. É o autor da célebre tehila: Ó Deus, não encubras o sangue com teu silêncio. Israel moldava assim seu pequeno mundo, sem barulho, quando eclodiu a expulsão dos judeus da Inglaterra. Sempre ponderado, ficou entre os últimos a deixar a Ilha; procuraram primeiramente Hamburgo, conformaram-se depois com o litoral de Portugal. No Natal, após quatro meses à deriva, a caravela ancorava em Bordeaux.

O humilde sapateiro ganhou furtivamente Toulouse, onde muitos anos se passaram em divina obscuridade. Amou essa província meridional, ali as maneiras dos cristãos eram brandas, quase humanas. Tinha-se o direito de cultivar um pedaço de terra, era possível exercer outros ofícios que não fosse a usura, e mesmo prestar juramento diante dos tribunais, como se, embora judeu, tivesse palavra de honra. Era um antegoço do Paraíso.

Uma única sombra no quadro, um costume chamado a Cophys exigia que todos os anos, na véspera da Páscoa, o presidente da comunidade judaica se apresentasse em camisa na catedral, onde o conde de Toulouse, aos acordes da missa, pomposamente, lhe aplicava um bofetão. Mas, com os séculos, esse uso tornara-se singularmente polido: mediante 50 mil escudos, o senhor satisfazia-se com uma bofetada simbólica a seis passos de distância. As coisas estavam nesse pé quando Israel foi reconhecido por um emigrante inglês, e especialmente "denunciado" aos fiéis de Toulouse. Arrancaram-no da sua tenda, benzeram-no, ao pai, à mãe, a todos os seus antepassados e todos os seus descendentes, e, querendo ou não, aceitou a presidência que se tornara uma função sem riscos.

Os anos passaram-se com seu cortejo de dores e pequenas alegrias, que ele insistia em transformar em poema; também fazia alguns calçados, de vez em quando, às escondidas. No ano da graça de 1348 morre o velho conde de Toulouse. Seu filho tivera excelentes preceptores; ele decidiu

administrar a bofetada pascal.

Israel apresentou-se em camisa, os pés nus; na cabeça, o chapéu pontudo obrigatório, e dois grandes distintivos amarelos presos sobre a brancura do seu peito e das suas costas; naquele dia ele contava 72 anos. Uma multidão imensa viera assistir à bofetada. O chapéu rolou violentamente no chão. Segundo o uso antigo, Israel abaixou-se para apanhá-lo e agradeceu ao jovem conde três vezes repetidas; em seguida, amparado por correligionários, atravessou os clamores da multidão. Quando chegou em casa, seu olho direito sorria com uma serenidade tranquilizadora; é só uma obrigação habitual, disse à mulher, e eu já a cumpri. Mas, acima da bochecha marcada com quatro dedos, o olho esquerdo chorava, e na noite seguinte seu velho sangue transformou-se lentamente em água. Três semanas depois, tinha a insigne fraqueza de morrer de vergonha.

Rabi Mathatias Levy, seu filho, era um homem tão versado em ciências matemáticas, astronomia e medicina que os próprios judeus suspeitavam de que ele houvesse pactuado com o demônio. Sua agilidade em todas as coisas era notória; em uma das suas historietas, Johanan ben Hasdai compara-o com um furão; outros autores reforçam o traço, indicando que ele parecia perpetuamente prestes a fugir.

Exerceu a medicina em Toulouse, Auch, Gimont, Castelsarrasin, Albi, Gaillac, Rabastens, Verdun-sur-Garonne. Sua situação era a dos médicos judeus da época. Em Auch e Gaillac, acusaram-no de envenenar os doentes cristãos; em Castelsarrasin, imputaram-lhe a lepra; em Gimont, foi o envenenador de poços. Em Rabastens, teria lançado mão de um elixir à base de sangue humano; e em Toulouse curava com a mão invisível de Satã. Em Verdun-sur-Garonne, enfim, perseguiram-no como o propagador da terrível peste negra.

Ele devia a sua vida aos doentes que o informavam, o escondiam, o faziam desaparecer.

Inúmeras reprimendas lhe foram feitas, mas ele sempre achava, diz Ben Hasdai, "estranhas razões para abrir sua porta a um doente cristão". Anunciou-se sua morte em diversos lugares. Porém, fosse lançado na Cova-dos-Judeus em Moissac, queimado vivo no cemitério de Auch ou massacrado em Verdun-sur-Garonne, um belo dia, numa sinagoga, o furão surgia com ar triste. Quando, a conselho do seu confessor, o rei Carlos VI

publicou o édito de expulsão dos judeus da França, o rabi Mathatias Levy se escondia na região de Bayonne; mais um passo e se encontrou na Espanha.

Morreu muito velho, no meio do século seguinte, sobre a imensa laje branca do Quemadero de Sevilha. Em torno dele, misturados entre as achas, se encontravam os trezentos judeus da fornada cotidiana. Nem mesmo se sabe se ele cantou durante o suplício. Após uma vida comum, essa morte tão comum deixou dúvidas quanto à sua qualidade de Justo...

"Contudo", escreveu Ben Hasdai, "é preciso incluí-lo entre a ilustre linhagem; porque se o mal é sempre notório, ruidoso, o bem freqüentemente reveste a roupagem dos humildes, e é sabido que numerosos Justos morrem desconhecidos".

Seu filho Joakim, ao contrário, mostrou com eloquência a sua vocação. Com menos de 40 anos, compunha uma coletânea de decisões espirituais, bem como uma vertiginosa descrição dos três sefirots cabalísticos: Amor, Inteligência, Compaixão. "Possuía", diz a lenda, "um desses rostos de lava e basalto esculpidos, que leva a arraia-miúda a acreditar que Deus verdadeiramente os modela à sua imagem".

A essa altura, as perseguições ainda não o atingiram. Sempre nobre e grave, ele brilhava entre os seus discípulos, vindos de todos os cantos da Espanha, e falava a cada um a linguagem da sua morte. Durante uma polêmica que ficou famosa, estabeleceu definitivamente que as perseguições têm por finalidade a suprema delícia. Nesse caso, é evidente que o bom judeu não sofra os horrores da tortura; "que o lapidem ou que o queimem, que o enterrem vivo ou que o enforcem, ele continua insensível, nenhum gemido escapa dos seus lábios".

Contudo, enquanto o ilustre Lamed-waf discorria, Deus, por sua vez, com a mediação do monge Torquemada, elaborava divinamente o édito da expulsão perpétua da Espanha. No céu negro da Inquisição, o decreto caiu como um raio, marcando, para grande número de judeus, a expulsão imediata para fora da existência.

Para grande vergonha sua, o rabi Joakim pôde chegar a Portugal sem confirmar a verdade do seu ensinamento. João III fazia aos banidos a oferta caridosa de uma permanência de oito meses, mediante uma razoável importância na entrada. Porém, sete meses mais tarde, por uma singular

aberração, esse mesmo soberano decretou que daria a graça da vida aos judeus que deixassem seu território sem demora: e mediante o que já se sabe, na saída. Por falta de economias, o rabi Joakim viu-se vendido como escravo entre milhares de outros desgraçados; sua mulher foi destinada aos prazeres do Turco; o filho Haim, consagrado a Cristo e batizado profusamente em inúmeros mosteiros.

Paira uma dúvida sobre o fim do rabi. Uma balada sentimental o situa na China, sobre a ponta de uma estaca; autores mais prudentes, porém, confessam sua ignorância. Supõem que sua morte foi digna dos seus ensinamentos.

O menino Haim teve um destino prodigioso; educado no mosteiro, ordenado padre, ele judaizava sob a batina; mas satisfeitos com a sua aparente boa conduta, seus superiores o delegaram em 1522 à Santa Sé, com um numeroso grupo de "padres judeus" destinados à edificação do séquito papal. Partindo para Roma de batina e barrete, chegou de levita negra e chapéu pontudo na Mogúncia, onde o acolheram pomposamente os sobreviventes de recente holocausto.

Tratados e olhados como bichos, os judeus eram, naturalmente, ávidos de sobrenatural. A posteridade do rabi Yom Tov já transpusera as muralhas do gueto. Das praias do Atlântico aos confins da Arábia, todos os anos, no 20º. dia do mês de Sivã, praticava-se um solene jejum; e os cantores salmodiavam a tchila do rabi Salomão ben Simão, da Mogúncia:

Com lágrimas de sangue choro a santa comunidade de York.
Um grito de dor jorrou do meu peito pelas vitimas da Mogúncia.
Os heróis do espírito que morreram pelo nome sagrado.

A chegada de Haim Levy, surgido do fundo dos mosteiros, pareceu tão milagrosa quanto a libertação de Jonas: os abismos cristãos haviam devolvido o Justo.

Abençoado, afagado, circuncidado, ele leva uma vida de cônego. Mostram-no, geralmente, sob o aspecto de um homem de grande estatura, magro e frio. Uma testemunha faz alusão ao timbre monocórdio e untuoso da sua voz, bem como os outros sinais clericais. Após oito anos de reclusão na sinagoga, ele se casa com uma certa Raquel Gershon, que

lhe dá logo um herdeiro. Alguns meses mais tarde, traído por um correligionário, é reconduzido a Portugal. Lá, quebram seus membros no cavalete; derramam chumbo em seus olhos, ouvidos, boca, ânus, à razão de uma gota por dia; por fim, queimam-no.

Seu filho Efraim Levy foi piedosamente educado em Mannheim, Karlsruhe, Tübingen, Reutlingen, Augsburg, Ratisbonne, cidades onde os judeus foram não menos devotamente perseguidos. Em Leipzig, sua mãe morreu de exaustão. Porém, ele conheceu o amor de uma jovem que o desposou.

O margrave* não era muito piedoso, nem mesmo avarento ou mau: era apenas desprovido de dinheiro. Recorreu ao expediente favorito dos príncipes alemães, que consistia em banir os “infames” retendo seus bens. O jovem Efraim partiu para Magdeburg com sua nova família, de onde tomou o caminho para Brunswick; aí encontrou o caminho da morte dos Justos, ferido por uma pedra que o atingiu em Kassel.

* Título dado, no Santo Império Romano-Germânico, aos chefes das províncias fronteiriças. Sua função não se limitava a guardar e manter essas fronteiras, mas a estendê-las pelo território eslavo e pagão.

Poucos escritos sobre ele; os autores parecem evitá-lo. Judá ben Aredeth consagra-lhe apenas oito linhas. Mas Simeão Reubeni de Mântua, o doce cronista italiano, evoca “os cachos saltitantes de Efraim Levy, seus olhos risonhos, seus membros elásticos que se agitavam como se fosse dançar. Dizem que desde o dia em que conheceu sua esposa, fosse lá o que sucedesse, não parou mais de rir; as pessoas o apelidavam também de Rouxinol do Talmude, o que indica uma familiaridade talvez excessiva para com um Justo”.

Essas linhas são as únicas a caracterizar a encantadora pessoa do jovem Efraim Levy, cujos amores muito felizes pareceram indignos de um Lamed-waf. Nem mesmo seu derradeiro suplício pôde dobrar o rigor dos historiadores judeus, que não lhe mencionam a data.

Seu filho Jonathan teve uma vida mais recomendável. Percorreu durante longos anos a Boêmia e a Morávia - mercador de segunda mão e profeta.

Quando transpunha as portas de um gueto, começava por desfendar seus vidrilhos; depois, terminado o pequeno comércio, a trouxa amarrada aos pés, questionava os passantes sobre o capítulo de Deus, os anjos, a vinda iminente do Messias.

Um pêlo ruivo cobria-lhe o rosto até o contorno dos olhos, e, desgraça mais cruel, sua voz tinha uma ressonância de falsete; mas ele possuía, diz a crônica, "uma palavra para cada um dos nossos sofrimentos".

Naqueles tempos, todos os judeus do Ocidente usavam o infamante uniforme ordenado pelo papa Inocêncio III. Após cinco séculos nesse catecismo, as vítimas tinham curiosamente se transformado: sob o chapéu pontudo, o pileum cornutum, as gentes simples imaginavam enxergar dois pequenos chifres; nas costas, ao pé da espinha, adivinhavam a cauda legendária e ninguém desconhecia mais os pés bipartidos dos judeus. Os que despiam seus cadáveres se espantavam, viam um derradeiro sortilégio naqueles corpos tão humanos. Mas, regra geral, morto ou vivo, não se tocava mais num judeu a não ser com a ponta de um bastão.

Durante a viagem de longo curso que foi a sua vida, o rabi Jonathan enfrentou muitas vezes o frio, a fome e a pressão do papa Inocêncio III. Todas as partes do seu corpo suportaram com energia. Judá ben Aredeth escreveu: "No fim, o Justo não tinha mais rosto". Em Polotzk, na Rússia, onde ele encalhou no inverno de 1552, foi obrigado a abandonar sua trouxa. Uma feliz indiscrição revelou a sua essência de Lamed-waf; curaram o enfermo, casaram-no, foi admitido no seminário do grande Yehel Mehiel, onde 11 anos se passaram como um dia.

Nessa época, Ivã, o Terrível, anexava Polotzk de maneira inesperada!

Como se sabe, todos os judeus foram afogados no Dvina, com exceção dos que beijassem a Santa Cruz, prelúdio de uma aspersão salvadora de água benta. O czar, mostrando-se desejoso de exhibir em Moscou, devidamente aspergido, "um casal de alegres rabinotes", procedeu à conversão metódica do rabi Yehel e do rabi Jonathan. Em desespero de causa, prenderam-nos na cauda de um cavalinho mongol, depois seus despojos foram erguidos até o ramo mais elevado de um carvalho, onde os esperavam dois cadáveres de cães; enfim, na posta oscilante de carne foi colocada a famosa inscrição cossaca:

DOIS JUDEUS DOIS CÃES TODOS OS QUATRO DA MESMA RELIGIÃO

Os cronistas terminam de bom grado esta história dando uma nota lírica. Assim Judá ben Aredeth, não obstante tão seco usualmente:

"Oh! como tombaram esses heróis..."

Na terça-feira dia 5 de novembro de 1611, uma velha sérvia bateu à Grande Sinagoga de Wilno. Ela se chamava Marya Kozemenieczka, serva de Jesus, mas criara um menino judeu; e quem sabe, concluiu ela timidamente, os judeus não se cotizariam para evitar o seu recrutamento?

Pressionada pelas perguntas, ela primeiramente jurou por todos os seus santos que a criança lhe fora confiada por um vendedor ambulante, à beira de um caminho, acidentalmente; depois, admitiu que o acolheu no dia seguinte à anexação russa, junto às portas do antigo gueto de Polotzk; enfim, acabou dizendo a verdade... Antiga cozinheira do falecido rabino Jonathan, ela recebeu o menino das mãos da jovem esposa, no momento em que os russos arrombavam a porta. Durante a noite, fugiu para a sua aldeia natal. Estava envelhecendo, condeou-se, guardou o inocente para si: eis tudo. E que me perdoem, concluiu chorando.

- Volte para sua aldeia - disse-lhe o rabino - e faça vir o jovem. Se ele estiver convenientemente circuncidado, pagaremos seu resgate.

Passaram-se dois anos.

O prudente rabino de Wilno não disse uma palavra a ninguém, e se felicitava por isso.

Mas uma noite, saindo do templo, deu com um jovem camponês parado sob o pórtico, atônito, os traços vincados pela fadiga, olhos brilhantes de um sentimento de arrogância que se contrapunha ao pavor:

- Olá, rabino velho... parece que sou um dos seus, então me explique como se faz para ser um animal de judeu!

No dia seguinte, amargurado:

- Porco na sua pocilga e judeu no seu gueto; a gente é o que é, não?

Um mês mais tarde:

- Quero ser um de vocês, mas não consigo, sinto uma espécie de nojo lá no fundo.

Quando cedeu às confidências, contou o seu furor e a sua vergonha, seu sepultamento no Exército. Desertara em plena noite, num ato de desatino.

“Acordei, e então percebi que roncavam como cristãos. Jezry, Jezry, disse para mim mesmo, você não saiu do ventre que pensava, mas a gente é o que é, crápula é quem falta à palavra dada!” Possuído por essa idéia obsessiva, matara a sentinela, depois um passante, de cujas vestes despojou, e, como um animal desgarrado, pôs-se a caminho para Wilno, que se achava a duzentos quilômetros do local da sua guarnição.

De todas as províncias acorriam homens que conheceram seu pai, o Justo Jonathan Levy. Rigorosos a princípio, faziam comparações, analisavam seu olhar. Dizem que levou cinco anos para se parecer com o rabi Jonathan; ria às gargalhadas ao descobrir em si cabelos judeus, olhos judeus, um longo nariz curvo judaico. Mas temia-se sempre o camponês louco que dormia nele; às vezes, deixava-se levar pela cólera, falava em sair do buraco, dizia blasfêmias de tapar os ouvidos. Após o que, ele se fechava durante semanas num mutismo atencioso, estudioso, sofrido. Na sua célebre Relação de um milagre, o prudente rabino de Wilno relata: "Quando ele não entendia o sentido de uma palavra hebraica, o filho dos Justos apertava a cabeça entre suas grossas mãos de camponês como se quisesse arrancar dali a ganga espessa dos poloneses."

Sua mulher revelou que todas as noites gritava durante o sono, implorando ora figuras bíblicas, ora um certo são João, padroeiro de sua infância cristã. Um dia, em pleno ofício, caiu no chão, batendo na cabeça com violentos murros. Sua loucura foi imediatamente olhada como santa.

Segundo o rabino de Wilno, "quando o Eterno teve enfim piedade dele, Nehemias Levy havia substituído, uma a uma, todas as peças do seu antigo cérebro".

A vida do seu filho, o humilde Jacob Levy, não passa de uma desesperada fuga diante da "bênção" implacável de Deus. Era um ser de membros finos e alongados, cabeça fraca, grandes orelhas assustadas de coelho. A sua paixão pelo incógnito o fazia encurvar as costas ao extremo, como se quisesse esconder dos olhares o seu tamanho; e como um homem acuado se disfarça no meio da multidão, tornara-se um simples artesão de couro, homem de nada.

Quando o atormentavam por causa dos seus antepassados, ele sustentava que havia um mal-entendido a seu respeito, alegando que não sentia nada dentro de si, a não ser pavor. Não passo de um inseto, dizia a seus

aduladores indiscretos, um miserável inseto; que querem de mim? No dia seguinte desapareceu.

Felizmente, o céu lhe concedera uma mulher tagarela. Vivia jurando que ia calar-se, mas lá uma bela manhã, debruçando-se ao ouvido de uma vizinha: "Ele não parece nada, hein, meu marido?...". começava ela sorrateiramente. E sob palavra de honra, a confidência se espalhava rapidamente, o rabino procurava o modesto artesão de couro e, quando não lhe oferecia seu ministério, fazia dele um bem-aventurado perigosamente resplandecente de glória. Em todas as cidades que o casal percorreu foi assim. "Para que não pudesse saborear a quietude dos obscuros", escreveu Meir de Nossack, "Deus colocara uma língua de mulher a seu lado, de sentinela."

Por fim, exausto, Jacob repudiou a mulher para esconder-se numa viela do gueto de Kiev, onde exerceu discretamente seu ofício. Não tardaram a descobrir-lhe a pista, mas, temendo que ele desaparecesse novamente, vigiaram-no de longe, com uma discrição igual à sua. Os observadores relatam que seu corpo se empertigou, que seus olhos se iluminaram e que, três vezes em menos de sete anos, ele se deixou levar por uma alegria sincera. Foram anos felizes, dizem.

Sua morte correspondeu à expectativa de todos:

"(...) Os cossacos fecharam um grupo na sinagoga e ordenaram aos judeus presentes que se despissem, homens e mulheres. Alguns começavam a tirar as roupas quando avançou um homem do povo que um rumor longínquo dizia aparentado com a célebre dinastia dos Levy de York. Voltando-se para o grupo desolado, curvou rápido os ombros e entoou com uma voz vacilante a tehila do rabi Salomão ben Simão da Mogúncia: Com lágrimas de sangue, eu choro...

"Cortaram seu cântico com uma machadada, mas já outras vozes continuavam a lamentação, e outras mais; depois não houve ninguém para continuá-las, porque tudo era sangue... Foi assim que as coisas se passaram conosco em Kiev, no dia 16 de novembro de 1723, durante a terrível Hadaïmakschina" (Moisés Dobiecki, História dos judeus de Kiev).

O filho Haim, chamado o Mensageiro, recebeu de herança sua modéstia. De todas as coisas ele tirava ensinamento, tanto do repouso quanto do trabalho, das coisas como dos homens. "O Mensageiro escutava todas as

vozes e aceitaria a crítica de um talo de erva."

Nessa época, contudo, era um jovem taludo, da boa cepa polonesa, e tão cheio de seiva que os habitantes do gueto temiam por suas filhas.

Espíritos maliciosos insinuam que o celibato do jovem rabi deveu-se exclusivamente a seu afastamento súbito de Kiev.

De fato, foi sob a injunção expressa dos Sábios que ele se viu obrigado a apresentar-se diante do Reb Israel Baal Chem Tov, o divino Senhor do Renome, a fim de, dizem eles, aumentar a sua ciência e purificar seu coração.

Após dez anos de retiro na encosta mais selvagem dos Cárpatos, o Baal Chem Tov se estabelecera em seu pequeno burgo natal de Miedsibotz, na Podólia, de onde iluminava toda a Polônia judaica. Vinha-se a Miedsibotz para tratar de uma úlcera, resolver uma dúvida ou livrar-se de um demônio. Os sábios e os loucos, os simples e os depravados, as nobres reputações e os neófitos da fé se confundiam em torno do eremita. Não ousando revelar a sua identidade, Haim Levy preenchia as funções de trabalhador braçal, dormia no celeiro reservado aos doentes e espreitava tremendo o olhar luminoso do "Becht". Cinco anos se passaram dessa maneira. Ele tornou-se tão semelhante a um servo que os peregrinos de Kiev não o reconheceram.

Seu único talento visível era a dança; quando se organizavam as rondas para alegrar o coração de Deus, ele se jogava tão alto e dava tais gritos de entusiasmo que muitos hassidim se sentiram ofuscados por isso. Isolaram-no definitivamente entre os doentes; ele dançava no meio deles, para o prazer dos mesmos.

Mais tarde, quando de tudo se soube, chamaram-no também o Dançarino de Deus...

Um dia, o Baal Chem recebeu uma mensagem do velho Gon de Kiev. Imediatamente, ele proclamou que um Justo se escondia em Miedsibotz. Interrogaram todos os peregrinos: doentes, sábios, possessos, rabinos, pregadores; no dia seguinte, constatou-se que o trabalhador fugira. Testemunhas afluíram logo, cada uma contribuindo com sua pequena história: o vagabundo do galpão dançava à noite, curava etc. Mas o Baal Chem Tov, enxugando uma lágrima, disse simplesmente: ele gozava de saúde entre os doentes, e eu não o vi.

As notícias filtraram como gotas.

Soube-se que o pobre Haim errava pelos campos, pregando nas praças públicas ou exercendo pequenos ofícios singulares, por exemplo, o de "prático" de duas mãos (que trata indiferentemente humanos e animais). Inúmeras crônicas assinalam que só pregava a contragosto, como sob orientação de um anjo oficiante. Após 15 anos nessa louca solidão, sua pessoa se tornou tão popular que vários textos o identificam com o próprio Baal Chem Tov, de quem ele se tornara a encarnação vadia. Não se pode, nessa abundância de velhos pergaminhos, separar fio a fio o cotidiano do maravilhoso. Consta, entretanto, que o Mensageiro muitas vezes permanecia numa cidade sem deixar ali outra mensagem que não fosse a sua medicina, de maneira que ali passava duplamente despercebido.

Mas sua lenda corria mais depressa do que ele, e bem depressa o reconheceram por certos sinais: foram estes, sobretudo, a sua grande estatura de lenhador, o rosto marcado de cicatrizes; enfim, a famosa falta da orelha direita, arrancada pelos camponeses poloneses. À partir de então, observou-se que ele evitava as grandes cidades, onde seus estigmas eram por demais conhecidos.

Uma noite, ao longo do inverno de 1792, ele chegou às proximidades do pequeno burgo de Zemyock, cantão de Moydin, província de Bialystock. Desmaiou na soleira de uma casa judia. Seu rosto e suas botas estavam tão gastos, tão endurecidos pelo frio que, primeiramente, foi tomado por um dos inúmeros vendedores ambulantes que cortavam a Polônia e a "zona de habitação judia", da Rússia. Foi preciso amputar-lhe as pernas na altura dos joelhos. Quando melhorou, puderam apreciar seus talentos manuais e sua habilidade de copista de Torá. Todos os dias, seu hospedeiro transportava-o num carrinho de mão até a sinagoga. Era um farrapo humano, um infeliz, mas ele prestava pequenos serviços e, conseqüentemente, não era um fardo muito pesado. "Só falava", escreveu o rabi Leib de Sassov, "de coisas materiais, tais como o pão e o vinho".

O Justo ficava em seu carrinho, como um círio vivo plantado num ângulo obscuro da sinagoga, não longe do oratório, quando aconteceu que o rabino da aldeia se enganou na interpretação de um texto sagrado. Haim levantou a sobancelha, apalpou a sua única orelha, pigarreou cautelosamente, hesitou ainda: "calar a verdade sobre Deus é grave, grave...". Enfim, hesitando uma última vez, segurou com uma das mãos o montante do carrinho e solicitou o direito de opinar. Pressionaram-no em

seguida com questões. Sofrendo de modo atroz, respondeu brilhantemente a todas. Para rematar o desastre, o velho rabino de Zemyock entrou em estado de êxtase lacrimoso:

- Senhor dos Mundos - clamava entre dois soluços -, Senhor das Almas, Senhor da Paz, sim, que eu me maravilhe com as pérolas que saem repentinamente dessa boca! Oh, não, meus filhos, não posso mais continuar sendo rabino, porque esse pobre errante é um sábio maior do que eu. Que digo: maior?, apenas maior?

E vindo até ele, abraçou o sucessor aterrado.

CAPÍTULO 2

Zemyock

I

Como Haim tentou despistar e finalmente foi desmascarado; o que lhe aconteceu na ocasião do seu casamento; que diplomacia usou para não ser levado em triunfo até Kiev... não, correndo o risco de ser considerado um conto, tudo isso não chegaria a ser objeto de uma narrativa histórica.

O fato é que, apesar de todas essas distinções bastante sutis, foi preciso renunciar prontamente a ser levado até a sinagoga de carrinho de mão.

Um piedoso artesão imaginou uma espécie de poltrona rolante, um verdadeiro trono guarnecido de veludo, até na face interna das rodas; ali instalaram o Justo, com grande pompa; uma manta de brocado, estendida sobre as coxas, encobria-lhe a enfermidade. O chantre caminhava à sua direita, o rabino demissionário se conservava familiarmente à esquerda, de maneira a poder dirigir-se ao ouvido sã do Justo. E o sacrificante empurrava o trono, levando um cortejo de fiéis que prestavam homenagens ao Dançarino de Deus.

Inicialmente, as crianças manifestaram respeito; mas um dia, estimulados por algum mandante, colocaram-se na passagem da procissão e fizeram um arremedo do antigo carrinho.

Homens se lançaram sobre eles, Haim exultava:

- Deixe-os - disse. - Eles zombam do trono, mas não riram do carrinho.

Essa reflexão não consolou os judeus de Zemyock, que se consideravam

atingidos em sua autoridade. Discutiram em conselho, evocou-se a perna de pau, foi dada ao marceneiro a ordem para fabricar um bem digno par, estofado em couro e recoberto de fina seda. Solenemente oferecidas ao Bem-aventurado - que foi obrigado imediatamente a treinar-se nelas -, as muletas se revelaram um horrível instrumento de tortura; em lugar de se calcificarem com o uso, os cotos se tornavam cada vez mais sensíveis, mais delicados: até o dia em que se infeccionaram. Foi então preciso conformar-se, uma arca foi colocada no quarto do Justo, que se tornou um recinto de oração. Assim, chegou ao fim o humilhante trajeto da sinagoga. Sempre transbordantes, embora um tanto desapontados, confessavam na intimidade, os aldeões imaginaram torná-lo ainda maior com uma reputação de taumaturgo (campanha que tinha o beneplácito do comércio local). Haim afirmou logo que não tinha nenhum poder, senão talvez, talvez, acentuou ele, o das lágrimas; não obstante, recebia os doentes, aconselhando-lhes coisas simples ou um medicamento qualquer do campo; recebia também os animais num celeiro vizinho.

Entretanto, mesmo quando nada podia fazer por um doente, sempre conversava com ele; e não sobre assuntos superiores, como era de se esperar, mas sobre coisas absolutamente anódinas, desprovidas de interesse, tais como a vida conjugal do doente, seu trabalho, seus filhos, sua vaca, sua galinha. Coisa estranha, as pessoas partiam contentes, dizendo que ele sabia escutar, que seguindo suas pequenas histórias ele descobria o fio dolorido daquelas almas. Quando ele ouvia alguém mal, chegava bem perto o pavilhão da sua orelha esquerda, ampliado com a ajuda da mão e piscando um olho com bonomia:

- Como quer - dizia - que eu me interesse por sua alma, se você não se preocupa com meu ouvido?

Um dia, a uma pobre que lhe agradecia:

- Velha, velha, não me agradeça: minha alma chega até perto de você porque não tenho nada para dar-lhe.

Ele poderia ter feito escola, porque graves doutores da lei, ricos tzaddiks com peliças de marta, ou vagabundos reluzentes de fogo sagrado acorriam de muito longe para discutir com um Lamed-waf, mas eles só encontravam o seu mutismo, ou melhor, uma má-vontade que se manifestava em banalidades sobre o mistério do conhecimento.

Quando havia sol, proibia que se abrisse a porta para qualquer um que

tivesse a barba de talmudista e, arrastando-se até a janela, aspirava o ar, longamente, saudoso. Nesses dias, uma vigilância discreta era exercida em torno da casa, porque os meninos da vizinhança costumavam introduzir-se até o quarto do Justo. Vinham à procura do seu travesseiro, sob o qual os esperava um bocado de uvas secas, nozes, amêndoas e confeitos que o Justo mendigava dos seus admiradores. Mas, em troca, o velho entabulava com as crianças, discussões infinitas sobre a chuva, o bom tempo, a qualidade da neve, o aveludado das cerejas comidas na árvore.

- Ah! Vocês me devolvem as pernas! - exclamava às vezes em meio a uma discussão espalhafatosa.

E suspirando contente:

- Minhas pernas, sim, e talvez muito mais ainda...

Uma vez acharam dois peraltas debaixo da sua cama: surpreendidos com a chegada de um grupo de cabalistas, eles passaram toda a tarde rangendo os dentes, fazendo eriçar os cabelos dos sábios personagens. Quando os pequenos maxilares se tornavam mais barulhentos, rabi Haim dizia simplesmente:

- Vamos, crianças, não se esqueçam de que estou em importantes conversas.

Desorientados, os visitantes acreditavam que ele repreendia seus demônios familiares.

Isso provocou um pequeno escândalo. Teriam desejado que o Justo se entregasse a ocupações mais dignas dele, e, sobretudo do respeito que lhe demonstravam. Pouco após esse penoso fato, foi notada uma certa melhoria; ele pedia tinta, rolos de papel, penas de ganso em abundância. Houve júbilo, pensaram que o velho tinha se emendado. Pessoas informadas anunciaram que ele redigia um enorme comentário do tratado Ta'anith; segundo outras, ele cuidava de uma explicação fundamental da Tzedeka.

Por fim, eram contos para crianças; ele os escreveu durante toda a sua vida.

No nascimento do primeiro filho homem, rabi Haim se alegrou, pensando que tudo estava consumado, o ciclo da vida fechado. E como iria se apresentar diante do Eterno?.. de carrinho, hi, hi! Depois, o coração um tanto apertado de medo: "Oh, Senhor, que presente miserável te ofereço,

para onde dirigirás então tua espada desta vez? Que morte me espera?.." Lá fora, para os aldeões, todas as coisas transcorriam com simplicidade, sob o céu sem nuvens de Zemyock; mas, pensando nos diversos fins dos seus antepassados, Haim dizia para si próprio que os recursos de Deus são inesgotáveis.

Ele atingia os 40 anos, poucos Justos haviam vivido tão longo tempo. Primeiramente, era uma questão de dias, depois de semanas; ao fim de seis meses, a espantosa realidade se impôs a ele: Zemyock era uma cidade tão tranqüila e tão retirada do mundo que ali até mesmo um Justo só podia morrer em seu leito!

As tempestades humanas, dizem, às vezes tomam caminhos traçados pelo comércio e pela indústria: mas Zemyock estava encolhida num vale ao abrigo dos olhares, os povos vicinais passavam além das colinas, e como não existia nem senhor nem cura a menos de uma légua ao redor, os camponeses viviam em termos humanos com aqueles judeus artesãos lapidadores de cristal. Desde tempos imemoriais, mais de 100 anos talvez, os fiéis aqui morriam suavemente, entre dois lençóis, temendo apenas a cólera, a peste e o santo nome de Deus.

Haim se pôs a sonhar. Cada noite ele se transportava de muletas pela estrada, ou então fugia numa caixa de aleijado que ia tão rápido como um raio. Mas os aldeões sempre acabavam por alcançá-lo, deitando-o, por bem ou por mal, em seu grande leito de plumas, e, ao som triunfal do shofar, carregavam a cama sobre quatro ombros, como se fosse um caixão, a fim de fazê-lo voltar àquela cidade de perdição.

Quando o ventre da sua mulher arredondou de novo, toda Zemyock se emocionou. Houve conciliábulos angustiados, seguidos de uma assembléia consistorial. Enfim, uma delegação incluindo as principais cabeças de Zemyock apresentou-se à presença do Justo a fim de comunicar-lhe a apreensão geral. Disseram-lhe sumariamente:

- Ó venerável Justo, o que fez o senhor, o que fez?.. Seus pais davam um filho, depois morriam... Diga-nos ainda se o filho que chegar for também um menino, qual dos dois será o herdeiro espiritual... Qual dos dois será o Lamed-waft?

- Meus bons amigos - respondeu Haim -, não conheci minha esposa durante mais de dois anos, porque eu temia ir contra os desígnios do

Altíssimo. Depois pensei que não é bom que o homem se conduza assim em relação à sua mulher. Se Deus quiser, será uma mulher.

Um jovem estudante da lei insistiu:

- E se for um menino?

- Se Deus quiser- repetiu simplesmente Haim -, será uma menina.

Alguns meses mais tarde, veio um menino, e, novamente, a delegação pediu audiência ao Justo, que ela encontrou prostrado em seu leito de miséria, o olhar turvo, como se ele próprio estivesse saindo das intoleráveis dores do parto.

- Por que me importunam?.. - queixava-se. - Não me cabe decidir essas coisas. Nada fiz para retardar minha morte.

- Nem para retardar o segundo nascimento - disse o estudante com ar entendido. - Sua mulher é bonita...

- Ela também é boa - protestou aquele que estava deitado. - É possível - suspirou ele - que eu não seja um Lamed-waf, vocês me edificaram um trono, mas nele me sentei a contragosto. Jamais recebi confirmação interior, o mínimo sinal, alguma voz dizendo que sou um Lamed-waf. De mais longe que eu venha, sempre achei que a dinastia parava em meu pai, o pobre Jacó, que Deus reconforte sua alma! Fiz milagres?... Eu não pedia senão um carrinho de rodas.

- Mas você está sentado no trono - replicou com astúcia o estudante -, poderia ter dito que não sentia nada!

- Dizer o quê, meus amigos?... Não passo de um homem, ai de mim.

- Sim, ai de mim - disse o estudante com um certo sorriso -, e deu provas disso à sua mulher.

Um pesado silêncio pairou no quarto.

Duas lágrimas desciam das órbitas profundas do Lamed-waf, lentamente, uma a uma, elas se perderam nas cicatrizes do seu rosto.

- Está escrito - respondeu calmamente - que Deus atenderá aqueles que o veneram. E eis que Ele acaba de satisfazer seu desejo de achar uma ocasião para zombar de mim.

Essas palavras cortaram o coração de toda a assistência. Para assombro geral, o estudante pôs-se a dar gritos estridentes, completamente hirto, imobilizado na postura em que as palavras do Justo o atingiram. Voltada a calma, cada um se aproximou da cabeceira do enfermo, beijou-lhe a mão, saiu na ponta dos pés. Entre os que assistiram à cena, nenhum tornou a

falar sobre ela. Mas a notícia se espalhou por toda a Polônia, que Deus não teria podido decidir-se a matar Haim Levy, cujo coração era semelhante ao de uma criança.

Além de filhas, sua mulher acrescentou sucessivamente três filhos à sua perplexidade.

O futuro Justo, pensou ele no início, se distinguiria facilmente dos seus irmãos, como um cisne nascido de uma ninhada de patos. Mas à medida que eles cresciam, Haim teve que se convencer de que a presença divina não se manifestava em nenhum deles. Uma contenda de herdeiros dividia os quatro primeiros, que armavam intrigas, com o intuito de obter o título; prova suficiente, pensava ingenuamente Haim, de que não têm direito.

Quanto ao quinto, ele estava abaixo de qualquer apreciação: um pagão, um retardado, um autêntico Schliemazel. Chamavam-no Irmão Animal, ele não sabia ler, e era a custo que um pensamento às vezes lhe aflorava. Homem dedicado à terra, em lugar de rezar e talhar o cristal, ele plantava legumes estúpidos que crescem por si sós e a única habilidade que exigem é para comê-los. Vivia numa choupana fétida, no meio de uma multidão de cães, tartarugas, ratazanas e outras abominações que ele tratava exatamente como se fossem irmãos - alimentando-os, provocando-os com um gesto protetor, soprando-lhes bruscamente os focinhos. Desde o nascimento ele se mostrou disforme, os olhos minerais, os lábios caídos. A chegada de um idiota é um sinal manifesto; o pobre Haim viu nisso uma confirmação: Deus retomava a sua palavra.

A curta agonia do Justo foi mortificada pela ausência do Irmão Animal, que vagava calmamente pelo campo, levando a passeio seus animais.

O patriarca não admitira senão os filhos em torno dele; estes disputavam a quem caberia a sucessão, e ele se perguntava se Deus concederia alguma. E como disputavam também a magra herança, conta-se que o Mensageiro chorava ao ouvi-los, batendo no peito com os dois punhos e se acusando de ter vivido tão longo tempo para morrer em seu leite, como uma mulher, como um cristão.

De repente, revirando-se no travesseiro, pôs-se a dar pequenos soluços de alegria.

- Só faltava isso - disse friamente o mais velho, cofiando a barba com irritação -, que vamos fazer agora?

Mas, com uma espécie de lentidão calculada, o moribundo já retomava fôlego e suspirava baixinho de alívio, enquanto uma baba espumante saía dos cantos da sua boca negra.

Enfim, o olhar vivo, o rosto voltando à cor:

- Meus filhos, não se iludam - disse, em tom de malícia insólita -, o que me resta é apenas uma gota de vida, mas minha razão continua perfeita.

Depois, abaixando sobre os olhos cegos a pele enrugada das suas pálpebras, ele pareceu recolher-se a uma região do ser onde não se exercia mais a atração dos seus ossos, da sua carne morta e da noite envolvente:

- Meus filhos - disse pensativamente -, filhos do limo, um homem não tem o direito de sorrir diante da morte, quando Deus a torna suave? Não, ainda não senti passar... - continuou ele com a barba grisalha e banhada em terrível suor - ... perto da minha frente... a aragem da imbecilidade. Escutem, prestem atenção, eis por que eu ria há instantes. Em meio a minhas lágrimas, ouvi: "Bem-amado Haim, teu fôlego já se rarefaz, apressa-te, pois em anunciar para Lamed-waf aquele que teus filhos chamam Irmão Animal; a mesma coisa se passará com ele em seu último suspiro".

Rindo novamente de felicidade, o velho Haim sufocou-se, soluçou, exalou um fino suspiro:

- Sabem? Deus se diverte. - E morreu.

II

Ao voltar do campo à noite, Irmão Animal chorou estupidamente à cabeceira do pai, quando devia rejubilar-se pela coroa maravilhosa que lhe chegava por herança.

Já no dia seguinte ameaçava deixar Zemyock por se obstinarem em chamá-lo de rabino.

Nada mudou; nem as ameaças veladas, nem a promessa de todos os bens da terra conseguiram fazê-lo modificar um só dos seus hábitos preferidos. Todas as manhãs, após haver sorvido sua tigela de substanciosa sopa, o novo Justo colocava a pá sobre os ombros, assoviava para os cães e se encaminhava para um pedaço de terra que lhe concedia um campônio polonês. Os presentes apodreciam em sua choupana: finas tortas, pães de mel, massas feitas com a verdadeira manteiga de leite de vaca, tudo o que

não queriam os cães ia para as crianças da vizinhança. Para ele, preparava enormes paneladas de sopa de legumes na qual embebia pão preto, ou na falta deste... brioche.

Embora fosse muito feio, muito sujo, muito estúpido; embora urinasse exclusivamente ao sabor da sua inspiração (salvo na sinagoga, onde permanecia teso e paralisado de terror), as mais belas jovens de Zemyock não pensavam senão nele, pois cada uma das suas taras agora refulgia sob a luz fantasiosa do seu título. Angustiados, mortificados, secretamente entusiasmados, os próprios homens cediam à sedução. Impossível dizer o quê, comentavam eles torcendo de despeito os anéis dos cabelos, mas indubitavelmente ele tem qualquer coisa.

Os mais desejáveis partidos lhe foram apresentados; imóvel, extasiado, juntando as mãos ou enfiando o indicador numa narina, Irmão Animal permanecia em contemplação diante da maravilha, com todos os seus atavios; mas não se aproximava dela. A palavra casamento era o bastante para que chegasse a estranhos excessos. Acreditando exprimir desejos não formulados, um dia, um pai audacioso chega ao ouvido do Justo, e apontando a filha:

- Então, Irmão Animal - cochicha em tom apropriado -, não tem vontade de levar essa pombinha para a cama?

O Justo volta seu olhar úmido para a jovem, tranqüilizando-a com uma careta imbecil, e levantando o punho à maneira de um porrete, acerta-o silenciosamente na cabeça do insolente.

- Ficou o feito pelo dito.

Ele teve apenas um único amigo, Josuah Levy, apelidado o Distraído. Criança ainda, e embora perfeitamente normal (sem contar uma queda pronunciada para devaneios), o pequeno Josuah acompanhava às vezes o tio ao campo e o contemplava na labuta. Então, garantiram que o idiota e a criança mantinham grandes conversas; no entanto, ninguém jamais os viu senão silenciosos, um cavando, o outro sonhando. Um dia, o idiota deu de presente ao sobrinho um cãozinho amarelo, e foi tudo. Porém, mais tarde, bem mais tarde, foi igualmente lembrado que o menino jamais chamava o tio de Irmão Animal, como todo mundo, mas, por singular aberração, dizia-lhe: "Irmão", nada mais. E o que antes fora levado em conta de uma distração infantil tornou-se claro num dia singular...

Quando Irmão Animal deitou-se para morrer, numa perfumada tarde de

maio, reclamou apenas seus cães, sua cabra e seu novo par de pombos. Mas os Levy exigiam que divulgasse antes o nome do seu sucessor e, como ele pretextava nada saber, mantinham à distância a bicharada uivando, balindo e arrulhando sem parar.

Conta-se, mas será verdade?, que o Irmão Animal se obstinando em não dar nenhum nome, os Levy o perseguiram até o último suspiro.

- Piedade, piedade - lamentava -, juro que não ouço nenhuma voz!

Em suma, muito tempo após a tragédia, más línguas pretenderam que, saído do estado comatoso e temendo que lhe impedissem indefinidamente morrer, o idiota teria então se resignado a indicar seu pequeno sobrinho Josuah Levy, "sabem, aquele que tem meu cão amarelo?", antes de entregar-se ao último sono de Justo.

A partir de então, ficou-se sabendo que a coroa de glória podia "cair" em qualquer cabeça; assembléias foram convocadas, uma pressão impiedosa foi exercida sobre o Justo em função; a vida de Josuah Levy foi mais que um longo calvário. Ele prometeu à sua segunda esposa, "tão jovem, ai de mim", designar um filho da sua carne; e, ao fim de tudo, lhe escapa na agonia o nome de um sobrinho qualquer. Não se sabe mais. Não se sabe de nada. Os infelizes Levy procuram em vão sob quais sinais se fundamenta a escolha de Deus. É preciso abismar-se em orações? Ou trabalhar no campo? Amar os animais? Os homens? Realizar atos importantes? Ou levar a miserável, mas quão doce existência de Zemyock?... Quem será o Eleito?

Assim a infância dos Levy transcorreu, a partir de então, sob o novo sinal imposto por Deus aos seus: um ponto de interrogação flutuando sobre as cabeças como uma auréola incerta. Enquanto a areia dos dias assim escorria, suavemente, grão a grão, judeus de Zemyock se obstinavam em acreditar que o tempo dos homens parou no Sinai: eles viviam somente graças ao tempo de Deus, que não se escoa de nenhuma ampulheta. Que era um dia? Mesmo um século? Desde a criação do mundo, o coração de Deus não batera mais do que uma meia vez.

Nessas sublimes alturas, ninguém tinha olhos para ver o que se tramava no tempo dos cristãos: a indústria polonesa nascente roendo paulatinamente a vida, sobretudo artesanal, dos israelitas; como um calcanhar de ferro, cada usina construída esmagava centenas de trabalhadores a domicílio. Era freqüente, os Antigos evocarem uma época mais bela, mais propícia à

fundação de famílias e de sinagogas. Mas não podendo conformar-se com aqueles antros de perdição, as fábricas - onde o dia de Sabá não é respeitado, e onde não se pode observar, em sua plenitude e magnificência, como dentro de cada casa, os 613 mandamentos da Lei -, eles morriam de fome, piedosamente.

Mais tarde, os mais audaciosos, não sufocados pelos escrúpulos religiosos, fugiram para a Alemanha, França, Inglaterra, alcançando muitas vezes até as duas Américas. Foi assim que cerca de um terço de judeus acabou por viver essencialmente à custa do "correio", isto é: das ordens de pagamento dos seus "remetentes" no estrangeiro. O mesmo acontecia com os habitantes de Zemyock, onde a lapidação do cristal não sustentava mais seu judeu.

Mas os Levy não recebiam nenhuma ajuda do "correio", e dele nada esperavam.

Sabia-se que se expatriar era colocar-se à mercê dos ídolos americanos: exilar-se de Deus. E se Deus, para os judeus poloneses, não se achava em nenhum outro lugar melhor do que na Polônia, os Levy presumiam que ele se sentia particularmente bem em Zemyock, no território destinado aos Justos. Por isso, nenhum deles o deixou, e todos permanecendo, todos estavam com Deus, todos eram miseráveis.

Como eles eram os mais necessitados de Zemyock, aqueles que em pobreza vinham logo acima lhes davam uma espécie de esmola; porque os ricos só têm piedade deles próprios, não é? Na estação propícia, os Levy se empregavam nas fazendas; mas os camponeses desprezavam os braços judeus, que são magros, e lhes pagavam em espécie.

Nos fins do século XIX, reconheciam-se as crianças Levy pela alvura do seu rosto...

Mardoqueu Levy (avô do nosso amigo Ernie) nasceu numa pobre família de lapidadores de cristal. Jovem, tinha a testa estreita, o olhar vivo e seco e um grande nariz arqueado que projetava seu rosto para a frente. Mas sua vocação de aventureiro ainda não se manifestava claramente.

Num dia em que o tradicional arenque dos pobres faltava à mesa, Mardoqueu declarou que ele se ofereceria para trabalhar, no dia seguinte, nas fazendas vizinhas. Seus irmãos o encararam com estupor e a senhora Levy deu altos gritos, jurando que os campônios poloneses o insultariam,

lhe bateriam até morrer e Deus sabe o que mais.

Para começar, foi-lhe recusado qualquer trabalho: braços judeus só eram contratados a contragosto e sob a pressão das estações.

Após longos dias de vãs procuras, ele foi aceito para a colheita de batatas, mas numa fazenda muito afastada. O administrador lhe tinha dito:

- Judeu, você é grande como uma árvore, dou-lhe dez quilos de batatas por dia. Há somente uma coisa, terá coragem para brigar?

Mardoqueu fitou o olhar frio do administrador, e não respondeu.

No dia seguinte, estava de pé duas horas antes do amanhecer. Sua mãe quis retê-lo; alguma desgraça ia acontecer-lhe como a um tal, e um tal e um tal, todos voltaram ensangüentados. Mardoqueu escutava sorrindo, imaginando que ele era uma árvore.

Mas quando se viu sozinho na estrada, na madrugada cinzenta onde se evaporava o calor do chá claro e da batata saboreada à saída, as palavras do administrador lhe vieram ao espírito. Meu Deus, disse para si próprio, vinha ali para trabalhar, iria conduzir-se tão bem em relação a todos que o próprio diabo não teria coragem de insultá-lo.

A manhã passou sem embaraços. As pernas abertas, ele levantava o instrumento que lhe colocaram entre as mãos, e o deixava cair, com uma força espantosa, à roda do pé murcho da batata; em seguida, ele esquadrihava a gleba em suas mil filandras e depositava os frutos em torno do fosso aberto. À sua esquerda, à sua direita, a fileira de trabalhadores poloneses progredia em uma velocidade sensivelmente idêntica. Obstinado em não perder a dianteira, não via os olhares surpresos e descontentes que seus vizinhos lançavam sobre o imenso adolescente judeu, veloz e compassado em sua ampla capa negra, brandindo a enxada com a unção aplicada de um padre, a embriaguez cega de um forjador.

Alcançado o meio do campo, ele levantou o chapéu de veludo e o colocou equilibrado sobre duas batatas.

Mas o suor continuando a inundar-lhe os olhos, dez metros mais longe, ele abandonou definitivamente a capa sobre o sulco do arado.

Enfim, no momento em que a linha móvel de apanhadores atingia quase a extremidade do campo, uma espécie de aranha, com múltiplas patas cortantes, caiu sobre suas costas, arqueadas instantaneamente de dor. Todo contorcido, Mardoqueu levantou a enxada com uma lentidão infinita, pronunciando mentalmente: "meu Deus", depois deixou-a cair com

desespero no chão, enquanto que dele irrompiam, pela primeira vez, palavras como: vem em auxílio do teu servidor. Foi graças a essa invocação, renovada em cada pé de batata, que ele atribuiu sua heróica resistência até o fim do sulco. Terminou lado a lado com os poloneses.

Era meio-dia quando voltou para buscar a capa e o chapéu, e, tremendo de frio, um medo indefinido, chegou junto à fogueira de galhos secos em torno da qual se juntava a turma.

Os trabalhadores agrícolas calaram-se à sua aproximação. Ele se agachou e introduziu furtivamente três batatas sob a cinza. Todos aqueles olhares silenciosos derramavam nele uma angústia mortal. O administrador voltara a seus afazeres. Mardoqueu se viu na goela do lobo, repousando delicadamente sobre sua língua palpitante; ao menor gesto, as presas se abaixaram para estraçalhá-lo. Ofegante de angústia, ele retirou uma batata, que girou nas mãos.

- Há gente se servindo do fogo sem pedir - resmungou uma voz pelas costas.

Tomado de medo, Mardoqueu largou a batata e se endireitou um pouco, enquanto o cotovelo se levantava de medo até à altura do rosto, como para aparar uma taponia iminente.

- Eu não sabia, senhor! - balbuciou humilde em seu polonês hesitante. - Peço desculpas, eu pensava...

- Vocês estão ouvindo? - falou jovialmente o "polonês". – Mas estão ouvindo bem? ... ele pensava!

O camponês tinha quase a sua idade, mas seus braços estavam nus apesar do frio cortante, e sua túnica entreaberta revelava o nascimento majestoso de um pescoço taurino. As mãos nodosas, arrogantemente postas na cintura, acentuavam o aspecto de animal atarracado. Mardoqueu sentiu arrepios: no meio de uma cara bonachona e corada, dois olhos delicadamente azuis o fixavam com uma espécie de gravidade odienta, plácida, à polonesa.

- Não tem que dizer nada - emitiu uma voz escondida -, tem que lutar.

Mardoqueu insurgiu-se:

- Por que motivo? Por que motivo lutar?

E se voltando para o grupo imóvel de camponeses, tentou fazer a sua defesa, segundo os meios recomendados, em semelhante caso, pelos mais antigos autores:

- Senhores - começou ele abrindo significativamente os braços -, ah, permitam-me que eu invoque seus testemunhos... Porque eu não queria ofender este senhor aqui presente usando a brasa para as minhas batatas. Acreditam nisso verdadeiramente?

"E já que não houve ofensa - continuou, com voz trêmula, joelho em terra, mas com o peito literalmente erguido pela força oratória que o animava -, e já que não houve ofensa, não acham, senhores lavradores, que desculpas razoáveis permitiriam resolver a desavença que me opõe ao... senhor? - concluiu, num tom dolorosamente brando.

- Como eles sabem falar, esses judeus - disse o pequeno polonês com voz prenhe de convicção. E cortando o ar com um gesto eloqüente, projetou Mardoqueu ao chão. Avançando rapidamente com os cotovelos, este último se afastou alguns metros. O cheiro da terra subia-lhe às narinas. Distanciados no tempo e no espaço, os camponeses riam da sua postura estarrecida e medrosa. Ele arrancou uma placa de lama congelada do queixo, a primeira a lhe ser atirada junto com a queda.

O jovem polonês deu um passo. Mardoqueu levou um dedo ao rosto, no lugar atingido. Era preciso mostrar àquela gente que estavam errados; não se podia exigir uma briga de um homem tão religioso quanto ele, um judeu cujos princípios se opunham a uma manifestação tão pouco de acordo com os ensinamentos dos sábios, um jovem Levy que jamais assistira a uma cena de violência e só sabia o que era um soco de ouvir contar. Mas como seu agressor se aproximava dele revirando absurdamente os ombros, Mardoqueu pressentiu instantaneamente que semelhante demonstração estava condenada ao fracasso.

- E como fazê-lo entender, esse macaco? - proferiu, repentinamente, em ídiche.

Mal se levantava para fugir, o tamanco o atingiu abaixo dos rins, fazendo-o cair de rosto no chão. O jovem polonês repetia calmamente: judeu sujo, judeu sujo, judeu sujo, e dava vigorosos pontapés nas nádegas de Mardoqueu, cada vez que este tentava levantar-se. Era tal o tom de triunfo transparecendo em sua voz que Mardoqueu sentiu rapidamente seu desprezo pelo macaco transformar-se em chama dolorida que consumiu tudo o que havia dentro dele, deixando-o súbito entregue ao corpo arqueado!

Não soube como sucedeu aquilo: encontrando-se de pé, ele se atirou sobre

o jovem polonês gritando:
- Mas o que você está fazendo?
Sentia-se indignado.

III

Quando os camponeses o separaram do adversário arrasado, e em quem ele continuava a bater com o punho, o pé, o cotovelo, e pudesse ele com toda a massa do seu corpo, Mardoqueu, desvairado e quase bêbedo de sangue, descobriu que o universo cristão da violência acabava de lhe ser dado de um só golpe.

- Este - disse um camponês - não é um judeu como os outros.

Uma vergonha maçante possuiu lentamente Mardoqueu.

- Então - declarou com ingênua arrogância que agradou - posso me servir, agora, da sua brasa?

Naquela mesma tarde, voltando à casa, soube que doravante ele tinha sobre os seus a vantagem, oh, ironia!, de um corpo estreitamente ligado à terra, às folhagens e às árvores, a todos os animais inofensivos ou perigosos - inclusive os que usam nomes de homens.

Nos primeiros tempos, em cada nova fazenda houve necessidade de uma rixa; mas como ele se movimentava pelas redondezas de Zemyock, sua reputação de "judeu mau" angariou-lhe simpatia. Quanto às doces almas judias de Zemyock, elas o olhavam de soslaio, com o respeito compassivo devido a um Levy decaído, e o desprezo secretamente invejoso que se tem por um grande pirata. Os Levy o observaram suspeitosamente: suas mãos grosseiras suscitavam olhadelas espantadas, e sua postura, ah!, não mostrava mais nem a tradicional curvatura nem a desenvoltura exigida. Murmurou-se, supremo escândalo, que ele se tornava hirto da nuca aos calcanhares.

Pouco a pouco, percebendo isso, ele habituou-se a só voltar a Zemyock na sexta-feira à noite, na agradável proximidade do Sabá. O sábado era consagrado inteiramente aos atos de contrição, e no domingo, logo ao amanhecer, os livros e o xale de oração cuidadosamente arrumados na mochila, ele se perdia de novo na natureza.

Um dia em que alcançava uma fazenda muito afastada de Zemyock, encontrou-se com um velho israelita sentado sobre sua caixa de mascate, à

beira da estrada, os olhos transbordando sofrimento. Carregou a carga até uma cidade vizinha, onde o velho possuía, disse ele, "uma migalha" de família. Na caixa havia romances populares em ídiche, fitas coloridas, alguns vidrilhos; Mardoqueu vendeu um pouco de tudo, como divertimento, nas aldeias que atravessavam. O velho mascate o observava sorrindo. Mas quando alcançaram a cidade, três dias mais tarde, disse a Mardoqueu:

- Está acabada minha carreira, não posso mais andar. Toma esta caixa e vai. Deixo-lhe minha mercadoria, meus fornecedores, meu itinerário; você é um Levy de Zemyock, não há risco nenhum. Quando tiver ganho alguns zlotys, voltará aqui a fim de reembolsar-me. Vá, eu lhe digo, vá. Mardoqueu colocou lentamente a caixa sobre os ombros.

Um mascate achava facilmente como se alojar nas aldeias; trazia um novo alento a essas regiões, o ano inteiro, recolhidas em si próprias.

Mardoqueu afetava desenvoltura, ria alto, comia tanto quanto podia e discutia com quem fazia pouco caso da sua mercadoria; mas tão logo chegava a Zemyock ele apagava o fogo ágil dos seus olhos e se sentia invadido por uma maré lenta e pacífica de angústia. E era com uma espécie de descrição confusa que depositava seu lucro no canto da mesa, em meio ao silêncio glacial dos Levy.

- Então, voltou? - perguntava o pai um tanto malicioso. – Eles o dispensaram mais uma vez?

E como Mardoqueu abaixava a cabeça envergonhado:

- Aproxime-se um pouco, patife, para que eu veja como é feito meu filho, e se ele tem ainda um rosto judeu. Mas venha dar-me um abraço, é pelo dia de ontem que você espera?

Mardoqueu tremia como uma folha.

Quando se via outra vez na pequena estrada vicinal, deixando atrás de si os muros em ruína de Zemyock, singulares questões nasciam em seu espírito. Um dia, tomado por um impulso de simpatia, um companheiro ofereceu-lhe uma tâmara. Depois do que todo mundo acorria para contemplar aquele fruto raríssimo. Folheava-se apressadamente o Pentateuco, a fim de ali saborear a palavra tawar, que quer dizer tâmara; e o próprio Mardoqueu, embora velho proprietário, acreditava ver todo o

país de Israel ao contemplar aquela única tâmara. Ora, eis que ele atravessava o Jordão, chegava ao túmulo de Raquel e ao Muro das Lamentações de Jerusalém; eis que ele se banhava nas águas saborosas do lago Tiberíades, cheio de carpas ao sol... E sempre que voltava a si, à beira de um caminho, a tamarazinha cinzenta e enrugada nas pontas dos dedos, Mardoqueu se perguntava: "Meu Deus, que significa tudo isso, um mascate perdido na planície, um Levy longe de Zemyock, uma tâmara, um judeu malvado, o lago Tiberíades, um jovem diante da vida?"

E mil outras questões.

Um dia em que chegava nas proximidades do burgo de Krichownick, a mais de vinte jornadas de Zemyock, ele se perguntou com que intenção Deus tinha criado Mardoqueu Levy. Há muitos anos não havia mais um louco titular em Zemyock; e, como está escrito: "Toda cidade possui seu sábio e seu louco". Mas o que se podia fazer, entristeceu-se súbito, com um animal como Mardoqueu, marcado por uma e outra virtude?

Certamente estava cansado naquele instante. Caminhava desde a madrugada, e agora a fadiga fazia dançarem as colinas de Krichownick, ao longe, à luz sinuosa da tarde. A cada minuto, escutava o céu com angústia, temendo ali enxergar a primeira estrela que atesta que o Sabá desceu sobre a terra. Uma vez, surpreendido pela primeira estrela da sexta-feira à noite, ele abandonou sua "mercadoria" num campo, sob altas folhagens.

Na entrada do burgo, uma jovem tirava água do poço comunal, com uma graça lenta, um pouco bestial, que parecia brincar com a corda encharcada de água fria. Sua vestimenta era sabática: sapatos rasos com botões nacarados, vestido verde e negro, e os tradicionais cabeções de renda em volta dos punhos e do pescoço.

De longe, Mardoqueu pressentiu que havia nela qualquer coisa de selvagem, a beleza suave dos seus gestos continha uma ameaça em potencial.

Aproximando-se devagarinho pela relva, viu que era uma verdadeira beleza judia, quase tão alta e esguia quanto ele. A menos de três passos, foi surpreendido pelo perfil de gata, nariz curto, olhos achinesados, a pequena testa esticada para trás pelas negras tranças, presas na nuca. "Que Deus me perdoe", disse consigo mesmo, "ela me agrada".

Jogando sua caixa sobre a relva, quase aos pés da donzela, gritou num tom grosseiro de mascate:

- Oh, minha pomba! Pode indicar-me o caminho da sinagoga?

Ele tinha uma voz cavernosa de estentor. A jovem estremeceu da cabeça aos pés, largou a corda, tornou a agarrá-la, e enfim, colocando o balde sobre a borda do poço:

- Que diabo de camponês! - exclamou voltando energicamente a cabeça.

Mas logo seu rosto contrafeito serenou-se à vista do jovem sorridente, descarnado, branco de poeira.

- Sou um cavalo? - disse ela pausadamente em ídiche agridoce. - Um burro, um boi, um camelo? Tudo me leva a crer.

Segurando o balde sobre a borda do poço, ela empurrou as tranças para trás, num impulso. Seus olhos de azeviche fixavam Mardoqueu com uma curiosidade ardente, devoradora; mas seu rosto fazia aquela boquinha, bem decidida a acentuar a maior quantidade possível de desdém.

- Aliás - disse ela por fim -, não falo com estranhos; mas se quiser seguir-me a dez metros, mostrarei a sinagoga de passagem.

E examinando-o com olhar sagaz, o corpo orgulhosamente empertigado, ela entrou na cidade sem prestar atenção ao “estrangeiro”.

Mardoqueu assobiou longamente entre os dentes.

- Que Deus me perdoe - suspirou içando penosamente a caixa sobre suas costas -, ela me agrada, ela me agrada muito mesmo, mas... eu a surraria com prazer.

Movido por esse sentimento contraditório, ele se aplicava, sempre conservando a distância de dez metros, em lançar-lhe "alfinetadas" que faziam acelerar os passos da donzela e imprimiam uma sacudidela colérica à sua nuca. As tranças batiam sobre as belas costas, de um lado e de outro, como a crina agitada de um cavalo, e o movimento pesado, no qual se via um coquetismo animal, incitava Mardoqueu a inventar novos sarcasmos:

- Então é assim - gritava ele a plenos pulmões - que recebe os forasteiros nesta cidade? A dez metros?... Sabe que Deus elegeu Abraão por ter dado hospitalidade a mendigos? Pense bem, não posso ser talvez um enviado de Deus?

Mas caminhando em linha reta e bem firme no meio da estrada, a donzela fingia nada escutar, e Mardoqueu não ousava diminuir a ridícula distância que os separava. No momento em que lançava uma gargalhada exagerada, ficou surpreendido ao ouvir, vindas da viçosa silhueta que dançava a dez passos, estas palavras, de uma aspereza apenas suavizada pelo vento que

as trazia:

- Ao escutá-lo, meu caro senhor, antes de tudo o julgaria um enviado do diabo!

Mardoqueu não acreditou em seus ouvidos e, ao perguntar-se se lhe convinha melindrar-se, deu uma risada abafada, enquanto a cabeleira negra se levantava numa sacudidela triunfante.

- E o diabo - continuou ela -, uf, acho que diz tudo...

Uma tristeza singular caiu sobre Mardoqueu, ele decidiu envergonhar-se e se calou, subitamente atento à ferida que a caixa fizera em suas costas. Após o que, talvez pela primeira vez em sua vida, ele se preocupou com sua túnica cujo forro amarelo se esgarçava, com suas botas descosturadas, e mesmo com a forma inusitada do seu chapéu de veludo, devido ao fato de servir-se dele como recipiente para sólidos e para certos líquidos. "Que mal há nisso", concluiu súbito, "sou eu um marco de ouro para agradar a todo mundo?"

No mesmo instante viu que a jovem havia colocado seu balde no chão, e, voltando para ele um rosto sorridente, levantava maliciosamente os ombros como para dizer: "Vamos, não se amofine, não foi você mesmo quem começou?" Depois, sacudindo a cabeça, ela se pôs bruscamente em marcha, enquanto que o pesado balde de madeira, de novo a seu lado, dançava mais ligeiro ao ritmo do seu passo elástico. Ela parecia carregá-lo facilmente, como um buquê, mas a espuma nervosa salpicava agora o veludo da sua veste, nela pousando efêmeras gotas de luz. O jovem sentiu a doçura do momento.

Atrás da igreja do burgo surgiram as primeiras casas judias, acanhadas, tortas, coladas umas nas outras como velhinhas medrosas. Aqui e ali, uma silhueta barbuda de cafetã chamalotada se esgueirava ao longo de um muro. A noite caiu, repentinamente, com uma chuva fina: aquela donzela que dançava diante de Mardoqueu não era mais do que uma sombra. De repente, a sombra parou, e um dedo fino e branco mostrou a entrada de uma rua: "Lá fica a sinagoga", dizia esse dedo. Em seguida, ele também desapareceu.

- E por quem ela me toma? - enfureceu-se Mardoqueu -, não sou um cão que...

Largando a caixa, avançou em frente, com a chama, a impetuosidade que o sentimento de justiça provoca.

A jovem, alertada pelo barulho da corrida, refugiou-se no vão de um pórtico. Mas quando ele a viu a três metros, tão bela na sombra, refletiu mais calmamente: "Mas ora essa, não cabe a ela agradecer-me..."

Inquieta, ela o esperava, uma das mãos na fechadura da porta, preparada para qualquer eventualidade.

- Quer... - balbuciou ele repentinamente -, aceitaria... que eu carregasse seu balde?

- Você é mascate ou não? - sussurrou com voz oprimida.- Hoje aqui, amanhã ali... como ousa falar comigo assim?

E lhe dirigindo um largo sorriso malicioso (onde, no entanto ele acreditou ler uma fina sombra de pesar), ela sacudiu o balde cheio pela metade, levou-o até à altura da perna, saudou o jovem com um breve movimento da sua cabeleira, depois, pondo-se bruscamente a correr, desapareceu dentro de um lamaçal, sem que ele pudesse distinguir qual ruela a havia engolido.

Levantando lentamente a sua caixa, Mardoqueu se dirigiu à sinagoga, Uma estrela cintilava no céu, entre as casas subitamente negras. Mas essa estrela não evocava a luz transparente do Sabá, porque o pedaço de céu no qual ela estava espetada - qual um alfinete de cabeça de ouro - lhe parecia um recorte do veludo noturno da veste de uma jovem judia.

IV

Após o ofício vespertino, tossindo, gritando, gesticulando na fumaça do fogareiro da sinagoga, os fiéis disputaram a quem caberia a graça insigne de exercer a hospitalidade. O mais provável é que, de acordo com sua aparência, Mardoqueu fosse encaminhado a um insigne personagem conhecido pelo gosto imoderado do mundo exterior; mas naquele dia, longe de classificar Mardoqueu na categoria dos "mascates alegres", o rabino o dispôs entre os "peregrinos que vivem de negócios"; convidou-o à sua própria mesa.

- Rabi, bom rabi - disse Mardoqueu -, meu lugar não é à sua mesa. Não sou um bom judeu, estou apenas um pouco triste esta noite, compreende?

- E por que está triste? - disse o rabino, surpreso.

- Por que estou triste? - disse Mardoqueu, sorrindo. – Porque eu não sou um bom judeu...

O rabino era um homenzinho rotundo, os olhos à flor do rosto, com uma boca minúscula que parecia chilrear sob a barba.

- Venha - resmungou subitamente -, e nem mais uma palavra!

Foi régia a refeição, Mardoqueu não poderia desejar coisa melhor: molho de peixe ao escabeche, carne assada e uma deliciosa sobremesa de cenouras carameladas. Inteiramente arrebatado por ser tão bem recebido, Mardoqueu não descerrou os lábios, se conduzindo com a mesma austeridade com que se mantinha em Zemyock, à mesa meditativa dos Levy. Mas quando a anfitriã fez passar um prato de alfarroba, ele não conseguiu impedir-se de exclamar, batendo no ventre com um ar cômico:

- Ah, irmãos, irmãos, um bocado de alfarroba é de um sabor paradisíaco, lembra a Terra de Israel. Quando se come, o olhar se enlanguesce, e se é levado a suspirar: Reconduze-nos, Senhor, ao nosso país, à terra onde as cabras pastam alfarrobas em abundância!

Diante dessas palavras, desencadeou-se algo no espírito dos convivas, e a eterna interrogação começou: Quando viria o Messias? Chegaria sobre uma nuvem? Os mortos estarão nessa viagem? E com que se irá nutrir, pois foi dito: "Nesse dia, farei por vós uma aliança com os animais do campo".

- E como, meus doces cordeiros, poderemos apressar a sua chegada? - propôs para concluir o rabino, abrindo um pouco os braços, desolado.

Aqui, cada conviva o sabia, a discussão duas vezes milenar, atingia seu ápice, o perigoso cume do qual se avistava toda a Criação.

- É preciso sofrer - começou um velho que se mantinha ao lado do rabino, os olhos fundos, o lábio rosado e pendente, não parando de balançar a cabeça -, sofrer, sofrer cada vez mais, e sofrer sempre porque...

- Senhor Grynspan - interrompeu a anfitriã, aborrecida -, e que acha que estamos fazendo? Isso não é o suficiente para o senhor?

- Cale-se, cale-se - falou timidamente o rabino.

- ... porque está escrito - continuou o velho sem pestanejar -, porque está escrito: o sofrimento fica tão bem para Israel quanto uma fita vermelha na cabeça de um cavalo branco. E porque está escrito: carregaremos o sofrimento do mundo, arcaremos com suas dores e seremos considerados como punidos, atingidos por Deus e humilhados. Nesse momento, quando Israel tiver sofrido da cabeça aos pés, em todos os seus ossos e em todos os seus tecidos e em todos os seus nervos, estirado à encruzilhada dos

caminhos, nesse momento Deus suscitará um Messias!... Ai de mim! - terminou o Sr. Grynspan, o olhar esbugalhado, como se a visão daquelas coisas terríveis a acontecer lhe viesse somente naquele instante: não antes.

- Senhor Grynspan - balbuciou tristemente o rabino -, eu lhe pergunto, que prazer o senhor tem em amedrontar-nos? Somos justos para vivermos com a faca diante dos olhos? Sabe de uma coisa, caro senhor Grynspan, falemos de alguma coisa alegre: Que há de novo sobre a guerra?

Dito isso, e embora a brincadeira sem graça fosse conhecida de todos, o pequeno rabino pôs-se a tossir e a escarrar e a sufocar-se tanto e tão bem que se teve verdadeiramente medo. Mas após os exorcismos e as costumeiras aspersões, a crise de hilaridade passou como viera e ele sentou-se à mesa.

- Dizíamos, pois? - murmurou constrangido.

Depois, reparando na reprovação geral, fez uma cara absorta:

- Não ignoro - modulou enfim -, caro senhor Grynspan, como minha demonstração pôde parecer-lhe chocante, até mesmo penosa. Mas faço questão de precisar que ela não era dirigida contra o senhor, nem contra o que diz, e que esse acesso deveu-se unicamente à alegria que me proporciona tão belo Sabá. Acredita?

- Acredito de boa vontade - disse o velho comovido -, mas permita-me observar que, segundo a escola do rabi Khennina...

A conversa enveredou para o riso; sua natureza, suas leis, sua significação humana e divina, e, finalmente, para uma via insidiosa, suas relações com a vinda do Messias.

Fiel a seu papel de mascate, Mardoqueu se mantinha quieto. De quando em quando, uma veste verde e negra esvoaçava com melancolia diante dos seus olhos. Como tornar a vê-la? Arriscando muito para ganhar muito, ele se inclinou para a frente:

- Quanto a mim - proferiu gravemente, com a voz que seu pai usava para essas ocasiões -, quanto a mim, se eu reconheço que Yitz'hak significa, antes de qualquer coisa: aquele que rirá no futuro, e se observo que Sara vira o filho de Agar, Ismael, quando ele estava Metza'hek, isto é, rindo, eu concluo humildemente que os filhos de Abraão, Ismael e Isaac, se distinguem pelo fato de que o primeiro sabia rir no presente, enquanto era reservado a Isaac, nosso pai, chorar até a vinda do Messias, bendito seja!, que a todos concederá o riso eterno. E digam-me, meus irmãos, como um

coração verdadeiramente judeu saberia rir neste mundo, senão com o pensamento do mundo a vir?

Com essa nobre mensagem, Mardoqueu levou o cálice de licor à boca, e, tombando a cabeça para trás, engoliu todo o conteúdo de um só trago, como um camponês, para grande estupefação de todos os convivas.

Depois, estalando a língua contra o céu da boca, acrescentou, não sem delicadeza:

- Felizmente, nosso coração não é inteiramente judeu, porque, do contrário, como poderíamos usufruir de semelhante tranquilidade nesta noite?

Essa observação final foi muito apreciada. O rabino atribuiu-lhe um sabor hassídico. Entretanto, ele se espantava com tais maravilhas num simples mascate, e foi aí que Mardoqueu arrematou seu sutil trabalho; inclinando a cabeça com elegância, disse que era um Levy de Zemyock.

- Eu o teria jurado! - exclamou o pequeno rabino.

- Mas estou longe de ser um Justo - retificou modestamente Mardoqueu, sempre dirigindo um olhar sedutor em volta.

Que Deus me perdoe, se for possível, dizia para si mesmo neste instante preciso; ela é realmente muito bonita!

No dia seguinte, despertando no grande leito conjugal (onde à força o haviam deitado o rabino e sua rabina), Mardoqueu queixou-se de um mal-estar, um estranho torpor, uma dificuldade para mover-se - todos os sintomas que prognosticavam a febre terçã. Munido de um cântaro novo e amparado pelos aflitos anfitriões, ele se dirigiu imediatamente ao rio vizinho e lhe disse:

- Rio, rio, empreste-me um cântaro d'água para a viagem que tenho de fazer!

Em seguida, no maior silêncio dos inúmeros espectadores, ele sacudiu o cântaro sete vezes em torno da sua cabeça e, derramando a água atrás de si, exclamou:

- Rio, rio, tome a água que me deu, bem como a febre que me queima. Eu lhe suplico, rio, em nome do nosso comum Criador.

Isso foi dito com arte, no verdadeiro estilo Zemyock.

Então, o doente e seus assistentes voltaram à casa do rabino, onde Mardoqueu se deitou outra vez. Inúmeros aldeões se apresentaram à sua

cabeceira, atraídos pela fama dos Lamed-waf. Encontraram-no com aparência dolente, o rosto cadavérico, além do fato de ter passado uma noite em claro, com remorsos antecipados.

Conversa vai conversa vem, e de febre terça para quarta, ficou decidido que retomar a estrada seria pura loucura; a febre não o abandonando mais, concordou em permanecer em Krichownick, como substituto do bedel. Essa solução agradou a todos, começando pela jovem cabeleira que reviu alguns dias depois, quando perambulava em torno do poço.

- Sabe - disse ela rindo - que não me preocupei nem um pouquinho com sua doença?

- É possível- exclamou o jovem apaixonado.

- Você estava então... - balbuciou ela - realmente?...

Dizendo isso, recuava um passo, encostada à beira do poço, com tal piedade no rosto que toda a expressão felina desapareceu para ceder lugar à ternura despertada em sua carne de jovem. Mardoqueu sentiu um suave aperto no coração; num gesto de mascate, alisou galantemente o bigode.

- Eu estava doente de verdade - disse ele, sorrindo com ar malicioso -; e estou sempre, mais do que nunca - concluiu com voz cava de sentimento contido.

Ela desandou a rir sem parar, e Mardoqueu pôde, naquele dia, acompanhá-la a uma distância de cinco metros; que foram três no dia seguinte, depois desceram a zero; feliz como uma criança, ele segurava uma metade da asa gelada do balde.

Esse último favor embriagou-o; abandonou-se em palavras doces, graves, e melancólicas, ao acaso, como ele achava que convinha a uma jovem de Zemyock, de Krichownick ou qualquer outro lugar. Mas logo ficou sabendo que era preferido como "o alegre mascate" e, a morte na alma, Mardoqueu decidiu-se a conformar-se; a marionete que Judite amava nele, e da qual certamente tirava partido para agradar-lhe, eis que agora tinha vontade de destruí-la.

- Que mania de ladrar à lua? - dizia a jovem. - Quando se ama, parece-me, o grande mérito é tornar-se amável. Sou uma lua? Eu sou Judite.

Um belo dia, ela confessou, como se gracejasse, não ter jamais visto um mascate tão alto, forte, delicado e divertido quanto ele. E, sem dúvida, continuou no mesmo tom, era uma honra para ela ser distinguida por um Levy de Zemyock; mas aí está, era uma idiota, não se importava com isso,

teria preferido um Levy simplesmente. Que significavam todas aquelas histórias horríveis, cheias de sangue, que contavam sobre a sua família? Brrrh, eram de arrepiar!

E como ele mostrasse um ar contrafeito, ela explodiu:

- Não quero isso, você me entende?... Eu quero viver! Viver! Viver! Para que preciso de um Justo?

- Mas eu não sou um Justo! - protestou Mardoqueu em tom de desespero.

- Todo mundo sabe disso - replicou ela -; quem diz que não é, é justamente quem é. E por que precisa sofrer para o mundo? De onde lhe vem isso? E me diga ainda: o mundo sofre por você, hein?

- Mas eu não sofro, eu juro!

Porém Judite não o ouvia mais; suas mãos se contorciam, ela revirava olhos apavorados, seu nariz curto vibrava e de sua boca caíam finas gotas de saliva, como acontece com os gatos. Pousou no jovem um olhar estranho:

- E por que é preciso - proferiu ela - que, na chuvarada de homens que Deus lança sobre a terra, a idiota de mim, Judite Ackerman, caísse justamente sobre a gota má? Não há mil Lamed-waf sobre a terra, não há cem, são 36 apenas, 36! E eu a mais louca entre os loucos, mal ponho os olhos sobre um, eis que começo a amá-lo, você me entende? – suspirou, com uma ternura pungente demais para aquela grande selvagem.

Mas como Mardoqueu se calava, deslumbrado:

- Você me ouve, assassino? - atirou-lhe no rosto.

No que Mardoqueu adotou uma fisionomia tão submissa, tão infeliz, que se lançando contra seu verdugo e lhe tapando os olhos com as duas mãos, a jovem o beijou pela primeira vez, inopinadamente, nos lábios. Enlouquecido, sorrindo, vagamente desconcertado, Mardoqueu imaginava que nela havia tanto fôlego de vida que todas as razões do mundo se despedaçavam em sua boca, para voar como fiapos de palha, bem longe, bem alto, no céu cinza e imóvel das idéias. Apertando-a contra si, murmurou:

- Eu me tornarei... eu me tornarei de novo uma marionete, você quer? ...

O espírito de Zemyock, que latejava secretamente nele, manifestou-se após o noivado, que a seus olhos marcou um momento decisivo; já acorrentada, radiosa, a terrível fera, era visível, só aspirava entrar em sua

jaula, e de dentro do suspirante tímido saltou subitamente o marido, o Senhor todo-poderoso, protegido pelas leis, verdadeiras barras de ferro. Ao primeiro choque, enfureceu-se.

- Se não me compreende - exclamou ele com amargura -, é porque não quer me compreender!

E se conformando com a realidade, adotou uma máscara de orgulho que lhe carregou a fisionomia, espantando grandemente Judite:

- Ora - explicou ele -, entre nós, antes do casamento, um homem deve recopiar o livro da família, toda a história dos Levy para dá-la a ler a seus filhos; e você quer que tudo isso acabe por causa da minha bela cabeleira? Veja bem, é preciso que eu volte uma vez a Zemyock.

- Vá então - gritou Judite -, mas não volte mais!

Mardoqueu olhou-a fixamente, hesitou, deu-lhe as costas com o maior sangue-frio.

No instante em que ele transpunha a porta, duas mãos seguraram seus ombros, e, bem junto à nuca, sentiu a respiração ofegante da noiva:

- Volte logo... - murmurou a orgulhosa Judite.

Ele prometeu, chorou, prometeu mais uma vez. Se ela tivesse sabido jogar com a sua fraqueza, Judite o teria retido. Mas ela ignorava essa arma, e Mardoqueu partiu para Zemyock, montado num cavalo de tração que haviam carregado de postas de carne defumada, potes de geléia, uma galinha na gaiola com grãos para 15 dias, assim como uma quantidade de bolos, toalhinhas bordadas, carretéis de linha, botões, meias e outros presentes destinados à família do genro.

Ele se sentia muito importante, mas chegando a Zemyock, três semanas mais tarde, todo o seu entusiasmo desapareceu. Encontrou a família à mesa, em torno de um único arenque. Sob o teto baixo, fendido, atravessado por um barrote eternamente vazio, aqueles rostos magros lhe causaram mal-estar. O pai não se dignou levantar-se.

- Eu achava - gracejou com dignidade - que você se casaria sem escrever seu livro pelo menos - de novo feliz.

- Eu a amo - disse docemente Mardoqueu.

- Ouçam isso, ele a ama! - exclamou o irmão mais velho, que ergueu os braços magros para o teto, como se tomasse o céu por testemunha daquela enormidade.

E eu, não amei? - articulou o pai com lentidão. - Mas eu achava, continuou ele em tom de sarcasmo - que a mulher deve seguir o marido; não é também a sua opinião?

- Mas ela não queria vir!... - respondeu doloridamente o noivo; no mesmo instante, ele mordeu os lábios e corou: uma gargalhada unânime acolheu essa revelação.

- Paz!

Diante dessa única palavra que dissipou o alvoroço, o pai ergueu-se gigantesco, apesar da curvatura da idade; e, símbolo do dever, braços cruzados sobre o peito, olhos fundos flamejando como tochas, ele pronunciou muito distintamente estas palavras, talvez preparadas com antecedência:

- Lembre-se, meu filho: para o homem que as mulheres mataram, não haverá nem juiz nem justiça.

Depois, sentando-se abruptamente, ele ignorou a existência de Mardoqueu.

V

Judite não reconheceu o “alegre mascate” que a deixara algumas semanas atrás: sua barba se alongara, seu rosto ossudo tinha tomado uma tonalidade de marfim; ele a abraçou sem entusiasmo.

- Minha carne e meu sangue - suspirou ela contra o peito do homem -, como você está magro e como tem o ar triste; está doente?

- Sim, ele está doente de amor - disse alegremente a mãe de Judite, mulher de tez avermelhada que se atarefava na cozinha, preparando o necessário para amplas libações. - Boa doença - afirmou ela, peremptória -, excelente para o baço e para a luz dos olhos!

- É mesmo? - perguntou Judite, palpitante de felicidade; e como Mardoqueu não lhe respondia, ela se afastou e exclamou, tomada de súbita inspiração: - Você não me ama mais!...

Os olhos de Mardoqueu pousaram nela, mas sem vigor, e suas pupilas cinzentas tremiam sobre o fundo claro da esclerótica, como nuvens esgarçadas muito alto no céu. Eles se encheram de lágrimas.

- Meu pai não me abençoou - disse enfim, com voz agonizante. Depois acrescentou vivamente, enquanto todo o seu rosto se coloria de paixão: -

Mas Deus proverá, não?

E para grande estupefação dos assistentes, retomando sua relaxada postura de mascate, ele tomou um longo cálice que fez alegremente tilintar na garrafa de Kwass, como alguém que bate numa porta:

- Minha sogra - exclamou com autoridade -, qual é o significado disso?

E citando maliciosamente as Escrituras, declamou:

Dai licores fortes àquele que vai morrer e vinho àquele que traz o amargor na alma!

Virou o seu Kwass de uma só vez; ria! Judite tranqüilizou-se.

Mas, poucos dias depois, Mardoqueu lhe pareceu de novo desejoso de voltar à introversão. Ele que gostava tanto, antes da maldita Zemyock, de entregar-se ao movimento e à alegria, fugia agora de tudo isso, chegando a mortificar-se durante horas na sinagoga. Judite não sabia o que pensar. Parecia-lhe que, em vez de aproximar-se dela, abrindo-se com mais intimidade, o estranho noivo tinha se fechado apertadamente dentro de um capote invisível a olho nu, e dentro do qual batia terrivelmente seu coração.

Ela fez apressar o casamento. Quando Mardoqueu quebrou o cálice simbólico do celibato, ela chorou. O casal feliz instalou-se na casa dos pais de Judite. Estes exploravam um forno de assar pão; encantaram-se com as pesadas e ágeis mãos do genro que a providência dos velhos lhes trouxera.

Quanto a Judite, respirou; porque, com o passar dos dias e das semanas, Mardoqueu não se cansava do corpo, sempre acessível, da sua mulher, e sempre distante, secreto, urdido de inocência. Cada noite os dois recaíam no mesmo pasmo; era como um turbilhão de luz, pensava ela, um céu invertido. Sua mãe gracejava à parte:

- Quem conheceu o amor antes de você? Quem mais poderia ao menos falar dele?... Ninguém.

Por seu lado, Mardoqueu se perguntava envergonhadamente se tais delícias não comportavam uma parte de excesso, alguma nuance pagã: não o arrancavam de Deus?

Uma inquietação crescia nele, que a atribuía intimamente a seu exílio de Zemyock. As jovens da sua aldeia tinham de admirável uma vontade que se dobrava a um simples olhar; qualquer homem, fosse ele tímido como um camundongo, podia manter a mulher à rédea curta. Vá fazer a mesma

coisa com Judite!, que não somente não obedecia nem ao dedo nem ao olho, mas ainda por cima rejeitava uma ordem formal do marido tão facilmente como se afasta uma mosca dos olhos!

Pensando bem, o mais perturbador era incontestavelmente sua pretensão a ser coquete, como antes do casamento; por um sim por um não, ela recusava obstinadamente seus favores, e, em seu furor, a infeliz era muito capaz de ficar até dois ou mesmo três dias sem nenhuma palavra carinhosa, sem nenhum suspiro: seria esse um coração de judia?

Assim, sem que ele pudesse qualificar sua conduta de impudica, Judite, usando dos seus encantos, havia adquirido tal poder sobre o pobre mascate que ele chegou ao ponto de perguntar-se se não estava casado com um demônio sob a aparência de uma maravilhosa moça. O abismo que a cada noite escavavam, aonde os conduziria?

Cada vez mais freqüentemente Mardoqueu surpreendeu-se expressando sua nostalgia de Zemyock.

A contra-ofensiva se operou muito gradualmente.

Quando Judite viu que seu esposo assumia todas as aparências de um homem de meditação e de estudo, era tarde demais para voltar às suas antigas relações de cordialidade e de civilidade tempestuosa: as palavras que agora saíam da boca de Mardoqueu pareciam marcadas pelo selo de Deus, suas decisões eram de acordo com a vontade do alto, e mesmo os deveres conjugais não pretendia cumprir senão por observância dos mandamentos do Eterno.

Sobre esse assunto, Judite sempre reservou sua opinião. Mas chegou, no entanto, o dia em que Mardoqueu deu ordens, depois aquele em que sua altiva esposa obedeceu; pouco depois, ele a persuadiu a segui-lo até Zemyock, para sempre.

Sem demora, ela destoou afrontosamente. Sua liberdade de palavras, a arrogância do seu andar, afligiam os dois sexos:

- Olhem só a boêmia! - diziam -, que desgraça, é o que se ganha vagueando pelas estradas!...

E se guardava da estrangeira toda a distância que separa as "Judites" das esposas convencionais de Zemyock.

A princípio, acontecia-lhe chorar de repente, depois romper numa cólera dilacerante, quando todas as suas queixas inscritas, uma a uma, sobre o

estandarte da sua revolta, eram arremetidas deliberadamente contra o marido, que acusava de destruir com requinte sua vida e seu coração.

- Desde o primeiro minuto, desde o primeiro segundo você me enganou e zombou de mim! "Oh, minha pomba, posso carregar o seu pequeno balde, minha princesa?" Um mascate, um granadeiro, um Alexandre que devora quilômetros! Eu, idiota, eu pensava que as brincadeiras iriam continuar todos os dias, toda a vida; mas o que estava por dentro de tudo isso?.. Um ínfimo Levy com uma oração de manhã, uma oração à noite, e entre os dois... uma única grande oração!

"E você se escondia, oh, representava bem a sua comédia, domesticava sua pomba, hein? Hoje devo escrever meu livro, amanhã é meu pai que não me abençoou, e depois, a última etapa: Zemyock! Zemyock! he, he, Zemyock, não a desejo para os meus piores inimigos! Que cidade é essa? Levys, por toda parte Levys, só se vêem Levys, a metade da cidade é de Levys! Quem teria imaginado que existissem tantos Levys?

"Na casa do meu pai você fazia o bom pão, e aqui? Senhor lapidador de cristal, oh, oh, o nobre-belo ofício, nesse regime, é capaz de virar cristal, vai ser possível enxergar através de você! Mas quem se preocupa com isso? E que eu viva em repetitórios, em rezatórios na sinagoga e em filosofórios com todas as barbas sábias, zim, zim, zim, que pensa do céu? zom, zom, zom, e que pensa do inferno? Quem ganha com isso? Dus talvez? Tal como eu o conheço, deve ter exatamente a mesma opinião que eu: o que deu em vocês? E coça a cabeça.

“Mas é assim mesmo, as melhores coisas têm, pobre de mim, um fim: porque eu me despeço, vou-me embora, você me ouve? Volto para a minha Krichownick de burros e de analfabetos! Lá eu direi que você morreu, usarei luto; e pode crer em mim, mesmo como sua viúva, você me ouve Alexandre de Zemyock, serei mais feliz do que como sua mulher! E que a peste me fulmine se...

Mardoqueu olhava-a em silêncio, levantava uma sobrancelha aflito, e murmurava uma palavra, uma só, sempre a mesma, com a paciência hábil e resignada que se usa com um animal:

- Vamos... vamos... vamos...

Dizendo isso, passava uma das mãos na vasta cabeleira em delírio; e contemplando a mulher com uma ternura insondável, levantava os bigodes num sorriso tão jovem que a pobre Judite enlouquecida se lançava em seu

pescoço.

Todas as discussões terminavam assim. Mardoqueu quase não mais se explicava, pela simples razão de que nada compreendia da censura que lhe fazia a exilada. À noite, enquanto ela repousava a seu lado, ele se tomava secretamente de piedade por ela, por ele, Mardoqueu, por esse casal de desconhecidos que a loucura impetuosa do amor havia lançado num mesmo leito, mas que ainda não conseguiam falar-se como seres de razão.

- Se eu ao menos pudesse - perguntava-lhe ela às vezes - entender o verdadeiro sentido de todas essas histórias de Justos... Mas por que têm de sofrer tanto?

Saindo do torpor, Mardoqueu estendia seu braço na obscuridade, nele encerrando o que podia, chegava mais perto do bom odor de leite misturado com canela, que se exalava do corpo lânguido de Judite.

- Maravilha das minhas noites - suspirava ele prazerosamente, seus lábios apoiados na pele da mulher -, e quem não sofre? Veja acrescentava ele astuciosamente -, o que você me faz padecer, o que padece por mim. Mas é isso, nosso sofrimento está carregado de pecados,

ele se arrasta ao nível do chão, como um verme, como uma má prece.

- De que pecado fala? - perguntava Judite, empurrando-o, não sem uma pérfida doçura.

- ... Mas o Lamed-waf o toma, nosso sofrimento - continuava ele com bom humor. - Ele o leva ao céu, deposita-o aos pés do Senhor, que perdoa. E é essa a razão por que o mundo continua... Apesar dos nossos pecados - concluía ternamente.

Judite adorava fazê-lo mudar de humor:

- Pois então me explique por que os Justos de Zemyock morrem em suas camas?

Contrariado, Mardoqueu se desprendia do corpo ondulante - rio que jorra vida - para retornar subitamente ao despenhadeiro pedregoso e cortante do real.

- É uma velha questão - dizia ele pensativo, para ele mais do que para sua mulher. - Mas para responder a ela, seria preciso saber o que se passa no coração de um Lamed-waf; e ele próprio o ignora, ele não sabe que seu coração sangra, acredita que é vida passando nele. Quando um Justo sorri para uma criança, dizem, há tanto sofrimento nele quanto num Justo que sofre o martírio. E veja, quando um Lamed-waf chora, ou em qualquer

outra circunstância, mesmo quando ele está numa cama como eu, com a mulher que ama, ele toma sobre si a 36ª. parte de todo o sofrimento espalhado sobre a terra; mas ele não sabe, nem muito menos sua mulher, e uma metade do seu coração chora, enquanto a outra metade canta. Então, o que acrescenta o martírio? Deus talvez tenha desejado, quem sabe, que os Levy descansem um pouquinho, quem sabe?...

- É preciso então que eu seja bem idiota - constatava docemente Judite sob as cobertas.

Depois dava uma gargalhada e num pinote via-se colada nele, agitando-se numa alegria insólita:

- Sabe que não entendi uma palavra? - ria em sua orelha, enchendo-o de pequenos beijos: era assim que ela aquiescia à revelação. - Sabe que não entenderei jamais? Fale-me antes de um rabino miraculoso que faça sair um mau espírito como um espinho do pé. Ele faz uma prece; ela sobe ao céu, e upa!... Enquanto seus Justos, onde estão seus milagres?

O homem se maravilhava:

- Um Justo não tem necessidade de fazer milagres, ele é como você, ele é um milagre... vivo. Entende isso, ao menos, idiota?

Na noite suave, por instantes, Judite abria grandes olhos interrogativos.

Um dia ela foi procurar o Justo em função, rabi Rafael Levy, com quem teve um grande conciliábulo. Alguns meses mais tarde, esse Justo morria em circunstâncias estranhas: seu testemunho sendo a base única de uma acusação de roubo, ele não pôde conformar-se em fornecê-lo e, toda a noite, antes do processo, lutava contra si próprio, dilacerado, disseram mais tarde, pelos anjos contrários à Misericórdia e à Justiça. Quando a madrugada despontou, ele deitou-se no chão, fechou os olhos e morreu. Este fim alegrou prodigiosamente Mardoqueu.

- De que servem dois martírios? - perguntou-lhe, intrigada, Judite. - Olhei em Krichownick, o ajudante que precedia você também voou tal e qual: um dia, alguém deu-lhe a entender alguma coisa a respeito da sua mulher com Hesche-Goela-de-Ouro. Ele disse: "Pobre almazinha, se ela soubesse que eu sei, mas não lhe diga nada, hein?" Entrou em casa, deitou-se junto dela, e de manhã estava frio. Que belo martírio esse! Aliás, ele se parecia, como duas pérolas se parecem, com o seu rabi Rafael: um homenzinho pontudo que cortava a barba de través, e esticava a língua ao falar. Compreende?... Um pontudo que não fura!

Mardoqueu lançou-lhe um olhar penetrante:

- E como sabe que o Lamed-waf (Oh, que Deus o tome em mãos e sobre suavemente sobre ele), como sabe que ele era um pontudo? Ele jamais se mostrava!

As narinas de Judite fremiram, ela vociferou, urrou, confessou:

- Você sabe como eu sou - começou ela lacrimejante -, mas, mesmo assim, não gosto de causar-lhe vergonha; fui procurá-lo para um conselho. Nesses dois anos que vivo em Zemyock, expliquei-lhe, não mudei um milímetro, continuo sendo a louca do País da loucura. Que fazer? Ele, tão bem com Deus, talvez tivesse uma pequena oração para mim, não?

Mardoqueu desviou os olhos, constrangido:

- E que lhe respondeu ele?

- Oh, piadas! - exclamou ela, irritada com a lembrança da entrevista. - Primeiramente, ele não podia responder-me, de tal maneira ria. Como uma galinha, você sabe, uh, uh, uh... Depois, esticou a língua e disse: "Você é Judite? uh, uh, então continue Judite, uh. O camelo que queria chifres, uh, uh, uh, perdeu as orelhas, uh." Eis tudo - concluiu ela, sacudindo a cabeça com indignação.

Esquecendo qualquer comedimento, Mardoqueu exclamou:

- Oh, você, meu cavalo louco...

E se precipitando sobre ela agarrou firmemente o animal pelo focinho, enquanto que, com a mão livre, ele sacudia uma trança, rindo às gargalhadas.

Judite reagiu, entrou numa das suas maravilhosas cóleras; mas, no fundo, estava radiante.

Ela compreendeu que continuaria "estúpida" durante toda a vida; primeiramente, tirou partido, depois, fez disso uma glória. "Eu, que tenho o espírito de uma batata", gostava de dizer, anunciando assim uma das suas incursões no reino do espírito; "eu, que não sou inteligente", continuava modulando a voz de uma maneira tão ambígua que era de se perguntar se ela não considerava a inteligência como uma tara, da qual, graças a Deus, ela estava isenta; "eu, que não sou absolutamente nada, eu penso que..."

Contudo, de maneira inexplicável, um sentimento de orgulho lhe veio de estar aliada aos Levy; e esse bálsamo sutil ajudando, ela acabou por sentir-se tão nativa de Zemyock quanto qualquer outra.

O dote de Judite lhes permitira se instalarem numa casinha de duas peças, não longe da oficina de trabalho. Mas a crise do cristal ia aumentando, e com o desemprego voltou a miséria dos outros tempos. Os recém-nascidos sucumbiam de um mal desconhecido que os atacava aos dois meses, são e róseos, para deixá-los, em poucas semanas, no canto do cemitério destinado às crianças - mas tornados inteiramente azuis, mirrados, larvas abomináveis e extremidades recurvadas como garras. Seria o frio, a fome, ou a moléstia azul?... Os três primeiros frutos do ventre de Judite se decompuseram logo e ela os abortou. Cada vez que ele experimentava a nobre embriaguez, fosse de um fio, no conhecimento do Talmude, Mardoqueu imaginava que era ao preço do sangue inocente. Quando Judite engravidou de novo, ele decidiu, correndo o risco de trair a Deus, que voltaria a ser mascate.

Foi numa manhã de inverno qualquer; confusa, Judite confessou-lhe que o sabia havia 15 dias, mas não ousara dizer-lhe.

O primeiro impulso do homem foi apertar com gratidão, mas prudentemente, aquele ventre contra o seu.

- Por que não ousava - perguntou ele sorrindo -, não é esse por acaso o seu primeiro?

Judite deu um leve sorriso, docemente desolado.

- Não sei... Meu ventre está cheio de alegria, mas essa alegria não chega até meu coração.

No entanto, ela havia se esquivado ingenuamente, e agora se mantinha fora do alcance do marido, atrás da mesa, envolta no grande xale esfarrapado que ele tanto amava outrora. Identificando-se com o temor da mulher, Mardoqueu tornou-se atrozmente pálido. E assim, como sua alegria desabava, o frio da alma espalhou-se em seus olhos e ele viu, com uma clareza cruel, as mudanças operadas na maravilhosa Judite, após cinco anos de permanência em Zemyock...

A dois metros, do outro lado da mesa, estava uma mulher cujo rosto aparentava 30 anos e não tinha mais do que 25. Se ela parecia ter mais, compreendeu súbito Mardoqueu, não era porque os anos tenham pesado lentamente sobre seu corpo, mas antes porque seu caráter, pondo-se de acordo com a desgraça dos tempos, imprimia-lhe nos traços uma espécie de envelhecimento precoce. Tinha agora um rosto de gato, que a custo iria mudar até à sua morte. Larga e ossuda na base, sua testa se encurvava feito

uma cúpula ebúrnea, semelhante a uma rocha cujo cume unicamente receberia o sol. As sobrelanceiras tinham sua raiz junto ao nariz reto e curto, e a voluta que elas traçavam, elevando-se até o meio da têmpora, era tão perfeitamente desenhada que se diria serem toques flamejantes do pincel de um copista da Torá; duas rugas nasais desciam até às commissuras amargas da sua boca, levantando as bochechas de carne dura e dando à parte inferior do novo rosto de Judite a feição atenta de velho gato.

Ela respirou lentamente.

- Tem razão, é preciso nos alegrarmos.

E contornando a mesa, com suas grandes passadas dançantes, abraçou-se fortemente ao marido.

Descontrolada de emoção, ela havia introduzido o rosto sob a barba do homem e permanecia escondida debaixo dela, como um animal frágil, perdido; suas mãos se juntaram na curva dos rins de Mardoqueu, que a sentia respirar fracamente contra seu peito, num sopro úmido, já entorpecido pela quietude, toda doce e palpitante.

Ele se sentiu sufocado:

- Sim, sim, alegremo-nos.

Mas, o coração petrificado de tristeza, ele só pensava no frio, na moléstia azul, em todas as desgraças que esperavam o ventre abençoado por Deus, e que, como nas vezes precedentes, acreditava sentir bater junto ao seu. Atrevendo-se a uma delicada carícia, quase sem sensualidade, no branco pescoço de Judite, uma pergunta atravessou-lhe o espírito: O Senhor, santo é o Seu nome, quer então a morte das crianças?

Durante todo o dia, prostrado na sinagoga, ele discutiu com o coração insondável de Deus. No fim da tarde, os fiéis surpresos viram-no romper em soluços, depois precipitar-se como um demente para fora da sinagoga, a boca resplandecente de alegria: sua decisão estava tomada.

VI

A casinhola ficava acachapada no outro extremo da cidade, à beira do caminho que sobe em direção à colina dos Três Poços; mas a neve estava alta, tão bem espalhada sobre tudo, que ele teve de procurar seu caminho na obscuridade. Judite esperava sua chegada, puxou o ferrolho no instante

em que ele resmungava na soleira. Ela havia catado madeira seca, e o vermelhão agitado da lareira disputava com a auréola amarelada do velho candeeiro a querosene que fumegava quietamente no meio da mesa. Mardoqueu espantou-se de ver Judite vestida com sua antiga roupa de veludo, reservada apenas para os dias de festa; nem teve tempo de sacudir a neve da sua capa, a mulher já o enlaçava com uma fogosidade toda faceira, e sorrindo:

- Está vendo tudo o que está sobre a mesa?... A mãe Fink emprestou-me um bocado de manteiga, e me parece que a farinha vem da Sra. Blumenkrantz; então, está contente?

Voltando o olhar para ela, Mardoqueu achou-a tão desejável que teve um deslumbramento. Curvou-se sobre o rosto que se oferecia.

- Mulher, esta festa não está no calendário. Oh, meu cavalo louco, oh, você...

A boca de Judite ardia com chama tão clara que tudo o que a rodeava se tornava noite.

- Oh, minha mulher - suspirou enfim -, oh, meu cavalo. Cabe a mim agora fazer-lhe uma surpresa, não?

- Cale-se - respondeu Judite incrédula.

Ela pousou atravessado seu dedo indicador sobre os lábios do homem, que o mordiscou.

- Veja... - continuou ele, mantendo a mão de Judite junto à sua face -, acabo de falar com Max Goldbaum. Eh... ele recebeu um dinheiro do irmão, você se lembra? O ruivo com um nariz assim, que partiu para a América há três anos? Max me empresta 200 zlotys e amanhã de manhã tomo o caminho de Zratow, onde encontrarei um pouco de mercadoria. Já calculei tudo: com 200 zlotys, posso certamente retomar impulso; então, o que diz da minha pequena surpresa? - concluiu puxando fortemente a cabeleira de Judite de maneira a fazer volver a face amada para o seu olhar, como nos seus encontros noturnos. - Quê, não diz nada?

As linhas do rosto de Judite estavam duras, metálicas; e seu olhar paralisado de orgulho:

- Sim - proferiu ela -, digo que você não pode fazer isso!

- Mas foi você mesmo, há quatro anos? Suplicava-me que pensasse no alimento do... Lembra-se... o primeiro?

- Ontem não é hoje - atalhou Judite -; você o sabe, seu lugar é na sinagoga

de Zemyock, e não na estrada, como um vagabundo.

Mardoqueu exclamou:

- E a criança, então?

Sua perturbação era extrema.

Separando as pontas do xale, a jovem colocava, com simplicidade, as mãos sobre seus seios recobertos de veludo, que levantou em oferta:

- Olhe meus peitos, olhe... A doença dos nossos filhinhos não era fome: sempre tive lá dentro o verdadeiro leite de mulher! E depois... - resmungou ela subitamente.

- ... E depois?

Os dedos de Judite curvaram-se como se fossem garras e seu corpo felino, ligeiramente projetado para a frente, pareceu aprestar-se para o salto; de um só golpe, lançando um olhar indignado para o marido, deu livre curso à sua cólera:

- E depois, que diriam de mim se o deixasse levar uma existência de cão errante? Você... você... você, um homem tão piedoso, ainda há pouco a mãe Fink me dizia, agora mesmo nesta tarde - ah, veja, agora mesmo -, que devo sentir-me mais perto de Deus depois que me tornei sua mulher?

"Essas línguas de víboras, elas ficariam contentes demais: Vejam, diriam elas, a senhora come caviar enquanto ele engole sua vergonha pelas estradas. Diriam também: Ora, ora, pena que ele tenha se casado com essa boneca de barro, talvez ele se tornasse um santo com a ajuda de uma verdadeira judia de Zemyock. Onde ele fará as suas preces? Sobre um montão de feno. E a controvérsia, será com quem?... Com as vacas!"

Sacudindo a cabeça com furor, Judite pareceu resistir ao ímpeto de uma idéia jocosa, que repentinamente lhe aflorou aos lábios sob a forma de um sorriso úmido e fino: E depois...

Mardoqueu se inquietou seriamente:

E depois?

Então, desejosa de escapar do olhar do homem, Judite lançou-se bruscamente em seu pescoço; e em tom de confiança amorosa, a forte voz tornada transparente como a de uma criança, ela murmurou bem junto à orelha levemente recoberta de pêlos:

- E depois, e eu, que pensaria de mim mesma, hein?

Mardoqueu ergueu os braços com humor:

- Deus do céu: um milagre!

Enquanto uma vizinha limpava-lhe as coxas, pesadas de placenta e de sangue, Judite esperava atentamente o grito do recém-nascido. Ele só veio no sexto minuto. A parteira correu um dedo roliço entre as gengivas do feto; e, para grande surpresa da parturiente, ela retirou dali um coágulo da espessura de uma avelã. Enchendo em seguida seus pulmões de matrona, introduziu a língua na boca do feto e lhe insuflou uma lenta e volumosa golada de ar. Um tremor percorreu o pequeno fardo de carne violácea. No esforço de reter o sopro vital, os minúsculos dedos da mão e dos pés se entrelaçavam, se crispavam, se encurvavam, como as garras da moléstia azul; enfim, a boca abriu-se num grito agudo... "Para quê?", resmungou a parteira cética, enquanto que Judite se revirava toda no travesseiro, úmida até à alma, reconciliada com a vida.

Débil arvorezinha, o recém-nascido não foi dominado pela doença; contra qualquer expectativa, ele sobreviveu.

Num corpo frágil, onde corria apenas uma gotinha de vida, ele exibia dois olhos redondos e cheios de uma malícia dura, que feria como o toque do dedo numa ponta, segundo expressão de Judite, que acrescentava logo:

- Mas será um pontudo que espeta os outros, ou um que espeta a si próprio?

- Ele tem uma natureza de mosquito, tenho grande medo por isso - resmungava Mardoqueu, com ar descontente...

Injuriado com a pequena estatura do filho, ele não conseguia imaginá-lo como um autêntico e verdadeiro descendente da dinastia; é um erro do céu, dizia a si mesmo, como consolo. Depois, Judite o tendo agraciado com três Levy, um após outro, ricamente dotados pela natureza, ele esqueceu sua primeira desventura, agradeceu ao céu clemente, perdoou o mosquito.

Esse último parecia animado do frenesi próprio a certos insetos; não parava de agitar, bisbilhotar, remexer em todos os sentidos, como se quisesse encher com seus volteios o espaço que seus frágeis membros deixavam abertos em torno dele. Judite se extasiava com isso:

- E como fazê-lo parar? - perguntava ela a Mardoqueu furibundo. - Se eu o agarro pelo braço; há o risco de arrancá-lo; que faríamos nós com uma asinha de criança? Aliás, acho que você não é justo para com ele; ele não veio por si mesmo ao mundo, e talvez seja também um filho da sua carne, não?

- Da minha carne somente, pobre de mim!

Em consequência do que, Mardoqueu negligenciava a instrução religiosa do mosquito, consagrando o melhor do seu tempo aos três últimos chegados, os quais já ultrapassavam o irmão mais velho tanto em tamanho quanto em sabedoria; e desde que Benjamim atingiu a idade de 8 anos, o pai apressou-se em colocá-lo como aprendiz junto a um alfaiate, o que pelo menos, na falta de trazer um salário, fazia a economia de uma boca no almoço.

Benjamim era certamente um pontudo, como dizia Judite; mas desses cuja ponta da alma se dirige com prazer contra si próprio.

Entregue tão cedo ao capricho de um patrão, a ponta se aguçou: ele sofreu. Embora se aplicasse no trabalho, a imobilidade o tornava nervoso, mal se continha, e todos os espíritos animais que se entregavam a uma dança incessante em seu corpo o faziam estremecer, a todo instante, sobre o banquinho que o mantinha prisioneiro.

Reduzido, pois a si mesmo e se percebendo à margem da comunidade profunda dos Levy, ele se pôs a examinar o mundo com um olho não judeu, mas furiosamente pessoal. Por exemplo, agora ele sabia que se o Justo é rei de Zemyock, outras potências existiam pelo mundo; e talvez, dizia consigo, não sem malícia, haveria em qualquer outra parte um Justo maior do que o de Zemyock... quem sabe?

Sua dúvida se precisou no dia do Bar-Mitzwah, quando, segundo o costume, apresentou-se o neófito ao Justo em exercício.

Este último havia ascendido à dignidade septuagenária, achacado de reumatismos. Como suas enfermidades o retinham no quarto, a nova geração só o conhecia por ouvir dizer e fazia dele uma representação tanto mais solene quanto fantasmagórica. Sua casa ficava a meio caminho da rua dos Fiandeiros de Vidro, à entrada da qual se viam ainda, enrolados em torno de dois marcos, as correntes enferrujadas do antigo gueto.

Flutuando na veste emprestada para a apresentação, Benjamim, todos os sentidos exacerbados, fez a sua entrada num corredor muito sombrio e muito malcheiroso; ele apontava o nariz para a esquerda e para a direita, na vã esperança de descobrir algum sinal característico da presença de um Lamed-waf. Mas quando penetrou numa pequena peça obscura, flanqueado pelo pai lívido e pela pobre mãe Judite toda excitada de ver de

perto o “milagre”, Benjamim teve a maravilhosa sensação de descobrir um sótão: as massas de ar sombrio, os objetos e os móveis bizarros empilhados desordenadamente, e o raio de luz trêmula que parecia emanar de uma clarabóia, a presença sutil da poeira...

- Mas entre logo! - exclamou Judite, empurrando-o com a mão para dentro do cômodo.

- Ui, ui, ui - disse de repente uma voz reprobatória.

Apertando os olhos, Benjamim viu aparecer um velho que até então se mantinha sentado no canto ao fundo, atrás de uma estreita cama de ferro; solidéu negro sobre um crânio rosa e a levita cingida por um cordão prateado, o velho agora avançava com a ajuda de um cajado que a cada passo ele levava um pouco avante, tal como uma frágil e insuficiente estaca, enquanto seu corpo se curvava na penumbra com um gemido de animal esgotado. Quando chegou perto do menino, este último descobriu com prazer picante que o Lamed-waf em nada diferia dos velhos indolentes que tresvariavam sobre os bancos de pedra, diante da sinagoga, e que nunca deixam, ao sentir alguém à altura das suas mãos nodosas, de acariciar-lhe a nuca e dar-lhe uns puxões de orelhas. Tomando coragem, Benjamim desvencilhara-se da mão pendente do velho e a depositou, com um arzinho cúmplice, sobre a sua própria cabeça, que ficou recoberta até às orelhas.

- Meu Deus, que o santo perdoe a esse maroto! – exclamou Mardoqueu, tomado de terrível espanto.

Depois, voltando-se para a criança que sorria debaixo da mão, ele clamou:

- Que lhe tinha dito eu?.. É preciso beijar a mão do santo!

- Oh, está muito bem assim, está... está muito bem - disse com voz trêmula o velhote que parecia prodigiosamente divertido. - Bem, bem... o menino se abençoou a si mesmo.

E acarinhando como de norma o crânio de Benjamim, abaixou-se até o queixo do menino, que levantou com uma ternura cheia de nostalgia:

- Então é Benjamim, filho de Mardoqueu?

O menino concordou com uma amável piscadela.

- Então é o novo judeu que Deus nos traz hoje?

- Sim - respondeu Benjamim anuindo...

Sob a abóbada sombria das sobrelanceiras, o olhar do velho resplandecia com uma ironia toda azul; os olhos do velho eram jovens, neles não havia

rugos; mas quando os dois, velho e menino, se fitaram mutuamente, este sentiu uma ligeira queimação; e então Benjamim abaixou subitamente as pálpebras assombradas.

- E diga-me, Benjamim, diga-me uma coisa: que sabe do Pentateuco?

O menino calou-se.

- Que o santo perdoe - disse Mardoqueu -, esse garoto não estuda muito, ele é aprendiz de alfaiate.

Um profundo silêncio se fez ali. Judite olhava o marido recuando lentamente de vergonha, em direção à porta; Benjamim deixou escapar um soluço queixoso.

- E eu, que sei do Pentateuco... - enunciou súbito o Justo com voz cuja ternura se dirigia à criança.

Benjamim surpreso levantou os olhos: acima dele, a cabeça ossuda e branca meneava melancolicamente no eixo do pescoço, enquanto a boca do velhinho se abria num sorriso enegrecido e doce.

- Ui, ui, ui, um alfaiatezinho, hein? - balbuciou o Justo.

Colocando o indicador sob a palma da mão do menino, ele levou-a até os lábios, escondidos sob a barba, e... beijou-a.

Depois, parecendo voltar a si, despediu-se dos seus visitantes com grandes gestos que não admitiam mais réplicas; a entrevista estava terminada.

Todos quiseram examinar a mão que o Justo beijara; uma auréola amarelada podia ainda ser vista ali, vestígio da velha boca cheia de fumo, e fizeram a criança jurar que ela não seria lavada, enquanto aparecesse. Ela, aliás, parecia ter se propagado por toda a pessoa do rapazote, mimado pelos visitantes e recebendo dos irmãos gentilezas especiais. A proposta de enrolar a mão numa faixa não foi mantida. Só Mardoqueu encolhia os ombros, dizendo que não dava para entender nada, tratava-se, sem dúvida, de uma dessas "extravagâncias aparentes" costumeiras nos Justos. Mas Benjamim inclinava-se mais para o ponto de vista de sua mãe Judite, que deixou escapar que, apesar de tudo, o Justo lhe parecia um "bom velhinho de todos nós"; ele se apegou secretamente a essa opinião.

As pálidas ilusões que ainda guardava sobre os Justos se dissiparam durante sua estada em Bialystok onde, muitos anos após tudo isso, tornado um jovem terno e bem-educado, o olhar delicado e todas as pontas aparadas, ele foi concluir o aprendizado de alfaiate.

Bialystok era uma verdadeira cidade, com prédios, triciclos, automedontes idênticos, em todos os pontos, aos que se encontravam no único exemplar de jornal polonês que possuía seu antigo patrão.

Ele permaneceu lá dois anos. Trabalhava-se durante 15 horas a fio numa pequena peça imersa em constante vapor de ferro de passar. Cinco suores compunham ali um surpreendente buquê de perfumes. Benjamim era ao mesmo tempo oficial e aprendiz, menino de compras, carregador, amaseca e mesmo cozinheiro ocasionalmente, quando a esposa obesa do patrão se sentia muito prostrada. Mas ele julgava viver uma aventura única nos anais dos Levy porque tudo, até o ar negro do ateliê, provinha de um mundo infinitamente mais real do que Zemyock, aquela loja de sonhos.

Ao meio-dia, almoçava em companhia do prensador, o Sr. Goldfaden, um solteirão que o patrão ameaçava despedir depois que seus braços enfraquecidos mal agüentavam o enorme ferro. Ligara-se a ele com uma amizade sem palavras, feita de pequenos gestos cotidianos. Um dia em que o terrível Sr. Roznek saíra para entregar um precioso casaco, Benjamim levantou o nariz e disse distraidamente:

- Perdoe-me, Sr. Goldfaden, mas eu posso perguntar-lhe o que fará no dia em que não puder mais levantar o ferro de passar?

O oficial colocou o ferro sobre o tripé, e o rosto flácido como um suflê, por causa dos quarenta anos de fumaceira, tomou uma expressão desagradável:

- O que farei? - articulou lentamente. - Com a permissão de Deus, meu filho, eu morrerei de fome!

- Mas o senhor é um bom judeu, Sr. Goldfaden. E Deus não...

- ... Eu não sou um bom judeu! - cortou duramente o velho. Com essas palavras, seu rosto acabrunhou-se de medo e Benjamim reconheceu o passo do Sr. Roznek no quarto vizinho.

No dia seguinte, Goldfaden animou-se e revelou ao adolescente que ele, há cerca de seis meses, não acreditava mais em Deus. Benjamim olhou-o sem compreender: o Sr. Goldfaden, homem estranho, dispensava-lhe mais consideração do que ninguém no mundo, sem falar no Lamed-waf; certamente, ele não era um descrente. Então, que significava?...

- O que quer dizer exatamente, caro Sr. Goldfaden, quando me diz que não acredita mais em Deus? Eu não estou muito certo - acrescentou sorrindo - de compreender o fundo do seu pensamento.

O velho voltou a cabeça; ele parecia misteriosamente irritado com o tom de Benjamim, que prosseguiu com a mesma indulgência cética:

- Devo, pois deduzir, caro Sr. Goldfaden, que não acredita que Deus criou o céu e a terra e tudo o mais!

No momento em que pronunciava estas palavras, veio-lhe uma súbita revelação, e Benjamim compreendeu que o bom Sr. Goldfaden não acreditava, simplesmente, em Deus.

- Mas vejamos, caro Sr. Goldfaden - disse gelado de medo -, se Deus não existisse, que seríamos nós então, o senhor e eu?

O velho deu um sorriso compadecido, e o timbre da sua voz buscou em vão uma nota de alegria desaparecida:

- Pobres pequenos trabalhadores judeus, não?

- É tudo?

- Ai de mim - disse o velho prensador.

Naquela noite, em seu enxergão colocado diretamente sobre o assoalho, Benjamim tentou se representar todas as coisas tais como as via o Sr. Goldfaden. Pouco a pouco, ele chegou à espantosa conclusão de que se Deus não existe, Zemyock não passava de uma parcela irrisória do universo. Mas então, ele se perguntou, aonde vai, pois todo o sofrimento? E revendo a expressão desesperada do Sr. Goldfaden, exclamou num soluço que varou a noite do ateliê: O sofrimento se perde, oh, meu Deus, ele se perde!

Não pôde ir mais longe; chorou longamente e adormeceu.

O Sr. Goldfaden se tornava cada dia mais desastrado. Na ausência do patrão, levantava agora o ferro com as duas mãos. Enfim, deixou-o cair, com uma labareda acre de tecido e madeira seca. O incêndio deixou somente uma mancha negra sobre o assoalho, mas no dia seguinte do acidente, não vendo voltar o velho operário, Benjamim enfrentou o sombrio mutismo do Sr. Roznek.

À tarde, apresentou-se um jovem com braços tão magros quanto os do Sr. Goldfaden, mas que parecia decidido a não largar o ferro.

Benjamim não se ligou logo a ele. Ele contava histórias impudicas, usava gravata e se vangloriava de desprezar os "pequenos cérebros" que não viam a vida sob a sua verdadeira luz. Era um autêntico incrêu, enquanto o Sr. Goldfaden, Benjamim o sentia vivamente, só havia perdido as aparências tradicionais de bom judeu. Entretanto, era melhor não voltar às

costas a um malandro como ele, e foi assim que, enredado nas malhas da sua diplomacia, Benjamim se achou uma noite numa ruela onde ficavam as mulheres. O incrível arranjou tudo. Como num sonho, Benjamim subiu os degraus de veludo e atravessou um corredor digno de um palácio. Surgiu em seguida um quarto de um luxo espantoso, revestido de espelhos, depois uma mulher gorda metamorfoseada em boneca de carne malva gelatinosa. Em algum lugar, por cima do ponto de luz elétrica, pôs-se a luzir suavemente o sol do Cântico dos Cânticos:

Vem comigo do Líbano, minha noiva...

Agachada sobre o bidê, a boneca de carne lhe disse para aproximar-se, e seu dedo indicador se dobrou e se desdobrou inúmeras vezes. Benjamim murmurou em polonês: “Perdão, senhora”, puxou o ferrolho da porta e fugiu.

VII

Quando retomou a Zemyock, Benjamim havia definitivamente abandonado qualquer procura da verdade; não aspirava mais do que reencontrar restos daquela pureza cotidiana deixada dois anos antes, e que doravante colocava acima de tudo. O nariz de Judite vibrou, suas unhas se projetaram para a frente. Quando Benjamim emergiu das suas asas ainda vibrantes, Mardoqueu, por sua vez, o acolheu; procurou o olhar do filho, viu sua luz, e pronunciando a prece de boas-vindas esfregou solenemente seu bigode na testa de Benjamim, que decidiu, em toda a sua recobrada plenitude:

- Meu Deus, se tudo isso é um erro, eu o prefiro às pequenas verdades dos incrédulos!

Mas a linha divisória de águas continuava imprecisa, porque se Zemyock não passava de um sonho, o que era ele então, Benjamim, que nem mesmo fazia parte desse sonho?...

No ano da sua volta à aldeia natal, uma guerra estourou em alguma parte da Europa.

As doces almas de Zemyock só foram informadas disso no mês de fevereiro de 1915, por cartas vindas de Paris, Berlim e Nova York. Boatos estranhos se espalharam. Inferia-se disso que judeus da França e da Alemanha estavam obrigados a vestir o uniforme do ódio, para se baterem

como os cruéis animais cristãos: eram obrigados a isso

Esses fatos espantosos foram objeto de ásperas controvérsias entre os Sábios, dos quais alguns sustentavam que não se podia atirar a pedra nos fiéis obrigados a carregar o fuzil das nações. Mas tudo deu lugar ao mais negro luto, à prece e à aflição, quando, pelo correio seguinte, soube-se que rapazes da mesma aldeia, irmãos instalados em países antagonistas, corriam o risco de, naquelas matanças indiscriminadas, se "entreassassinarem" cristãmente. Repetiram-se, em meio a gemidos, as palavras tenebrosas do Justo: "Tudo isso acontece", disse ele ao Conselho dos Sábios, "porque Israel está cansado de trazer em seu pescoço o cutelo do sacrifício; o cordeiro expiatório entrou nas nações; ele está ajoelhado diante dos seus ídolos; ele sofria, não queria mais permanecer em Deus. Nossos infelizes irmãos tornaram-se franceses, alemães, turcos e talvez chineses, achando que, deixando de serem judeus, seus sofrimentos teriam fim. Mas agora o Eterno está vendo o que jamais vira há dois mil anos de exílio: revestidos de armaduras estrangeiras, falando línguas diferentes e adorando ídolos sem face, os judeus se matam entre si! Maldição!.." E se sentando diretamente no chão) o Justo cobriu de poeira os cabelos brancos e se balançou, de um lado para outro, dando gritos de animal ferido.

As mulheres traziam uma estranha história, que não se sabia quem havia introduzido em Zemyock: É noite no front, uma sombra, um tiro; o judeu que acaba de atirar escuta um lamento...

"Então, senhora, seus cabelos se eriçam, porque a três passos, na escuridão, a voz inimiga pronuncia em hebreu a prece dos agonizantes. Meu Deus, o soldado acaba de abater um irmão judeu!... Oh, tristeza, ele deixa cair o fuzil e corre para o meio do front, enlouquecido de vergonha e de dor. Louco, entendem? Os do outro lado atiram, e os do seu lado lhe imploram que volte. Mas ele não quer, fica no meio do front e morre. Oh, tristeza, oh!.."

A guerra não tinha se acabado e já filtravam ruídos de revolução, depois rumores de pogrom se elevando como um sussurro dos campos. A Ucrânia estava a fogo e sangue. "Como o bútio e o milhafre que disputam o céu", as tropas revolucionárias de Makno e os destacamentos de quepe branco do czarista Petlioura, lançavam-se sucessivamente sobre as comunidades judaicas da Grande Planície. Os habitantes de Zemyock, embora abrigados por trás das suas colinas, não sabiam mais o que pensar; inúmeras vezes,

desvairados com as falsas notícias, se esconderam nos bosques das montanhas. Os que tinham continuado em suas camas zombavam dos fugitivos, de sorte que, na hora do verdadeiro perigo, tornadas cétricas, muitas pessoas foram pegas na armadilha sutil dos falsos alertas que precederam o verdadeiro...

Na noite que antecedeu ao fim, viram-se grandes clarões em direção da aldeia de Pzkow. O mês de agosto estando escaldante, todos se tranqüilizaram com a idéia de que era um incêndio de floresta. Os primeiros gritos repercutiram de madrugada. Tudo se passou muito rápido. Os cossacos tomavam Zemyock de assalto, e alguns judeus, mal saídos do sono, se mostravam com ar apavorado nas janelas, de camisola e gorro pendente na cabeça, perguntando aos fugitivos o que se passava.

Acompanhados unicamente pelo filho Benjamim, Judite e Mardoqueu atingiram sãos e salvos o cume da colina dos Três Poços. Antes de seguir os seus na mata, Benjamim não pôde impedir-se de voltar-se para o espetáculo da cidade entregue aos cossacos. Foi, antes de tudo, tocado pela beleza da paisagem. Um anel de cerração circundava o vale à meia altura, e as verdes encostas se perdiam naquele acinzentado, para renascereem 50 metros mais abaixo. Silhuetas negras se esfalfavam sobre as colinas vizinhas, como se fossem formigas. Os tetos rosa da cidade se destacavam com uma nitidez deslumbrante no centro do anel de cerração. Benjamim procurou o espaço claro da igreja e, no mesmo instante, ouviu os gritos. Depois, viu flocos escurecidos que pareciam nascer como por magia do rosa dos telhados, enquanto os gritos agora evocavam (aguçados pela distância) o pipilar ridículo de uma ninhada de passarinhos. Por cima de tudo isso, o céu se mantinha imóvel e azul. Benjamim abriu a boca para berrar, depois mudou de idéia. Nenhum tremor agitava o ar.

- Mas, o que espera?

Alguém havia murmurado. Benjamim se voltou e riu maquinalmente: a uma dezena de metros, emergindo de dentro do bosque, a cabeça lívida e fantástica da sua mãe Judite mostrava uma boca curiosamente aberta num apelo mudo, e de dentro da folhagem surgia uma mão de sonho cujo indicador, agitado num vaivém suplicante, evocava irresistivelmente a mímica de uma criança brincando de esconder. "Eu sou mesmo tolo de sorrir", pensou Benjamim. Sempre sorrindo, ele venceu, com um passo

que lhe pareceu elástico, os dez metros de terra silenciosa que o separavam da orla da parte mais densa do bosque, para repentinamente achar-se na sombra esburacada do matagal e dos troncos de pinheiro, cujos cimos indiferentes contemplavam os longínquos tetos rosa fumegantes lá embaixo, em conivência com o céu.

- Eles nos seguiram? - disse Judite ofegante; ela tremia.

- E por que deseja que eles nos sigam? - disse absurdamente Benjamim.

Ele saboreou o odor da resina. Havia o mundo de baixo e o daqui. Qual era o real? Sua mãe Judite estava afogada num casaco de pano negro, seus pés nus, e nu o alto do seu peito que o casaco, bem abotoado, deixava transbordar ligeiramente. O rosto maciço e quadrado da sua mãe Judite estava branco, mas levemente recoberto por um fino pó vermelho formando auréolas nas maçãs do rosto. Seus olhos não tinham pálpebras. De repente, Benjamim compreendeu a razão do seu sorriso: a mãe Judite não tivera tempo de pegar a peruca de mulher judia, e seu crânio nu, recentemente raspado, deixava à mostra uma penugem branca que dava a impressão de uma cabeça de menina velha. Desviando os olhos, Benjamim desejou que ela não tivesse percebido nada.

- Venha... venha...

Com uma sacudidela brusca, Judite o havia puxado para dentro da mata cerrada, enquanto seu rosto carregado se tornava escarlate e ressumava medo, retroativo desalento, profunda desorientação que ela deixava transparecer nos gestos loucos e em suas expressões insanas.

Quando seguia a alta, larga e nervosa silhueta da mãe que se embrenhava no bosque, Benjamim viu o pai Mardoqueu, retardatário, enorme massa de lenhador da Torá, e que não somente estava completamente vestido, mas havia ainda achado tempo e espírito para trazer consigo o grande xale de oração, com o qual ele envolvia o corpo, como uma armadura contra o mal que grassava no ar. Durante a fuga comum, Mardoqueu andava lentamente, contentando-se em alongar o passo em lugar de precipitar-se, como faziam Benjamim e sua mãe Judite. Cada vez que Benjamim impaciente se voltava para o pai, ele acreditava ver uma leve expressão sonhadora no grande rosto macilento do ancião, enquanto o enorme corpo do lenhador desempenhava, com toda a precisão refletida e serena, os gestos necessários da fuga. E, a meia altura da encosta, Benjamim via a mãe Judite voltar-se para Mardoqueu, em seguida gritar-lhe com voz seca

e sibilante:

- Você nos atrasa!... Está com pressa de morrer?

O velho estava parado no meio do caminho e, tão pacificamente como se se encontrasse dentro do círculo de fiéis da sinagoga, declarava em tom sentencioso:

- Mulher, mulher, julga retardar a hora de Deus?

Depois, lentamente, ele começara a caminhar dentro do nevoeiro feito uma coluna de pedra movida por uma força rude. Irritada com a piedade que transparecia na voz do marido, Judite havia replicado com raiva:

- E você, quer adiantar-se a ele?

Aflito, Benjamim sentiu que ela queria iniciar uma discussão; mas um tiro vindo do fundo do vale a fez lançar-se para a frente, num salto descontrolado... E naquele momento o pai Mardoqueu avançava tranqüilamente na sombra do matagal, não parecendo embaraçar-se nem com as sarças que lhe feriam o rosto, nem com os gritos esparsos que ainda chegavam do fundo do vale; nem mesmo com os olhares carregados do ódio que lhe lançava a pobre Judite, parando a cada dez passos para esperá-lo, depois partindo de novo como uma flecha; ereto diante dela, continuava indiferente a seus pés ensangüentados, e a seus peitos, cuja metade havia saltado fora do casaco. Ao fim de certo tempo, ela parou bruscamente e cochichou:

- Escondamo-nos num matagal...

As linhas do seu rosto estavam alteradas sob o ímpeto do medo, e Benjamim pensou que era horrível vê-la assim. De repente, ela pareceu notar a pêra branca do seu seio balançando fora do casaco desabotoado. Lançou lentamente um olhar desvairado para os dois homens e, levantando a gola do casaco, tentou escondê-lo com as duas mãos crispadas de vergonha. Depois, pôs-se a chorar. Mardoqueu apoiou-se num abeto. Seus pesados olhos cinzentos miravam as clareiras brancas e azuis que cintilavam entre as ramagens mais altas e sua barba se agitava levemente, como se ele murmurasse uma prece. Benjamim sentou-se e ficou imóvel. Todos três estavam tão profundamente mergulhados em seus pensamentos que nenhum sentiu aproximar-se o cossaco... Eles estavam sós. De vez em quando, Judite deixava escapar sua obsessão entre os dentes:

- Meu Deus, que fizeste dos meus outros filhos?... Meu Deus, somente eu

e meus filhos... somente nós...

Soube-se mais tarde que os cossacos isolados procuravam especialmente as moças aterrorizadas nos bosques que cercam o vale de Zemyock. Bruscamente, Benjamim viu aparecer em seu campo visual um homem louro, as pernas apertadas em grandes botas de cavalaria. Uma fina réstia solar projetava a sombra do cossaco junto aos pés de Benjamim. Ele empunhava o sabre diante dele, feito uma roda de proa; o peito peludo, olhos líquidos e amarelos faiscando astúcia, ele tinha o rosto quadrado de um camponês ucraniano. Avançava lentamente, levantando as botas com infinitas precauções... A cabeça sempre curvada entre os joelhos, Benjamim se perguntou se os pais fingiam não ouvir os estalidos de galhos bem detrás deles, ou se verdadeiramente eles só tomavam conhecimento dos seus inquietos pensamentos. Ao mesmo tempo, Benjamim espantou-se que o peito não lhe batesse mais forte, que nenhum som saísse da sua boca, que nenhum tremor agitasse seus membros; veio-lhe, de repente, o pensamento tranquilizador de que tudo aquilo não passava de um espetáculo do qual ele não tomava parte, a não ser contemplativamente. Mardoqueu continuava encostado no abeto, sempre de pé no meio da clareira, os olhos fechados, toda a sua opulenta carne tremendo, os dois punhos cerrados na gola do seu casaco. Benjamim constatou que a imagem do cossaco como que crescia faiscando sobre a sua retina, para colocar-se, à mesma distância, entre Judite e Mardoqueu, que saltaram de pavor. O cossaco olhou para as três vítimas com ar de desprezo, decepcionado; em seguida, escolhendo Mardoqueu, dirigiu lentamente a ponta do sabre para a garganta do ancião. Até o presente, Mardoqueu ainda não saíra da sua relativa calma. Mas quando a ponta do sabre chegou a dois dedos do seu pescoço, inclinando a cabeça para trás, ele colou os braços no tronco de abeto e começou a girar olhos furibundos para o céu, enquanto sua boca bradava as primeiras palavras da oração dos agonizantes:

- Schema Israel!...

Havia em sua voz um tom a tal ponto sombrio e desesperado que Benjamim se espantou com o apego que tinha o pai à vida.

Súbito, o cossaco apontou com o dedo o rosto aterrorizado de Mardoqueu, pareceu dominado por uma idéia extremamente cômica, tornou a pegar o

sabre com um gesto convulsivo e soltou uma medonha risada relinchante. Curvara-se em dois, agitado pelos espasmos e comprimindo o ventre com a mão esquerda, mantinha a direita no sabre fincado na terra. Nenhuma palavra fora pronunciada. Benjamim notou que a mãe Judite voltava a si, e adivinhou que começava a ficar com raiva. Bruscamente, ele a viu irritada, os nervos à flor da pele, tal como costumava ficar em casa. O que se seguiu não se tornou claramente visível. Avançando um passo, sua mãe Judite havia atirado o punho esquerdo (ou talvez muito simplesmente a palma vigorosa da sua mão) na cara do cossaco, e se aproveitando da sua queda de costas, apanhou o sabre do chão para descarregar violentos golpes sobre o crânio e os ombros do homem, como ela teria feito com um batedor de carne. O cossaco levou as mãos à cabeça. Benjamim viu distintamente a larga lâmina do sabre, penetrar num dos pulsos que se separou do antebraço com a passividade de uma carne de cozinha... Quando o pai Mardoqueu se precipitou sobre mãe Judite, pareceu-lhe que uma pele se destacava dos seus olhos. Tudo aquilo era então real? Ainda não podia crer.

Na noite negra, Benjamim se arriscou até a orla do bosque. Tudo estava silencioso no fundo do vale, mas um mau odor dele se elevava, bem como volutas negras que se destacavam do azul profundo da noite.

À medida que ele descia a colina, finas luminescências apareciam aqui e ali. Atravessou a pradaria das terras de plantio e colocou-se detrás de uma casa. Uma silhueta judia esgueirou-se pela rua - barba e cafetã; segurava uma vela, na mão. Benjamim entrou trêmulo nas ruas desertas de Zemyock. Como que um grande murmúrio se elevava do centro da cidade. Vinha da praça da igreja onde dezenas de silhuetas, velas nas mãos, reconheciam seus mortos entre os montes indistintos de cadáveres. De manhãzinha, Benjamim descobriu seus três irmãos sob o portal de uma casa. Todo o dia que se seguiu foi dedicado a cavar sepulturas. Improvisou-se um novo cemitério, adjacente ao antigo. Benjamim e seu pai voltaram-se muitas vezes para arrancar Judite do túmulo, onde estavam enterrados seus três filhos. Durante oito dias, Mardoqueu se fechou com ela num quarto. Ela acreditava que Deus a havia punido pela morte do homem louro, se queria culpada, ao mesmo tempo, por seus filhos e por aquele que matou; seu braço cravava um sabre imaginário em

seu peito. Depois, a febre passou.

Soube-se que os pogromistas eram guardas brancos, que por acaso atravessaram o burgo perdido de Zemyock. Eles se dirigiam para a Ucrânia, sob o comando de oficiais alemães, franceses, ingleses, americanos, a fim de derrubarem juntos o novo regime de propriedade. Kozyr Zyrko os conduzia, um célebre ataman (Comandante dos cossacos). Inúmeros judeus de Zemyock puderam alcançar as colinas. Kozyr Zyrko fez juntar o restante na praça da igreja e, para encorajar seus homens, ergueu uma criancinha na ponta da sua lança:

- Não é nada!... - bradou ele súbito -, não é nada, é a semente da revolução!

Coisa singular, enquanto as famílias se juntavam em cachos sangrentos e morriam enlaçadas, o velho Lamed-waf reinante saltitava entre os cadáveres, suplicando em vão: "Traspassem-me, traspassem-me, traspassem-me então!...", para a grande felicidade dos soldados que, o achando cômico, se contentaram em cortar-lhe a barba. Mas também muitas vezes simularam a sua execução. De joelhos, os olhos fechados, o velho judeu submetia-se a isso, numa espécie de êxtase; mas sempre decepcionado em seu desespero de homem e em suas legítimas esperanças de Justo, ele permaneceu o único vivo na praça da igreja.

O pogrom de Zemyock passou despercebido entre centenas de outros. Pouco a pouco, chegou a ajuda. Os judeus da Europa e da América se cotizaram, uma vez mais. Mas quando a paz foi restabelecida, após os anos 1920, os sobreviventes do pogrom de Zemyock se interrogaram sobre a sobrevivência miraculosa do Justo. Alguns viam nela a medida da mansuetude celeste; outros pressentiam a misteriosa e terrificante ironia de Deus, indiretamente percebida nos textos sagrados. Um rancor instalou-se no coração de certos habitantes de Zemyock. Os jovens aderiam à União Geral Judaica dos Trabalhadores da Rússia e da Polônia, e o desejo de viver e morrer na terra proibida de Canaã invadiu subitamente a alma judia, como uma imensa vaga, poderosa e devoradora. Cortante, Judite declarou abertamente que a sobrevivência do Justo era coisa tão ridícula que doravante os Levy não podiam pretender mais nada. Benjamim aprovou-a em silêncio. Mardoqueu projetou um olhar sobre eles feito de espanto e amargura sem nome; ele se sentia traído, mas não saberia dizer se era pelos seus ou por Deus. Seus filhos estavam mortos e o Lamed-waf

vivia. Haveria por baixo disso alguma intenção secreta do Altíssimo? Na dúvida, permitiu a Benjamim exilar-se no estrangeiro. E se não o tivesse permitido, sua autoridade declinante não teria resistido à vontade agora inflexível de Judite.

CAPÍTULO 3

Stillenstadt

I

Benjamim vagueou muitos dias em Varsóvia, indeciso quanto à escolha de um país de exílio. A sensação que tinha era a de um jogo, de uma fantasia infantil. Os nomes de países que lhe propunham pareciam tão pouco sérios, tão fantásticos, em suma, quanto aquelas casas riscadas no chão pelos meninos no jogo da amarelinha judeu, cada um figurando: um pão branco, um suspiro, meio quilo de grão-de-bico, um insulto, uma galinha gorda, um bofetão polonês, um milhão de zlotys, o tifo, uma semana entre os anjos, finalmente, o pogrom. A pedrinha rolava em sua cabeça, saltava uma a uma as casas marcadas pelo Comitê de Salvação e Emigração, para tristemente voltar a seu ponto de partida, como entrou.

Em geral, a pedra passava muito rapidamente pela palavra Inglaterra: uma ilha, como fugir em caso extremo? Ela se demorava, pelo contrário, complacentemente, sobre a palavra América, com a displicência curiosa e desdenhosa do turista: esse vocábulo sugeria, à primeira vista, o oceano furioso que separava para sempre Benjamim dos seus pais; lembrava-se depois da dança bíblica em torno do Bezerro de Ouro, que seu patrão alfaiate de Zemyock comparava antigamente com a vida aos judeus americanos; enfim, evocava o Bezerro untuoso, lascivo, rolando os globos dos olhos cegos sobre a criação. Quanto ao nome França, trazia o inconveniente de ser associado ao de Dreyfus, que Benjamim tanto ouvira pronunciar; diziam que os franceses haviam enviado esse judeu para a ilha do Diabo; se só o nome já provocava um arrepio, então o que devia ser a realidade?

Finalmente, após a aflitiva volta ao mundo, Benjamim optou a favor do nome: Alemanha.

Porque os judeus alemães, disseram-lhe, estavam tão gentilmente instalados naquele país que muitos dentre eles se consideravam "quase" mais alemães do que judeus. Isso era, sem dúvida, muito curioso, talvez mesmo louvável, mas era, sobretudo, a melhor demonstração da bonomia e da doçura do caráter alemão. Imediatamente, transportado pelo entusiasmo, Benjamim imaginou uma sensibilidade alemã tão encantadora, tão apurada, tão nobre, enfim, que tomados de escrúpulo e cativados de admiração, os judeus se tornavam alemães até na alma.

Berlim decepcionou-o rapidamente. A cidade não tinha começo nem fim. Estava lá havia somente 24 horas e já sentia vontade de fugir, mas para onde, desta vez, Senhor?.. O Comitê o instalara numa sinagoga desativada, com centenas de refugiados vindos do Leste. Famílias inteiras viviam numa grande sala dividida a giz em apartamentos. Cortando a sala em duas, uma passagem de 50 centímetros permitia aos locatários ganharem a saída. Cada um fingia ignorar a existência do vizinho. Transpor uma linha de giz era invadir a divisória de uma vida privada; para fazer uma visita, avisava-se com o acompanhamento de um sorriso: toc, toc, e se esperava polidamente que as pessoas mandassem entrar. Parecia que toda aquela gente estava enlouquecendo por não possuir mais uma casa. Alguns puxavam um fio do teto e ali penduravam um espelho, um quadro, um retrato de família.

Somente as crianças se obstinavam em não levar em conta as "paredes" traçadas pelos adultos, o que provocava continuamente discussões e gritos. - Todos estão esperando um apartamento - disse-lhe, no primeiro dia da sua chegada, um jovem plantado à beira do caminho de giz. - Eles acreditam nisso!

- E você, o que espera? - disse Benjamim sorrindo.

Um rosto saiu da penumbra e se colocou acima de Benjamim, que levantou os olhos com inquietação. O jovem deixava seu leito. Os cabelos ruivos em desordem pareciam despedaçar a superfície da sua fronte onde se via, retorcida verticalmente, uma ruga túmida como uma cicatriz. Ele gracejou:

- Eu espero o Messias; mas ele não tem pressa. Tem toda a eternidade, não? Salve.

Foi assim o primeiro encontro de Benjamim com o pobre jovem da

Galícia, que ele devia rever nas semanas seguintes, eternamente deitado, ou então sentado à beira da cama, a cabeça mergulhada num sonho, suas mãos trêmulas como as de um velho. Benjamim suspeitava que ele estivesse morrendo de fome. Quando recebia um recurso do Comitê, convidava o jovem a compartilhar da comovedora omelete, das salsichas Kasher que tanto fazem lembrar a terra natal, ou de algum outro prato raríssimo que guisava na chama do fogareiro. Conforme seu humor, o jovem da Galícia o acompanhava sorrindo com ar constrangido, ou o insultava a meia voz.

- Quem me livrará de você? - disse-lhe um dia.

- Perdoe-me - balbuciou Benjamim -, acabo precisamente de encontrar trabalho, o que me permitiu preparar uma pequena refeição de gala... Você compreende?

- Vá embora- disse o outro com voz mais calma, quase indulgente. - Eu sei, sei como você estava desejoso de encontrar trabalho, como você vai trabalhar e como se sentirá satisfeito por trabalhar: eu o felicito. Que quer mais?

Benjamim lamentou-se desconsoladamente:

- E quem não comerá esta noite?

Uma suave luminosidade judia apareceu nos olhos sem brilho do jovem da Galícia; depois a luminosidade tremeluziu, e fez-se um clarão de incompreensível maldade:

- Coma então por mim!

Essa frase soou como um tapa. Benjamim bateu prudentemente em retirada, seguido pelos comentários hostis dos "locatários" vizinhos, que se envergonhavam do homem da Galícia, e pareciam exasperados com a gentileza de Benjamim, na qual eles viam um repúdio sutil ao juízo de pessoas honestas.

Chegado ao seu quarto, Benjamim voltou-se para constatar se o jovem ruivo havia retomado a postura habitual, a cabeça entre as mãos, prisioneiro não se sabe de que sonho que o isolava totalmente, como se estivesse verdadeiramente só e não exposto ao exame permanente de 200 olhos inimigos. "Em que deve estar pensando?", perguntou a si mesmo Benjamim, não sem o pungente mal-estar que sempre suscitava nele a presença ou mesmo a simples imagem do jovem homem da Galícia.

Ele examinou a panela e cortou sem alegria uma salsicha Kasher;

certamente, eu o constrangia, esse pobre infeliz rapaz; mas ele nunca ficará sabendo que miserável prazer eu experimentava em sua companhia. E parando por um instante de mastigar, ele se perguntou, talvez pela milésima vez: seria ele um pontudo que espeta somente os outros, ou espeta também a si próprio? É essa a questão.

Contudo, embora tenha se censurado por isso, sentiu-se grandemente aliviado na manhã do dia seguinte, atravessando o caminho de giz para dirigir-se ao trabalho, ao constatar que o jovem da Galícia lhe fazia a concessão de um olhar inexpressivo à sua passagem. Ele estava deitado, completamente vestido, em sua cama, os pés negros e nus expostos, sem nenhuma vergonha, no mesmo nível do rosto das crianças que brincavam de bater às portas invisíveis do corredor. Nem ao menos pestanejou. Cortara o último pedaço da frágil amarra que o ligava à sinagoga, e a Benjamim pareceu então que o jovem, cada vez mais, se afastava da orla dos seus, deslizando em seu leito para um alto-mar, só conhecido dele, e que se refletia no melancólico revolver dos seus olhos.

Mas o jovem da Galícia, de quem Benjamim se considerava livre, reapareceu sorrateiramente em sua existência personificado nos companheiros de ateliê, que todos, embora em menor grau, lhe pareceram contaminados pelo mesmo mal, “a loucura berlinense”, como ele a denominou quando, doloridamente, a sentiu na carne.

Os empregados do Sr. Flambaum eram todos refugiados de pogroms, traziam todos alguma marca do naufrágio; mas reinava no ateliê uma atmosfera de zombaria ferina, de depreciação irônica da antiga vida da Polônia e da Rússia; um espírito demoníaco soprava neles, mudando a água clara em sangue, matando as raízes deleitáveis do bem, desencadeando chuva e granizo sobre qualquer pensamento judeu brotado da alma. Benjamim estendia uma mão e acreditava ver surgir uma garra. Embora não contradissesse ninguém, prudentemente curvado sobre sua agulha, todas as lanças, todas as facas e todos os alfinetes que se agitavam em seus olhos se voltaram contra ele. Meteram-no em ridículo. Um dia, na ausência do patrão, Lembke Davidowicz pulou sobre a mesa de cortar, e o “ríctus berlinense” dependurado no lábio inferior:

- Escutem - disse com voz ora grave, ora aguçada, numa espécie de pequeno suspiro acre -, escutem, se nosso rabininho continuar donzel por muito tempo, muito em breve lhe nascerão asas nas omoplatas. Sabem?

Ele vai se tornar um bom prato. Todo mundo vai comer um pouco dele. Vocês, eu, o mais ínfimo molusco alemão poderá estender-lhe a mão e arrancar uma asa ou uma pata: todo mundo vai querer, hi, comê-lo, hi, hi!...

“E querem saber do melhor?.. Quando não lhe restar mais do que o coraçãozinho de rabino angélico e delicioso (e quem, meus caros concidadãos, queria um coração, essa mole e plácida parte, sem nenhum futuro no mercado e que, reparem, nem mesmo tem cotação na Bolsa de Berlim?), então sim, o colocarão sentado sobre uma banquetta de trem e... soai trombetas do Senhor: coraçãozinho judeu está voltando para casa! hi!..”

Esse discurso desencadeou um entusiasmo delirante. O orador fez momices, pulou da mesa, apertou as mãos que se estendiam com fingida avidez. Haviam esquecido a vítima.

- Vejam! - exclamou alguém -, ele se espetou até sangrar!

Benjamim, estupefato, contemplava o desastre do seu polegar cheio de sangue sobre o tecido claro.

Todo o ateliê silenciou.

- Fomos nós que o espetamos - disse docemente Lembke Davidowicz.

- Fomos nós - disse outro oficial.

- Já nos esquecemos de tudo? - continuou Lembke olhando Benjamim como se jamais o tivesse verdadeiramente visto, enquanto seu corpo rechonchudo se abaixava sob o peso da descoberta que faziam seus olhos miúdos, repentinamente dilatados; olhos quase femininos, com cílios muito longos que batiam e palpitavam sobre um olhar inteiramente desarmado, triste e nu.

- Já nos tornamos tão perfeitos cavalheiros alemães? - proferiu enfim, com uma espécie de constrangimento estampado no rosto que se reproduziu em todas as fisionomias dos empregados do Sr. Flambaum.

- Pelo menos, não atingiu o osso? - disse uma voz inquieta.

Lembke aproximou-se de Benjamim, e de repente se pôs a gesticular:

- Vamos, fale - gritava. - Insulte- nos, mas diga qualquer coisa, uma palavra! Uma única!

Mas, os olhos ainda luzentes de lágrimas contidas, Benjamim só conseguia balançar pensativamente a cabeça, o polegar enfiado dentro da boca, um ar ao mesmo tempo ridículo e cômico; enquanto que, misturada com o gosto

acre do seu sangue, ele já saboreava a assustadora idéia de que não o "espetariam" mais.

II

Benjamim parou diante da sinagoga e, imaginando que um único cérebro não era suficiente neste mundo, raspou vigorosamente as botas polonesas no capacho cheio de neve e de lama.

Dentro, sob a alta nave de sombra que os pequenos cones de vela mal rebatiam, a exposição a nu de todas aquelas vidas desconcertou-o uma vez mais; aqui, um velho gemendo sob suas cobertas; mais longe, o jovem casal obrigado a um enlace imóvel de estátuas, sob os olhos muito interessados de uma pálida menininha, cuja mãe se mantinha agachada junto a um minúsculo fogareiro, envolvendo com suas mãos trêmulas um fiapo de chama que parecia fugir das lajes geladas. Quanto à algazarra, aos insuportáveis gritos das crianças, era impossível dizer se seus ouvidos se tornavam ali mais sensíveis, ou se as gargantas infantis enclausuradas havia tantos meses naquele vasto dormitório sem ar nem luz, não se tornavam mais agudas.

- Já de volta, senhor Benjamim?

Parando no meio do caminho de giz, Benjamim, que havia reconhecido perfeitamente a voz, fingiu procurar dentro da escuridão o leito de onde ela vinha.

- Caro senhor, não quer mais reconhecer-me?

Benjamim perturbou-se:

- Perdoe-me, não se vê absolutamente nada aqui. Então, Yankel, o que me conta de bom desde...?

O rosto miserável do ruivo saiu da penumbra.

- Nada - disse o ruivo -, vive-se.

Sua magreza adolescente acentuava o caráter incisivo da boca nervosa, do longo nariz melancólico e adunco e dos olhos fundos e tão frios que Benjamim suportou com dificuldade seu olhar.

- Mas entre - disse, a meia-voz, como se fosse a coisa mais natural. - Não cobro nada. Palavra de honra.

Benjamim farejou imediatamente a "dor da alma" no comportamento insólito do rapaz; e levantando modestamente um pé, ele o colocou do

outro lado do círculo de giz.

- Então, Yankel, como lhe vai a vida?

- Ela não me vai absolutamente - disse o jovem da Galícia. Ela me é demasiadamente grande, com muitas arestas. Ou talvez pequena demais, não sei. Mas você deve perguntar-se: por que esse jovem, que parou de cumprimentar-me há seis meses, dirige-me novamente a palavra? Certamente, deve estar desejando uma boa omelete ou...

- Oh, não! - exclamou Benjamim. - Jamais tal pensamento me ocorreria!

- Desculpe-me- disse o jovem da Galícia-, não sei como emendar-me. É minha língua. Eu a sinto como uma faca dentro da minha boca. Quando ela sai, tem que ferir. Mas, você sabe, não foi sempre assim, minha língua...

- Ah, não?

O jovem deu uma gargalhada.

- Não, juro, antigamente minha língua era de veludo. Antigamente... Mas, por favor, assente-se e, por obséquio, não somente sobre uma só nádega. Bom. E agora deixe-me olhar para você, deixe-me admirar o novo homem! Ah, isso, você ainda conserva o boné peludo, as botas curtas, o cafetã hassídico e, meu Deus, nem ao menos cortou as trancinhas! Como é possível? Ignora que está em Berlim?

- Pensa que eu não sei disso?

O jovem teve um sorriso indefinido.

- Que eu não o saiba... verdadeiramente? - continuou Benjamim com emoção.

Com essas palavras, as longas mãos do jovem judeu se ergueram bem junto ao rosto de Benjamim, contorcidas numa dança rápida, nervosa, desesperada.

- Mas então - cochichou ele com ar de extrema surpresa, sempre lançando olhares inquietos para os leitos vizinhos -, se você souber como se faz para andar... na rua, por exemplo? Sim, francamente, caminhando na rua assim dessa maneira não sente sobre os ombros uma espécie de... peso... um manto... cada dia mais pesado?

Benjamim sobressaltou-se, apavorado por sentir-se decifrado com tanto acerto.

- Oh, sim, é isso, exatamente: um manto. E... não posso andar depressa por causa dos lampiões...

- O quê?

- Isso mesmo - disse Benjamim em tom irônico -, no começo eu andava no meio da calçada; sabe como eles fazem, os alemães, com seu passo militar? Mas todos me olhavam, então comecei a caminhar rapidamente, colado às fachadas. Só que há sempre alguém saindo de uma porta, ou então é algum lampião!

Yankel rejubilou-se discretamente:

- Então, como faz?

- Que Deus me perdoe - disse Benjamim dominado pelo cômico da situação. - Que acha você? Eu caminho serenamente ao longo das fachadas: num bom passinho judeu.

- Ai, ai, um bom passinho judeu!... Mas as pessoas, pensa então que vai escapar delas assim?

- Ah, as pessoas - murmurou Benjamim -, elas é que são o verdadeiro manto, como você disse; e eu não consigo nunca arrancá-lo, esse manto, não, nem mesmo aqui, neste lugar, nem quando penso intensamente e por longo tempo em minha casa, na Polônia... As pessoas aqui são verdadeiramente terríveis, piores do que os carros, hi! E mesmo os judeus - acrescentou pensativamente -, eles me pesam... Mas que fazer? Arrancar as entranhas?

Sentado à beira do leito vizinho, um homem enrugado, com uma barba toda encaracolada, contemplava uma Bíblia aberta sobre os joelhos, iluminando-se com uma vela que mantinha suspensa à altura da sua frente, numa postura hierática de espreitador noturno. Benjamim teve a intuição de que ele escutava a conversa. Interceptando seu olhar, o jovem Yankel proferiu, desdenhosamente:

- Compadre judeu, não dê atenção a esse velho louco, ele pensa que medita, mas ele próprio não sabe que não passa de um mocho. À noite, se inclina para ver se eu durmo...

O homem do livro estremeceu levemente, sem despregar os olhos do texto, enquanto que da vela, súbito inclinada pela emoção, escorria uma gota de cera, que tombou sobre o pergaminho, lágrima fantástica e muda.

Yankel riu maldosamente.

- Você vê? Todos vivem na mesma água.

Sua voz tinha se tornado sibilante e seu braço cortou a escuridão, arrancando, num movimento rápido, o pesado xale castanho que lhe

agasalhava o pescoço. Uma ferida apareceu sob o queixo. Um filete de sangue negro descia pela jovem penugem do seu peito descoberto.

- Ih! É o último presente de Berlim!

Benjamim, aflito, percebeu que o jovem ainda se esforçava por guardar a confiança pesada e venenosa que escapava da sua garganta. Ele sussurrou docemente:

- Irmão, por favor, diga-me o que eles lhe fizeram...

Um risinho fino estourou dentro da escuridão.

- Oh, que prazer confiar em você: nada se perde, todas as coisas encontram asilo em seu coração! Ai, meu Deus, ai, ai, ai, o coração... Porque você é um judeuzinho dos nossos, sabe? Um anjinho de sangue, ih, ih, ih!

Depois, reparando no rosto humilde de Benjamim, o jovem da Galícia conteve um tremor e, enquanto suas feições se descontraíam suavemente, as costas se arredondaram em corcova.

- Perdoe-me, perdoe-me - disse com voz surda. - E perdoe minha língua, por favor, porque há dois anos ela não sabe se conter mais como deve em minha boca. Ela se agita. Ela se contorce. Como se quisesse escapar!

A corcova das costas alteou-se mais e os olhos do jovem se intumesceram na sombra, se cobriram com uma película vítrea. Sua voz tinha agora acentos infantis:

- Dois anos já - disse. - É possível? E em minha cabeça os acontecimentos se passaram apenas ontem. Sim, cada manhã, eu abro os olhos, parece-me que o pogrom aconteceu na véspera. É a mesma coisa com você, caro irmão? Curioso. Verdadeiramente curioso que o tempo pare assim. Veja, eu estou sempre no poço onde me escondi; tenho a mesma água até à boca, e vejo sempre o círculo de céu azul, que também ele não mudou mais. E depois, escuto o silêncio. Não os gritos: o silêncio. Porque quando saí de novo do poço, não havia vivalma na aldeia, não havia mais sinagoga, não havia mais nada. Salvo eu, é verdade...

O jovem piscou um olho com malícia, como se aquilo fosse uma prodigiosa farsa feita a ele.

- Ah sim, sim, ah sim - cochichou sorrindo. - E eu os enterrei todos, você sabe, toda a aldeia, sem exceção, não faltava nenhuma unha, ih, ih! E para cada um, mesmo para aquele pequeno mentiroso sujo Moshele - era meu vizinho -, para cada, eu juro, disse todas as orações de a a z, porque

naquele tempo eu era um famoso rezador diante do Eterno, aiii! E isso durou oito dias. E ninguém chegava; os camponeses tinham medo. E quando tudo acabou, eu me senti completamente estranho, entende? Foi no cemitério. Despertei e peguei pedras que comecei a atirar para o céu. E a um dado momento o céu partiu-se. Entende?

- Oh, sim - murmurou Benjamim, que chorava em silêncio -, eu vejo, eu sei, eu compreendo.

- Partido como um simples espelho, e todos os cacos espalhados no chão! Disse para mim então: Yankel, se Deus está em pedaços, o que pode significar ser judeu? Vamos olhar isso de bem perto, meu amigo. Mas então, por mais perto que olhasse, o que vi foi somente sangue, mais sangue e sempre sangue. Porém, significação: nenhuma. Qual é, pois o lugar do sangue judeu no universo? Eis a questão. E que deve fazer um judeu... que não é mais judeu? Hein?

Agora, na penumbra da sinagoga, o olhar alucinado do jovem da Galícia parecia transbordar no frágil rosto que a febre dividia em placas ora lívidas ora avermelhadas, ou umedecidas com um suor que refletia, por instantes, a luz amarelada das velas fumegando ao redor.

- E por que - disse temerosamente Benjamim - você não procurou uma gentil mulherzinha nossa? Um belo rapagão como você...

O jovem da Galícia, por um segundo embaraçado, balançou a cabeça como para expulsar aquela intervenção incongruente; depois, segurando o cotovelo de Benjamim (que deu um gritinho emocionado):

- Quer escutar-me, sim ou não? - vociferou ele.

E sem transição, como premido para acabar com a louca confidência:

- Bem, ouça, eles tinham uma manifestação, naquela tarde! Não, não, não os judeus, que quer você que os judeus manifestem? Sua nudez, sua fraqueza? Imagine só, uma tropa de coraçõezinhos estripados e sangrentos desfilando, um dois, um dois, Unter den Linden? Ih, ih, você é delicioso e não sabe disso, não é mesmo?

"Não", continuou, numa espécie de furor contido, "eram os espartacistas, a foice e o martelo. Então eu, quando os vi avançar na rua, tranqüilamente, como um rio avança, e... Oh, a bandeira vermelha por cima das cabeças mais altas! Eu... ignoro por que, verdadeiramente! Atirei-me no meio deles! E, acredite ou não, a princípio não me reconheceram. Eu caminhava. Via diante de mim a bandeira. Era engraçado... Compreende?..

Fui um deles durante um minuto, ih, ih, ih! E então meu vizinho voltou-se para mim: 'Judeu, por que veio meter-se aqui, vai haver briga, sabe?' Dizia isso alegremente, o rosto espantado. Mas o que marchava atrás de mim pôs-se a gritar: 'É um provocador, é a única explicação possível!' E... eles me empurraram para a calçada, e... e... você verá, eu me vingarei!", concluiu num súbito clamor, em tom bombástico e muito agudo, que, alertando todo o dormitório, cercou subitamente a estranha conversa com uma alta muralha de silêncio.

- Mas então, que lhe fizeram?

- Nada. Exatamente nada. Eles o pisoteiam sem vê-lo. Eles marcham e você é jogado no chão; então marcham sobre você, o que há de mais normal? E eu me dizia durante aquele tempo: Yankel, meu coração, você me daria um grande prazer em não se colocar mais em posição ridícula! Só há um problema: um judeu que não é mais judeu, que deve fazer ele para não cair de quatro? Pensei nisso toda a tarde, e acredito ter descoberto: é simples como um bom-dia, basta... Ah, quer fazer de mim um novilho, então, muito bem, me tornarei um carnicheiro!

- Quê? Quem você quer matar?

Yankel esticou a boca num suave sorriso:

- Quem falou em matar? Não há ninguém para matar. Ah, sim, talvez sim.

- Você poderia exercer esse papel, mas ainda não estou bem seguro; será preciso refletir!

"Mas... para que falar nisso?" disse repentinamente com voz distraída.

Ele estava recostado na cama, o peito levantado, e examinava Benjamim curiosamente com seu olho penetrante, cuja fixidez era a de uma ave de rapina, como se de súbito a distância que o separava daquele passarinho descorado, sorrateiro, vibrátil se lhe mostrasse: "Vejam só, significava o olhar atento do jovem da Galícia, confiei nesta sombra!"

- Vamos - disse ele sorrindo de leve -, não se torture para compreender; você não pode, ainda tem um pé nos tempos antigos. No... sonho, ih! Como toda essa pobre gente - acrescentou brandindo a escuridão com um gesto senhorial. - Vá, vá, vovô, deixe-me só agora...

Benjamim protestou sem convicção:

- Mas foi você quem quis falar comigo, não?

- Sei disso. Obrigado. Porque há ainda em mim um pequeno... Benjamim

que bate asa! Aiii, ele não quer morrer; aiii, veja como ele se debate. Mas, psh, sh, sh, deixe-nos agora dormir, ele e eu, sim?

E tomando consciência do vozerio hostil que se fechava em torno da sua cama, o jovem fez uma grande saudação a todos e, sorrindo, deu uma palmadinha na bochecha de Benjamim; depois, levantando os longos braços acima da cabeça - tão livre em seus movimentos como se estivesse entre quatro paredes -, ele calmamente retirou sua velha malha de lã, sob a qual apareceu nu, o busto estriado de ossos e sujo de sangue.

Benjamim o encarou por instantes em silêncio. Que se passara? Coçando a cabeça, confuso, levantou-se e alcançou seu "quarto" sem dizer palavra. Com uma espécie de alívio suave, transpôs o círculo de giz que marcava os limites da sua morada, e começou a cozinhar almôndegas de carne. Quase não comeu nada. Estirado no colchão, ele se perguntou se os percevejos o picariam tanto quanto de hábito. Os murmúrios indignados ainda continuavam na sinagoga, e com a noite crescia a insônia choraminga da criança; Benjamim fechou os olhos e imaginou que o retângulo de giz se elevava lentamente como paredes até o teto. Eram paredes tão sólidas, tão maravilhosamente grossas, que, de repente, ele teve a sensação de estar resguardado do mundo inteiro.

A cama de Yankel estava vazia no dia seguinte de manhã. Na volta do ateliê, Benjamim a encontrou já ocupada por uma velhota ajaezada de negro, e que se assemelhava a uma tartaruga; tão logo ele lhe dirigiu a palavra, ela encolheu o pescoço nos ombros, procurando rapidamente proteção sob a concha da sua idade. Benjamim ria ao vê-la.

Três meses mais tarde, o jovem da Galícia fez uma derradeira aparição. Ele estava sentado à beira da cama de Benjamim, o ar perdido, indiferente a tudo e não olhando para ninguém. Sua mão brincava com um carretel de linha que rolava sobre o cobertor. Seus gestos eram lentos. O corpo desengonçado estava apertado dentro de um casaco de tecido inglês, um colarinho duro subia-lhe até o meio do pescoço alongado, de onde pendia uma pavorosa gravata. Diminuindo o passo, Benjamim pôde constatar que a antiga gaforinha ruiva do adolescente era agora uma penugem rala, furta-cor, cuidadosamente dividida ao meio. O rosto parecia tão doentiamente encovado e descorado como sempre, mas uma gordura sólida intumescia o contorno "da boca e empurrava avidamente seus lábios para a frente.

O jovem levantou-se, estendeu uma mão tratada:

- Perdoe-me, tomei a liberdade de entrar em seus aposentos. Os olhos continuavam tristes e frios, mas a gordura em torno da sua boca tremeu de ironia.

- Que Deus me castigue - disse Benjamim - se você não se tornou um verdadeiro "senhor"!

Ele lamentou imediatamente aquele tom admirativo.

- Eu me tornei, diz você? - respondeu Yankel, com amargura.

- Mas como, com que... milagre?

- Fique tranqüilo, compadre judeu, não matei ninguém. Talvez seja pior: sou comerciante, compro e vendo.

- O quê, o que vende você?

O jovem da Galícia deu um sorriso de velha raposa, mas a parte de cima do seu rosto, aflita, contradizia com a astúcia dos seus lábios.

- Coleguinha judeu - declarou com uma espécie de afetação pueril -, em Berlim tudo se compra e se vende.

Imediatamente, Benjamim sentiu uma profunda piedade pelo jovem da Galícia. Sua mão levantou-se sozinha e, pássaro medroso, veio pousar sobre o ombro de Yankel, enquanto que sua boca se abria em palavras vindas não sabia de onde:

- Irmão - pronunciou gravemente a boca de Benjamim -, por que toda essa vergonha e desgraça? Acorde, por favor...

O jovem não parecia ouvir e Benjamim retirou precipitadamente a mão, surpreendido pela audácia do gesto. Mas, de repente, movido por terrível elasticidade, o ruivo se empertigava todo e, ajustando aquele indefinível sorriso em sua cara doentia, murmurava com voz arrastada de cansaço:

- Judeu, judeuzinho dos velhos tempos, você é muito gentil, sabe?

Tão gentil que eu teria prazer em quebrar-lhe todos os dentes: um a um.

Depois, dando meia-volta, o jovem da Galícia alcançou a passagem de giz; atravessou a sinagoga com seu passo vacilante, nervoso; desapareceu para sempre.

Uma hora mais tarde, ao entrar debaixo das cobertas, Benjamim descobria o envelope escondido entre o enxergão e o travesseiro. Pressentiu que continha uma pequena fortuna. Algumas linhas traçadas em ídiche, em elegante letra de escrivão, diziam: "Caro homenzinho, esse dinheiro é o

resultado legítimo de uma transação legal. Foi honestamente roubado, segundo as leis do comércio; com patente e espero, em breve, em respeitável instalação adequada. Deixe a grande Berlim pela província e faça vir sua família; se ainda lhe resta alguma. Porque na Polônia, meu amigo, um judeu tinha como manter-se sozinho, com um arenque e uma sinagoga. Mas aqui, acredite-me, se você só tem dois pés como única raiz, a vida não sobe mais até seu coração. Mesmo até o seu, caro homenzinho. Não me julgue. Obrigado. Yankel”.

III

Benjamim pousou o pé na plataforma da pequena estação renana, puxou para junto de si a caixa amarrada com barbante que lhe fazia às vezes de bagagem, e se viu cara a cara com um indivíduo vestido à moda alemã e que se apresentava como o rabi de Stillenstadt. Desconfiado como quê, ele não quis deixá-lo carregar sua "mala", argumentando, a despeito de toda evidência, que era leve como uma pluma. O rabi, no caminho, vangloriou-se da pechincha que ele fazia com a loja da Riggerstrasse.

- O Sr. Goldfuss, o proprietário, quis dar preferência a uma vítima das perseguições eslavas; das quais você é uma delas, não é, caro correligionário? Um ferro de passar roupa, uma máquina de costura e alguns móveis antigos estão incluídos igualmente no preço, digamos mais do que caridoso da locação.

Tudo isso se revelou ser exato, com a única ressalva de que Benjamim não imaginava os móveis e os aposentos em tal estado de "antiguidade", como dizia o rabino.

- Mas também - retorquiu esse último sorrindo - a cavalo dado não se olham os dentes!

Enquanto assim discorriam, a loja foi invadida por uma dezena de alemães que se precipitaram diretamente e de mãos estendidas para Benjamim. Ele deu um grito de horror; achou que ia desmaiar; depois reconheceu com alívio duas ou três barbas judias no punhado de caras germânicas que o cercavam e o disputavam como uma mercadoria.

- Não têm vergonha? - exclamou uma grossa voz feminina. Vocês o estão triturando, esmagando, e o "descaroçando" como a um fruto.

E abrindo uma passagem até "à vítima das perseguições eslavas", uma

judia lacrimosa, com um vestido florido e chapéu de pluma, escancarou diante de Benjamim o sorriso, de uns lábios excessivamente pintados.

- Pois é isso mesmo - proferiu ela num tom sem réplica de uma dona-de-casa -, ele pertence a mim!

- O que a senhora está pensando? - desabafou Benjamim com um suspiro, enquanto que suas mãos, prudentemente, pousavam sobre a "mala", junto à qual montava uma guarda angustiante.

- Pois deixe sua caixa aqui - disse a comadre espantada -, teme que esses senhores escapem com ela?

Benjamim sentiu aumentar sua desconfiança:

- Não é nada disso, nada disso - balbuciou ele. - Vejam, não a levanto como uma pluma?

Mas como praticamente ele havia desaparecido sob o volume da sua caixa, suspirando e gemendo por baixo dela, a excelente dama não resistiu perguntar-lhe:

- Compadre judeu, que tem de tão precioso aí dentro?

- Tudo - disse Benjamim morto de fadiga.

Desde a sua partida de Berlim, na noite anterior, a contar do momento em que o trem havia entrado no túnel que para ele prefigurava um novo mergulho na noite do exílio, Benjamim não se separara um instante daquela caixa que, efetivamente, continha tudo o que ele possuía no mundo: alguns pedaços de tecidos de liquidação, três ou quatro ferros de passar roupa, o manequim com pé desmontável, a prensa, enfim, todos os aviamentos que pôde juntar, graças à incompreensível dádiva do jovem da Galícia. Fiando-se mais na caixa, um objeto difícil de ser surrupiado, do que na sua sensibilidade quanto aos gatunos, ele havia costurado o restante da sua "fortuna" sob o traseiro do manequim. No trem, o medo e a angústia, a aguda desconfiança que lhe apertava o coração, se transformaram misteriosamente, dentro da sua própria consciência, em resoluções cujo heroísmo, ferozmente sentimental, o fazia adotar atitudes de desafio; e lançar, por instantes, curtas interjeições que assustavam seus companheiros de viagem - provincianos fascinados com aquele pedacinho de homem vestido à "russa" e esfregando desesperadamente as mãos no queixo barbudo, enquanto os olhos, úmidos e vidrados, pareciam desprender múltiplas fagulhas de sofrimento.

Chegou a imaginar, no meio da noite, que doravante iria enxergar todas as

coisas com os mesmos olhos do jovem da Galícia.

- Sim - proferiu subitamente em ídiche -, para grande emoção dos seus vizinhos, eu digo e proclamo, neste mundo de ferro, a espada é a melhor resposta à espada!

Uma velha senhora sufocou um grito e saiu do compartimento; tivesse ela dado esse grito, Benjamim, saído de seu delírio "berlinense", talvez até desmaiasse.

Armado assim contra o pior, aterrorizado, desvairado, alquebrado pelo cansaço e pela inanição, ele só enxergou nos judeus de Stillenstadt suas maneiras alemãs e a estranha preocupação de todos para com sua preciosa caixa. Nem ao menos perguntou para onde o levava aquela arrogante dama que se apossara dele. "Nada disso, é uma pluma", contentava-se em dizer-lhe quando ela fazia alusão ao fardo sob o qual ele penava.

Não quis separar-se dele dentro da sala de estar, onde o Sr. Feigelbaum, marido da elegante emplumada, tentou em vão descontraí-lo com uma acolhida bonachona, certamente, mas insuficiente para ludibriar o nosso "berlinense", sempre prevenido; nem mesmo na sala de jantar, onde penetrou puxando obstinadamente atrás de si a sua "mala". Não obstante, quando ele reconheceu bem debaixo do seu nariz o aroma de uma certa sopa judia de tutano, e que ele acreditava ser o apanágio exclusivo da sua mãe Judite, suas narinas começaram subitamente a picar-se de "felicidade humana"...

E quando ele descia sonhadoramente a colher até o prato, um estranho fenômeno se produziu: primeiramente, uma bolha leve e aparentemente elástica nasceu no peito de Benjamim, e, subindo, obstruiu-lhe estranhamente a garganta; depois, sob a ondulação espumante e amarelada da sopa, apareceu o rosto da sua mãe Judite, cabeça raspada e olhos lançando faíscas de vergonha. Apareceram em seguida na sopa o perfil imperial do pai Mardoqueu, cuja barba curiosamente desapareceu numa lufada; a face exangue do pobre jovem da Galícia, cujos cabelos ruivos se retorciam e se extinguíam como chamas; e os três rostos, enfim, enlaçados sob o pórtico sangrento, na madrugada do pogrom de Zemyock... E tudo aquilo nascendo e desaparecendo, miraculosamente, sob a película dourada da sopa, comunicava um calor agradável a Benjamim, curvado sobre o prato, fascinado...

- Meu Deus, ele chora! - exclamou a Sra. Feigelbaum.

Benjamim corou, fez uma careta, ensaiou um sorriso.

- Ih, ih, ih - modulou ele em timbre aflautado -; como esta sopa está quente!

Como ele adivinhasse antes de sentir a embriagadora lágrima que lhe escorria ao longo do nariz, levou a colher vazia aos lábios e soprou longamente por cima, com uma espécie de estratégia ardilosa, se bem que imprudente; em seguida, a introduziu na boca.

Incontinenti, o Sr. Feigelbaum, que se manifestara até então com sorrisos maliciosos e barbudos, pôs-se a injuriar a mulher, enquanto suas bochechas se cobriam de púrpura incendiária:

- Não vê que esta sopa está quente demais? Não? Não está vendo? Oh, animal estúpido! Já lhe disse cem vezes para não servir a sopa quente demais! Oh, animal estúpido! Mais de cem vezes...

Depois, mudando novamente de humor, o Sr. Feigelbaum pôs-se bruscamente a reclamar "a garrafa" em altos brados, acompanhando cada um dos seus demoníacos gritos com alegres batidas de punho, como fazem os bebedores. Mas a esposa repetia com ele: "A garrafa, sim, a garrafa...", e continuava, imóvel na mesa, sorridente e cheia de amor. Finalmente, com um último palavrão, o Sr. Feigelbaum desabalou na direção do armário para dali tirar uma garrafa verde com um gargalo encurvado e que continha, disse ele, o autêntico e verdadeiro vinho da Palestina.

- Ela está dormindo há muito tempo - exclamou, arredondando a boca com ar fanfarrão. - Ah, meus filhos, eu prometo bebê-la antes da chegada do Messias! Ah - declarou com ênfase -, eu juro!

Surpreso, Benjamim reparou que o bravo Sr. Feigelbaum estava terrivelmente inquieto, e que sua mão tão firme tremia ao verter o licor do Carmelo. Mas já o hospedeiro levantava seu copo em saudação (um pouco à hussarda, pareceu a Benjamim) e entoava a plenos pulmões uma velha canção ídiche:

Canta, oh, meu irmão judeu

Canta, suplico, canta...

Enquanto Benjamim se espantava com tanta fogosidade e tanta veemência imprimidas ao sentimental queixume, ele observou que ao fim de cada estrofe um ponto brilhante aparecia no canto da pálpebra do Sr.

Feigelbaum, desaparecendo tão logo este entoava a estrofe seguinte.

O cantor se interrompeu de repente:

- Meu bom Deus, estou saturando vocês de estridências e os fartando de notas desafinadas.

- Permitam... - disse Benjamim.

- Nem uma palavra! - disse o Sr. Feigelbaum.

Após o que, cada prato foi uma deliciosa sobremesa para Benjamim. Mas antes que se chegasse ao final do fino ágape, alguns judeus irromperam na sala de jantar, precipitadamente. E insistindo em que ninguém se preocupasse com eles, dispuseram-se, silenciosamente, em torno da mesa e mais especialmente diante de Benjamim, que olhavam mastigar, balançando a cabeça num gesto aprovativo, como se ali se consumasse um ritual sagrado, cheio de mistério, e que tivesse o efeito de encarnar o invisível, o sofrimento e a morte dos judeus poloneses visíveis através dele, em filigrana. A discussão explodiu justamente antes que se pudesse atacar o Strudel feérico que reinava no meio da mesa. Ela se tornou rapidamente apaixonada. Após duas horas de disputas e complicadas tratativas, a Sra. Feigelbaum, que se decidira a proteger com mão de ferro a alimentação de Benjamim, estabeleceu com eles o seguinte compromisso: todas as refeições diurnas para ela, e as noturnas a serem divididas entre as outras mesas judias de Stillenstadt; se, entretanto, disse ela com certa perfídia, nosso caro amigo quiser realmente ir a outros lugares...

O nariz sobre o prato, fremente de "felicidade humana", Benjamim imaginava que ao meio-dia e à noite ele teria seu prato numa mesa judia, onde iria poder, ao pretexto da cozinha tradicional, regalar-se de ternura. Não se agüentando mais, levantou-se súbito e começou a contar “uma boa historinha judia da nossa terra, capaz”, disse ele, "de sacudir de alegria um morto".

Mas contador execrável, rindo nervosamente a cada palavra, perdia o fio a todo instante, o retomava com outra cor diferente, e se escusando mil vezes, continuava sua história do começo com os: "Desta vez, eu a... Desta vez, eu a pego..." que, finalmente, acabavam num "Aí está, ela voou" lamurioso, enquanto que com sua mão direita, batendo como uma asa, ele figurava tristemente a fuga definitiva da boa historinha.

Mas, coisa que o mortificou um pouco, riu-se durante toda a sua estranha

narrativa; e alguns, como o Sr. Feigelbaum, com tanto gosto, que o riso escorria pela barba.

IV

Stillenstadt era uma dessas encantadoras cidades alemãs de antigamente. Com suas milhares de casinhas de boneca, de telhados rosa, enfeitadas com vasos de flores, ela parecia uma secreção material do velho sentimentalismo germânico que penetrava e ligava intimamente todas as coisas, da mesma maneira que, por um fio invisível, a baba da andorinha mantém unidos os raminhos que compõem seu ninho. Mas em Stillenstadt não havia nada de aéreo. Simplesmente pousada sobre a planície, ela ficava na bifurcação de um rio que se divisava bem na entrada da cidade. O braço principal do rio alimentava fábricas de calçados, dispostas ao longo de suas margens, bem como as de tinta industrial, onde, sobretudo mulheres definhavam lentamente; muito estreito e frágil, o braço secundário serpenteava delicadamente através do campo. O Schlosse - era seu nome - só servia para a pesca e os prazeres do verão.

Tábuas mal pregadas compunham a exígua vitrina da loja de Benjamim; um corredor a separava da casa de dois pavimentos, que fazia parte da locação. Desejoso de atrair com rapidez a antiga clientela, ele começou por uma arrumação sumária do "magazine" como já gostava de chamá-lo. E, primeiro de tudo, momento emocionante, uma tabuleta desajeitadamente escrita em alemão anunciou a próxima inauguração do estabelecimento: "O GENTLEMAN DE BERLIM".

Nos três primeiros meses, ele dormiu num colchão colocado no chão de um quartinho; depois, suas angústias diminuindo, pôde pensar em fazer uns retoques no "apartamento".

À princípio, sentiu-se instalado no estilo de um milionário americano: uma máquina de costura, uma loja com mostruário para a rua. Mas os negócios indo fracamente, ele decidiu mudar de tática. O bairro era operário, as conseqüências de uma guerra perdida afligiam profundamente o povo alemão, e ninguém podia prever o fim da crise; considerando isso cuidadosamente, Benjamim refletiu tanto e tão bem que teve uma inspiração. Uma bela manhã, os vizinhos atônitos foram surpreendidos com o novo anúncio do pequeno emigrante: uma imensa tabuleta, tapando

a metade da vitrina e trepando como planta pela janela do primeiro andar, mostrava estas palavras desenhadas em bela e nobre escrita gótica (azul-claro sobre fundo rosa):

CASA ESPECIALIZADA
EM REMENDOS E REFORMAS DE ROUPAS USADAS
- PREÇOS MARAVILHOSOS -
FICOU VELHO, ZÁS, ESTÁ NOVO!!!

Em seu desejo de fazer a loja produzir, ele fixara preços ridiculamente baixos, que beiravam a concorrência desleal. No mesmo dia, teve mais serviço do que mão-de-obra. No dia seguinte, ele se esfalfava em 16 horas de agulha e se considerava um homem feliz. Tinha quase se visto à beira da falência; esse golpe de gênio o estabeleceu em Stillenstadt. Pouco a pouco, passados dias e semanas, esqueceu a origem modesta do prestigioso GENTLEMAN DE BERLIM e chegou mesmo a embalar-se no sonho - azul-claro sobre fundo rosa - de que conseguira a unanimidade da simpatia em torno da sua máquina de costura.

Como ele se aplicava na língua local, modulando cada sílaba com cuidado, chegou o dia em que os clientes começaram a entender alguns trechos do seu jargão. Gostava de entretê-los também com todos os assuntos compatíveis com seus cérebros alemães, sua dignidade de judeu e sua extraordinária dificuldade em pronunciar certas palavras. As provas, sobretudo favoreciam essas relações idílicas entre a igreja e a sinagoga; enfiando um alfinete, alinhavando uma lapela, Benjamim turbilhonava como uma mosca em torno do cristão, e para a conquista daquele coração usava toda a polidez, toda a graça, todos os refinamentos que usaria para seduzir uma mulher.

A receptividade da clientela havia necessitado uma lenta e penosa elaboração:

- Senhor - articulava, apertando suavemente a mão do recém-chegado -, posso saber a que feliz circunstância devo sua visita?

Quer estivessem eles de macacão azul, gibão de camponês, ou dignificados por uma gravata, todos os clientes tinham direito ao mesmo tratamento, o que, no entanto, não deixava de inquietar alguns. Mas Benjamim, inteiramente entregue a essas urbanidades, não via um cenho

levantar-se interrogativo, suspeito ou francamente acerbo. Ele gostava de acreditar que aquelas pobres pessoas abdicavam do seu anti-semitismo em seu favor, que elas souberam descobrir, sob a sua pele judia, a natureza humana universal, que se manifestava, com menos brilho talvez, entre os outros israelitas da cidade. "É preciso dar o exemplo", rejubilava-se secreta mente; "a estima que têm por mim beneficia todos os judeus; através de mim, elas se abrem diante da simples verdade, eh, eh!"

Assim, ao fim de algumas semanas, ele tentou certas expressões populares que consagravam sua familiaridade com os operários do subúrbio; não que ele pronunciasse a ímpia palavra "merda", ou outros palavrões do mesmo quilate; mas soltava tão prontamente expressões tais como "Ora bolas", ou então "Não me diga", ou mesmo ainda "É de morrer de rir!", punha tanta convicção no efeito dessas palavras, usando todo o seu corpo quando falava, à moda alemã, que lhe parecia, apesar de todas as vantagens que via nela, poder honestamente passar sem a palavra "merda".

Às vezes, no entanto, após assegurar-se de que nenhum ouvido judeu vagueava pelos arredores, ele condescendia até mesmo em invocar o santo nome de Deus em alemão, como um homem do povo: "Oh!... meu Deus!...", exclamava timidamente, para o supremo espanto do seu cliente. Depois murmurava uma prece.

Um sentimento semelhante o fez exhibir discretamente idéias modernistas. Ele se comprazia em evocar "os ricos, senhor, nosso comum inimigo", sem desconfiar nem de longe que certos operários - sobretudo os desempregados - o consideravam um dos mais ameaçadores capitalistas da rua. Também lhe acontecia, após alguma prova na qual ele experimentara uma "felicidade humana" sem igual, perguntar-se até onde o levaria aquela simpatia medrosa pelo operário; mas, no dia seguinte, um olhar frio, um sorriso malicioso, um dedo apontado no meio da rua, lhe faziam felizmente lembrar que ele era um judeu e nada mais.

Realmente, ele só encontrava a verdadeira "felicidade humana" na doce companhia dos judeus de Stillenstadt, que não somente o haviam adotado, como também pareciam reverenciar nele alguma secreta propriedade ligada à sua insignificante pessoa, que paramentavam com o mesmo manto de dor com que os fiéis de Zemyock revestiam o Lamed-waf. "Seria possível?", perguntava-se algumas vezes Benjamim, inquieto. Mas

nenhuma declaração jamais lhe foi feita, e se aconteceu cair a conversa nos 36 Justos existentes no mundo, pôde pelo menos certificar-se de que os judeus alemães não tinham conhecimento do mistério que cercava os Levy de Zemyock. Uma vez somente o rabi fez alusão a uma lenda segundo a qual, sim, um dos 36 Justos seria escolhido por Deus entre os descendentes do famoso Yom Tov Levy, vocês sabem, aquele que morreu pelo Santo Nome em York? Mas eram poucos os que tinham ouvido falar sobre isso, e Benjamim tranqüilizou-se com a idéia do que aqueles "judeus de sábado", como eles próprios se intitulavam com pesar, nele reverenciavam somente a chama ardente do judaísmo polonês, e sua grande piedade.

Ao fim de seis meses, eles lhe revelaram, como se se tratasse de um delito vergonhoso, que inúmeros judeus convertidos ao catolicismo grassavam na cidade. Eles moravam no bairro nobre, naquelas construções brancas de seis andares que cintilavam atrás da igreja. Foram pintados como maus, perversos, mais patriotas do que os milicos, detestando muito especialmente os imigrantes da Polônia e da Ucrânia, aos quais se referiam como "horda asiática, escória da terra, metecos etc."; e quando lhe apontaram um deles atravessando pausadamente a rua, tão pesado e impenetrável quanto um alemão, Benjamim não pôde conter um arrepio.

O segundo apóstata que lhe foi mostrado morava na Riggerstrasse, distante algumas casas da loja; de vez em quando, Benjamim o via passar em frente à vitrina, olhos sagazes faiscando na sua cabeça inclinada. Mas, dependendo do dia, o queixo do apóstata se projetava para a frente, como uma proa; ou então pendia humildemente sobre o peito. Toda a sua postura era a de um incorruptível burguês alemão, moroso e, bem-posto em sua roupa austera, de corte militar, ostensivamente abotoada por cima do estômago. Ele trabalhava na administração municipal e tinha se convertido por patriotismo, dizia ele, e pela graça. Benjamim soube logo depois que o apóstata espalhava rumores sobre seus lucros, acusando-o de comer o pão dos operários alemães.

- Ele disse - reportou-lhe maliciosamente uma vizinha - que o senhor nunca soube as cores da bandeira alemã!

- Eu? - exclamou Benjamim com indignação; depois, sem poder provar o contrário, recolheu-se à sua loja, confundido pela vergonha.

Ele esperou a passagem do apóstata, a fim de dizer-lhe energicamente

umas verdades; porém, mal o abordou, trêmulo, o homem soltou um "fiuuu" gelado com a borda do lábio e continuou seu caminho, queixo erguido, bengala arrogante, como se lhe tivessem impingido um ignóbil espetáculo de rua!...

Ora, acontece que um dia esse apóstata chamado Meyer se apresenta na sinagoga e se joga aos pés do rabi, cujos joelhos beija avidamente: "Eu não posso mais, receba-me de novo, meu coração permaneceu judeu etc.". Grande emoção do rabi, que irado afasta o homem, e convoca urgentemente uma assembléia extraordinária dos fiéis de Stillenstadt. Colocado à entrada da sinagoga, o apóstata saúda cada um que chega com humilde curvatura; havia colocado um solidéu na cabeça, seus cabelos estão cheios de terra e de cinza e suas vestes rasgadas: ninguém responde à saudação. Não sabendo que partido tomar, Benjamim entra de cabeça erguida na sinagoga, mas lhe dirige de viés uma piscadela absurdamente cúmplice.

Iniciou-se o processo.

Escondido na última fileira de fiéis, Benjamim estava fascinado pela impressionante figura do apóstata, que se destacava no púlpito central, diante da arca do Santo dos Santos, onde dois leões agachados sobre seus jarretes de ouro pareciam, de cada lado do infeliz, vigiá-lo como guardas de um tribunal. No meio do seu rosto, quase todo branco de farinha, duas cavernas avermelhadas lhe davam um aspecto terrível; e o suor, dissolvendo a cinza espalhada sobre sua cabeleira, desenhava ranhuras negras em sua testa, dando ao rosto supliciado o aspecto berrante de uma máscara de carnaval. A cada insulto, ele dobrava os joelhos e abaixava a cabeça, a fim de mostrar que reconhecia plenamente a sua maldade; e com o punho direito batia no peito, como um metrônomo. Seus lábios estavam cerrados.

Olhos pregados no apóstata, Benjamim lembrava-se que outrora em Berlim, não achando nenhuma saída para sua tristeza, pensara em entregar-se abertamente aos cristãos (não sabia exatamente a quem, o Papa, um padre ou algum dignitário misterioso da Igreja) para que chegasse o fim de tudo para ele. Por isso, naquele momento, ele se via no mesmo lugar do apóstata, e cada invectiva o fazia esconder a cabeça entre os ombros, num movimento convulsivo, como se tivesse sido atingido por uma pancada. De repente, lívido de raiva, o Sr. Feigelbaum subiu no

púlpito e declarou que, amigo de infância do inculpado, presenciara o martírio psicológico dos seus pais:

- Não contente com a conversão, essa boca de Satã vinha injuriar, pai e mãe na loja deles, chamando-os de judeus sujos e outros nomes que eu não quero pronunciar nesta casa sagrada. Um apóstata, ele?.. Isso é pouco! Antes de tudo, acima de tudo, ele é um assassino.

A essa altura do debate, um fiel lançou a idéia de que, tendo sinceramente se convertido ao cristianismo, o apóstata se tornara sinceramente anti-semita; "pois está, ah... na natureza dessa religião não nos tolerar, não é mesmo?"

- O senhor acha isso? - exclamou o Sr. Feigelbaum; e voltando-se para o apóstata, que fuzilou com um olhar: - Sr. Heinrich Meyer, antigamente Isaac, tem o direito de pretender o perdão?

O que aconteceu escapou ao entendimento de Benjamim; porque, em lugar de apegar-se a uma justificativa providencial pela fé, o apóstata levantou-se lentamente, com um orgulho não dissimulado e sarcasmo nos lábios bruscamente caídos:

- Mas como acham que os senhores, digam-me - declarou articulando estridentemente suas palavras -, como acham que eu tenha acreditado, por um só instante, num Deus que, para trazer consolo aos pobres, nada achou de melhor do que nascer do corpo de uma virgem, fazer-se homem, sofrer mil torturas, depois a morte... E tudo isso sem nenhum resultado apreciável?

E retomando seu ar de submissão:

- Meu velho amigo, Feigelbaum tem razão: eu traspassei meu pai e minha mãe, porque queria viver como vivem os cristãos. Tinha vergonha de ser judeu; muito simplesmente, vergonha.

- E o que ganhou? - disse o Sr. Feigelbaum com desprezo. - Uma vergonha maior.

Admitido isso, deliberou-se sobre a pena. Seria escolhida a mais infamante. Finalmente, ficou decidido que o apóstata se deitaria na entrada da sinagoga para que toda a comunidade passasse por cima. O apóstata batia no peito e implorava uma penitência maior; ele se declarava "pronto para sofrer". De repente, alguém pronunciou o nome de Benjamim:

- ... Esse irmão que nos vem da Polônia, talvez ele saiba dar-nos um conselho útil, apontar-nos um precedente; por que ele ainda não falou?

Benjamim afundou-se no banco, baixou o solidéu sobre os olhos, feito quisesse proteger-se contra todos os olhares que juntos se fixavam sobre sua pessoa insignificante, varando-o feito um único raio de luz.

- Escutem - balbuciou finalmente -, não sei muita coisa, na verdade. Entre nós em Ze... Enfim, entre nós, semelhante caso jamais aconteceu. Porém, eu me lembro, sim, no século XV, rabi Israel Isserlein... Ele dizia que aquele que retorna ao judaísmo, estão me seguindo, não é?.. ele próprio se impõe uma penitência contínua. Sim, é isso mesmo: uma penitência contínua.

- E então - exclamou um vizinho de Benjamim, homem sólido e rubicundo, cujo pince-nez estremeceu, súbito, no meio de toda aquela carne irritada.

- E então? E então? - repetiu Benjamim com voz fraca. E enfurecendo-se repentinamente:

- Mas vocês não entendem? - esganiçou ele mostrando com desespero o apóstata. - Vejam, ele volta as costas para as vantagens e felicidades cristãs, e põe sobre seus ombros... todo o sofrimento dos... não é isso? Logo, ele expia sua falta, pelo simples fato de tornar a ser... não? Então por que ajuntar mais uma pedra a seu pescoço? - concluiu ele com um tremolo dolorido que surpreendeu mais os fiéis do que todo o resto.

Em seguida, espraçando um olhar esgazeado sobre a assembléia reduzida ao silêncio, o homenzinho pareceu lembrar-se do seu tamanho: estremeceu. Contorceu os frágeis ombros. Colocou de novo os braços sob o xale de oração e assentou tão abruptamente que o solidéu recobriu-lhe outra vez a cabeça.

Entretanto, um fio de voz trêmula abria logo uma passagem sob o solidéu palpitante:

- Ah, sim... foi o rabi Israel Isserlein... rabi Israel Isserlein o disse... Eu juro... E qual de nós algum dia pensou nisso, hein? Qual de nós?

Uma estupefação incrédula acolheu aquelas palavras, seguida imediatamente por um tumulto confuso, no meio do qual, afundado em seu banco, Benjamim escutava vagamente retalhos surpreendentes de frases: "É o que se chama falar como um judeu! Já nos esquecemos de tudo?" E saída do grupo dos sábios reunidos em torno da cortina do oratório, uma voz aguda subiu como uma flecha: "Qual de nós algum dia pensou nisso, qual de nós?"

Voltando enfim a calma, o rabi de Stillenstadt rogou gentilmente ao apóstata que tomasse seu lugar entre os fiéis; "Como antes", disse.

Foi quando se deu o fato.

O apóstata, até então sombrio e silencioso, de repente deixou escapar uma grande gargalhada de escárnio, quase demoníaca, segundo alguns; e de cima do púlpito, agora abandonado pelo rabi, começou a insultar toda a assistência, aterrorizada com a reviravolta teatral. Seu rosto estava convulsionado de ódio. Dirigiu imprecações a Benjamim. Num impulso blasfematório, pegou o solidéu e lançou ao chão com desprezo, pisando-o e martelando como se fosse uma coisa para matar. Enfim, ora rindo de perder o fôlego, ora lançando um jorro de insultos obscenos: "Não percebem que aqui fede a carne judia?"... Atravessou a assembléia consternada e ganhou a saída.

V

Soube-se no dia seguinte que ele abandonara a cidade. As línguas cortaram à vontade. O rabino chegou a dizer que Benjamim não deveria ter impedido o apóstata de expiar, e nosso bom apóstolo se viu examinado com suspeitas; descobriram nele ridicularias, manias. Somente os esposos Feigelbaum admitiram que havia ali circunstâncias estranhas, as quais escapavam ao entendimento humano.

Excluído das boas mesas, olhado como um pássaro de mau augúrio, Benjamim comprou uma suntuosa folha de papel e redigiu a carta sobre a qual ele meditava desde o dia da sua partida de Zemyock.

Essa missiva, que ficou nos anais, começava assim: "Muito querido e venerado pai, e a senhora, oh, minha tão querida e venerada mãe. Faz, dentro em pouco, dois anos que o filho obediente de vocês deixou-os para ir à procura de um ninho, em qualquer parte do mundo. Hoje, é com o coração transbordante de alegria que ele lhes diz: venham; oh, meus queridos, porque chegou enfim o momento em que o pássaro, com a bênção do Senhor..."

Quando ela pôde discernir, sob o fluxo das imagens e comparações bíblicas, o sentido preciso e imediato daquele convite, Judite exclamou transtornada:

- E agora, acabou-se Zemyock!

- Está contente demais, hein? - respondeu Mardoqueu amargurado. - Vamos, o que está esperando, por que já não estamos no trem?

Ele permaneceu imóvel durante toda a viagem. Judite estava menos preocupada com os disparates que lhe oferecia a vidraça do monstro de ferro do que com as rugas de triste resignação, a prostração sem remédio que pesava sobre a máscara adunca de Mardoqueu, liquefazendo-lhe o olhar. Às vezes, o ancião sacudia a cabeça como se não pudesse acreditar no que acontecia, e Judite o ouvia resmungar baixinho dentro da sua barba: "como é possível... um Levy de Zemyock?"

Benjamim os esperava na pequena estação de Stillenstadt. Dois anos antes, era um jovem com as feições dominadas por uma divertida pêra, um personagem bastante desenvolto, embora minúsculo; em todo caso, indubitavelmente judeu. Judite pensava encontrar um Benjamim similar, afogado no vestuário tradicional: botas polonesas, capa preta, chapéu de veludo com aba lisa. Para dizer a verdade, não se lembrava mais da sua fisionomia; e quando ela evocava a sua imagem, pensava primeiramente em seu tamanho, o pouco que dele lhe ficara na imaginação. Ao descer do trem, viu-se diante de um pequeno senhor alemão de longas orelhas, nariz curvo como focinho de coelho, queixo fino e ossudo, e o olhar de Benjamim. Essa aparição impressionou-a penosamente. Seria por causa do rosto imberbe?... Mas ela teve a aflitiva sensação de que Benjamim era uma espécie de coelho esfolado ainda mastigando e saltitando, como se nada tivesse acontecido, todos os músculos e nervos expostos; mas com aquela careta constante no focinho. O que haveria de errado? "Ah, eu tive sorte", repetia miseravelmente Benjamim. Ela não pôde tirar mais nada dele e se deu conta de que não o conhecia, de que jamais o conhecera.

Friamente, Mardoqueu estreitou aquela parcela de Levy contra seu peito, e deixou-se guiar até "em casa", como Judite já chamava.

O velho casal fez sensação nas ruas de Stillenstadt. Os dois pareciam surgir de um outro tempo. Negros da cabeça aos pés, cingidos com a majestade ingênua das figuras de estampas antigas, eles avançavam num passo lento, firme, bem auto-suficiente, sem olhar para nada que não fosse a pequena silhueta de Benjamim que saltitava a três passos, os braços franzinos arqueados em torno dos mais variados volumes que Judite insistia em levar com ela. Mardoqueu carregava uma mala de couro peludo sobre o ombro direito, e sua mão esquerda se apoiava ternamente

sobre o pescoço de Judite. Os dois eram ainda belos, com aquele hierático esplendor dos seres fortes a acompanhá-los até o fim das suas vidas.

Benjamim tinha planejado minuciosamente a refeição do reencontro. Com medo de que Judite estivesse cansada da viagem, havia pedido à Sra. Feigelbaum para preparar um banquete.

- Mas o que significa isso, o que significa isso?... - exclamou Judite entrando na cozinha brilhante como uma moeda nova. - Você não tem mais confiança em sua própria mãe e encomenda pratos a não sei qual falsa judia daqui?...

Desconfiada, cheirou longamente os pratos, achando um cozido demais, em outro uma massa mal sovada etc. Benjamim notou admirado que nem mesmo os frutos a mãe deixou de examinar com suspeição.

Foi logo após a sopa que começou o misterioso acesso de febre. Sentado à cabeceira da mesa, Benjamim tinha Judite à sua direita e Mardoqueu à sua esquerda, como acontecia nos últimos dias de Zemyock, depois do vazio do pogrom. Cercado por aqueles dois pilares negros, ele se sentiu mais à vontade em sua cozinha. As paredes caiadas por suas mãos, os ladrilhos que quase havia lambido, os utensílios comprados um a um, todos produtos do seu suor, agora se tornavam lentamente coisa sua, e, de repente, sentia-se deleitado por isso, achando neles uma infinidade de virtudes insuspeitadas. Qualquer coisa cozinhou lentamente no fogão de três pés, mas Benjamim, envergonhado, não ousava curvar-se para verificar o conteúdo perfumado da panela. O pai chupou uma ponta de bigode, colocou sua colher atravessada no prato, e resmungou com lassidão:

- Então, é verdade que ninguém em Stillenstadt sabe quem somos nós realmente?

Para grande surpresa de Judite, Benjamim não se mostrou perturbado.

- Não - disse ele com autoridade -, ninguém sabe. E ninguém saberá - concluiu, em tom ameaçador.

- Bom, bom - disse simplesmente Mardoqueu.

Os braços cruzados sobre a toalha da mesa, ele agora mostrava uma tristeza profunda e digna. Diante dele, Judite sorvia um pouco de sopa entre os dentes, fazendo estalar a língua com uma careta meio aprovativa, meio desgostosa, e depois, voltando-se para Benjamim, totalmente absorto:

- Não está de todo mau para uma alemã; mas eu sempre coloco um pouco de salsa. Então, essa Sra. Feigelbaum, você diz que...?

Enquanto o pobre Benjamim considerava o tranqüilo retângulo da mesa, ele próprio incluído no da cozinha, a qual, sem nenhuma possível dúvida, estava encerrada no espaço estritamente fechado da casa, pareceu-lhe que, subitamente, ele se livrava do pesadelo que havia suportado em Berlim, no estreito e frágil retângulo de giz. Para manter o controle, pôs-se a amassar uma infinitesimal migalha de pão. No mesmo instante, sentiu a pulsação de um sangue denso despertando-lhe nas veias, após um longo e frio sono...

- Mas é impossível! Ele está molhado de suor!

- Eu?... - respondeu Benjamim, incrédulo; e levando a mão à cabeça, sentiu um calafrio no braço.

Alguns minutos mais tarde, Judite, resmungando, ajeitava-o na cama. No terceiro dia da curiosa doença, ele despertou com entusiasmo e retomou imediatamente o trabalho. Seu olhar estava animado, suas feições frescas, e em todas as coisas punha uma alegria terna que lhe rejuvenescia as feições, e o tornava mais saltitante do que nunca. Judite concluiu que tinha havido “uma troca de sangue”.

Depois do pogrom de Zemyock, Mardoqueu tinha tomado uma aparência que iria continuar a mesma até à morte. Seus cabelos se tornariam brancos, ele se encurvaria, a pele ficaria mais enrugada; mas o essencial permaneceria intacto - a alta e pensativa massa do seu corpo, cujos movimentos muito lentos exprimiam uma predileção para a quietude, interrompida sempre com esforço, com uma espécie de lento pesar manifestado na caminhada de um velho paquiderme, cada passo parecendo arrancado de uma vasta, inerte imobilidade. A essa enorme estrutura se juntou em Stillenstadt uma adiposidade que reforçava a impressão de que Mardoqueu era um grande animal ou grossa e velha árvore. Porém, o rosto continuou desprovido de qualquer gordura, como se o exercício do espírito libertasse continuamente suas feições ameaçadas, preservando-lhe a linha longamente curva do nariz e a dura saliência das maçãs do rosto, por baixo de um olhar fixo de pesados olhos cinzas, os quais, sem demonstrarem a menor distração, pareciam sempre enxergar além das coisas visíveis.

Se Judite se adaptou rapidamente à sua terceira existência, o mesmo não aconteceu a Mardoqueu, que agora só vivia uma meia vida, encolhido

dentro da concha, cada dia mais dura, da sua piedade.

Já em Zemyock, ela havia percebido que a morte dos três “verdadeiros” filhos abria nele uma ferida mortal, destruindo qualquer esperança de ver perpetuar-se a linhagem dos Justos através do seu sangue; fora dos interesses do mundo, Mardoqueu pedia os seus conselhos, como uma criança encolhida na obediência.

Pouco após o exílio de Benjamim, ele pensou, no entanto, estar assistindo às primícias de um renascimento: Mardoqueu a olhava cheio de devaneios, afirmava-lhe sorrindo que ela continuava bela como sempre; e começou a demonstrar-lhe tão louco amor que Judite, dividida entre luto muito recente e a alegria de ver o homem voltar a seu corpo, não tinha um julgamento a fazer senão com o emprego de fórmulas ambíguas, tais como “o fogo do outono”, “o canto do cisne”, etc. Mas em pouco tempo Mardoqueu, fazendo-lhe perguntas cada vez mais precisas, e chegando até a indagar, abertamente, se ela não sentia nada “vir”, entendeu a pobre Judite que sua velha árvore de marido estava esperando por um fruto. Ela o fez lembrar que tinha 50 anos. No entanto, acrescentou, tudo ainda é possível com a ajuda do Todo-Poderoso.

Quem teria dito a Abraão: Sara amamentará uma criança. E ela deu à luz um filho na sua velhice etc.

Foi em Stillenstadt que pararam por completo de ser marido e mulher.

Numa noite em que ele a abraçava com ardor, ela se sentiu bruscamente repelida pelos ombros e deduziu que seu rude amante, mudando de idéia, se voltava pesadamente para a parede da alcova.

- Boa noite para você, minha mulher - disse a voz de Mardoqueu no escuro.

A surpresa de Judite era extrema; mal podia entender a rapidez da decisão; e, no entanto, refletindo bem, foi obrigada a reconhecer que a recusa de Mardoqueu não a pegara absolutamente desprevenida. Porque, na paixão sempre forte do marido, ela muitas vezes sentira alguma coisa como um secreto rancor, uma secreta censura da sua parte, por ser tão bela e tão desejável. Quanto mais ele avançava em idade, mais dava a impressão de que seus transbordamentos eram forçados pelo desejo, e não livremente consentidos ou alegremente provocados, como nos primeiros anos da sua união. Mas a partir da noite em que ele parou de manifestar-lhe seus desejos, ela notou que, em troca, ele lhe demonstrava maior amizade na

vida cotidiana, mais indulgência, novo respeito.

Certamente, a cada dia se tornava mais distante, astro frio girando sem descanso no céu tranqüilo das suas orações e atos de contrição; mas Judite pressentia que naquela distância de onde, a partir de então, ele dirigia para a mulher a luz dos seus olhos cinzentos, pesados e lentos como nuvens de inverno, havia apenas amor por ela. E embora fosse ainda uma mulher, essa separação voluntária a alegrou, viu nela uma secreta homenagem à sua beleza, um último ramalhete depositado sobre seu corpo.

O derradeiro fio que ligava Mardoqueu à existência cotidiana viu-se rompido, perfidamente, pelos pequenos dedos ágeis e delicados de Benjamim.

Desde sua chegada a Stillenstadt, Mardoqueu tentara procurar um emprego porque ele não queria ser, dizia num tom singular, um peso para o filho. Ele tinha o hábito - não é verdade? - de ganhar seu pão.

Mas o desemprego que grassava na Alemanha não oferecia nenhuma oportunidade a um velho, estrangeiro e judeu, ainda por cima; após humilhantes tentativas, e se vendo rejeitado, à margem da vida, esbarrou um dia na loja do filho, enchendo-a com sua estorvante carcaça. Queria aprender a pregar botões, a passar a ferro, a tirar alinhavos etc. - tarefas para um aprendiz de 10 anos.

Mas o trabalho dos seus dedos “duros como madeira” (dizia se desculpando) tinha que ser feito pelas mãos velozes de Benjamim, que vociferava secretamente contra aquela mania de tornar-se útil; depois protestou abertamente. Então, Mardoqueu desistiu de ganhar o seu pão.

- Não abandonar - disse para si próprio - um mundo que o abandonou é ajuntar uma loucura à sua desgraça; serei um objeto de riso?

Deixou a loja e se entrincheirou no quartinho do primeiro andar, por trás dos seus pergaminhos sagrados.

Benjamim o tranqüilizava, o adulava, borrifava-o com frases untuosas, dizendo-lhe que num lar judeu era necessário um homem puro que intercedesse por todos junto a Deus. E, benevolente, à mesa, Benjamim enfatizava a preeminência da prece sobre a vil atividade material (entendendo por isso seu trabalho diário de “cortador de papel”, como se dizia em Zemyock, por oposição ao nobre trabalho do cortador de cristal). Assim, embalado em palavras, e se afundando cada dia mais em seu

mundo interior, o velho Mardoqueu acabou por esquecer lentamente a ferida aberta da sua virilidade: o filho puxava a agulha, a mulher agüentava os cordões da bolsa e ele trabalhava pelas almas.

Um dia, entretanto, enquanto sonhava, entre dois versículos, com o encaminamento obscuro da sua vida e com essa conclusão sem glória, resolveu, em desespero de causa, ter netos. Este pensamento rejuvenesceu-o. Rapidamente investigou quais as moças casadouras de Stillenstadt. Uma minúscula Srta. Blumenthal ofereceu-se, e parecia feita sob medida para o alfaiatezinho de 25 anos. Mas aos olhos de Mardoqueu, além da altura da sua futura nora, interessava muito mais a promessa contida em suas ancas rechonchudas. Benjamim enfureceu-se, depois compreendeu que seu pai desejava consolar-se da perda dos três “verdadeiros” filhos; aceitou o encontro arranjado para ele com a pequena senhorita Blumenthal.

Ela não o desagradou. Parecia tão impressionada com ele que acabou vendo com simpatia seu rosto alongado demais, sua roupa folgada e, sobretudo, seus olhos sem malícia, onde brincavam, num fundo de azulado temor, quase de pânico, os múltiplos fogos-fátuos de uma curiosidade infantil. Quando ela começou a corar, ele a achou desejável.

- Então? - inquiriu Mardoqueu quando voltou.

Benjamim o olhou em silêncio.

- Não - disse o velho inquieto.

Benjamim sorriu sutilmente.

- Sim...

E sem esperar os cumprimentos, ele mergulhou de novo no curso cotidiano da sua vida, subindo para trocar de roupa no primeiro andar e se precipitando em seguida em direção à loja, onde se pôs a saltitar, nervoso e indeciso quanto à escolha da tarefa mais urgente. “Pôr mel nos beijos adianta alguma coisa? hein?”, disse para si próprio alto, com uma afetação de importância que o surpreendeu; mas súbito, no momento em que menos esperava, alguma coisa desmoronou nele, que desatou a rir.

VI

Uma hora mais tarde, Mardoqueu o encontrava sentado de pernas cruzadas, sobre a mesa de costura, um paletó sobre os joelhos; e empurrando-a agilmente, seu polegar e seu indicador dobrados sobre uma agulha invisível. A lâmpada descida a alguns centímetros da cabeça o envolvia numa auréola de luz crua.

- Por que não usa óculos? - disse-lhe ele num tom afetoso. Benjamim levantou os olhos com suas pálpebras avermelhadas, os cílios rareados pelo trabalho de agulha:

- Então, está contente?

- Eu estou contente - disse Mardoqueu. - Lamento apenas que eles não saibam de nada; é preciso contar-lhes depressa!

- Oh, eles viram logo que a moça me agradava...

- Não é isso, meu filho - disse Mardoqueu num tom oprimido.

Ele respirou ruidosamente e seus bigodes se levantaram à passagem da sua respiração, como se emergisse, timidamente, de um longo e sufocante mergulho no fundo de si mesmo, começado no dia de sua chegada a Stillenstadt.

- Ah... é preciso dizer-lhes quem somos nós. Quem realmente somos, está entendendo?

Diante da vertiginosa palavra “realmente”, Benjamim interrompeu a costura e sua mão continuava suspensa no ar, como se flutuasse na luz elétrica.

Por fim, declarou:

- Lamento, mas não lhes diremos absolutamente nada.

Seus olhos piscavam de fadiga misturada ao velho temor que lhe inspirava o pai.

- Absolutamente nada?

- Absolutamente nada - confirmou secamente Benjamim.

- E a ela, não lhe revelará nada?...

Benjamim cerrou os lábios.

- Eu imaginava isso - resmungou surdamente Mardoqueu -, você é um abominável pagão; mas... e os filhos?

- Que filhos - disse friamente o pequeno alfaiate, enquanto a boca de Mardoqueu se abriu numa careta sobre as pedras amarelas e estragadas

dos seus dentes, como para dar lugar ao bramido torrencial que, subitamente, desabou sobre Benjamim terrorizado:

- Quando há casamento, há possibilidade de filhos, não?

Duas silhuetas curiosas pararam diante da vitrine da loja. Benjamim curvou os ombros, e com uma pressão discreta dos calcanhares afastou-se um pouco da fúria colérica que desabava sobre ele; depois, com uma voz fina como um fio, respondeu humildemente:

- As crianças saberão mais tarde, quando se tornarem homens. Não os perturbarei com histórias nas quais, devo dizer-lhe, meu venerado pai, eu não acredito mais...

Acrescentou, logo em seguida, amargurado:

- Nas quais eu não quero mais acreditar! Oh! Papai!

No momento em que Benjamim terminava aquela singular profissão de fé, prudentemente colocado na extremidade da mesa de costura e a cabeça tão baixa que quase tocava os joelhos, o pai Mardoqueu pôs-se a dar gritos tão dilacerantes que Judite correu da cozinha, uma panela na mão.

Inteirou-se logo de tudo, e brandindo a panela com gestos furiosos, se engolfou na discussão, se referindo ao futuro Levy como se ele já estivesse presente, em seu colo, no lugar da panela que ela estreitava amorosamente.

- Quem está querendo contar o quê? - exclamou ela indignada. - Se o Senhor, bendito seja Ele, tomou alguma decisão sobre o passarinho (e como se chamará ele?) o pobrezinho ficará sabendo quando chegar a hora, o mais cedo possível, ai, ai. Mas que Deus nos poupe - concluiu com um grito agudo - de termos um Justo!

- Oh, papai, papai - interferiu Benjamim emocionado. - Você sabe que ser um Lamed-waf neste mundo não significa nada... talvez nem no outro.

Derrotado, Mardoqueu recuava lentamente em direção à porta; tendo-a aberto, fez surgir da sombra um grande dedo acusador, e em tom de suprema ironia:

- Pelo prazer da vida, perder todas as razões de viver?...

Depois, bateu em retirada, afastado definitivamente do filho.

No dia do casamento, ele se limitou a saudar os pais da noiva; quanto à pequena Srta. Blumenthat fingiu não vê-la, ela não lhe servia para nada, não participava mais do sonho da sua vida. Dessa vez se recolhera por inteiro ao fundo da sua idade. Esse velho elefante, costumava dizer então

Judite do seu marido, esse velho solitário, essa rocha.

Embora baixinha e muito magra, a Srta. Lea Blumenthal era bem-feita; mas ninguém percebeu isso senão no dia das suas bodas, uma vizinha a ajudando a enfatizar sua beleza. Ela parecia inteiramente desprovida de uma coqueteria natural. Seu rosto estava sempre limpo, mas sem atrativos; seus cabelos sempre em ordem, mas não verdadeiramente penteados; e sua aparência constantemente cuidada, mas neutra.

O Sr. Benjamim Levy, seu esposo, se perguntava como ela fazia para ter mãos tão longas e brancas, dedos de mulher rica. Ele jamais suspeitou que aquela alvura necessitava de uma quantidade inaudita de atenções cotidianas, pequenos cuidados tão sutis que ninguém percebia, ao vê-la descascar um legume, com quais precauções ela se cercava para não lascar a ponta de uma unha, cortar a preciosa penugem de um pedaço de pele.

Judite proclamava que sua nora manejava todas as coisas com pinças.

Mas Benjamim se deleitava com tudo isso, ele gostava de mover, durante o sono da mulher, o mecanismo dos ossos da sua mão que, na escuridão, tomava as formas que a imaginação podia lhe dar: animais, vegetais, e até aquela, a mais delirante, de cinco grossos fios de cabelo que ele penteava sobre o macio forro do travesseiro.

Contudo, nos primeiros tempos de casamento, espantou-se com o tempo que ela infatigavelmente gastava "lambendo-se como um gato". Cada vez que a abraçava, ela descia até à cozinha para fazer uma toalete completa. Isso teria acabado por aborrecê-lo se, em todas essas vezes, ela não tivesse colocado uma gota de perfume nas axilas, o que lhe aromatizava todo o corpo lavado de fresco. E depois, quando ela reaparecia, vestida na sua camisola e segurando a vela, o mais longe possível dos cabelos, o frescor infantil e confuso da sua pessoa iluminava súbito o quarto com uma claridade vibrátil, cercada de sombras, e fazia bater vivamente o coração do Sr. Benjamim Levy.

- Ah, Srta. Blumenthal - dizia-lhe com um sorriso perturbado -, foi dar um bom passeio?

- Eu queria fazer-lhe uma surpresa - dizia ela submissa; e sentando-se à beira da cama, levava à boca do seu modesto suserano uma maçã, uma fatia de pão com manteiga, um bocado de açúcar, com os quais se fazia perdoar pela deserção do leito conjugal.

Um dia, ele a surpreendeu se ondulando e requebrando sozinha no meio do quarto, como uma sereia de salão de cabeleireiro. Ela havia ajuntado a camisola em torno da cintura, seus cabelos estavam selvagemente derramados pelos ombros, dando-lhe um ar de luxúria animal que, ao mesmo tempo, tornava mais velho seu rosto de adolescente e lhe restituía uma expressão coquete de criança. Benjamim desatou a rir... Unicamente com o exemplo da esposa, ele agora sabia que todas as mulheres são menininhas crescidas, todas dotadas de um corpo maior e mais importante do que suas mentes, e que todas elas adoram cercar-se de mistérios sem sentido. Foi somente mais tarde que ele ficou sabendo que a Srta. Blumenthal habitava um universo diminuto povoado de temores, e de dois ou três sentimentos igualmente terríveis em sua desoladora simplicidade: o amor de alguns seres, o prazer reprimido de ter um corpo.

O temor lhe vinha em linha reta da sua mãe, mulher de aspecto imperial e com um caráter que dela fizera uma perfeita escrava do Sr. Blumenthal. Sofria de acessos de crueldade, sempre sentiu uma voluptuosidade em tais tipos de coisas. Mas quando a Sra. Blumenthal morreu da doença que a tornava tão intratável e cruel, o Sr. Blumenthal nada achou de melhor do que casar-se imediatamente com uma pessoa de igual crueldade; a Srta. Blumenthal sofreu então o jugo da desconhecida até seu casamento, para o qual a madrasta batalhou abertamente. Pouco depois, esta última descobriu que Berlim era uma cidade de futuro, e a Srta. Blumenthal foi abandonada aos Levy. Ela viu partir o pai como se se despedisse de uma vida: agora estava totalmente perdida.

Naturalmente, a pessoa que no momento mais temia no mundo era Judite; uma ordem desta a fazia estremecer; e embora a violência de "Mutter Judite" se manifestasse somente em palavras, a pequena Sra. Levy sempre se curvava e levantava ligeiramente o cotovelo, como se esperasse receber, qualquer dia, uma pancada de verdade. Ela costumava, porém, olhar bem dentro dos olhos do monstro, fazendo às vezes com que Judite se perturbasse com aquele olhar dócil pousado sobre sua violência, como um farol num mar absurdamente agitado. Mas até o primeiro filho, a Srta. Blumenthal dobrou-se ao menor franzir daquelas terríveis sobrancelhas. Mutter Judite era a única dona da casa e, com medo de que alguém usurpasse seu território, ela tomava de antemão duas precauções: não confiava nenhuma tarefa à sua nora senão a contragosto e jamais lhe

escondia que ela a teria executado melhor. E foi assim até os primeiros partos da Srta. Blumenthal.

Já durante a gravidez (que foi imediata) a novel mamãe Levy se melindrara ao ser tratada por Mutter Judite como a simples depositária de um objeto que pertencia, em primeiro lugar, aos Levy; e mais exatamente como o mero frasco de um perfume cujas paredes ignoravam o valor do seu conteúdo. Mutter Judite velava pela criança que se abrigava nela, ordenando que permanecesse deitada, bebesse o máximo de cerveja e que tivesse consciência, a todo instante, da honra imerecida de ser o frasco de um Levy.

“Cuidado com a criança”, dizia ela, num tom que quase significava: lembre-se de que carrega a nossa descendência.

Num movimento de instintiva revolta, a pequena Sra. Levy fixava sobre Mutter Judite o clarão trêmulo mais teimoso dos seus olhos de ave doméstica; e se inclinando ela circundava seu ventre enorme com os dois braços, gesto solene de mulher grávida, gesto tornado familiar depois que a criança começou a mexer-se.

O conflito desencadeou-se no hospital. A parturiente frágil e pálida repousava sobre o travesseiro, o busto ligeiramente levantado; ao pé do leito, o garoto bem enrolado nos braços, Mutter Judite recebia as felicitações dos visitantes. Estes admiravam o pequerrucho, escutavam sábios comentários de Mutter Judite; de vez em quando, alguém se voltava para a parturiente, como para dizer: ah, é verdade, em parte foi graças a ela.

De repente, a pequena Srta. Blumenthal ergueu-se e lançou o apelo pungente:

- Devolvam-me a criança, ela me pertence!...

Houve um momento embaraçoso. Dos leitos vizinhos da enfermaria comum se elevava um murmúrio. Mutter Judite corou e franziu os sobrecenhos para a nora - branca, ofegante, o corpo apoiado nos antebraços e rígido, por causa do seu novo ódio e do seu novo amor. Quando lhe devolveram o bebê, aconchegou-o junto ao peito, deitou-se de lado e dormiu, quase que instantaneamente, tanto a explosão de energia a havia esgotado.

O Sr. Benjamim exultou secretamente, ao passo que Mardoqueu declarava em tom de enternecido respeito:

- Que Deus nos proteja, eis que temos uma verdadeira loba em casa.

Mutter Judite calou-se: enquanto não os desmamasse, a Srta. Blumenthal continuaria a mãe dos seus filhos.

O drama ressurgiu mais tarde. As crianças respeitam somente a autoridade suprema. Mardoqueu teve sempre uma atitude grave na presença delas, mas se retraía diante do Sr. Benjamim Levy; porém, o mesmo não aconteceu com Mutter Judite, que se tornava mãe-em-chefe tão logo amiúçalha chegava à idade de obedecer-lhe: viu-se assim a Srta. Blumenthal relegada a crianças de peito. Ela acabou por habituar-se a esses sucessivos abandonos, sentiu neles um destino inelutável, Mutter Judite figurando a seus olhos apenas como o primeiro degrau para a separação final do adulto, que era, para seu coração de mãe, uma subida para o nada. Ela própria cedeu sua autoridade a Mutter Judite; e quando não lhe obedeciam com presteza, o coração sempre um pouco apertado, ela iria buscar a Mãe superiora em pessoa. Não tinha dúvidas, no entanto, de que continuava sendo a fonte verdadeira, o único poço da maternidade, cavado de maneira misteriosa no coração de cada um dos seus filhos. Era na cozinha, junto à sua pequena saia, que os ingratos vinham sentar-se quando estavam atormentados por uma tristeza sem motivo, ou com uma daquelas angústias impalpáveis que vêm do fundo do ser e não se acalmam senão ao som de uma certa voz.

O marido não era diferente do resto da humanidade: era manifesto que a considerava como algo insignificante, só lhe dirigindo a palavra para caçoar, como se ela fosse uma criança.

Outrora, jovem tola, sonhara com um homem para quem ela fosse importante, junto a quem representasse um papel, por menor que ele fosse. Mas para Benjamim Levy ela valia tanto quanto um pedaço de linha, e muitas vezes conteve o desejo de perguntar-lhe, súbito, à queima-roupa, qual era a cor dos seus olhos. Pensava que ele não saberia responder, imaginava com desespero suas maneiras desenvoltas: "Ah, sim, seus olhos, mas eles são... e quer me fazer o favor de não aborrecer-me com essas infantilidades". Estava segura e certa de que ele jamais tinha reparado nela.

No que se enganava, como no restante; porque não somente o meigo Benjamim não ignorava a cor dos olhos da esposa, como, além disso, inquirido sobre esse assunto, teria podido dissertar ao infinito sobre a

mínima particularidade dos cílios, do branco do olho direito ligeiramente mais branco do que do esquerdo, as infinitesimais pintinhas rosas que gravitavam no fundo acinzentado da íris e que, sem dúvida, seria ele o único no mundo a ter reparado. Mas um homem podia dizer tais coisas?... A Srta. Blumenthal fora conduzida a seu leito por dever, e, decentemente, era um pouco tarde para fazer-lhe a corte, coisa que ela jamais solicitara. Por isso, muito após o casamento, Benjamim continuou a chamar sua mulher de Srta. Blumenthal, em parte por afetuosa brincadeira e em parte por um insano pudor que o impedia de confessar o laço profundo, definitivo, que o unia àquela esposa de circunstância. Seus encontros amorosos eram como surdos e mudos, mas às vezes, das profundidades noturnas do silêncio, uma crista de espuma e gritos se elevava ao acaso de um abraço e os dois experimentavam uma exaltação extraordinária - sobre a qual, no entanto, jamais faziam alusão, porque era notoriamente uma coisa que não pertencia a este mundo. Foi preciso, mais tarde, a velhice e, sobretudo, a proximidade da morte violenta, no campo de concentração, para que Benjamim se decidisse a expressar seu amor à mulher: ela não compreendeu o que ele queria dizer.

Premida por todos os membros da família Levy, ela dera à luz seu primeiro filho prematuramente. Ele pesava, no entanto, quatro suntuosos quilos ao nascer. Com quem se parecia? A pergunta nunca foi formulada. Ficou evidente a presença da forma tradicional dos Levy, que o pequeno Levy pai lhe transmitira como autodefesa. Mutter Judite não perdeu tempo examinando olhos, nariz, boca, como teria feito se a menor dúvida tivesse subsistido quanto à “origem” do recém-nascido. Dirigindo-se ao patriarca, ele resumiu a situação nesses termos: “Ele se parece conosco”. Foi inútil a Srta. Blumenthal lembrar a robusta natureza da sua defunta mãe, detalhar um lábio rasgado com algumas características sintomáticas, insistir sobre um nariz curto que, visivelmente, provinha do lado Blumenthal: de nada adiantou, a criança não era do seu sangue. E embora a história dos Justos lhe parecesse comportar um elemento malsão, Mutter Judite se viu quase tentada a atirá-lo à cara da nora, a fim de fechar-lhe definitivamente a boca em suas pretensões sobre a criança. No feroz desejo de apropriar-se do rebento, chegou ao ponto de identificar-se, ela própria, com a ilustre linhagem. Aplicou-se em certos detalhes domésticos do culto, tornou-se,

mais do que nunca, uma Levy.

Ao crescer, o enigma vivo conciliou amigavelmente as duas partes: tornou-se claro que ele não era nem Levy nem Blumenthal, mas uma criatura humana indeterminada, com um toque de matéria-prima germânica. O recém-chegado Moritz parecia, antes de tudo, desejoso de não se sentir diminuído entre seus pequenos e travessos companheiros, no que se saía, aliás, muito bem, servido por um físico apropriado. Desde seu nascimento, ostentava uma barriga arredondada que nele era uma expressão da alegria animal de ser e, desde cedo, a estrutura do seu corpo anunciava uma solidez real, escondida sob a alegre aparência do bon vivant. Durante muito tempo seu rosto continuou o de uma boneca, com dentes retos, nariz curto de asa larga e luminosos olhos castanhos cheios de cobiça, cujo olhar era sempre dirigido para a frente, para todas as coisas do mundo, como uma mão alegremente estendida.

No início, Mardoqueu pensou que iria reencontrar naquela criança o menino escandaloso, como fora ele em Zemyock, e exagerou em sua indulgência com a convicção de que o diabinho, cedo ou tarde, acabaria também por abaixar seus chifres. Ele o alimentava discretamente com casos sobre os Justos, avaliando suas probabilidades de alcançar aquela honra. Mas desde que Moritz chegou à idade de sair sozinho, ninguém o viu mais em casa. A rua o atraía. Ali encontrava uma malta de garotos, entre os quais, coisa preocupante, não havia nenhum nariz ligeiramente judeu.

Moritz era o chefe do bando, ele inventava brincadeiras e nada lhe agradava tanto quanto fingir de guerra nas margens do Schlosse. Quando se embrenhava dentro dos caniços, seu arco semi-armado junto à coxa, sentia que era completamente diferente do que imaginavam em casa. Tinha a mesma sensação quando se despia para se lançar ao rio: as vestes do presumido Moritz Levy desapareciam no ar subitamente, revelando um corpo de índio integrado na floresta ameaçadora de caniços. Ele se atirava com furor sobre o inimigo. E quando os dois caíam na vasa, gostaria que os gritos fossem para valer, e as facas de metal verdadeiro... Voltava para casa com o rosto afogueado, joelhos e roupas em frangalhos; e então descia os suspensórios e esperava pacientemente que Mutter Judite terminasse a sua cólera. Havia uma justiça imanente: brincavam de "matar um ao outro", como dizia delicadamente a Sra. Levy mãe; depois

ganhavam umas boas palmadas. Após o que, podia considerar-se quite com Deus.

A escola acabou por dividir a vida de Moritz em duas metades irreduzíveis. Ninguém o via mais, exceto nas horas das refeições. Chegava invariavelmente atrasado, sentava-se com ar contrito, dava sua ação de graças, depois se curvava sobre o prato e esquecia céu e terra, até que ele estivesse inteiramente vazio e limpo com a ajuda de um miolo de pão; somente então, levantando a cabeça desgrenhada, ele se tornava presente no mundo dos Levy.

- Nosso pagão terminou a sopa? - comentava tristemente Mutter Judite.

- E quando achará um minuto para o estudo do Talmude? - perguntava o ancião com voz resignada. - Na sua idade, eu já estava mergulhado no Midrash até às orelhas. Você não é um judeu?

Moritz, aborrecido, murmurava palavras incompreensíveis:

- ... minha culpa... deveres... escola?

Benjamim, inteiramente estupefato de ter gerado um maroto como aquele, tomava imediatamente sua defesa:

- É verdade, vocês sabem, não havia escola cristã em Zemyock; enquanto aqui, como podem eles se tornar bons judeus?

- Mas foi você quem quis partir! - exclamava o velho, ferido com tanta má-fé.

Benjamim sorria imperceptivelmente:

- Sei bem disso. Mas agora é muito tarde, e como diz o ditado: "Não se fala de corda em casa de enforcado".

- Eu - continuava Mutter Judite - não vejo esse menino "se matar" nem por nós nem pelos cristãos. - E ela concluía, enigmaticamente: - Deus nos puniu, nossos filhos serão judeus de domingo.

Um silêncio absorto se fazia. Então, a pequena Sra. Levy mãe servia o prato seguinte, e a conversa prosseguia sobre outro assunto, sério ou maliciosamente sentimental, como se nada tivesse acontecido. Uma estranha sensação invadia Moritz, que mergulhava com delícia na atmosfera marulhosa da refeição familiar. O que diziam passava por cima dele, a uma grande distância: eram pássaros traçando sinais indecifráveis no céu, mas ele gostava de segui-los com o olhar.

Um abismo separava este pequeno mundo cheio de graça do vasto universo que Moritz sorvia, tão logo punha os pés na rua. Sentia às vezes

verdadeiras vertigens: como quando se pendurava no topo do grande castanheiro da escola, de pé entre os dois galhos, e o vazio insustentável no meio. Por que todos os cristãos não eram judeus? E por que todos os judeus?... Juntos, todos não podiam ser felizes? E o que o velho queria com ele, o que tramava por trás das suas histórias sanguinolentas, suas expressões trágicas, suas constantes alusões aos Lamed-waf?

Quando se embrenhava nessas pistas desconcertantes, a cabeça de Moritz começava a girar; e seu coração, parecia-lhe, partia-se horivelmente ao meio, com o seco barulho de um rasgão.

Por isso, nelas se aventurava muito raramente.

VII

Ernie foi o segundo produto da Srta. Blumenthal. Chegou ao fim de nove meses. Mas quando ela notou que ele era ridiculamente mais insignificante do que Moritz fora, a Srta. Blumenthal sufocou um grito de alegria em seu leito de parturiente; este não seria reivindicado por Mutter Judite, o passarinho pequenino indubitavelmente se parecia com ela.

Viu-se logo que Mutter Judite estava em dificuldades. Muitos meses após o parto, a Srta. Blumenthal ainda a surpreendia examinando a criança minuciosamente:

- É esquisito - arriscava a Srta. Blumenthal -, não vejo com quem se parece essa criança...

E Mutter Judite, depois de esmiuçar a nora desdenhosamente, reconheceu com perfídia:

- Ele tem as mesmas dimensões do pai, mas a cabeça... a cabeça não é de ninguém. Isso ficará decidido mais tarde - dizia, quase ameaçadora.

De fato, a cabeça de Ernie não era comum: ao sair do ventre materno, seu crânio estava recoberto por uma fina camada de negra penugem, enroscada, que descia até à nuca; e os olhos, que foram azuis três semanas, mudaram de repente para aquele azul-noite, salpicado de pontos brilhantes, estelares.

Mutter Judite não entendia de onde lhe vinha aquele nariz bem-feito, a curva das asas tão fechada que chegava a esconder a abertura das narinas; a cúpula branca e alongada da fronte e, sobretudo, o pescoço, “não mais grosso do que um dedo”, suportando o arcabouço com uma graça

inimitável de pássaro. Mas quando ela punha nos braços a maravilha, Mutter Judite sorria cheia de espanto; seu olhar copioso envolvia com aconchego o misterioso ser vivente, que continha pelo menos uma gota do seu sangue, e que, no entanto, lhe parecia tão diferente de qualquer carne conhecida. E começou a chamá-lo unicamente de Anjinho.

Já prevenido com o exemplo de Moritz, o avô apossou-se de Ernie quando este contava 4 anos. Da Polônia, fizera vir um alfabeto hebraico em relevo, e o Anjinho foi iniciado no método dos seus antepassados, doce e atraente, por intermédio da boca: untadas de mel, as letras em pau-rosa eram muito simplesmente dadas para serem chupadas pelo jovem estudante da Lei. Mais tarde, quando Ernie tornou-se capaz de ler pedaços de frases, Mardoqueu as oferecia modeladas em pedaços de bolo, nos quais Judite, por sua vez, exibia toda a sua ciência.

Ernie começou a saltitar atrás do patriarca. Suas relações se tornaram tão íntimas que a Srta. Blumenthal sentiu-se perturbada por isso. Tinham grandes conversas no quarto de cima; quando ela colava o ouvido na porta, a Srta. Blumenthal percebia apenas um sussurro, ora solene, ora tão delicado e tão suave que o peito lhe apertava de medo. Um dia, ela escutou:

- Então você me empresta a sua barba?

Em seguida, houve um longo e solene sussurro.

Porém, era como se comportavam juntos o que mais singularmente a afetava. Da cozinha, ela os observava algumas vezes na sala de jantar, durante os malditos cursos de hebraico; a postura do velho parecia tão reverente quanto a da criança; quando Ernie fazia uma pergunta, o patriarca balançava pensativamente a cabeça antes de responder, como se se tratasse de uma sábia discussão talmúdica. E, de quando em quando, sua mão pousava sobre a cabeça encaracolada, desfazendo-lhe um anel do cabelo.

A Srta. Blumenthal não entendia. Ela imaginava uma espécie de cordão umbilical entre o velho e a criança, mas não podia afigurar-se a substância nutritiva que dali corria. Um dia, espiando pela janela da cozinha, ela viu o menino curvado sobre uma cartilha e cofiando uma barba imaginária com grande dignidade; uma verdade insólita fulminou-a: Ernie imitava o patriarca. Advertida, notou outros detalhes: quando pensava estar só, o menininho cruzava as mãos atrás das costas, tornava os olhos pesados,

inclinava a cabeça para a frente e, com um passo lento de velho, contornava a mesa, feito mergulhado em meditação rabínica; outras vezes, sentado diante da cartilha, punha-se subitamente a salmodiar com ar inspirado, como fazem os anjos e os judeus piedosos. Igualmente o surpreendeu no momento em que tomava um hausto de ar que introduziu delicadamente em sua narina direita, aspirando-o com lenta concentração, levantando a cabeça à maneira do patriarca.

Numa tarde de sexta-feira à noite, após os cânticos do Sabá, o patriarca subiu até seu quarto, de onde desceu com enorme alfarrábio encadernado em pele. A Srta. Blumenthal tomara conhecimento desse livro através do Sr. Levy pai, cujos lábios se abriram em certos momentos de calma intimidade. Assim, era de ouvir dizer que conhecia os Justos, Zemyock e o vale postal variável que todos os meses tomava o caminho da Polônia. Poderia saber de muitas outras coisas, mas não tinha curiosidade por esse mundo subterrâneo da vida cotidiana dos Levy; jamais fazia alusão a ele perto do marido, fingia esquecimento. Foi por isso que se sentiu tão surpresa quanto Judite e Benjamim quando o ancião abriu lentamente o livro e começou a leitura do primeiro capítulo. Um pesado silêncio se fez. As crianças olhavam Mutter Judite pálida, majestosamente irada. Bruscamente, ela deixou escapar uma exclamação rouca, gutural. O patriarca levantou as pálpebras e a fulminou com o olhar.

Sua voz era glacial.

- Estas crianças não sabem o que é um verdadeiro judeu...

E batendo com a mão nervosa no tampo da mesa, ele acrescentou:

- ... E você, você não sabe mais que eu ainda sou um homem.

Depois continuou a leitura com a mesma voz lenta, áspera, entre cortada de tremores. E assim foi até na sexta-feira seguinte.

A Srta. Blumenthal conhecia o suficiente de hebraico para compreender aquelas vidas exemplares de mártires. Fazia esforços para afastar aqueles horrores para bem longe dos seus pensamentos. E ficou penalizada ao ver que o Anjinho, a atenção voltada para o leitor, os olhos terrivelmente abertos, “estava imitando” aqueles personagens ensangüentados do livro, com todo o seu coração. Depois, na quarta sexta-feira, quando o patriarca terminava a sua leitura, Ernie levantou um dedo obediente e perguntou ao velho "se todas aquelas histórias eram verdadeiras...".

O Sr. Benjamim deixou escapar um riso maldoso, desagradável.

E Mutter Judite pareceu encher-se de furor, enquanto seus olhos se voltavam suplicantes para o patriarca, que hesitou, mordiscou o bigode; enfim, murmurou com voz seca, verdadeiramente entrecortada:

- Bem, que acha você, meu coraçãozinho, coisas semelhantes podem acontecer?

- É claro que não - respondeu ele amargurado.

Diante dessas palavras, o patriarca fechou de novo o livro e deixou a sala de jantar; tarde da noite, a Srta. Blumenthal ouviu ecos da discussão com Mutter Judite; nunca mais ele tornou a descer o livro da fabulosa Casa dos Levy.

Mutter Judite sempre vira com olhar melancólico a assiduidade de Ernie às lições do patriarca.

- Esse é um que não precisa de mel para mastigar seu á-bê-cê; mas o que terá de bom lá dentro?

Ela receava que, mergulhando aquela vulnerável consciência nas "velhas histórias", Mardoqueu lhe transmitisse insidiosamente o "vírus do zemyoquismo", como dizia Benjamim. Mas o remédio estava próximo do mal; porque muito cedo a frequência da escola levaria o pequeno Ernie às brincadeiras da sua idade: era o que, pelo menos, esperava a avó.

Ora, tudo aconteceu como se o estudo da Lei tivesse criado nele um mecanismo não menos sensível aos programas pagãos, do que à divina Torá e aos profetas. E Mutter Judite encontrou algum consolo no fato de que Ernie, visivelmente, se cansava dos ensinamentos de Mardoqueu para consagrar-se aos estudos profanos.

Este, de preferência, ia estudar na cozinha, num canto de mesa que lhe cedia a Srta. Blumenthal. Mutter Judite sempre achava um pretexto qualquer para intrometer-se; e enquanto o escolar mordida uma língua inquieta, as duas rivais, se espreitando mutuamente, não se cansavam de olhar para ele, cheias de inquieta curiosidade.

Num dia funesto, viram-no voltar para casa com uma braçada de prêmios. Nem Mardoqueu nem Mutter Judite o felicitaram com grande entusiasmo, embora, por razões diametralmente opostas, os dois manifestaram sérias (e dramáticas em certos pontos) reservas sobre o que foi para Benjamim pretexto para mil abraços. Quanto à Srta. Blumenthal, dividida entre o pânico e a admiração, soube apenas juntar as mãos e suplicar:

- Que seja para o bem dele, meu Deus, que seja para o bem dele.

Quando Ernie subiu a escada solenemente, Mutter Judite seguiu com as pontas dos pés; vendo-o entrar, com ar misterioso, no quarto dos jovens esposos, ela se aproximou às escondidas: um som de voz saía dali. Colando uma orelha na fechadura, ela ouviu palavras espantosas (pronunciadas pelo Anjinho em tom doutoral, seu alemão curiosamente misturado a modulações ídiches):

- De novo, você? Felicitações, meu menino, felicitações, meu homenzinho. De novo, você?

Escutou depois um riso contido e compreendeu que o Anjinho troçava ironicamente diante do espelho; contagiada, ela própria não conseguiu conter uma boa gargalhada, feliz - que provocou imediatamente o silêncio atrás da porta.

Até aquele dia, os livros encontrados em casa eram os de oração, alguns textos talmúdicos e um ou outro livro escolar esquecido pelas crianças. No começo, quando viu Ernie mergulhado até as orelhas nos volumes recebidos como prêmio, Mutter Judite de nada desconfiou; aceitava-os como um fato inerente aos costumes do país. Mas uma noite, por escrúpulo, pediu a Benjamim que a esclarecesse sobre as novas leituras do Anjinho. A resposta do filho surpreendeu-a: duas coleções de contos de fadas, um romance de aventuras que se passava na China e três narrativas de cavalaria alemã! Após uma meia hora de confusas explicações, ela exaltou-se:

- Eu não entendo nada do que você está falando. O que quero saber é se, sim-sim ou não-não, tudo o que está escrito aí dentro aconteceu?

- Não, não - disse resolutamente Benjamim.

- Então são mentiras - falou Mutter Judite com ostensiva repugnância.

- Não são mentiras, são histórias.

Os olhos de Judite pestanejaram, um suspiro escapou dos seus lábios cerrados:

- Por que não me diz logo que estou louca, hein?

Assim terminou a conversa.

Mas a convicção de Mutter Judite estava formada; e no mesmo dia, ela observou, pela primeira vez, que quando tiravam Ernie bruscamente da sua leitura, ele levantava um olhar beatífico, prenhe de sonhos e de delírios, e era com dificuldade que tomava conhecimento das pessoas.

- Onde está você? - perguntava-lhe carinhosamente.

E como o menino a encarava sem alegria, lamentava não poder segui-lo naquele mundo onde as coisas invisíveis a olho nu são tão belas para quem sabe ler que não se tem mais vontade de retornar ao nosso mundo de cá.

Dias depois, sem que ela soubesse como, novos livros apareceram entre as mãos do menino: todos inquietantes, uns mais do que os outros. Alguns eram ilustrados e neles se viam homens a cavalo, mulheres vestidas com roupas longas recobertas de diamantes e estranhos seres e animais que, sem dúvida, provinham da China. Mas os livros que Judite mais temia eram os que nada mostravam do seu conteúdo. Quando saía de alguma delas, o menino parecia completamente perdido. Algumas semanas mais tarde, o canto dos seus olhos tomou uma cor rosada doentia, enquanto veiazinhas azuis se destacavam na delicada superfície da córnea. Uma noite, à mesa, os olhos de Ernie começaram a lacrimejar de fadiga. Enfurecida, Judite invocou o testemunho de toda a família, porque não, não, as coisas não podiam continuar naquele caminho:

- Esses malditos livros estão lhe comendo os olhos, e eu não ficaria surpresa se num dia qualquer amanhecesse devorado por dentro!

Severas medidas foram adotadas nessa noite. Tão logo conseguiu apoio unânime, Mutter Judite precipitou-se até os quartos e surrupiou todos os volumes de "mentiras", sem exceção.

Nos dias seguintes, a luta tornou-se mais mordaz.

Ficou comprovado que o menino trazia os livros nos fundilhos das suas calças.

Descoberto esse ardil, ele redobrou sua engenhosidade, e tanto o fez e tão bem que Mutter Judite, como ela própria disse, entregou os pontos. No entanto, derrotada como censora, tornou-se espiã dos gestos e atos do Anjinho, cuidando para que não se entregasse a seu vício no sótão, nem no porão, e muito menos no cantinho do quarto que agora lhe servia de gabinete de leitura. Expulso dos seus últimos esconderijos, Ernie tentou aproveitar-se das conversas dos adultos que se realizavam todas as noites na sala de estar. Esgueirando-se descalço pelo corredor, ele conseguiu aproveitar o raio de luz que filtrava pela porta da sala - entreaberta com arte. Descobriram-no ali, já passada a meia-noite, espantado, olhos siderados, cansado demais para entender o que lhe acontecia.

Mas doravante, ao menor sinal de aproximação, o trinco mal rangendo,

doce e compreensiva, a voz de Mutter Judite se fazia ouvir do outro lado:
- Ernie, meu cordeiro de dor, vá deitar-se.

VIII

Vencida a batalha do livro, Mutter Judite chegou ao ponto de desejar que o Anjinho seguisse o exemplo do primogênito pagão.

Mas, bem cedo, aí, foi obrigada a reconhecer que, enxotando um demônio, havia introduzido outro no lugar, mais perigoso, porque inatingível. Estivesse na mesa ou fazendo seus deveres (e mesmo durante as raras travessuras com os outros menores da Srta. Blumenthal), o Anjinho, repentinamente se petrificava, suas feições se imobilizavam; uma penumbra rosada cobria-lhe os olhos, e ele se tornava tão distante como se estivesse dentro do país dos livros. Ela suspeitou que contava, para si próprio, histórias de cavalaria. Porque, coisa espantosa, ao sair dos seus devaneios, mostrava um ar tão digno quanto marcial, o porte tenebroso de um herói.

Ela decidiu usar de recursos mais violentos; ao mais fraco raio de sol, expulsava o menino para a rua, sem cerimônia; um belo dia, enfim, ficaram sabendo que o Anjinho se reunia aos garotos da vizinhança: ela triunfou.

A turma se reunia no alto da Riggerstrasse, num pátio dos fundos de uma casa abandonada. A erva e os cascalhos, os entulhos de lixo e o poço imprestável compunham uma paisagem rica em mágicas possibilidades. Dois alunos da sala de Ernie também eram da "turma do poço", entre os quais uma delicada lourinha, chamada Ilse Bruckner, e a quem Ernie não ousava dirigir a palavra porque seus olhos eram dois lagos e seus cabelos dourados se derramavam sobre os ombros, dando-lhe a aparência de uma figura com toucado. Ela usava uma malha quadriculada em branco e vermelho, e em volta do pescoço tinha uma corrente de ferro com uma cruz, e quando lhe pediam, cantava com uma voz que deixava todos leves, inexistentes, cantigas desprovidas de sentido.

A admissão de Ernie na turma tinha qualquer coisa de miraculoso. Depois de expulso de casa por Judite, costumava perambular ao sabor dos seus devaneios, mãos nos bolsos, corpo teso e a cabeça bem aprumada sobre o pescoço longo, brotando como uma haste do colarinho aberto da camisa

branca. Não dando atenção ao movimento da rua, tropeçava nos passantes, nas caixas e nos objetos jogados pela rua; até que finalmente, por prudência, dirigisse seus passos propositalmente para fora da cidade, nos arredores dos viçosos prados que cercam o Schlosse. Mas, um dia, alertado por uma voz reconhecível entre mil, ele se esgueirou entre as ruínas da velha casa; e, escondido na sombra, viu Ilse cantar no meio do grupo, todos os olhos fixados em sua boca, e o sol cintilando no cone de luz da sua coifa de sedosos cabelos de milho.

No dia seguinte, ele se mostrou às claras, mãos intencionalmente cruzadas atrás das costas, mostrando em toda a sua atitude que não passava de pequeno espectador entusiasmado com as brincadeiras e zombarias da turma. Logo se habituaram à sua muda presença. Deram-lhe pequenas funções. Foi guarda das pilhas de pedra, árbitro de torneios, prisioneiro profissional, pajem do rei Tristão; cargos que jamais exigiam o porte de uma espada. Quando a brincadeira se tornava demasiadamente violenta, ele abandonava prudentemente a liça: a simples visão dos embates o feria. E quando, no ímpeto dessas brincadeiras, seus companheiros golpeavam violentamente com suas espadas de madeira, Ernie se perguntava por que eles tinham que sonhar com o corpo, enquanto era tão melhor sonhar apenas em espírito. Um dia, Wilhelm Knöpfer, um garoto rechonchudo com olhos risonhos e dois queixos, propôs que representassem a paixão de Jesus.

- Mas quem vai ser os judeus? - perguntou Hans Schliemann, o chefe incontestável do grupo.

Todos deram gritos de surpresa. Finalmente, descobriram Ernie agachado atrás do muro: branco de terror. Em meio a uma explosão de ruidosas gargalhadas, foi puxado para junto do poço, onde Ilse Bruckner já estava encostada, os braços estendidos sobre a musgosa beirada em ruína, a cabeça pendida em agonia e as pontas dos pés sobrepostas, de maneira a figurar o cravejamento das extremidades inferiores do Cristo. Wilhelm Knöpfer imediatamente improvisou-se em Pôncio Pilatos, barrigudo, hilariante, esfregando as mãos de forma significativa; e lançando um olhar malicioso em volta: "Estão vendo? Devo lavar minhas mãos? ...". E, de vez em quando, enfiava os cinco dedos sob a camisa, num gesto inexplicavelmente napoleônico.

- Ah, ah - deu uma gargalhada na direção de Ernie -, você é o nosso único

judeu, vai ter mesmo que fazer isso, senão, quem você quer que seja eles? E impondo silêncio na turma excitada, franziu as sobrancelhas, esticou uma beíçola majestosa, proferiu gravemente:

- Oh, judeus, que querem que eu faça com Nosso Senhor? Querem que eu o solte?

- Não é assim - interveio uma menininha de cabelos cuidadosamente trançados, maneira professoral e timbre decisivo -, no catecismo, primeiro é Barrabás.

Wilhelm Knöpfer berrou:

- Deixe-nos em paz com seu catecismo! Aqui sou eu o padre... “Muito bem”, continuou, irritado com a interrupção, e tentando recuperar o prestígio abalado; “querem que eu o solte, sim ou não?”

Uma disfarçada embriaguez transparecia cruelmente no olhar ingênuo de Wilhelm, nas suas pupilas dilatadas por uma visão interior, vingativa e pesada de reminiscências: Ernie entrecerrou os cílios tristemente. Preso entre as mãos firmes de dois meninos e exposto à ação corrosiva de todos aqueles olhares, parecia-lhe que seu ser de carne se dissolvia no ar para renascer de forma misteriosa no espírito dos companheiros de brinquedo; mas, recoberto por uma máscara, ataviado de ouropéis sangrentos, como em certos sonhos de terror nos quais se sente reduzido a um verme abjeto. Ele lançou um olhar vencido para Ilse, cuja cabeça dourada caía sobre um dos ombros, com um abandono tão coquete quanto tocante. E, enquanto a cruz, batendo sobre a malha da menina, despertava, de repente, nas profundezas de Ernie, a fabulosa lembrança das atrocidades cristãs, uma fraqueza dobrou-lhe os joelhos. - Oh, soltem-na - murmurou ofegante.

Houve, em seguida, um coro de protestos:

- Ah, não, não foi assim, assim não, não! Vocês pediram para crucificá-lo! Crucifiquem-no, é o que disseram! Então, tem que dizer isso, diga, diga, diga! - repetiu toda a turma em coro, enquanto Ernie Levy balançava pensativamente a cabeça, o lábio inferior já sangrando entre os dentes que se recusavam a abrir-se para a palavra de morte.

- Mas que merda - exclamou Hans Schliemann com fúria -, você disse ou não disse?

No silêncio complacente que seguiu a intervenção do chefe, a voz melodiosa da crucificada se fez ouvir:

- Ah! Lá lá, os cravos, como eu sofro...

- Oh, Deus, piedade... - disse uma menininha em tom quase de dor que subitamente tocou o coração de todos os membros da singular assistência, gelando-lhes o sangue, cortando-lhes o alento e fazendo revirarem lentamente os olhos das meninas, de longos cílios luminosos, que agora batiam, palpitavam, ou tornavam a fechar-se no pudor das lágrimas.

- Mas não, eu não disse isso - falou Ernie transtornado.

- Disse sim! - resmungou Hans Schliemann, com a voz que adotava para estabelecer a justiça, enquanto seu braço de ferro se abatia cruelmente sobre o ombro de Ernie, que suspirou.

- E - continuou a sabiazinha de tranças - você disse também: Soltem Barrabás e crucifiquem Jesus. Não foi o que ele disse?

- Ele disse isso! Ele disse isso!...

- Eu não... eu não... - balbuciou o acusado, uma lágrima lhe escorrendo pelo rosto.

- Você disse, disse sim - repetiam as crianças, cada vez mais violentas, enquanto Ernie Levy, escondendo o rosto entre as mãos, murmurava agora com uma voz mais e mais hesitante, como se os que os cercavam comesçassem a convencê-lo:

- Eu não disse, eu não, não, eu não.

Uma voz de menina estourou bem junto a seu ouvido:

- Oh, judeu sujo!

No mesmo instante, o peso viscoso de um escarro se introduziu bem dentro do seu ouvido.

E então Wilhelm Knöpfer esganiçou, indignado:

- Assassino!

E puxando uma das mãos de Ernie, ele o esbofeteou por debaixo com tal contundência que o menino rodopiou, desnordeado, no meio de gritos, punhos fantásticos e unhas agudas que as meninas retorciam na carne dos seus ombros e das suas coxas, atirando-lhe insultos queixosos:

- Malvado, malvado, você matou Deus!...

Uma mão segurou-o em sua vertiginosa queda e ele viu bem junto ao seu o rosto de Hans Schliemann, possuído por um furor alucinado, irreconhecível.

- Olhe o que fez com ela! - exclamou Hans Schliemann mostrando a pequena Ilse, que chorava por autocomiseração, sempre apoiada, braços

abertos, na boca do poço, a cabeça agonizante e inclinada, enquanto que, em sua piedosa imitação de Jesus Cristo, deixava escorrer um fio de saliva do canto da sua boca rosada e contorcida pelo sofrimento.

Quando ela teve consciência de que a observavam, proferiu com uma voz tocante:

- Oh, meu Deus, que fiz com vocês, oh, judeus? Oh, meu Deus, os cravos, os cravos...

E então, não se contendo mais, Wilhelm Knöpfer apanhou uma pedra, e introduzindo-se por trás de Ernie, acertou-a com força em sua nuca, exclamando: "Para Jesus!" O menino judeu caiu de uma só vez no chão, os olhos virados, os braços abertos. Uma flor vermelha nasceu na relva negra e ondulada da sua nuca. Após alguns instantes de contemplação, a turma dispersou-se em silêncio, cada um deles procurando precipitadamente chegar em casa. Somente Wilhelm Knöpfer ficou ali com um menino de cerca de 10 anos que murmurava oh, oh, e não se cansava de olhar a flor crescer na nuca de Ernie Levy.

- Deve estar morto - disse Wilhelm Knöpfer jogando a sua pedra ensangüentada no chão.

- Temos que verificar isso - disse o outro, consternado.

- Não tenho coragem.

- Eu também não.

- Ele não fez nada conosco - disse Wilhelm com voz estranha.

- Nada - concordou o segundo menino.

- Ele era bom - reconheceu de repente Wilhelm, balançando a cabeça, como se não pudesse dar-se conta do curso obscuro do seu ato.

- É verdade - disse o outro, surpreso.

- Vamos levá-lo? - perguntou Wilhelm.

- Não há outro jeito - disse o outro, que já se abaixava. Ele segurou Ernie pelos ombros; e Wilhelm, se introduzindo na abertura das pernas, levantou o corpo pelas coxas. "Pesa menos do que um pardal", observou Wilhelm, dando um suspiro lacrimejante. Depois, começou a chorar silenciosamente e sem parar em todo o percurso da Riggerstrasse, os olhos fixados na nuca ensangüentada de Ernie, que a cada passo balançava, enquanto um pequeno grupo de curiosos acompanhava o singular transporte. Mutter Judite foi a primeira que viu. Dando um grito pungente, tomou a criança, que transportou para um quarto do primeiro andar, seguida por Wilhelm

silencioso. Ninguém lhe deu a menor atenção. Quando o doutor, chamado apressadamente, colocou um frasco nas narinas da pequena vítima, Wilhelm fez maquinalmente um sinal-da-cruz, e perturbado, lembrando-se da cena, pensou ver naquilo um sinal de morte. Mas o menino judeu, a cabeça recostada sobre um travesseiro já avermelhado, deu um profundo suspiro e murmurou: “Eu não disse isso, eu não disse...”. Wilhelm esgueirou-se discretamente para fora, despercebido. Uma vez na calçada, pôs-se a correr com todas as suas forças.

Embora sua motivação permanecesse sempre misteriosa, a agressão contra Ernie se colocou, com o tempo, na série de atos anti-semitas que anunciaram a chegada de Adolf Hitler ao poder. Os comunistas, sendo pouco numerosos em Stillenstadt, e os democratas quase não se manifestando, resultou, naturalmente, que a seção local do Partido Nazista dirigiu rapidamente as baterias da sua propaganda contra as poucas famílias judias que “grassavam” na cidade. Após a ascensão de Adolf Hitler ao supremo posto de chanceler do Reich, os judeus alemães se sentiram presos na armadilha, como ratos, condenados a uma corrida circular, à espera do pior.

- Não deveríamos ter saído da Polônia - reconheceu um dia Mutter Judite.

- Peço perdão, foi minha culpa, minha...

- Vamos, vamos - respondeu carinhosamente o patriarca -, se o perigo está em toda parte, como quer escapar dele?

Era o ano de 1933, depois da vinda de Jesus, belo mensageiro do impossível amor.

CAPÍTULO 4

O Justo das Moscas

I

Foi o Sr. Levy pai quem deu o arme. Mal haviam deixado a Riggerstrasse, Ernie sentiu o pai tenso, vigilante. Isso sempre acontecia aos sábados, a caminho da sinagoga; tão logo colocassem os pés fora do território da Riggerstrasse, o Sr. Levy pai não se sentia mais seguro; girando a cabeça em todas as direções, ele esticava de repente o pescoço de coelho, e Ernie

imaginava estar vendo suas orelhas se mexendo, grandes e salientes. Mas hoje a rua estava tão calma e vazia, os telhados vermelhos das casas brilhavam tão alegremente ao sol, que o menino não pôde se impedir de achar um sabor irreverente na agitação paterna. Levantando a cabeça de um lado, ele reparou que os lábios finos do Sr. Levy se agitavam num certo tremor, juntando-se e separando-se silenciosamente, como a boca de um peixe sufocado. Súbito, os lábios do Sr. Levy pai se contraíram por completo e deles saiu um sibilo:

- Psiu...

E ficou imóvel no meio da rua.

- Que tem você? - disse Mardoqueu.

Mais uma vez, Ernie ficou atônito com a calma do patriarca, que parecia jamais inquietar-se com o que não o levasse à observância das prescrições da Lei. O ancião deu dois passos para trás e, levantando vagarosamente a mão até a altura da sua barba, puxou solenemente uma mecha.

- Que há então?... - repetiu, não sem uma ponta de impaciência; mas seus pesados olhos cinzentos continuavam fixos em suas órbitas e não pareciam participar da agitação do Sr. Levy pai.

Este levou as duas mãos em concha à orelha direita e disse:

- Estão escutando?...

- ... eu não ouço nada - disse Mutter Judite, que acabava de chegar, completamente sem fôlego, luzidia e rechonchuda no seu eterno vestido de tafetá preto.

- Estou escutando... - disse baixinho a Srta. Blumenthal.

- Eu também - disse Moritz.

- Eles estão vindo pela Roundgasse - replicou o Sr. Levy pai, cuja orelha direita, atentamente levantada, continuava ligada às ondas musicais que, a cada momento, se aproximavam mais.

Todo o grupo dos Levy se imobilizou medrosamente ao sol, envolvido pela luz amarela e repentinamente cruel que o expunha à curiosidade pública.

- Muito bem! - berrou Mutter Judite. - Todo mundo para a casa da Sra. Braunberger, depressa!...

Com essas palavras, puxando uma criança em cada braço, ela atravessava a rua e a calçada como uma flecha; e desaparecia numa casa vizinha, seguida pelo resto da família. O patriarca estava no fim da fileira, seu

corpo avançava pesadamente, e seu espírito se lembrava de uma fuga antiga.

Ernie já estava no fundo do corredor de entrada quando Mutter Judite desceu do primeiro andar, anunciando, com ar assustado, que a porta da Sra. Braunberger estava fechada:

- Ela já foi para a sinagoga - disse o patriarca, que tranqüilamente se encostava na parede.

- Que será de nós? - exclamou Mutter Judite; estendeu o braço na direção do retângulo amarelo da rua, depois o colocou de novo, suavemente, em redor de Jacob que se encolhia nas suas coxas.

- Vamos - disse o patriarca sorrindo na penumbra -, não invente para si um segundo inferno... É verdade que se a pegam na rua eles vão agredi-la. Mas não entram para buscá-la dentro das casas, não virão até aqui especialmente por sua causa, não é?

- Ouçam isso! . exclamou com voz baixa Mutter Judite, e Ernie entreviu subitamente uma fileira fulgurante de dentes, no espaço de um rictus.

Depois, ela tomou sua decisão:

- Muito bem! Todos para cima!

Ela já se arrojava, acompanhada por todo o grupo silencioso; mesmo o patriarca, observou Ernie, subia cada degrau cuidadosamente com as pontas dos pés.

No terceiro andar, uma janela fechada dava para a rua. Ernie conseguiu esgueirar-se por entre as pernas arqueadas do patriarca, ainda a tempo de ver a tropa da S.A. aparecer na esquina. Seu canto bateu subitamente contra as vidraças, e o barulho das suas passadas ressoou no chão do patamar. Vistos de tão alto, com suas botas de couro, seus largos cinturões de fivelas cintilando ao sol e, acima de tudo, os pequenos crânios de cabelos aparados, eles pareciam inofensivos e estrepitosos insetos rastejando sob o sol.

Quando chegavam à altura do prédio, o canto morreu em súbita parada, para dar lugar a um novo canto que se elevou no ar quente, um canto bem familiar aos Levy, mas que, no entanto, provocou em todos um frêmito.

Quando o sangue judeu jorra sob o punhal...

- Um, dois, três!... - gritou o comandante do pelotão.

Isso faz bem a nossos corações, isso faz bem!...

- Um, dois, três!...

A tropa dobrou depois a rua Echevins, deixando apenas um rumor distante, que parecia irreal.

- Como eles parecem perversos - disse chorosa a Srta. Blumenthal... - Tudo bem - interrompeu Mutter Judite -, não falemos mais nisso. Temos que nos apressar agora, estamos atrasados.

Jacob choramingou: - Eu não quero ir!

- Ir para onde? - respondeu Judite distraidamente.

- À sinagoga...

Como resposta, a velha mulher agarrou-lhe o ombro com uma das mãos e fez sacudir sua cabeça com um senhor bofetão. Depois, pacificada, o tronco bem aprumado sobre a dupla coluna das suas pernas, ela decretou:

- Hoje parece que eles querem sangue judeu, vamos então à sinagoga em pequenos grupos. Cada um de nós tomará um caminho diferente; não há sentido em chamar a atenção num sábado. Você, Ernie, pegue o Jacob e passe com ele por trás do ginásio... Sim, rápido, andem!

E virando as costas para os dois meninos, já seguros pelas mãos, ela orientou o restante das operações.

Ernie apertou a mão do "pequeno" Jacob, e, como ele a sentiu mais larga do que a sua, contraiu fortemente os dedos, para melhor segurá-la. A cada degrau descido, os soluços de Jacob diminuía. Ao chegarem ao térreo, Jacob já estava silencioso.

- Tudo bem? - gritou Mutter Judite do vão da escada.

- Tudo bem - gritou Ernie -, o mais tranqüilamente quanto possível.

Mas, já separado dos seus pelos três lances da escada de pedra escura, ele começava a descobrir a sua solidão; e quando emergiu, com passo hesitante, à luz ofuscante da rua, sua mão direita puxando a munheca gorda e trêmula de Jacob (ele pôde adivinhar, um pouco atrás de si, o rosto rechonchudo cheio de medo e extravagantemente coberto pelo boné azul que procurava sempre usar tombado sobre a testa, como um jóquei; um rosto no qual ele pressentia, já renascente, o medo, expresso numa respiração ligeiramente ofegante), Ernie foi tomado por tão profunda angústia que desejou voltar imediatamente para cima, para o patamar do primeiro andar, retornar ao tão precário refúgio, mas guardado pela sombra de Mutter Judite.

- Ande - murmurou carinhosamente -, não posso continuar puxando-o.

Jacob o encarou sem entender, empinou ligeiramente o ventre para a

frente, engatando a ponta do braço estendido na mão de Ernie, como se fossem uma parelha atrelada, seguiu lentamente o passo do irmão mais velho. Alguns minutos depois, ele se queixou:

- Está andando depressa...

Ernie se impacientou:

- Você é maior do que eu - disse em tom seco.

- Sim, mas sou menor- retorquiou Jacob, subentendendo: - sou mais moço.

Um puxando o outro sob o sol, os dois meninos entraram em estreitas ruelas escuras. Tudo correu bem até a altura da rua Passereaux. O menino Ernie havia tirado o enorme lenço de cor malva, presente obrigatório de Mutter Judite, e que atraía visivelmente os olhares dos passantes. Pouco a pouco, as ruas se alargavam, o sol iluminava mais fortemente as fachadas; estavam se aproximando dos bairros mais elegantes. As crianças sentiam-se mais tranqüilas, ninguém mostrava más intenções a respeito delas. Embora conhecesse bem o caminho e de ordinário se orientasse facilmente, Ernie tinha cada vez mais dificuldade em achar o seu caminho no meio daquelas lindas casas, parecidas umas com as outras, embora fossem completamente diferentes; enquanto que nos arredores da Riggerstrasse, pequenas, amontoadas, verdadeiramente idênticas, cada casa tinha, como que um rosto, um sinal distintivo que permitia reconhecê-las ao primeiro olhar. Ernie pensou que as casas dos bairros elegantes não tinham odor: elas eram como água.

Jacob disse ofegante:

- Ainda está muito longe?

- Primeiro temos que alcançar o ginásio - disse Ernie pausadamente. - Dali, acharei o caminho com mais facilidade.

- Eu não conheço essas ruas, nunca as vi. Talvez fosse melhor perguntar alguma coisa, não?

- Não podemos perguntar nada - disse Ernie depois de uma rápida reflexão.

- Por que não?

- Por causa da nossa voz - disse Ernie preocupado -, temos um sotaque ídiche.

Jacob tornou-se sarcástico:

- E você acha que as pessoas não estão vendo que somos judeus?..

Não precisamos abrir a boca, eles vêm logo, não?

Dando uma longa olhada ao redor, Ernie comparou as crianças louras que brincavam com roupas comuns nas calçadas das redondezas com a pequena silhueta engomada de Jacob, seus sapatos lustrosos, suas roupas bem passadas, sua pele bem limpa e sua cabeleira basta e negra encimada extravagantemente pelo boné xadrez azul; seus olhos judaicos, a curva judaica do seu nariz, medrosamente caído sobre o lábio superior.

- É verdade - disse -, hoje é sábado e estamos vestidos com roupas domingueiras...

- E o pior são os chapéus - ajuntou Jacob em tom insinuador.

- É isso mesmo - disse Ernie -, no verão "eles" não usam chapéus.

— Então, vai perguntar alguma coisa?

Ernie não respondeu; observava em volta, apreciando o mundo cristão. Enfim, após algumas hesitações, ele descobriu uma minúscula dona-de-casa varrendo a entrada da sua porta. Puxando Jacob atrás de si, levantou a boina e perguntou, com sua melhor pronúncia alemã, “se o ginásio era por ali”...

- Ah, é bem em frente – disse, surpresa, a mulherzinha.

Depois, olhando melhor para Ernie, ela colocou o queixo no cabo da vassoura e sorriu um pouco com a boca, mas muito mais com seus pequenos olhos claros:

- Vocês têm razão, meus meninos - disse compreensiva -; é melhor tomar esse caminho porque a rua principal tornou-se perigosa para "vocês" agora que "eles" não param de desfilar por lá. Mas, escutem, seria talvez ainda mais prudente não ir de maneira alguma à sinagoga de vocês...

De repente, uma segunda dona-de-casa saiu do corredor:

- Ah, esses aí... Não é bom falar com eles! - exclamou. Depois, voltando-se para os dois meninos, acrescentou intencionalmente: Cocoricó, vocês judeus, a coisa vai ficar preta hoje!

E, voltando-se para trás, ela colocou as mãos sobre seu avental bojudo e riu satisfeita. Imediatamente, muitas caras curiosas de meninos apareceram, cercando o pequeno grupo. Ernie e Jacob já se afastavam precipitadamente. Ouviram gritos agudos e o som de uma corrida atrás de alguém... Apertando cada vez mais a mão de Jacob, Ernie começou a correr com todas as suas forças. Na esquina, espantado por não terem sido pegos, ele se voltou e viu de longe o grupo de meninos que riam às

gargalhadas com gestos alegres. Uma pequena silhueta atravessou a calçada, a vassoura em uma das mãos e um menino na outra. Chegando à calçada, a silhueta esbofeteou a criança e a arrastou para uma casa. Ernie e Jacob continuaram a caminhar. Jacob ofegava ruidosamente. Ele disse, com sua voz aguda, variável, ligeiramente aflautada:

- Quando crescer, não irei nunca mais à sinagoga.

- Quando você crescer - disse Ernie -, todos estaremos mortos. Depois de alguns instantes, Jacob continuou, inocentemente:

- Se tirar meu boné, eles não verão que sou judeu, não é? – E com uma modulação medrosa: - Oh! Ernie... meu boné... eu poderia colocá-lo um pouco antes de chegarmos à sinagoga, não acha?

Ernie parou de andar. O rosto de Jacob aproximou-se do seu, os belos olhos negros brilharam com um fervor suplicante, enquanto o beijo ávido de Jacob começou a tremer com tanto abandono que Ernie se sentiu invadido por uma dor extraordinária. Levantou a mão esquerda e a colocou sobre a face do irmão:

- Mas, e eu? Eles verão perfeitamente que sou judeu - disse, tão carinhosamente quanto pôde.

- Sim - respondeu Jacob com sua voz aflautada -, você parece muito mais judeu do que eu. Mas...

No entanto, com ar carrancudo, Ernie refletia:

- De qualquer modo - observou ele de repente -, se tirar o boné, você morre. Então?...

- Não é verdade - disse Jacob -, já fiz isso várias vezes.

Ernie refletiu de novo:

- Talvez Deus não quisesse isso, mas ele pode derrubar você a qualquer hora.

- Você acha? - exclamou Jacob medrosamente.

- Tenho certeza - disse Ernie, sonhador. - Mas você sabe... já que tem tanto medo... pode ser talvez... Oh, meu Deus, por que você tem tanto medo, hein?.. Será que eu também tenho medo?

Jacob o encarou atentamente:

- Decididamente - disse ele -, você não "manja" nada.

Naquele instante, Ernie sentiu suas costas se curvando, o pescoço se inclinando ligeiramente sobre seu ombro direito; e enquanto uma névoa de melancólica ansiedade cobria seus olhos, ele murmurou com sua voz de

sempre, meiga e indiferente:

- Bem, então você me dá seu boné, eu vou na frente, e você me segue de longe, por trás. Dessa maneira, não ficarão sabendo que está comigo.

E como Jacob tirava apressadamente o boné, Ernie tomou-o das suas mãos e, os olhos levantados para o céu, que ele já adivinhava próximo, em alerta, à escuta, murmurou solenemente:

- Oh, Deus, que seu pecado recaia sobre mim...

Depois, para Jacob surpreso:

- Assim - disse com indiferença - você não morre.

- Mas e você?

Ernie sorriu, constrangido:

- Eu?.. Eu?..- Em seguida, com desenvoltura: - Oh, eu, Deus nada pode fazer por mim, já que eu não tiro o meu boné. Você compreende?

E segurando o boné de Jacob debaixo do braço, como se fosse um caderno escolar, Ernie lançou seu pé esquerdo, depois o direito, depois o esquerdo de novo, num leve e frágil movimento mecânico, que não lhe dava a impressão de estar andando verdadeiramente. Do mesmo modo, quando ele se voltou, depois de haver contado exatamente 20 passos, sentiu-se surpreso de ver Jacob caminhando à distância, a cabeça nua bem firme sobre seus ombros roliços, o olhar calmo, o rosto descontraído. Piscou para ele com discrição, deu meia-volta e retomou a caminhada, o pescoço inclinado e suas costas magras subitamente curvadas, num arco de angústia...

Ao olhar em torno de si, examinando a calçada, as fachadas anônimas e o céu que, como uma imensa flecha azul, se afinava em ângulo agudo no fim da rua, Ernie súbito sentiu o medo descer-lhe até o ventre, para depois insinuar-se mais alto, no peito, gelo perfurando-lhe o coração como um verme da terra. Ele estava tão sozinho na rua, tão pequeno, tão fraco, tão sem importância que ninguém se incomodaria se uma tropa da S.A. o moesse de pancadas, como aconteceu na semana passada com o pobre Sr. Katzman; nem mesmo se lhe arrancassem a cabeça.

Sempre caminhando, pôs-se de repente a escutar. Concentrou sua atenção no ouvido direito que nada lhe assinalou de particular; mas, quando começou a escutar com o ouvido esquerdo, uma saraivada inquietante fez vibrar seu tímpano por instantes, depois transformou-se em longínqua

onda musical pontuada por um infinitesimal martelamento de passos. Enfim, o ouvido direito também vibrou. A partir de então, tentou localizar os cânticos; mas não conseguiu, porque eles vinham ora pela frente, ora por trás, pela esquerda, pela direita, e, às vezes, até lhe parecia que as ondas musicais vinham do alto, do céu.

Chegando a um cruzamento, esgueirou-se ao longo de um muro, alcançou o canto do prédio e, esticando o olho, examinou a rua transversal. Ela estava calma e quase deserta. "Então, e esse ruído, de onde vem?", perguntava-se o menino antes de passar para o outro lado. No momento em que atravessava, uma mão agarrou a sua. Deu um grito repentino e, virando-se, viu Jacob branco de medo.

- Prefiro ficar com você - disse Jacob, soluçando.

A mão de Jacob esmagava a sua, mas era um contato molhado.

Ernie não sabia por que, mas aquela coisa líquida entre suas duas palmas o aterrorizava... E enquanto Jacob ofegava a seu lado, fez um esforço para sair do momento presente, como fazia antigamente, no tempo em que gostava de brincar com sua alma. Levantou, pois, fortemente as pálpebras e arregalou os olhos tanto quanto pôde, na leve esperança de que, como outrora, as casas, o céu, os passantes, e até o próprio Jacob, tudo, todo o momento presente começasse a vacilar em sua base e depois a deslizar calmamente para derramar-se dentro das brumas dos seus olhos, dentro do abismo da sua garganta. Mas não adiantou tentar... Hoje, nem as casas, nem o céu, nem as pessoas se esfumavam diante dos seus olhos dilatados; todas as coisas continuavam nítidas, luzentes, de cruel visibilidade, e ele ainda sentia aquela gordura ligeiramente viscosa na palma da mão de Jacob.

- Você está suando - uma voz falou. - Você está suando - insistiu doloridamente Jacob.

Ernie o encarou com impaciência:

- Não estou suando! - declarou, irritado; mas no mesmo instante compreendeu que aquele peso incômodo sobre o seu rosto era suor.

Começou então a perceber a luz amarela que se escoava lentamente pela rua, arrastando em suas águas preguiçosas um ciclista, duas comadres apressadas, cestos nas mãos, um jovem de rosto avermelhado cujo colarinho da camisa estava aberto; acima das casas, as marolas dançantes

da luz desprendiam um fino vapor azulado. Voltou-se para Jacob e disse:

- Faz calor.

Jacob calou-se, depois repetiu, com voz flautada:

- Você sua porque tem medo...

Quando Ernie, furioso, se voltava para ele, viu o rosto de Jacob abater-se lentamente.

Os dois meninos se imobilizaram na calçada.

Súbito, os olhos lacrimosos de Jacob, sua boca caída, seu pulso esfregando vigorosamente um olho, sua cabeça um tanto ridícula sob o extravagante boné xadrez; e o gorducho balanço do seu peito, debaixo da camisa branca, sua atitude desamparada, pés separados e braços balouçantes, tudo aquilo penetrou de uma só vez nos grandes olhos abertos de Ernie Levy, que de repente perdeu a consciência do seu temor e do seu suor: um grupo de Jovens Hitleristas saiu então do seu cérebro... Eles calçavam botas, tinham capacetes, estavam armados com longos punhais de cabos em osso negro e perseguiam com grande alarido o pequeno Jacob, que não sabia onde esconder-se, onde encolher a carne roliça e frágil do seu corpo... E eis que se viu, ele próprio, Ernie Levy, o Cavaleiro, precipitando-se na frente dos homens malvados e despedaçando crânios, enquanto o pequeno Jacob fugia ao longe, ileso e sorridente. E do seu suave cérebro uma frase dardejou como uma espada, uma frase branca, viva, mordaz: “Se eles chegarem, eu pulo em cima deles”. E enquanto pousava a mão trêmula no rosto úmido de Jacob, fortes e duras palavras explodiram dos seus lábios crispados:

- Oh! Jacob, se eles vierem, eu pulo em cima deles!... Confundido, Jacob encarou o irmão mais velho; e com um olhar que o media da cabeça aos pés, pôs-se a rir.

Entre duas gargalhadas, alegremente, ele disse:

- Mesmo eu, se o empurro, você cai como uma pluma! Hi!... E com uma pancadazinha ele empurrou Ernie, de verdade.

O pescoço de Ernie inchou, ele gritou entre os dentes:

- Eu digo que pulo em cima deles!

Mas Jacob balançava a cabeça sorrindo, e foi com uma espécie de maliciosa condescendência que colocou sua mão na de Ernie. Já tranqüilo, o rosto iluminado de prazer, ele caminhava, com passo elástico, ao lado do irmão; seu braço livre balançava com verdadeira alegria, e de tempos em

tempos dava uma risadinha de mofa...

Ernie respirava com dificuldade. Sua mão esquerda repousava como morta na de Jacob. No primeiro minuto ele tentou repetir mentalmente: “Eu pulo em cima deles, eu pulo em cima deles...”, mas esta frase não lhe despertava nenhuma convicção. Depois, voltando a uma apreciação mais objetiva, imaginou que se lançando nas pernas dos hitleristas como um cão daria a Jacob o tempo de fugir. Enfim, desesperado, admitiu que nada podia e, levantando os olhos, fitou calmamente o céu sob o qual ele era tão pequeno. Em outros tempos, ele se via facilmente em posturas heróicas, ora com uma espada na mão, ora com o peito nu, a boca florescente de belas e piedosas palavras judias. Mas tudo isso se acabara há muito tempo, e ele reconheceu com amargura que se uma sublime ocasião se apresentasse, não somente seu pequeno corpo lhe impediria o menor movimento, porém ainda mais, a virtude da coragem seria estritamente proporcional a seu tamanho. Que podia fazer diante disso?.. Ele não era nada, absolutamente nada, um pedacinho de não sei o quê... E talvez nem existisse de todo.

A voz aflautada de Jacob tirou-o das suas reflexões:

- Então, é assim, você pula em cima deles?

E sem nenhuma transição, gritou bem alto:

- Idiotas, é o que somos!... - Depois, largando a mão do seu protetor, arremessou-se ao longo dos prédios, pequena bola de alegria lançada ao espaço.

Surpreso, Ernie distinguiu o topo cinza e carcomido da sinagoga, a 50 metros da esquina, encimando os alegres telhados alemães que cercavam o pátio lajeado. Um segundo mais tarde, ele reconhecia a silhueta negra e roliça de Mutter Judite, dominando um grupo formado à entrada do beco. Uma alegria inundou-o. A bolinha atingiu o grupo e nele se confundiu. Ernie sentiu uma vontade louca de correr; mas, contendo-se com todas as suas forças, recurvou as costas, balançou pesadamente a cabeça, à maneira do patriarca; e abaixando as pálpebras sobre o fogo inquieto dos olhos, recomeçou lentamente a caminhar com o passo vagaroso, grave, reflexivo, que convém ao verdadeiro judeu, impassível diante da morte.

Mutter Judite acolheu-o sem maior emoção do que se ele retornasse de um passeio:

- Você demorou - resmungou ela. - Vamos, aproxime-se. Mas o que tem

para menear a cabeça como um ministro?

Ernie corou, inclinou a cabeça sobre o ombro.

- E ele perdeu meu lenço! - exclamou a matrona.

Confuso, o rapazinho tirou o quadrilátero malva das suas calças e o enfiou, não sem melancolia, no bolsinho do paletó, no lado do coração.

- Depressa, depressa - disse pausadamente o patriarca, como se nada tivesse acontecido que merecesse o menor comentário judeu -; estou dizendo que o ofício vai começar!

- Eu não posso - protestou Moritz com ar importante. E apontando com o queixo a rua ameaçadora: - Estou de guarda hoje.

Os fiéis já penetravam no pátio da sinagoga, onde se operava a separação tradicional dos dois sexos. Ernie esgueirou-se por trás do patriarca, cuja mão subitamente abarcou-lhe o pescoço, feito um gigantesco colar de ternura; por um instante, um curto instante, ele fechou os olhos de prazer; depois a munheca fabulosa passou, abandonou-o distraidamente, e a enorme massa do "elefante" atravessou a soleira da porta. Retrocedendo, Ernie alcançou logo a entrada do beco, diante da qual se postavam os três vigias hebdomadários, mãos fechadas em viseira contra o sol, e sondando a avenida com os olhos brilhando na sombra. Com o dedo indicador, tocou o cotovelo de Moritz à espreita, que levou um susto:

- Quero ficar com você - disse, cheio de compunção.

II

- "Eles" não virão mais agora - disse Paulus Wichniac.

- "Eles" talvez fiquem constrangidos - disse Moritz. - É verdade, eu me esquecia; nunca lhes mandamos convites...

Ele se exprimia distraidamente, sempre traçando com a ponta do sapato uma estrela de seis pontas ao pé do marco sobre o qual se sentava. Os outros três meninos permaneciam agachados, na sombra, detrás dos dois marcos erguidos nos cantos do beco. Os ouvidos dos vigias estavam perigosamente ensurdecidos pelos cânticos que, no entanto, pareciam a Ernie estarem em consonância misteriosa e definitiva com o azul do céu, o amarelo fulgurante das fachadas e o verdor sombrio da avenida: como se nada pudesse jamais prejudicar a fantasia das coisas sob o sol, como se Deus estivesse lá fora velando sobre as preces da sinagoga e não sobre

quatro meninos contraídos, nervosos, ofegantes de aflição.

Paulus Wichniac enxugou a testa e voltou à carga:

- Se esses bastardos tivessem de vir, já estariam aqui. Não é normal. Não vejo por que demoram tanto; se estão planejando vir hoje...

Depois, voltando-se para Moritz que, de cima do marco, continuava a traçar meticulosamente estrelas na poeira:

- Pelo menos, não fique onde está - disse ele suplicante. – Você sabe, eles podem nos ver da rua!

O rosto carnudo e quadrado de Moritz, se contraiu. Ele murmurou friamente:

- Que importa? Eles nos vêem, nós os vemos, corremos para o pátio como ratos. Eu digo que tudo isso é bastante estúpido. Sobretudo depois do caso do portão...

Expeliu seu nojo com uma longa cusparada nervosa, e descobriu Ernie postado atrás do marco, desde o começo da espreita: petrificado.

- Continua ainda aí, palerma?

Os grossos lábios de Moritz, contrariados com o curativo cruzado em seu rosto, esboçaram a sombra de um sorriso:

- Palavra de honra, mais um herói!

Ernie contemplava o rosto machucado do irmão.

- Está cansado de saber - disse Paulus com jeito afetado – que neste momento somos todos heróis. Deus nos recompensará, é certo, o rabi jurou.

- Eu - continuou Moritz com visível cansaço -, eu digo que tudo isso é idiota, idiota, idiota. Para que insistir, já que não se tem nem mais o direito de fechar o portão? Por que não deixamos as coisas correrem, abandonamos a sinagoga, que cada um faça sua prece dentro de casa... Mas não, isso seria fácil demais, isso não seria digno de um judeu, hein?

E enchendo as bochechas a fim de imitar a luxuriante e estática expressão do rabi, ele sussurrou:

- Meus caros irmãos, a perseguição está aumentando, mas nosso coração não fraqueja; que eles nos expulsem da casa do Senhor, mas não nos peçam para abandoná-la!

O terceiro vigia, quase um rapaz, não parava de lambar um fiapo de bigode inundado de suor. Interrompendo o passatempo:

- Não há por que rir - disse. - Com toda a criançada e as mulheres, isso

pode terminar como em Berlim...

- Como, em Berlim? - perguntou Ernie com uma voz transtornada pela emoção, enquanto seus olhos pulavam de um para outro dos três jovens, repentinamente embaraçados. - O que houve em Berlim?

- Nada, nada - disse placidamente Moritz.

Mas logo depois, para grande surpresa de Ernie, seu irmão pulava do marco e, com os traços belicosos, acentuados pela cólera, plantado firme sobre suas magníficas calças de sarja azul-marinho, aplicava um magistral e fantástico soco dentro da palma da própria mão aberta.

- Ah, ah! - exclamou, encolerizado. - Se ao menos eu tivesse um revólver, e clac!

- Quanto a mim - disse sagazmente Paulus Wichniac, cujos olhos se contraíram com malícia contida -, que me dêem um milhão, um milhãozinho, entendeu?

Levantando os óculos, ele saboreou a muda espera dos seus três ouvintes; e repentinamente, se dobrando em dois, rindo:

- Eu compro todos eles! - exprimiu com dificuldade. - Hi, hi, eu compro todos!

- Muito espertinho - disse lentamente o terceiro vigia; em seguida, ele desceu a avenida, voltando deliberadamente as costas para essa "juventude inconsciente, verdadeiramente inconsciente..."

Moritz montou de novo no marco, as mãos curtas sobre as calças arregaçadas com cuidado. Dois ciclistas atravessaram a avenida, sem voltar um olhar para a sinagoga sonora; o aço das bicicletas reluziu no espaço não encoberto pela sombra dos plátanos. Muito alto, no céu, planavam corvos que também pareciam esperar, gozando antecipadamente o espetáculo, o acontecimento súbito loucamente temido por Ernie, que fechou os olhos sobre tudo aquilo, pensando com desespero: Deus não está conosco, ele nos esqueceu, tenho certeza...

A voz gutural de Moritz tirou-o da sua angústia:

- E você - dizia ele com um pesado bom humor -, que gostaria que lhe dessem, hein?.. Uma tesoura para cortar todos eles pela metade, igualar todos a seu tamanho?

- Grande felizardo - continuou Moritz -, você tem a sorte de ser pequeno. Quanto a mim, vou ter que lutar, lutar e lutar sempre. Ora, ora, há dias em que eu gostaria de fazer as pazes com "eles", hi!

- Você quer dizer que eles não querem isso? - disse Paulus Wichniac. Ele chegou perto de Moritz e lhe deu umas palmadas joviais no ombro, com ar cúmplice.

- Ah!, não, "eles" não querem! E eu no entanto - acrescentou Moritz com uma voz repentinamente grave, alterada -, eu estou começando a ficar cansado de lutar, sem brincadeira...

- Você então continua indo à escola? - exclamou o terceiro vigia, estupefato.

Moritz empertigou-se ingenuamente: .

- É meu último ano. Eu apenas acompanho meus 14 anos: me dariam mais, hein? Olhem, no começo eu gostava tremendamente disso, travar uma luta...

O terceiro vigia se enterneceu:

- Então os meninos da sua turma, eles o derrubaram?

E como o Moritz desviasse o rosto marcado de cicatrizes, o terceiro vigia continuou com presteza:

- Ah, eu me lembro, me lembro bem, no princípio; oh, há muito tempo, eu gostava... Sim, eram tempos antigos. Há dois anos, imagine! Como havia brigas, veja, aqui mesmo, na saída do Ofício. Eu fazia parte do grupo do Arnoldo, você sabe, aquele que foi para Israel? Mas mesmo sangrando não podíamos parar, eu juro! Eles traziam alguns grandes, de pelo menos 18 anos. Depois foram os Capacetes de Ferro e, um belo dia, demos com os S.A. Então, você sabe.

- Eles - disse Paulus Wichniac -, eles não virão mais agora. - Você tem razão - disse Moritz em tom áspero. - Mas dê uma olhada para a esquina, meu caro...

Naquele instante preciso o sonho se desencadeou...

Ernie viu Paulus Wichniac inclinar-se por cima do ombro de Moritz, sempre sentado sobre seu marco, e súbito recuar como se o ar ensolarado lhe houvesse queimado o rosto. Logo depois, os primeiros acordes de uma melodia nazista se fizeram ouvir, como em contraponto com as súplicas finais do Ofício Sabático - hebreu nostálgico e rudeza alemã se confundindo bem por cima do beco que estremeceu sob o choque.

- E agora, os ratos na ratoeira - disse a voz gutural de Moritz que subitamente de pé, os dentes abertos sobre um pedaço de língua pontuda, agarrou o irmão pelo ombro e o atirou, com um empurrão, na sombra do

beco.

Paulus Wichniac e o terceiro vigia eram grandes corvos cujas asas batiam de encontro aos estreitos muros do beco; Moritz, com suas magníficas calças e sua jaqueta cinza-pérola, tinha um vôo pesado de perdiz, roçando a cada passo nas pedras do piso do beco, que de repente começaram a estremecer sob os sapatos envernizados de Ernie, enquanto os muros se inclinavam ora para um lado, ora para o outro, como se estivessem, eles também, embriagados pelo medo que estonteava Ernie, como se o coração deles estivesse também girando.

- Venha, moleza!...

Com violenta batida de asas, Moritz o projetara entre os batentes do portão, e agora Ernie vacilava no pátio da sinagoga, no meio dos fiéis que por instantes esvoaçavam em torno dele, depois se encolhiam progressivamente junto ao muro do fundo, onde as famílias mais numerosas já estavam amontoadas e imobilizadas de pavor.

- Não, não voltem para a sinagoga, é preciso que tudo aconteça à luz do dia!... - elevou-se a voz aguda do rabi, que com seus roliços braços estendidos impedia o acesso à porta de entrada de algumas damas gordas que matraqueavam com todos os seus atavios e que, súbito, entusiasticamente, gritaram em altos brados:

- A luz do dia! A luz do dia! A luz do dia!

Em seguida, fez-se um grande silêncio, as coisas retomaram suas cores normais de verão, o chão do pátio vacilou ainda um pouco, num derradeiro ímpeto de iniquidade, e se imobilizou, por fim. Tudo tornou-se estranhamente límpido. A três passos, na primeira fila de fiéis, a Sra. Levy mãe, muito pálida e suando de pavor, o rosto inclinado sobre Raquel, toda em cor-de-rosa, murmurava timidamente:

- Ernie... Ernie... Ernie!

Ele deu os três sofridos passos que o separavam dela e aconchegou a cabeça no calor macio de um ventre palpitante, como se soluçasse por dentro. Então, pegou a mão da mãe e a pousou em seu rosto úmido. E enquanto ele se acalmava, a despeito de si próprio, um imenso suspiro vindo de todos os peitos dos fiéis o envolveu, seguido por um ham geral de angústia. Nem mais um ruído saiu das pessoas, nenhuma respiração, nem mesmo um choro de criança. Voltando-se bruscamente, ele constatou que os nazistas estavam lá.

Eles barravam o portão, interditando o beco.

Estupefato, Ernie pensou reconhecer o velho merceeiro da Friedrichstrasse em uniforme da S.A., um pouco à frente dos outros, solidamente plantado sobre suas botas negras. Atrás, fechando o alçapão, seus homens agora formavam uma muralha, atravessada no portão; mas, dominando a cena, o céu, vazio de todos os corvos, estava intensamente azul, e Ernie teve a intuição espantosa de que Deus pairava por cima do pátio da sinagoga, vigilante, prestes a intervir. Um, dois, três moleques se insinuaram entre as botas dos nazistas, armados com pedras que atiravam sobre o amontoado de judeus. A Srta. Blumenthal foi sacudida por um tremor que projetou sua magra anca contra a bochecha de Ernie. Levantando-se nas pontas dos pés, o rapazinho colocou a boca bem junto ao ouvido da mãe e, com sua voz cristalina, o olhar perdido, uma sombra de sorriso morrendo em seus lábios:

- Não tenha medo, mãe - disse, subitamente implorante -, Deus vai descer num minuto...

As janelas se abriram e algumas vaías saíram da alta fachada gretada do prédio que dominava o pátio da sinagoga.

Ernie teve a impressão de que os 20 metros de tórrido espaço que separavam a fileira de judeus da muralha nazista, parada diante do portão, ainda hesitante frente ao silêncio das vítimas, agora se reduziam a um fio. Depois, tomou consciência de que as vaías eram dirigidas aos S.A. que levantavam os queixos irritados, os braços balançando vivamente seus porretes, enquanto que no espírito de Ernie o fio engrossava vertiginosamente, que nem uma corda retendo os nazistas nos limites do portão. "As janelas os incomodam", compreendeu com uma veemência na esperança que o fez levantar também o nariz em direção ao prédio vizinho, o qual parecia agora completamente coberto de cabeças de homens, mulheres e mesmo crianças, cujos olhos vivos cintilavam nos parapeitos, à luz branca e salvadora do sol, caindo com todo o seu peso sobre as pedras da fachada e sobre aqueles olhares. "Que está acontecendo" perguntou-se num rápido instante de alegria; "até o presente, as janelas nunca se abriram, senão para braços que lançavam lixo no caminho dos judeus, indo e vindo no pátio da sinagoga; que espécie de mudança houve lá em cima?..." Em seguida, viu apontar, bem no alto, como um pássaro pousado

na beira de um pombal. a cara conhecida e bigoduda do Sr. Julius Kremer, seu professor na escola pública.

Uma exclamação aguda saiu de lá:

- Não têm vergonha?... - exclamou o Sr. Kremer, voltando-se para os nazistas petrificados, enquanto seu indicador (Ernie notou isso com uma espécie de alegria maliciosa) se destacava no azul do céu, como repreendendo alunos relapsos.

Em torno de Ernie, nenhum murmúrio vinha dos grupos judeus; um fraco gemido saiu da Sra. Levy, mas sua boca continuava muda. Ernie sentiu que Deus estava presente, tão próximo que com um pouco de ousadia era possível senti-lo com o dedo. "Alto lá, não toquem em meu povo", murmurou, como se a voz divina tivesse se apossado de sua garganta frágil. E, fechando os olhos em abandono, ele imaginou que a massa de fiéis estava subindo rapidamente para o azul, as lajes do pátio dando à tripulação uma elegância impetuosa de pedra lançada ao espaço e, paradoxalmente, a cerimoniosa dignidade de uma carruagem, que agora voava a uma altura fantástica, não mais que um ponto na nudez parada do azul, que Ernie só conseguia distinguir o nariz da Sra. Levy mãe, bem nítido, embora infinitesimal, como a tromba ereta de um mosquito. E talvez, disse consigo mesmo sorrindo, os olhos sempre fechados, a carruagem dos judeus já esteja sobrevoando, agora mesmo, as terras miraculosas da Palestina, banhada de mel e de delicioso leite de jumentas.

- Vocês aí em cima, falem!

Despertado brutalmente, perplexo, olhos bem abertos, Ernie viu que o oficial nazista dera um passo de lado, na direção do prédio, e que seu peito de homem forte ofegava de cólera.

- Fechem logo essas janelas! - acrescentou ele, levantando os punhos nodosos acima da cabeçorra raspada.

E sempre com os braços esticados para as janelas, deu meia-volta, num movimento giratório de homem embriagado.

Mas Ernie, aterrorizado, viu claramente que o nazista estava embriagado com seu próprio furor, com seu próprio sangue, que fazia luzir a pele avermelhada do seu rosto, enquanto a boca se abria e se fechava, espumando, à procura de palavras de desabafo:

- Oh! Aí do alto, falem... - continuou o homem, súbito, o braço traçando um círculo, furioso. - Falem, vocês ainda não conhecem esses judeus

nojentos? Nada sabem de tudo o que nos fizeram?... Oh, camaradas, não foram eles que quiseram destruir nosso país? Nosso país, ah, a terra dos nossos antepassados... - concluiu com uma voz lamuriosa que surpreendeu mais ao menino do que a todo o restante.

A boca do chefe nazista se contorceu momentaneamente sozinha, sem que ele pudesse arrancar dali nenhum som. Depois, o braço peludo deixou-se cair na direção do bando amedrontado de fiéis, enquanto um dedo avermelhado saltou em flecha de seu punho.

- Oh! Ai do alto, falem!... - gritou com uma voz que Ernie não reconheceu, uma voz que parecia escorrer, em rápidos borbotões, do seu ventre. - Oh, senhores e senhoras, se vocês querem acolher esses porcos e seus excrementos, esses imundos dos infernos; se querem que esses infames mijem em cima das suas cabeças, muito bem! Que estão esperando?... Desçam então, e se isto não lhes basta, vocês podem se chafurdar na merda e adorar esse santuário, ah!

No fogo da sua diatribe, ele lançava uma espécie de soco para as janelas, que se fecharam, quase todas, com pudor, abandonando os judeus diante da fachada desnuda. Mas talvez uma dezena de espectadores alemães continuavam debruçados, sem dizer palavra, inclinados com insistência para o pátio da sinagoga; como se aqueles poucos estivessem presos aos olhares suplicantes dos fiéis que agora erguiam, um a um, as mulheres e as crianças primeiramente, depois alguns homens, seus braços trêmulos para as compadecidas janelas. Impelido pela força do contágio, Ernie colocou a angústia do seu coração no côncavo da mão em concha: "Oh, Deus!", implorou com fervor, "volte para nós o Teu olhar, por favor..."

Instantaneamente, a velha Sra. Tuszynski se afastou da fileira judia.

Ela estava tomada de furor. Seus longos braços descarnados se agitavam em torno da cabeça, feito um ninho de serpentes, e ela lançava imprecções em direção à repentinamente petrificada muralha nazista.

- Was vhill thyrb von uns - exclamava em seu alemão-ídiche -, que querem de nós, digam o que fizemos com vocês?... Mas vocês não sabem como falar, não passam de animais?... O dia do Senhor está chegando, escutem, ele os tomará em suas mãos, serão todos esmigalhados, assim!...

- concluiu ela, apertando fortemente as mãos no ar, num gesto significativo, enquanto Ernie, repentinamente, despido do seu medo de repente, da sua angústia misteriosamente dissipada, mesmo de qualquer

sentimento religioso, não era mais do que um par de olhos exorbitados sobre a velha mulher que, passo a passo, maldizendo e gesticulando, se aproximava da muralha ameaçadora de camisas pardas, e de luzidias, nervosas e pontiagudas botas.

Quando ela estava a um dedo do nazista uniformizado, lançou-lhe ao rosto, pesando cada palavra, em perfeito alemão:

- Vocês vão arder por toda a eternidade! Sim, sim, sim, vão arder...

Um segundo se prolongou, sem limites. O chefe nazista deu um passo à frente, conteve seus homens com um gesto, e com um visível sorriso para a Sra. Tuszynski:

- Mas você - proferiu ele -, é agora mesmo que vai arder...

E como ele a esbofeteava violentamente; e como a peruca da velha mulher esvoaçava ao sol; e como a Sra. Thszynski caía de costas, cobrindo com os dedos ossudos a vergonha pública do seu crânio cuidadosamente raspado, Ernie deu dois passinhos para a frente, ofuscado. "Não, não, não" repetia, enquanto seus olhos agora registravam a chaga da Sra. Tuszynski, deitada aos pés do nazista, rosto no chão, protegido pela estranha casca de ovo formada pelas suas duas mãos. No mesmo instante, ele viu que sua boca estava aberta e que dali saía um grito agudo. A Srta. Blumenthal, tendo avançado, colocou a mão na boca uivante do menino, mas este se libertou quase imediatamente e passou à frente, sempre gritando fortemente. Aquilo se passou tão rapidamente que ninguém teve tempo de reagir. A criança já se encontrava a dois metros do oficial nazista, os braços nus balançando ao longo das calças curtas, e possuído por tão violenta perturbação que, apesar da distância, a Srta. Blumenthal, petrificada, estava vendo distintamente as pernas rosadas de Ernie tremerem à altura do joelho, e escutando seu grito fino bem junto a seu tímpano!

Dois judeus postaram-se à frente do grupo: eles tinham um ar duro e ausente...

Logo à saída do ateliê, Mardoqueu se sentira levado pelo violento turbilhão humano, isolado dos seus, empurrado irresistivelmente até o ângulo que fazia o muro divisório com o pequeno abatedouro sacramental de aves, exatamente sob o telheiro, que ele tocava com a cabeça, enfiado no triângulo de sombra. Cada emoção da turba jogava contra ele uma infeliz ressaca humana, esmagando-o nas pedras do muro, e ele em vão

tentava contê-la, enquanto seus olhos, sobrevoando a maré de chapéus, de solidéus, de toucados e de penteados desfeitos, se encarniçavam para descobrir, no oco de uma vaga, um sinal de presença dos seus. Mas, só o rosto de medusa de Judite, as tranças soltas, aparecia no meio da vaga que a levava, a envolvia, a arrastava em vaivéns de ondas do mar. Cheio de resignação, Mardoqueu esperava pelo pior. Uma voz antiga no seu íntimo invocava o holocausto, desde sempre, desde Zemyock, sobretudo a partir de um ano, quando a barbárie cristã pousara sua garra sobre o judaísmo alemão. Mas isso) a loucura daquelas mulheres e todas aquelas crianças se aproximando temerosamente, vindo ao encontro dos nazistas - ele não havia desejado jamais; na verdade, até se opusera a isso; foi preciso o delírio unânime dos fiéis de Stillenstadt para que aceitasse, a exemplo deles, oferecer assim os seus na sinagoga. Que instinto misterioso os impelia?, perguntava-se ele, enquanto, a seus olhos estarecidos, os rostos, diante da aparição dos S.A., tomavam uma expressão mais digna; até os das mais gritadeiras comadres; até os das mais frágeis crianças, que pareciam também descobrir uma grandeza no instante presente. Que fogo ancestral e terrível se acendera dentro das almas túbias dos judeus de Stillenstadt, entorpecidas havia cem anos na calma província do Reno, e que bruscamente descobriam, com a perseguição, o sentido vertiginoso da condição judaica? Eles que haviam perdido até mesmo a simples lembrança dos mártires de outrora, eles que pareciam inteiramente desarmados, nus diante do sofrimento, o acontecimento repentino veio encontrá-los prevenidos, resistentes.

Assim monologando, Mardoqueu assistira à inesperada abertura das janelas, e se propusera uma pergunta, enquanto um certo alívio afrouxava a pressão da vaga: "Que acontecerá, meu Deus, no dia em que as janelas alemãs não se abrirem mais sobre o sofrimento judaico?" Mas, friamente, analisara também o furor crescente do nazismo; e, não sem melancolia, vira as janelas se fechando uma a uma, as mãos judias se elevando uma a uma para o céu, como se bruscamente elas descobrissem a sua insigne fraqueza.

E assim como a velha enlouquecida se lançara no "no man's land", Mardoqueu subitamente começara a abrir caminho entre as cabeças que sobrenadavam à altura dos seus ombros, entre os rostos suados de mulheres, as frentes inclinadas dos homens e os olhos perturbados das

crianças que agora choravam, mergulhadas no pavor dos adultos, enquanto que, mais alto que tudo, a mesma reflexão corria de boca em boca: "Senhor, senhor, que a loucura da Sra. Tuszynski não recaia sobre as cabeças das crianças!"

O grito de Ernie o alcançou no momento em que se encontrava a algumas cabeças do espaço vazio e ardente que separava os dois mundos.

O menino já estava diante do terrível "Camisa Parda" tão pequeno que parecia servilmente a seus pés; tão franzino que o recobria por inteiro a sombra projetada pelo homem na laje que reverberava, com cruel esplendor, o sol.

E súbito, enquanto Mardoqueu distinguia melhor a pequena silhueta trêmula; enquanto vibrava em sua pesada alma de judeu, vindo daquelas pernas finas que bamboleavam, vindo daqueles negros anéis que mal recobriam a ridícula boina alemã, o fraco balido de horror que ainda lançava Ernie... O velho teve uma espécie de visão: "Ele é o cordeiro de dor, é nosso animal expiatório", dizia consigo mesmo, desesperado, enquanto lágrimas lhe embaralhavam os olhos.

A seqüência disso se desenvolveu muito longe, num daqueles mundos sonhados através das lendas, e no qual a luz fulgurante do sol, que espargia seu mistério em cada detalhe da cena, sobrepunha a cor viva das iluminuras. O nazista começou a rir, mostrando com o dedo a criança, enquanto que por trás dele os outros uniformes entravam em cena, rindo às gargalhadas e se dando grandes tapas mutuamente.

- Vejam só o defensor dos judeus! - exclamavam.

O céu abrasado acima das hilariantes cabeças ampliava suas risadas ao infinito. Mardoqueu viu que a torrente alegre cercava o menino com um revestimento protetor. Ernie pareceu dar-se conta disso porque, se abaixando de repente, apanhou a peruca a seus pés e a colocou sobre a cabeça da Sra. Tuszynski, que avidamente a segurou, antes de dobrar-se novamente de lado, os joelhos encolhidos e tocando-lhe os cotovelos; longo corpo ossudo recoberto de luto, como as plumagens de um corvo morto. Mas no momento em que o menino tornava a levantar-se, o nazista parou de rir e com um pesado tapa atirou-o de novo ao chão, sobre o corpo da Sra. Tuszynski, cuja saia se desmanchou sobre a coxa esbranquiçada e cheia de rugas. Depois os olhos do nazista pestanejaram, e ele começou a recuar contrariado - seus homens com ele, saindo do beco. Por aquele dia,

era o bastante. Todos respiraram.

III

A Sra. Tuszynski tinha quebrado a clavícula na queda, mas a criança estava intacta; apesar disso, passando um braço sob os joelhos apenas esfolados, Mardoqueu levantou Ernie até a altura do seu peito e entrou, sem dizer palavra, no beco, indiferente aos conselhos de prudência que lhe davam os fiéis, ainda no pátio. Embora ele a proibisse secamente, a Srta. Blumenthal obstinou-se atrás dele, abatida, pequenininha, chorosa, tomada por um vago temor religioso.

Uma gota de sangue escorria da testa de Ernie, ele protestou, podia caminhar...

Porém, o patriarca avançava silenciosamente pelas ruas ensolaradas, e os alemães paravam para ver passar aquele enorme velho carregando um menininho, talvez ferido na sinagoga.

O único encontro desagradável foi com moleques que os perseguiram, por toda uma rua, com um refrão que em suas gargantas tinha a graça espontânea de uma ciranda:

Judeu, judeu, judeu de Matza
Amanhã será a faca
Depois de amanhã a fogueira
E depois... trá-lá-lá
E depois pro inferno irá!

Mas os olhos voltados para dentro do seu sonho, pesando já os termos da «revelação», Mardoqueu não ouvia os chamamentos mordazes dos gaiatos, que por fim se cansaram da sua indiferença. De tempos em tempos somente, retomando uma consciência carnal do cordeiro que repousava em seus braços, ele abaixava o bigode, absorto, sobre a cabeleira encaracolada e pegajosa de suor. Chegando ao nº 8 da Riggerstrasse, subiu com o menino para o quarto e o despiu com pesados gestos desajeitados. Este abria os olhos espantados e Mardoqueu repetia baixinho: "Não tenha medo, amor, não tenha medo..."

Em seguida, o menino se viu enrolado até o pescoço, como um bebê de

colo. Então, fechando o trinco da porta, Mardoqueu voltou à estreita cabeceira da cama e começou, com voz rouca, como que sufocada por todos aqueles anos de silêncio que ainda pesavam sobre ela, a contar, de ponta a ponta, a história prodigiosa dos Levy.

Às vezes se interrompia, tentando ler no rosto infantil os sinais de alguma inteligência do sentido; depois, adaptando suas palavras ao rubor emocionado de uma face, a uma língua atenta parada entre os dentes de leite, ao brilho azul-noite de uns olhos entreabertos, ele descia mais um degrau a fim de atingir e erguer, alçar até ele, o nível de compreensão de Ernie. Mas a cada uma das suas tentativas, e ao longo daquele singular monólogo, não lhe pareceu despertar na criança deitada entre os lençóis, na penumbra que vazava o dia declinante através da cortina de tule, nada mais do que a lembrança das mil lendas clássicas que corriam sobre os Lamed-waf. Unicamente, quando o fez notar que o último Justo de Zemyock estava morto, há três anos, sem escolher um sucessor (de sorte que os Lamed-waf Levy mergulhavam agora na noite indistinta dos Lamed-waf desconhecidos), ele acreditou ver alumiar-se, bem no fundo da íris azulada, um pequeno clarão inquietador, que se apagou quase imediatamente.

- E por que - disse ele inopinadamente - você fez o que fez... ainda agora... no pátio da sinagoga?

O menino corou:

- Não sei, venerado avô. Aquilo... tudo aquilo me doeu, é só... Virando-se em seguida sobre o travesseiro, ele deu uma risadinha, pousou delicadamente dois dedos sobre sua boca:

- Então, eu pulei em cima deles! Você entende, vovô?

- Não ria, oh, não ria - murmurou desesperadamente Mardoqueu, já arrependido da sua louca confiança, já experimentando uma ponta de remorso e o sentimento de um crime invisível, verdadeiramente delicado, mas como qualquer crime da alma: irreparável.

O "velho elefante" curvou-se sobre o leito, beijou em silêncio o rosto assustado de Ernie, e encaminhou-se para a porta que abriu com lentidão de culpado; um fraco chamado o fez virar-se com brusquidão:

- Oh, diga-me, avô!

Mardoqueu voltou, com passo arrastado, marcado pelo cansaço, em direção à cama estreita e escondida na sombra.

- Que quer você, minha alma?

Ernie sorriu primeiramente, a fim de tranquilizá-lo: depois, um rubor insólito avivou-lhe as bochechas:

- Oh, diga-me, venerado avô - cochichou com uma voz que mal se podia ouvir. - Que deve um Justo fazer nesta vida, hein?

Tomado por forte tremor, o patriarca não soube o que responder, de imediato: o rosto do menino perdia lentamente seu sangue, pálido na penumbra; mas seus grandes olhos noturnos, pontilhados de estrelas, luziam com um brilho enternecedor sobre o fundo escuro do travesseiro, à maneira dos olhos judeus de outrora, dos olhos estáticos de Zemyock. A mão de Mardoqueu pousou sobre o crânio oblongo, que ela cobriu com uma concha de carne. E enquanto passava seus dedos entre os sedosos cachos:

- O sol, amor - murmurou com certa hesitação -, você lhe pede para fazer alguma coisa? Ele se levanta, ele se deita: ele alegra a sua alma.

- Mas e os Justos? - insistiu Ernie.

Essa insistência comoveu o velho, que suspirou:

- É a mesma coisa - disse enfim. - Os Justos se levantam, os Justos se deitam, e está tudo bem...

Mas vendo que as pupilas do menino continuavam presas às suas, prosseguiu, não sem inquietação:

- Ernie, meu pequeno rabi, por que me pergunta tal coisa? Não sei grande coisa, e o que sei não é nada, porque a sabedoria ficou longe de mim. Escuta, se você é um Justo, chegará o dia em que vai começar... a luzir: entende?

O menino se espantou:

- E enquanto se espera?

Mardoqueu conteve um sorriso:

- Enquanto espera - disse -, tenha juízo.

Mal se afastou o patriarca, o passo lento e cauteloso se perdendo nos degraus da escada, Ernie começou seriamente o sonho do seu próprio martírio. A derradeira sombra da tarde ia apagando os fiapos de sol que trançavam formas incertas, faixas e volutas, em torno do leito, da cadeira, na franja da cortina: um piscar de olhos hábil escureceu tudo, deixando apenas subsistir um belo filamento amarelo que dançou na cadeira, depois

se diluiu também na noite total. Vindo do salão, um rumor agonizava discretamente nos ouvidos de Ernie, ao mesmo tempo que personagens fantásticos já se ondulavam ao pé do leito. Ele acionou um segundo mecanismo - desta vez dentro do seu próprio cérebro - e a silhueta invocada ergueu-se na claridade lunar que seus olhos destilavam.

Recostando-se no travesseiro, Ernie reconheceu com satisfação a querida Sra. Tuszynski, cujos dedos de aranha seguravam uma coluna de perucas no topo lúcido do seu crânio.

Depois, a coluna se desfez, houve um vôo confuso de perucas e Ernie de repente reconheceu o oval contundido do crânio da Sra. Tuszynski pousado como uma estranha casca de ovo em cima do seu rosto enrugado, em cima da sua boca que a cólera mantinha aberta.

“Vamos, não se preocupe”, disse ele à aparição, “e, antes de tudo, pode desancar tranqüilamente, Sra. Tuszynski. Porque sou um Justo, um Lamed-waf, entende?”

- É inacreditável - disse ela, sorridente.

- Pois é isso mesmo que estou dizendo - enunciou gravemente Ernie.

Em seguida, sem esperar mais tempo, agora bem repimpado sobre o travesseiro e franzindo gravemente o cenho, ele fez aparecer um grupo de cavaleiros que até então se mantinham escondidos no armário.

Agitando maças de pontas eriçadas, os cavaleiros emplumados se põem em fila junto à porta e se estremecem sem sair do lugar, com uma espécie de prazer metálico e muita seriedade.

- E agora - diz o merceeiro da Friedrichstrasse, bem protegido sob a máscara de ferro -, se vingássemos o Cristo?

A cruz do seu escudo ostenta, em cada uma das suas extremidades, a garra cruel das suásticas.

Obrigado a revelar a sua voz secreta, que ele sabe ser fluente e majestosa como um rio caudaloso e não saltitante e tímida como um pequeno riacho, Ernie enche os pulmões de ar:

- Senhor - responde ao vendeiro -, estou à sua disposição num instante.

E com um suspiro de cortar o coração levantou o cobertor, colocou os pés dignamente sobre o assoalho onde, num passo cadenciado, pôs-se em marcha em direção à porta, ao martírio.

Os fiéis se imobilizam em sinal de respeito.

Mas o braço inflexível de Mutter Judite se estende por cima das cabeças e

sua mão ágil tenta agarrar Ernie. No auge do desgosto, a Sra. Levy mãe colocou o corpo deitado no chão, no caminho do Justo. Afastando com ternura a mão de Mutter Judite, Ernie pousou a ponta do pé nu no alto do ventre da Sra. Levy e, com delicado impulso, transpôs o doloroso obstáculo.

- Então, é você o Justo? - diz espantado o astuto merceeiro. Então, é você o defensor dos judeus?

- Sou eu mesmo - responde secamente Ernie Levy. - Ande, selvagem - acrescenta com voz sufocada -, mate-me.

- Clac - faz o merceeiro.

Sua manopla se projeta sobre o pescoço de Ernie Levy, que titubeia sob o céu azul da sinagoga; e também dentro da sombra inquietante que se apossava dos seus olhos filtrando, ao mesmo tempo que o sonho, os objetos esparsos do quarto de dormir, no meio do qual ele rodopiava, pequeno fantasma branco em sua camisola. Decidindo-se por fim a morrer, deitou-se de maneira romântica junto ao armário, os olhos semicerrados, o rosto voltado para o teto, onde a figura do seu verdugo súbito se decompôs, depois desapareceu, encoberta por uma violenta irrupção de luz.

- Anjinho do céu - exclamou a Srta. Blumenthal com voz trêmula -, o que está fazendo aí no escuro? Está doente?

Consciente do olhar vigilante de Mutter Judite, Ernie fingia sonolência. Enfim, tomando coragem, deixou escapar dos lábios um débil suspiro.

- Está dormindo?... - cochichou Mutter Judite ao fim de um quarto de hora.

- Bziiiii... - respondeu sutilmente a boca de Ernie.

Imediatamente, a velha levantou-se, suspirante e estalando as costas. Através do filtro dos seus cílios, divertido, ele a viu encaminhar-se para a porta na ponta dos pés, com gestos abruptos de conspirador. A lâmpada ignóbil enfim apagou-se, os degraus da escada gemeram, depois fechou-se uma porta no segundo andar, e o silêncio foi completo. Toda a casa dormia, menos ele.

Desconfiado, esperou cerca de uma hora na escura e sufocante primeira noite de Lamed-waf. O mais leve suspiro, o menor sussurro, faziam vibrar todas as cordas super-tensas do seu corpo. Mas seus pensamentos seguiam

com rigor e penetração o caminho fantástico que lhe traçava a sua consciência de Justo, e os olhos abertos na noite, virando e se revirando na ansiedade de certas evocações, ele chegou até a estabelecer diferenças marcantes entre os diversos fins dos seus predecessores. Concluiu, por exemplo, que o fato de ser arrastado como o rabi Jonathan, pela cauda de um corcel mongólico, comportava um valor menor do que o de ser mergulhado, cruamente, nas chamas de uma fogueira, como aconteceu com outros Lamed-waf mais merecedores. A carne e a gordura tostando horivelmente em volta dos ossos, e deles se soltando em gotas, em filamentos inflamados, oh, meu Deus, mesmo que se esforçasse de todo o coração, não conseguia suportar a idéia desse último suplício. De repente, resignando-se à prova, deixou-se escorregar devagarinho para fora da cama.

Começou por um modesto "suplício da asfixia".

No início, esse suplício pareceu-lhe irrisório. Mas quando seus ouvidos começaram a zumbir, e ele sentiu um dilaceramento dentro do peito, perguntou-se, numa inspiração triunfante, se aquilo não era comparável ao martírio completo de um Justo.

Em seguida, sentiu que estava caindo no chão, por não ter retomado a respiração a tempo.

"Acho que isso é o bastante", disse uma vozinha dentro dele.

- Oh, Deus! - respondeu a si próprio imediatamente. - Não dês atenção ao que eu digo; era brincadeira.

Tateando na escuridão, alcançou o canto onde sabia encontrar a caixa de tesouros de Moritz.

Com uma das mãos segurava, como uma dama, a longa camisola na qual seus pés nus se prendiam, enquanto que a outra ia e vinha no escuro, agitando suas antenas de mosca. Ajoelhou-se perto da mesa, tirou a tampa de papelão, remexeu nos barbantes, nos soldados de chumbo, no canivete de seis lâminas, e, enfim, descobriu a caixa de fósforos de enxofre.

A ponta da chama era azul.

- Mostre-nos agora quem é você realmente - resmungou ele a fim de tomar coragem e, exalando um suspiro, levou o fósforo à palma da mão esquerda.

E enquanto a fina crepitação das carnes e o forte odor lhe elevavam a

alma, sentiu-se surpreendido com a pouca realidade da dor.

O fósforo queimou até o fim na ponta dos seus dedos e, com a volta da escuridão, lágrimas correram dos seus olhos; mas elas eram gotas de alegria, vivas, brilhantes, doces na língua como o mel.

"Não é possível", pensou ele desolado, "não aproximei o fósforo tão perto quanto devia!"

E ao querer riscar um segundo fósforo sentiu que as falanges da sua mão esquerda não lhe obedeciam mais, estavam rígidas e, contra a sua vontade, separadas em leque em torno da palma queimada.

Erguendo as pálpebras, viu que tudo estava escuro; arrumou os petrechos de Moritz e voltou para a cama.

Quando se deitou, colocou cautelosamente o braço esquerdo por cima das cobertas, porque a mão ferida propagava um calor de fornalha em sua camisola de dormir. Uma imensa alegria o dominava. Exercitando-se metodicamente, talvez lhe concedesse Deus mais tarde, na hora do sacrifício, a força para padecer um autêntico martírio. Sim, se ele acostumassem o corpo, talvez estivesse preparado, quando chegado o dia, para oferecer-se heroicamente em holocausto; para que Deus tivesse piedade de Mutter Judite, do patriarca, da Srta. Blumenthal e do Sr. Levy, e de Moritz e dos pequeninos, e dos outros judeus de Stillenstadt; e também, quem sabe, de todos os judeus ameaçados em todo o mundo!... E como ainda se sentia admirado com a facilidade da operação, Ernie subitamente sentiu um estranho tremor na ponta do braço esquerdo, enquanto a sua mão se contorcia aberta em fendas, minando água.

- Mesmo assim – disse, estupefato -, não vou gritar. Depois, descerrou os dentes, e só então começou a sensação de dor nua e crua.

IV

De manhã, a mão exibia um estigma esplêndido, aberto até à base do pulso. Nada se pôde arrancar do pequeno Justo, febril e quase delirante de insônia. Queimadura de ferro em brasa, segundo o médico, aquela chaga irrompida à noite oferecia matéria para um exorcismo; Mutter Judite apressou-se em introduzir sob o travesseiro da vítima um certo saquinho vermelho contendo sete grãos de cinza de sete fornos, sete grãos de poeira de sete orifícios de gonzo de porta, sete grãos de ervilha, sete sementes de

sete cominhos e, enfim, coisa singular, um único fio de cabelo. Depois, ela se perdeu em conjecturas.

- Não entendo - disse ela mais tarde na cozinha, diante da assembléia dos Levy -; ontem o Anjinho pula como uma pulga heróica na cabeça dos nazistas, e hoje amanhece estropiado. Ora, não contente de fazer-nos sofrer com sua ferida, sua excelência se pavoneia na cama e se empertiga, toma ares de general que acaba de ganhar uma batalha. E se eu, sua pobre avó, lhe pergunto: "Meu Anjinho, o que lhe aconteceu esta noite", ele começa a rir na minha cara e se fecha num silêncio que nem sei. Escutem, eu às vezes tenho a impressão de que nos olha por cima!...

- Impossível - disse Benjamim.

- Por cima - repetiu Mutter Judite.

E juntando as mãos com desespero, bradou aos céus:

- Meu bom Deus, quem foi capaz de levá-lo a tamanha má sorte?

- Talvez seja - interveio a Srta. Blumenthal - por ter batido a cabeça ontem quando caiu, não?

Temerosa, ela também não ousava revelar o âmago do seu pensamento: a criança se entregava a alguma nova e muito extraordinária "imitação".

Quanto ao patriarca, que não dizia palavra, ele sofria torturas. Pretextando uma indisposição, esgueirou-se discretamente para o quarto do possesso, que o acolheu com um sorriso triunfante e revelou, não sem orgulho, que estava começando a acostumar-se. Os olhos cerrados, as maçãs do rosto irradiando febre e aquele enorme curativo que exibia como um estandarte marcavam sua confissão com o selo evidente da loucura.

- Mas acostumar-se a quê? - disse Mardoqueu trêmulo.

Apesar da hora da manhã, as cortinas de "casa de abelha" mantinham no quarto uma falsa penumbra onde brincavam raios de sol. O nariz do patriarca recebia um raio bem ao longo da sua aresta, dois ou três filetes dourados saltitavam em sua barba. Ernie sorriu para melhor tranquilizá-lo.

- ... A morrer - declarou alegremente.

E acentuou o sorriso, a fim de demonstrar ao patriarca que tudo ia às mil maravilhas.

O velho encrespou-se:

- Judeu, que está me dizendo? - exclamou enquanto que Ernie, repentinamente consciente de um erro monstruoso, se dobrava em dois e desaparecia num piscar de olhos sob as cobertas que puxou fortemente

sobre si, como para perder-se no tecido das coisas, bichinho assustado. Mas, logo depois, amortecida pela noite das cobertas, uma doce carícia envolveu-lhe os ombros. A mão do patriarca subiu ao longo da sua nuca, procurou a forma do crânio, encontrou-a.

- Vamos, a paz esteja com você, a paz esteja com você. Eu não acreditava em meus ouvidos, eis tudo. Mas, apesar de tudo, não pode explicar-me por que fez isso? Eu lhe falei em morrer?

Do fundo da sua pequena noite, Ernie hesitou: - Não - disse, surpreso.

- Pela barba de Moisés - resmungou o patriarca, enquanto seus dedos fantásticos se tornavam ainda mais flexíveis, num toque quase suave -, pela vara miraculosa de Aarão, qual o significado dessa história de acostumar-se? Homens - concluiu com um suspiro -, quem dentre vós algum dia ouviu coisa tão... singular?

A voz, fina sob as cobertas, saiu entrecortada:

- Eu achava, oh, venerado... que se morresse, vocês poderiam viver...

- Se morrer, nós viveremos?

- Isso mesmo - disse Ernie dando um suspiro.

Mardoqueu perdeu-se em longa meditação. Sua mão continuava pousada sobre a cabeça escondida de Ernie, num gesto quase selvagem que desmentia o sonho líquido dos seus olhos.

- Mas então - continuou enfim com voz muito terna -, quando eu lhe expliquei, ontem à tarde, que a morte de um Justo não muda em nada a ordem do mundo, você não compreendeu o que eu queria dizer?

- De jeito nenhum, não entendi.

- E quando eu lhe disse que ninguém no mundo, nem mesmo um Justo, tem necessidade de correr atrás do sofrimento, que ele vem sem que seja chamado...?

- Muito menos ainda - disse Ernie, inquieto.

- E que um Justo é o coração do mundo?

- Oh, não, oh, não - repetiu o menino.

- Então o que entendeu você?

- Que... que se eu morrer...

- É tudo?

Ernie afirmou, constrangido:

- É... acho que é isso mesmo!

- Pois então, escute-me - disse Mardoqueu, depois de um novo instante de

reflexão -, abra os seus ouvidos: se um homem sofre sozinho, é claro, a sua dor fica com ele. Viu?

- Vi - disse Ernie.

- Mas se um outro o olha e diz: "Como está sofrendo, irmão judeu"... , o que acontece?

O cobertor mexeu-se, deixou à mostra a ponta fina do nariz de Ernie Levy.

- Isso também eu compreendo - disse ele polidamente. – Ele toma o sofrimento de seu amigo nos olhos.

Mardoqueu suspirou, sorriu, suspirou novamente:

- E se ele for cego, acredita que possa tomá-lo?

- Certamente, pelo ouvido!

- E se for surdo?

- Pelas mãos, então - disse gravemente Ernie.

- E se o outro está longe, ele não pode nem ouvi-lo nem vê-lo e nem mesmo tocá-lo: você acredita que ele possa tomar o seu sofrimento? - -

Talvez ele possa adivinhá-lo - disse Ernie com ar prudente. Mardoqueu extasiou-se:

- Você disse, amor, exatamente o que faz o Justo! Ele adivinha todo sofrimento que acontece sobre a Terra, ele o toma em seu coração.

Um dedo sobre a borda do lábio, Ernie seguia o curso de um pensamento.

Ele suspirou tristemente:

- Mas de que serve adivinhar, se isso não muda nada?

- Muda para Deus, não acha?

E como o menino franzira o cenho ceticamente, Mardoqueu voltou de repente a ficar terrivelmente pensativo.

- O que está longe - murmurou como para si próprio -, aquilo que é profundo, profundo, quem pode alcançá-lo?

Mas Ernie prosseguia em sua idéia, fascinado pela própria descoberta:

- Se é para Deus apenas, então eu não entendo mais nada. Deve ser ele quem manda os alemães nos perseguirem, não? Oh, avô, nós não somos como todos os homens, fizemos qualquer coisa contra Deus; do contrário, ele não iria nos querer tanto mal assim, a nós, os judeus, hein?

Em sua exaltação, ele se sentara no leito e erguia bem alto a mão bem enfaixada. Súbito, exclamou com voz aguda:

- Oh, avô, diga-me a verdade, não somos iguais aos outros homens, hein?

- Somos homens? - disse Mardoqueu.

De pé junto da cama, ele pousava agora sobre o menino um olhar carregado de melancolia. Curvou os ombros. O solidéu tombou de lado, dando-lhe o ar grotesco de um escolar. Depois, um singular sorriso levantou-lhe os bigodes, afundou ainda mais seus olhos dentro das órbitas. Um sorriso de uma tristeza imensa.

- É isso mesmo - disse enfim o patriarca.

Inclinando-se sobre a cama, ele abraçou o menino com força, afastou-o com violência, abraçou-o de novo, e, num súbito e incompreensível impulso, fugiu. Ernie notou que os sapatos do patriarca se imobilizaram um instante na escada. Finalmente, a porta da sala bateu. "Pobre avô", disse Ernie, "ai... pobre avô".

Sentando-se na beira da cama, ele levou a mão válida ao pescoço e voltou lentamente a si. Sobre o joelho, repousava aquele enorme curativo, que de repente começou a achar ridículo. O sorriso do patriarca oscilou diante dos seus olhos cegos de sono. Milhões de palavras pairavam nesse sorriso, mas Ernie não chegava a decifrá-las, estavam escritas numa língua estrangeira.

Desorientado, tornou a contemplar o curativo, examinou-o com todo o cuidado, na esperança de tirar dali uma legítima satisfação. Mas o sorriso do patriarca recobriu tudo, e rapidamente pareceu-lhe que, por mais grandiosos que ele pudesse imaginá-los, todos os seus exercícios de sofrimento jamais passariam de brincadeiras infantis. Como ousara provocar tanto movimento em torno da sua pequena pessoa? Causar tantas preocupações?.. Duas finas agulhas transpassaram-lhe os olhos, abrindo caminho a duas lágrimas de areia.

- Não sou nada mais do que uma formiga - disse baixinho Ernie. O nariz do patriarca apareceu primeiro. Ele parecia ter sido urdido com a umidade do olho de Ernie, e sua curva ossuda exprimia um dilaceramento sem nome. Depois, foi a majestosa colina da fronte do patriarca, encimada pelo solidéu de seda negra. E, finalmente, o sorriso indizível dos seus velhos olhos e da sua velha barba: O que está longe, o que é profundo, profundo, quem pode alcançá-lo?

- Sabe de uma coisa - disse no mesmo instante Ernie -, nunca mais pegarei em fósforos. E amanhã volto à escola. E quanto à asfixia, também se acabou.

Mas o patriarca não parecia decidido a consolar-se; e a tristeza do seu

sorriso excedia tanto os limites do universo de Ernie, que este último sentiu que estava ficando pequeno de novo, mais insignificante ainda do que antes, da “revelação”, apequenado ao ponto de não ser nada; nem mesmo uma formiga.

Nesse instante, quando se entregou à idéia de que Ernie Levy não existia, bruscamente o patriarca ergueu-se de corpo inteiro diante dos olhos maravilhados do menino, metamorfoseado num velho qualquer, com todas as marcas da idade inscritas em sua face, gravadas em todas as dobras do seu corpanzil de paquiderme.

- Então você é um velho elefante? - disse Ernie compadecido. O patriarca concordou gravemente:

- É o que sou.

- Posso tomar seu sofrimento para mim, você quer? - disse Ernie suplicante, a mão válida junto à do curativo.

Fechou os olhos, tornou a abri-los; delicadamente, tirou Mutter Judite do seu cérebro...

Quando pôs fim nela, ele soluçava diante da surpreendente idéia de que ela era uma simples velha; e completamente banhado em suas próprias lágrimas, fez aparecer a pessoa do Sr. Levy pai, depois a Sra. Levy mãe, que deu um sorriso com sua boca tímida, por um segundo, antes de entrar de novo em seu cérebro. Mas quando tentou evocar Moritz, sua visão interior se embaralhou tanto e tão bem, que ele se viu de novo na beira da cama, atarantado, diante da janela aberta para uma torrente de sol.

- Não sou assim tão pequeno diante de Moritz.

- Contudo, você não é nada mais do que uma formiga.

Naquele instante, com lenta expiração, conseguiu expulsar os últimos restos de Ernie Levy que ainda persistiam em seu peito.

Apareceu então um menino rechonchudo, cabelos cortados rente sobre uma cara gorducha, e cujos olhos castanhos, bem engastados de cada lado do nariz, difundiam uma espécie de alegre eletricidade. Ernie reconheceu com estupefação seu irmão Moritz. E enquanto se alegrava vendo-o tão cheio de vida, com suas calças de sarja azul-marinho, sua jaqueta cinza pérola, sua gentil pança e sua grande boca aberta sobre seus famosos dentes quadrados, ele de repente descobriu as cicatrizes do rosto de Moritz, seus joelhos esfolados e suas calças rasgadas. Moritz deu um passo à frente.

- Veja - resmungou -, não sou mais o chefe da minha turma. Eles não querem ser comandados por um judeu. E... para dizer a verdade, nem faço mais parte da turma. Diga-me, Ernie, por que os alemães nos odeiam tanto assim? Não somos homens como todos os outros?

Ernie perturbou-se:

- Eu... eu não sei. - Acrescentou, precipitadamente: - Oh, Moritz, Moritz, Moritz, o que está longe, o que é profundo, profundo, quem pode alcançá-lo?

- Um peixinho - disse Moritz.

Diante disso, a vista de Moritz deu-lhe uma piscadela cúmplice, saudou-o com um gesto de mão significativo e dissipou-se imediatamente, deixando atrás de si o rastro comovente da piscadela.

Ernie compreendeu então que sua alma continha verdadeiramente os rostos do patriarca e de Mutter Judite, do Sr. Levy pai e senhora, de Moritz, talvez também os rostos de todos os judeus de Stillenstadt. Tomado de entusiasmo, precipitou-se para a janela e a abriu de par em par para o castanheiro do pátio, para os telhados vizinhos, para as andorinhas com vôo tátil de morcego; o azul do céu tão próximo. E estendendo o pescoço à face alegre do sol:

- Que eu continue pequenininho! - exclamou ele, implorante, com uma voz inarticulada. - Oh, meu Deus, seja bom para mim, faça com que continue sendo nada mais que pequenininho!...

Tal como o legendário idiota que um dia descobriu, à beira do caminho, as chaves do Paraíso, assim Ernie Levy, posto em presença do mundo banal e extraordinário das almas, e farejando as suas secretas misérias, confiou cegamente naquela chavezinha ridícula que lhe entregara o patriarca: a compaixão.

O coração começa a saltar de hilaridade quando pensa na alegria da sua “descoberta”, e com a face ainda brilhante de lágrimas vestiu-se e desceu sorridente ao encontro das almas das quais pensava estar a cargo.

A primeira que encontrou foi a de Mutter Judite, bem rechonchuda na poltrona da sala, e se aplicando com toda atenção num minúsculo trabalho de costura. Ela não sentiu a sua aproximação. Atento, ele se imobilizou sobre o último degrau da escada. E enquanto se esforçava para fazer-se “pequeninho”, seus olhos dilatados se embriagavam lentamente com o

espetáculo da velha judia recolhida em seus anos, e cujas múltiplas rugas e vincos, de repente, lhe pareceram cicatrizes do sofrimento. Uma idéia o tocou: contra toda aparência, Mutter Judite tivera outrora uma alma e um corpo de moça. Que mal havia se desencadeado sobre ela? Que imensa dor?... se perguntava ele, enquanto com um passo miúdo deslizava em direção à poltrona.

Quando já chegava bem perto dela, num pulo, alcançou Judite desprevenida; e segurando-lhe a pesada mão enrugada como uma folha morta, beijou-a, com medo e tremor, como se tocasse num mistério proibido.

- Que está acontecendo? - exclamou a velha senhora.- Que faz aqui?

Entrementes, uma dor eletrizante se insinuava em seu melancólico e cego sangue, e foi mais surpresa do que aborrecida que ela continuou:

- Que nova fantasia é essa? Que há com você para descer e me lambar a mão? Mas é para deixar qualquer um louco, nesta casa, desde ontem! Volte depressa para a cama!

Seus gritos de águia chamaram a atenção de Mardoqueu. Com jeito, ele conseguiu separá-la da pequena presa amedrontada. E enquanto ele continha a velha com os braços abertos, barrando-lhe a passagem:

- Eu lhe peço - repetia ele -, não seja uma pedra sobre o coração de uma criança. Você sabe bem que ele está completamente "balançado" desde ontem, não?

Depois, voltando-se para Ernie, que, trêmulo, ofegante, agarrou-se a seu casaco:

- A cólera de Mutter Judite - enunciou com ênfase - é como o rugido do leão. Mas sua benevolência é como o orvalho sobre a relva. Não trema mais, olhe: o leão sorri.

- Não estou sorrindo!

- E eu não posso acreditar em você - disse Mardoqueu, cofiando os bigodes com ar carinhoso. - Mas você, seu engraçadinho, pode explicar-me por que anda lambendo mãos?

- Não sei - balbuciou Ernie, vermelho de confusão -; eu... Aconteceu.

- Só isso? - perguntou Mutter Judite.

Ela segurou o riso com as mãos:

- Só isso - disse gravemente Ernie.

E Mardoqueu sacudiu a barba com força para conter-se; mas não se

agüentando mais, explodiu na sua risada larga de antigamente. Judite acompanhou-o com um guincho. Envergonhado, Ernie passou por entre as pernas do patriarca e bateu em retirada na direção da cozinha.

A Srta. Blumenthal acolheu-o com gritinhos de emoção.

Foi preciso primeiro acalmá-la.

- Eu me aborrecia na cama - disse ele sorrindo - sem ter o que fazer. - Enquanto isso, seus olhos ávidos já partiam em busca da face secreta da sua mãe; aquela que ele adivinhava escondida sob os traços pobres e como que empalidecidos pela timidez, sob sua aparência de criada; e até sob os menores gestos e precauções que ela usava para segurar os objetos, os sacudir com suas longas mãos, em cuja misteriosa brancura ele reparou pela primeira vez.

- Por que me olha assim? - disse ela com surpresa. - Fiz alguma coisa a você?

Falando com ele, continuava a entornar a sopa, a mão levantada sobre o caldeirão fumegante, enquanto, com o cotovelo livre, não parava de dar pequenas sacudidelas no carrinho onde estava Raquel, a última nascida. Ernie, angustiado, bebia com os olhos o rosto da sua mãe, sem poder apreender nele o reflexo da sua face interior. Mas, de repente, ele teve a intuição fulgurante da alma da Srta. Blumenthal, que era um delicado peixinho prateado e medroso, em perpétua fuga sob as marolas do seu rosto de águas cinzentas e pouco profundas.

Inquieta, ela repetiu:

- Fiz alguma coisa com você?

- Oh, não – disse, perturbado -, você não me fez nada.

- Então é sua mão que o faz sofrer?

- Oh, não, não é minha mão - disse Ernie.

Fascinado pela mímica inquieta da Srta. Blumenthal, ele não tirava os olhos dela, descobrindo abismos de virtude, uma insignificância digna de um Justo. Ainda a admirava quando ela deixou cair a colher de pau dentro do caldeirão, deu um gritinho lamentoso e, querendo disfarçar a perturbação que sentia com o exame dos grandes olhos úmidos do filho, disse-lhe súbito, sorrindo:

- Sabe? Acabou-se o pão, gostaria muito que fosse buscar um para mim. Mas talvez você não queira fazer isso!

Ernie prontificou-se logo:

- Oh, sim, eu quero fazer isso, eu quero sim!

Ao estender-lhe o dinheiro, estupefata, a Srta. Blumenthal constatou que o homenzinho segurava-lhe os dedos e os apalpava com gestos de um tímido apaixonado; em seguida, ele pareceu resignar-se com o pior, levantou-se nas pontas dos pés e, puxando o dinheiro, tocou com os lábios e a ponta do nariz a branca palma da mão.

Retirou-se apressadamente, curvando os ombros, confuso.

A rua estava tão fresca e viva que Ernie se perguntou se ela não tinha também dentro de si uma alma, em algum lugar, sob as calçadas rechonchudas como bochechas. Essa idéia o transportou de prazer: "E tudo isso porque agora eu sei do segredo: pequenino, muito pequenininho, hi!" Depois, esforçando-se por um ar mais sério, ele se dirigiu, ora com passo grave, cheio de majestade, ora ligeiro, para a padaria da Sra. Hartman, além da Hindenburg Platz, onde os judeus da Riggerstrasse se abasteciam depois que o Sr. Kraus havia colocado, também ele, o singular aviso sobre sua vitrina: "Proibido a judeus e cães".

Quando chegava alegremente na esquina da Hindenburg Platz, o Sr. Metade apareceu como uma figura de pesadelo.

Um simples torso colocado sobre sua caixa, como uma escultura sobre o pedestal, o Sr. Metade se movimentava com a ajuda dos punhos, as falanges calejadas como solas; seu crânio disforme chegava à altura de Ernie; um capacete pontudo, fincado no fundo do carrinho, servia-lhe de porta-esmola. E seus andrajos estavam enfeitados com fitas coloridas e medalhas.

- Piedade para um pobre herói - salmodiava o Sr. Metade, enquanto um ríctus malicioso indicava o sentido que ele queria dar àquela cantilena.

Impelido por súbita inspiração, Ernie deu um passo de lado e se plantando, sem maior cerimônia, atravessado na passagem do aleijado ele o contemplou com uma expressão de tristeza, capaz, pensava, de demonstrar a parte que lhe cabia no "sofrimento" do Sr. Metade.

E no momento em que se sentia tornar-se "pequenino", bolha infinitesimal, o rosto flácido do Sr. Metade inflou-se em proporções fantásticas. A cavidade negra da sua boca aproximou-se de Ernie. Depois, bolinhas azuis com pedaços de carne vermelha pularam da cara do Sr. Metade, num duplo salto dolorido, para virem alojar-se nas órbitas de

Ernie, de onde escorriam agora dois finos filetes de sangue claro e ardente, e terrivelmente desprovido de alma.

- Não pára de me encarar, hein?

Ernie deu um pulo para trás. As bolinhas azuis irradiavam ódio; com pequenas faíscas, seguidas de eclipses tristes e frios. O rapazinho descobriu, estupefato, que o punho achatado do enfermo estava brandindo na sua direção. Recuou ainda um pouco mais, e com ar compungido explicou:

- Não fiz de propósito, Sr. Metade. Eu queria somente mostrar ao senhor... queria dizer apenas... que o amo muito, Sr. Metade.

O veterano ficou como derreado dentro da sua caixa. A cabeça mole pendeu para um lado, pendeu para o outro; inclinou-se sobre o peito. Suas feições hesitavam entre a careta e a serenidade. Ernie percebeu então que a alma de Metade era uma espécie de lua, brilhando com desespero no meio da noite.

Num ímpeto, o homem chegou ao cúmulo da sua raiva:

- Sabe? Continuo tendo meus punhos!

E quando Ernie se afastou com medo, seu curativo escondido sob o cotovelo num gesto de ladrão, o aleijado girou seu tronco sobre a base, abriu a boca peluda e saboreando antecipadamente a palavra escolhida:

- Maldita raça de judeu! - soltou ele com voluptuosidade, no tom máximo do desprezo cristão.

Ernie contornou com passo apressado a esquina da Hindenburg Platz; depois se encostou na parede, porque o coração batia fortemente. Suas pernas também pareciam bater, com pulsações cortantes, num movimento de serra à altura dos joelhos. Apesar do mau-caráter do Sr. Metade, era extremamente difícil para ele não imaginar o local em que as coxas tinham sido levadas pelo obus francês: a imensa cicatriz que suportava todo o peso do corpo. Como feridas tão grandes eram possíveis?... No entanto, o céu estava azul como sempre; carros passavam rente às calçadas; aqui e ali seres se moviam sobre seus membros intactos, e a fonte da Hindenburg Platz estava coberta por uma nuvem de pombas. Algumas delas, pousadas à sua beira, bicavam a água. O que foi que aconteceu?

Ernie murmurou compungido:

- Tudo aconteceu porque eu o olhei demais. Então é preciso tomar o sofrimento das pessoas sem que elas o percebam? Sim, é assim que devo

fazer.

Mas enquanto o menino se louvava pela nova descoberta, constatou com estupefação que em vez de continuar "pequenino" ele crescia subitamente, a tal altura que o mundo inteiro não lhe chegava mais ao tornozelo; e que todas as coisas, do alto dos elogios que ele próprio acabava de se fazer, se distanciavam prodigiosamente do seu olhar. "Agora não sou mais um Justo", disse, aterrorizado.

V

O que ainda aconteceu durante o dia em que Ernie se viu mergulhado, feito num banho fervilhante de maravilhas, no mundo insuspeitado das almas? Os muitos volteios que ele imprimiu a seu coração, a chave mágica que lhe foi revelada pelo patriarca, para abrir cada uma das portas e ter acesso ao avesso de cada cara que o cercava; seus esforços para compreender numa mesma angústia todas as galinhas, todos os patos, bezerros, vacas, coelhos, carneiros, peixes de água doce e do mar, pássaros de corte e de plumagem, inclusive os rouxinóis e as aves-do-paraíso que ele sabia, de ouvir dizer, diariamente assassinados para o estômago; a oscilação elástica do seu ser entre a pequenez do cristal, a glorificação da sua pequenez e seu alongamento incontido em direção aos cimos tenebrosos do orgulho; o grande número de incidentes domésticos ocasionados pelo desejo de receber o mal pelos olhos ou pelos ouvidos e sua inexplicável necessidade de tocá-lo com o lábio ou com o dedo - todas essas coisas, se contadas minuciosamente, fariam cair muitos queixos. Notemos, contudo, que no fim da tarde as singularidades de Ernie passavam da medida; e que, censurado por todos, discretamente ameaçado pelo patriarca, ele refugiou-se estrategicamente na loja do Sr. Levy pai, que o acolheu com uma desconfiança não dissimulada:

- Que vem fazer aqui - disse asperamente o pai -, ver se me espeto?

Então, tomado por estranho pânico, o menino pegou o pesado ímã de alfaiate e começou a movimentar-se, os frágeis ombros de repente curvados, um fino risco negro entre as sobrancelhas, os olhos enfurecidos, escrutadores, fuçando e revistando até debaixo da mesa, à procura de algum problemático alfinete. Depois de ter, com seu ímã, vasculhado uma a uma as tábuas do assoalho, ele colocou uma pequena porção de alfinetes

aos pés do Sr. Levy, sentado com as pernas cruzadas sobre a base da prensa. Depois, o queixo caído, os olhos revirados, instalou-se diante da vitrina e fingiu observar o movimento da rua. Uma fadiga misteriosa pesava-lhe no coração. Sua mão prisioneira sob o curativo emitia pulsações cada vez mais agudas. E enquanto se esforçava para não se desfazer em lágrimas, os pensamentos galopavam-lhe nas têmporas com um dilacerante martelamento de cascos. Mas sempre que julgava estarem eles no ponto de convergirem para uma simples verdade, precipitavam-se como cavalos desesperados dentro de uma grande fossa negra aberta no meio do seu cérebro; e tomado de angústia, aterrorizado por nada ter compreendido dos acontecimentos do dia, o menino corria um olhar furtivo pela silhueta do Sr. Levy pai, por seu rosto de coelho com lábios que pareciam chupar a agulha; não para descobrir a alma de Benjamim ou compartilhar do seu "mal", mas com o desejo obscuro de reaver sua própria alma flutuante e perdida, com a insensata esperança de estancar ali a sua própria dor, esse inexplicável "mal" que atormentava sua consciência inteiramente nova de Justo.

Sentindo-se observado, Benjamim respondia a esses tímidos avanços com um olhar eriçado de uma infinidade de alfinetes que vinham, como num ímã, cravar-se nos olhos lacrimejantes de Ernie. Depois, dava um suspiro reprovador nuançado de aflição; e Ernie corava até às orelhas.

Assim se escoou uma hora. Bem no meio dessa disputa, a porta rangeu e um cliente entrou; um operário solicitou com ar humilde que lhe pusessem um remendo na calça. Após mil delicadezas preparatórias, Benjamim o fez entender que não podia praticar a operação no próprio corpo do cliente. O honrado homem concordou, aceitou a sugestão do artista e logo instalou-se por trás da mesa de costura, um cobertor lhe atravessando os joelhos peludos: divertido.

Colocado o remendo, aconteceu que os pés do homem se recusavam a entrar dentro dos sapatos. Benjamim ofereceu-lhe uma colher de sopa, que não produziu o efeito esperado. O infeliz ofegava, se esfalfava, batia com o salto no chão.

Benjamim disse:

- É o fim, há tempos que reclamo uma calçadeira, já devia ter uma coleção delas. Mas vá contar com a palavra de uma mulher! Olhe, Ernie, em lugar de ficar aí olhando para mim feito um bibelô, tome isto, vá

comprar uma calçadeira. Mas, atenção, nada de loucuras; ou, do contrário, a raiva vai sufocar todos nós e você ficará sozinho no mundo. Não, cale-se, e vá.

O operário interveio triunfante:

- Não precisa tomar trabalho, Sr. Levy. Já consegui enfiar um pé desses malditos pisantes. O outro, eu juro, não vai resistir muito tempo!

- Vá mesmo assim - continuou Benjamim; com um brusco movimento dos dois braços, ele cortou brutalmente o ar -, pelo menos vou ficar livre de você.

Ernie sentiu-se estranhamente vazio. Saiu sem dizer palavra e encontrou a Riggerstrasse mergulhada no crepúsculo da tarde: azul, com traços malva sobre os telhados, e confetes de luz amarela flutuando por entre o alinhamento das casas. Os confetes se aglutinavam em auréolas nos lampiões e nos marcos das janelas. Por cima desse carnaval, uma folha de papel lisa e escura ondulava ao vento, nela se adivinhava uma fragilidade sedosa: era o céu.

Diante da vitrina iluminada da mercearia, ele saboreou com um longo olhar uma lata de conservas em cujo rótulo havia palmeiras tendo ao fundo macacos dançando. Nela estava inscrito o nome misterioso: Ananás.

Cheio de sonhos, Ernie abriu maquinalmente a porta e avistou a filha da merceeira, uma magricela de 9 anos, que tomava conta da loja nas freqüentes ausências da mãe. Quando se lembrou que calçadeiras se compram em loja de ferragens, ele exclamou "Oh, perdão!" e viu a menininha assustada correr rapidamente para trás do balcão. Cheio de remorsos, penalizado, tornou a fechar a porta com o mesmo cuidado e a mesma expressão com que se trata um moribundo.

Sendo a mercearia contígua à loja dos Levy, era comum eles ouvirem em certas noites, distintamente, os gritos da menina: agudos e contínuos, quando ela se encontrava sob as mãos do merceeiro, um homem corpulento cuja embriaguez se comprazia com aquela música; mais agudos, porém entrecortados de silêncios intermináveis, quando se tratava da mulher que tinha ouvidos sensíveis. Por isso, Ernie, antes de afastar-se, lançou seu olhar triste para dentro da mercearia.

Somente a cabeça da menina era visível por cima do balcão de mármore, como que cortada à altura do pescoço. Uma língua grossa saía da sua pequena e contraída boca; e quando se viu observada, a menina revirou

uns olhos brancos estrábicos, como fazem os girinos de Schlosse, e com aquela expressão eternamente inquieta que caracteriza esses animaizinhos. "Tenho que lhe dar uma explicação", disse consigo Ernie, "de repente, contar-lhe tudo: a calçadeira, a lata de conservas, o trinco da porta. Ela entenderá".

Cheio de unção, abriu a porta e entrou na loja com ar afável, a mão enfaixada discretamente escondida atrás das costas.

- Não é nada, queria comprar uma calçadeira.

- Uma quê?

Contemplou-a tristemente, no sétimo céu por se encontrar tão perto dela e em comunhão tão perfeita com sua alma. E, contudo, ela pouco lhe atraía a atenção até aquele dia. Nela não havia nem mesmo a graça de uma mosca, embora tivesse seu vôo cuidadoso e cheio de medo sempre saltando sobre uma mercadoria, passando sob uma caixa ou se perdendo no alto da escada, colada ao teto. De repente, veio-lhe a idéia de que sua pele era raiada de vergões, admitiu com emoção que tudo era suscetível de fazê-la sofrer: berro, um olhar insistente demais e talvez o simples contato com o ar.

- Não é absolutamente nada - repetiu sorrindo com ar afável -, queria apenas comprar uma calçadeira.

Seu timbre de voz era sussurrante, quase inaudível.

- Não temos - disse ela resolutamente.

- Sei disso - disse Ernie, cada vez mais sorridente. - É justamente por isso...

- Ah! Bom.

- Porque as calçadeiras - continuou prudentemente -, elas são encontradas em casas de ferragens.

- Talvez sim. Mas nós não temos nenhuma.

E ela lhe lançou um sorriso indefinido que o medo reduzia a tão pouca coisa que Ernie, já em estado lastimável, tocado, quase embriagado de compaixão, acabou por perder a cabeça:

- É para um freguês - balbuciou ele. - Queria uma calça, ah...

Então eu abri a porta... ah... ah...

Depois, dando à voz um tom melodioso:

- Juro a você... - disse, sorrindo em lágrimas.

Decidido a tranquilizar a menina, ele amedrontou-a: ela nada sabia de

calçadeiras; nunca tinha ouvido falar delas; enquanto isso, ela recuava por trás do balcão, se tornando cada vez menor na sombra das prateleiras. Tomava-o por louco, criminoso?... Todas aquelas penosas suposições atravessaram o cérebro delicado do Justo, que se resignou a retirar-se.

Enquanto se retirava de costas, tentou explicar-lhe claramente o que é uma calçadeira, e para que servia habitualmente; mas, empenhado em sua demonstração, obrigado, achava ele, a ajuntar-lhe um exemplo, o Anjinho não pôde resistir a tirar uma das suas sandálias; a introduzir, diante dos olhos arregalados do seu público, dois dedos no espaço adequado; e, de maneira convincente, imitar escrupulosamente a ação "habitual" de uma calçadeira.

- E veja você - disse ele para concluir, endireitando-se ingenuamente. - Uma calçadeira não é nada mais do que isso!

A reação da menina deu-lhe calafrios: transtornada com aquele comportamento insólito, ela se enfiara pela metade dentro da prateleira de açúcar; com a ponta dos dedos finos, apertava nervosamente suas bochechas.

- Eu estou indo embora - disse Ernie.

Com a sandália de um lado e o curativo do outro, ele voltou de novo ao balcão com a finalidade de explicar à infeliz que ele desejava unicamente afastar-se, o mais depressa possível. Mas, à medida que se aproximava do pequeno fardo de carne aterrorizado, pareceu-lhe que começava a crescer prodigiosamente: seus braços e suas pernas se esticando por toda a extensão da sala, enquanto sua cabeça furava o teto.

- Oh, não - disse suplicante, - é justamente o que eu não queria... Nesse momento, a menina colocou as mãos abertas em seu rosto, abriu bem a boca, respirou uma golfada de ar e lançou o seu grito.

Da portinhola do fundo surgiu uma pavorosa criatura. Duas barras de batom engrossavam-lhe os lábios, suas sobrancelhas faziam volutas sobre as têmporas, o que aumentava e parecia afundar, de cada lado do rosto, os carvões ardentes dos seus olhos; e vários papelotes, dezenas de fitas rosas dividiam-lhe a cabeleira em mechas que despencavam pesadamente sobre suas bochechas empastadas de creme. Surpreendida enquanto se vestia, ela contemplou enfurecida a cena e depois desabalou na direção de Ernie, que fechou os olhos com resignação.

Quando pôde abri-los, atordoado pelo choque, sua mão válida ainda

segurava a sandália, mas da merceeira ele somente percebia o respeitável relevo de um traseiro.

- Que é que ele fez com você? - exclamou asperamente. Sempre encolhida atrás do balcão, a menina escrutou longamente a cara deplorável do pequeno judeu: mas em vão, não revelava de maneira alguma o que lhe pusera medo. Enfim, levantando os olhos para a cólera materna, ela foi subitamente tomada por uma legítima apreensão e... voltou a gritar, com mais insistência.

- Eu estou vendo - enunciou solenemente a merceeira, girando sobre seus saltos altos e o agarrando pela nuca, enquanto esganiçava em tom triunfante: - Depravadozinho sórdido!...

Ela o arremessou para fora com a mesma facilidade com que se segura um gato pela pelanca do pescoço.

Mergulhado num sonho dolorido, a única preocupação de Ernie era não largar a sua sandália; quanto ao resto, estava agora nas mãos dos grandes: sentia-se de uma pequenez extrema, insuspeita.

A Srta. Blumenthal debruçou-se na janela do primeiro andar: na calçada, sob o halo do lampião, um grupo de donas-de-casa entrava em transe; uma delas, com papелotes e roupão florido, berrava freneticamente: "O judeu! O judeu! O judeu!..." Era a merceeira que sacudia violentamente o objeto inerte sobre a calçada. O cone esbranquiçado da luz do lampião envolvia toda a cena. Entre duas convulsivas pancadas, a Srta. Blumenthal reconheceu um familiar anel de cabelo que logo desapareceu, como um peixe num buquê de algas. Ela perdeu imediatamente toda a consciência de si própria, da sua timidez, da sua insigne fraqueza. Sempre se julgara uma mulherzinha boa para nada; mas em poucos instantes já estava na rua, e com seus cotovelos pontudos unidos em proa, ela cortava, de modo irresistível, a maré vociferante e tormentosa.

Quando chegou perto de Ernie, num lance silencioso, arrancou-o das mãos da merceeira, fugindo em seguida, sem perguntar por mais nada. Apertou a criança contra o magro peito; seu gesto demonstrava um sentimento tão desesperado e, no entanto tão decidido que nenhuma mulher teve coragem de impedir sua fuga.

Um minuto mais tarde, Mutter Judite fazia a sua aparição. Todos se afastaram para dar-lhe passagem, porque seu volume inspirava respeito.

As mulheres da Riggerstrasse não se contentavam sempre com os bate-bocas; assim, qualquer disputa, mesmo anódina, se desencadeava sob o signo das dimensões físicas da adversária, da sua carnuda robustez ou da ferocidade de mulher descarnada. A merceeira era tida como uma das melhores "rixentas" da rua. Mutter Judite se mantinha como um enigma. Mas sua corpulência rija, sua máscara felina, e a fixidez mortal do olhar que assestava na merceeira, auguravam o melhor para ela.

O círculo fechou-se em torno das duas distintas adversárias.

- O quê? O quê? O quê? - bradou Judite em seu alemão reduzido à mais simples expressão.

E, cruzando majestosamente os braços, ela esperou.

Houve uma pausa.

- Olhem para elas, como se admiram!

- Jesus, Maria, e minha sopa que está no fogo!... Então, senhora, é para hoje ou para amanhã?

Uma terceira manifestou-se, decepcionada:

- Que querem vocês: para forças iguais...

A merceeira estremeceu da cabeça aos pés, enquanto que com os ombros sacudia um invisível fardo; era notório, só um fio separava os combatentes.

- Atenção - disse friamente Mutter Judite.

A merceeira parecia fascinada pelas asas nasais da gorda judia, que palpitavam com uma espécie de lentidão calculada.

- Minha... minha filhinha - balbuciou ela desatinada. Depois, retirou-se confusa, procurando a porta da loja. Mas dez segundos mais tarde, saía de lá transformada, a filha pela mão.

- O quê? O quê? O quê? - repetiu Mutter Judite, não sem uma nuance de hesitação.

- Então, diga o que ele fez com você...

Todos se concentraram. Espantada com a espera solene dos seus lábios, a menina deu um suspiro, fungou e... calou-se.

- Com os diabos, fala ou lhe dou uma surra!

E, crispada de impaciência, a merceeira deixou cair sua mão sobre o rosto da criança, que cruzou os braços, curvou bem a cabeça sobre o peito, numa postura de penitente.

- Me... me provocava.

- Conta, conta como ele fazia!
- Posso não.
- Era sujeira, era sujeira, hein?
- Si... im...
- Impossível- proferiu Mutter Judite. - Mau ele não é.

Mas, no olhar compadecido que derramava sobre a magra vítima em lágrimas, todas as comadres liam claramente seu verdadeiro pensamento; e foi com murmúrio hostil que ela se retirou, silenciosa, lenta, toda a arrogância fenecida, e pensando tristemente: "No entanto, ele não costuma ser perverso..."

Encontrou Ernie na cozinha, nos braços da Srta. Blumenthal. O interrogatório terminou com duas senhoras palmadas nas quais ela colocou toda a sua adoração, e a repulsão obscura que agora lhe inspirava esse ser, um pouco vindo do seu ventre, mas no qual ela não se reconhecia mais.

A cabeça de Ernie rodou levemente sobre os ombros. Ele estava bem pálido. Seus olhos perdidos sob os longos anéis negros caídos sobre a testa estavam quase fechados. Deixou tombar a cabeça, uma vez para a direita, uma vez para a esquerda, depois saiu lentamente da cozinha; com seu passo cerimonioso.

A porta se fechou de novo, as duas mulheres aplicaram os ouvidos com atenção; e enquanto se admiravam por não escutarem nenhum passo na sala, a porta girou silenciosamente sobre seus gonzos e o perfil delicado de Ernie Levy surgiu no vão entreaberto. Voltando-se para a Srta. Blumenthal, ele a envolveu pensativamente com o olhar. Seus olhos eram duas grandes poças d'água, cintilantes e negras. Súbito, as poças se desmancharam e o que ficou foi um rostinho de criança, com as bochechas banhadas em lágrimas.

- Estou de partida, para sempre - disse com voz sumida.
- Isso mesmo, desapareça - falou Mutter Judite com desprezo -, mas tome cuidado para não perder a hora da sopa!

A cabeça sumiu de novo e desta vez a porta se fechou definitivamente. Mutter Judite disse, categoricamente:

- Minha nora, este menino não tem coração.

A Srta. Blumenthal refletiu.

- Mas, mesmo assim - disse ela -! ele é tão lindo.

VI

Passada a ponte do Schlosse, Ernie encostou-se numa pedra, estendeu os braços e fechou os olhos; percebeu que seu corpo repousava à beira da estrada, na relva. Pareceu-lhe que a sombra e a noite formavam uma só coisa. Deitando-se sobre o ventre, abriu bem a boca e deixou correrem as últimas lágrimas; porque era evidente que ele jamais recobriria o seu alento; e nunca mais cessaria o balanço da terra e do céu, que em vão seus braços separados como estacas tentavam moderar: tinha corrido depressa demais, talvez ele fosse morrer.

"Então, está tudo bem para você, Ernie? Tudo bem?" - Então, Ernie? - repetiu em voz alta.

Houve uma vibração úmida dentro do céu da sua boca. Depois, redondas e leves, transparentes como bolhas, as palavras saíram dos seus lábios e voaram em direção à lua, sem que despertassem nele mais do que um sentimento de deslumbrada surpresa.

Concentrando toda a atenção, ele tentou uma fórmula diferente: - Eh! Ernie... - murmurou com certo prazer.

E eis que de repente a pessoa interpelada se volta, dirige-lhe uma saudação afável:

- Quê? O que quer você?

Apoiando-se prudentemente sobre os cotovelos, ele se ajoelhou, se assentou, levantou os joelhos que envolveu com os dois braços. Tudo aconteceu como se duas pequenas pessoas conversassem na sua cabeça; feito duas comadres em torno de uma xícara de chá. Pensou de novo: "Eh, Ernie". Mas um terceiro Ernie surgiu, saltitando sobre um dedo, e tudo se transformou em confusão.

Uma rajada de vento se fez ouvir ao longe e a ventania fustigou o cimo das árvores como se fosse uma grande vaga. No chão, as folhas mortas correram alguns metros. Além dos prados, as águas do Schlosse marulharam ao encontro da pequena ponte de pedra.

O vento caiu tão depressa quanto tinha se levantado, e o campo tornou a ficar silencioso. Imóvel, a lua esperava. Bem no fim da estrada, nasciam pequenas chamas que nada tinham de ameaçadoras. Ao contrário, elas tremeluziam timidamente, dispostas como uma fiada de velas sobre a linha escura do horizonte; um murmúrio vinha de lá: era Stillenstadt.

"Essa criança perversa!..."

O rosto de Mutter Judite parecia-se verdadeiramente com o de um velho gato. Ela arqueara seus dedos como garras, e seu corpo assustador, ligeiramente inclinado para a frente, parecia preparar-se para algum bote. Sufocando um soluço, Ernie virou as costas para a cidade e se pôs lentamente a caminho. Mais tarde, depois de muitos anos, ele retornaria a Stillenstadt. Ele iria conhecer um grande número de palavras, e todo mundo choraria ao ouvir o Justo. O coração de Mutter Judite acabaria por abrir-se. A toalha amarela seria posta na mesa com o grande candelabro de sete braços. E depois...

Pelo tempo que caminhava, Ernie não devia estar longe de uma grande cidade. O trigo verde, mastigado com esganação, tinha ficado na sua garganta. Quando o suor começou a gotejar pelo corpo febril, ele ajustou, feito uma echarpe, o braço inválido na abertura da camisa. Mas embora a sede aumentasse a cada minuto, o pequeno fugitivo persistiu em não atravessar as aldeias: estas estavam infestadas de cães, nada era mais desagradável do que seus uivos à noite: eram como para ele.

A sede, no entanto, estava chegando ao delírio, e o menino entrou sorrateiramente, metro por metro, no pátio de uma fazenda, onde alcançou, sem obstáculos, o bebedouro do gado; um longo tubo com a forma de bengala estilava um filete d'água. Ernie curvou-se sobre o bebedouro, ofereceu sua língua:

- Não é assim que se bebe. Vou mostrar como é.

Um menino da mesma idade que ele estava de pé na claridade lunar do pátio, em calças tirolesas e os pés nus. O rosto ficava quase escondido sob a viseira de um enorme boné, preso nas orelhas; mas sua postura inclinada exprimia intenções pacíficas. Insinuou-se silenciosamente na frente de Ernie petrificado; e fazendo-lhe sinal para observar bem, bebeu didaticamente na concha da mão. Ernie, logo em seguida, imitou-o, encantado.

- É que sempre bebo em copo - disse Ernie enxugando a boca. O menino concordou discretamente.

- Eu entendo o que diz - falou com ar solene.

Ele não se surpreendeu com as espantosas aventuras do fugitivo. No começo, a conversa se desenrolou em condições de perfeita igualdade;

mas pouco a pouco, impressionado com o mutismo significativo do menino de boné, Ernie inconscientemente aceitou seu predomínio. Chegou ao ponto de lhe dar a conhecer o temor que sentia pelos cães da fazenda.

- Espere um pouco - exclamou o de boné -, vou mostrar!

E, agarrando um porrete imaginário, entregou-se a uma pantomima muito complicada, ao fim da qual, com um senhor golpe, o cão agressor teve quebradas as duas patas dianteiras. Depois, sem transição, correu até um barracão iluminado, de onde voltou, um minuto mais tarde, os braços carregados de cenouras, um naco de pão preto e uma esplêndida vara de avelaíra.

Primeiro hesitou, depois tirou um canivete enferrujado do bolso.

- Se algum dia for atacado por um lobo...

Ernie sorriu:

- Aí, que é que eu faço?

- Com o lobo é a mesma coisa que com o leopardo.

E jogando a jaqueta sobre o braço - "para as garras", disse ele – o curioso moleque iniciou uma nova dança guerreira na qual, desta vez, o canivete fazia o papel do porrete.

Embora a imagem do lobo não deixasse de inquietá-lo, Ernie ficou, acima de tudo, impressionado com a desenvoltura com que os pés nus do camponês pousavam sobre os pedregulhos, cujas pontas cintilavam ao luar.

O moleque acompanhou-o até à saída da aldeia. Nas proximidades do cruzeiro, diminuiu o passo e murmurou constrangido:

- Agora tenho de entrar. Por causa dos meus velhos, está entendendo?

- Você fez muito por mim - disse Ernie.

- Eu também vou-me embora um dia desses.

A viseira do boné desabou.

- Ninguém gosta de você em sua casa? - exclamou Ernie, numa explosão de piedade.

- Oh, sabe como eles são todos iguais.

Lúgubre:

- Eles não sabem...

Em seguida, o menino levantou uma das mãos e dobrou os dedos com tristeza, em sinal de adeus. Os braços carregados de provisão, Ernie

imitou-o como pôde, tocado pelo patético do cerimonial. As duas crianças se voltaram as costas ao mesmo tempo. Ernie percorreu uma centena de metros: o camponês tinha desaparecido e sua aldeia estava inteiramente mergulhada na noite; nem parecia mais ser uma aglomeração humana. O próprio campo se confundia misteriosamente com o céu: as árvores flutuavam no ar suave. Ele percebeu que estava a quilômetros e quilômetros de Stillenstadt, que no final das contas não passava de uma insignificante idéia, não maior do que a ponta de uma agulha, e da qual Ernie podia muito bem prescindir.

Um campo vizinho de alfafas acolheu-o em sua primeira noite de vagabundo.

Enquanto procurava um lugar para deitar-se, um mosquito rodopiou em torno da sua orelha e pousou sobre uma margarida que vicejava a seus pés. Súbito, um raio de luz se concentrou em volta da margarida e mostrou uma pequena mosca no miolo amarelo da flor. Ernie prendeu a respiração, curvou-se, verificou que se tratava de uma jovem mosca, aparentemente do sexo feminino; isso se via pela finura da sua cintura, pela agilidade das asinhas e, sobretudo, pela graça melindrosa com que esfregava as patas umas nas outras, ensaiando um encantador passo de dança imóvel.

Sem apressar-se, com um passinho circunspecto, a mosca começou a subir ao longo de uma pétala.

Ernie sentiu um leve formigamento perto do coração. Não soube como seu braço executou o gesto. Uma nuvem passou-lhe diante dos olhos e a moçoila veio estupidamente lançar-se na concha da sua mão, que ele fechou imediatamente. "Pronto, agarrei-a...", disse para si próprio, já meio arrependido.

O frêmito das asas prendeu-lhe a atenção: frenético, picando-lhe as pontas dos dedos como leves agulhadas. Ele se sensibilizou com os sobressaltos que agitavam aquela partícula de existência. O reflexo da lua sobre as asas do animal exibiu duas centelhas azuis. Aproximando a miserável jóia dos seus olhos, o menino se extasiou com o minucioso dispositivo das antenas, que, pela primeira vez, ele observava. Aquelas delicadas hastes, também elas se agitavam sob a refrega da tempestade interior. Ernie estremeceu de dor. Ele sentiu que as antenas golpeavam o ar de pavor. Tomado de angústia, ele se perguntou se o sentimento que fazia baterem as asas da mosca entre seus dedos era tão forte quanto o da filha da merceeira.

Naquele instante, uma parte do seu ser escapuliu perfidamente dentro da mosca e ele reconheceu que aquele bichinho, fosse ele infinitamente mais reduzido, invisível a olho nu... seu sentimento de morte não diminuiria em nada. Abriu então os dedos em leque e seguiu por um segundo o vôo da mosca, que era um pouco Ernie Levy, um pouco a pequena filha da merceeira, um pouco, ele não sabia quem... uma mosca. "Ela não perdeu tempo, fugiu rapidamente", disse contente. Mas muito depressa, lamentou a falta da sua companhia, porque, de repente, sentiu-se mais do que nunca sozinho no meio do campo de alfafas.

Um fio se partiu em algum lugar da noite.

Ajoelhando-se no chão, o menino aspirou os odores ambientes. Depois, deitou-se de costas e fechou instantaneamente as pálpebras do seu corpo, a fim de intimá-lo a dormir, o mais rapidamente possível, para escapar dos círculos de medo que se apertavam cada vez mais estreitamente em sua alma.

Mas, coisa estranha, não adiantava fechar as pálpebras, lentamente, fortemente, até doer dentro dos olhos, ele sentiu que elas em nada o separavam da lua, nem das estrelas, nem da estrada ou do campo de trigo que avistava ao longe, nem da alfafa presente em seu fino odor de hortaliça, nem da mosca, nem da brisa que lhe lambia o rosto; reduzindo-se a duas membranas transparentes e porosas, suas pálpebras não guardavam mais do que o vazio. Então, tomado de medo, o menino chamou a si próprio longamente, como se chamasse alguém muito longe: Ernie Leeeeeeeevyyyyyy, Ernie Leeeeeeeevyyyyyy... Mas não saía nenhuma resposta de dentro do seu crânio, cavidade vazia tão transparente e negra quanto o céu.

Abriu a boca e sussurrou bem depressa: - Ernie!... Ernie!...

Esperou um curto instante.

E então se sentiu atravessado por uma claridade dilacerante; e, enquanto seus ombros se confundiam deliciosamente com a alfafa, veio-lhe uma idéia de maravilhosa simplicidade: desde que todo mundo o rejeitava, seria o Justo das moscas. Um broto de alfafa roçou-lhe afetuosamente a narina esquerda. A terra se fez mais suave. Bem depressa suas duas narinas se abriram, enormes, escancaradas, trêmulas de prazer, e começaram lentamente a aspirar a noite. Quando a noite fluiu por inteiro dentro de seu peito, ele repetiu, consolado:

- Sim, o Justo das moscas.

A cavidade vazia se encheu de erva e ele adormeceu.

- Olá, menino! Finge-se de morto?

Ernie percebeu um tamanco amarelo bem perto do seu nariz; depois, as calças cinzentas, uma copa de chapéu negro contornando uma caraça vermelha e redonda como uma maçã. A voz nada tinha de ameaçadora.

Com leve impulso, o camponês ergueu Ernie do chão e o colocou de pé no meio da alfafa; em seguida, observou-o um instante, fungou forte e soltou uma enorme gargalhada em cima do menino. Como Ernie recuava sob a avalanche, o camponês parou bruscamente e disse:

- Parece com um peixe que se deixou apanhar pela cauda. Depois, satisfeito com o que disse, dobrou os joelhos, recuou o corpo para trás e, dando pesados tapas nas coxas, lançou suas risadas para o céu.

- Que peixe? - perguntou Ernie, interessado.

- Hein?

- Sim, que peixe?

Os olhos garços envolveram Ernie num halo de suspeita.

- E antes de qualquer coisa, que está fazendo aí?

A pouco mais de uma dezena de metros, uma parelha de dois cavalos esperava pacientemente à beira da estrada. O camponês seguiu o olhar de Ernie.

- Sim, aquilo é meu - disse calmamente. - Vou à cidade, e aposto que vem comigo. Parece que chegou aqui com suas pernas; elas devem estar mais do que gastas... e seu braço... com certeza é porque apanha da família, não é? Pobre baixotinho, fez bem em escafeder-se.

Ernie balançou a cabeça sorrindo.

- Não, senhor, não foi por isso.

- Então, foi por quê? Teria aprontado alguma trapaça, por acaso?.. Roubado dinheiro, quebrado alguma preciosidade?

- Oh, não - disse Ernie sorrindo de novo.

O homem mostrou um ar de preocupação.

- Imagino: com certeza queria conhecer outros lugares. E me diga, faz muito tempo que escapuliu?

- Ontem à noite - disse o menino após uma reflexão.

O homem hesitou, deixou cair a mão sobre a cabeça encaracolada, que

afagou com uma espécie de delicadeza desajeitada.

- Sabe, amigo, em sua casa devem estar aflitos. Então, não quer me dizer de onde vem?

Alguma coisa tocou no peito de Ernie; havia aquela mão adulta pousada sobre sua cabeça, e aquela montanha de carne que estendia sua sombra sobre ele.

- Mas você não parece ser malvado - resmungou o camponês com um ar bonachão.

- Stillen... stadt - balbuciou o fugitivo.

No mesmo instante, ele entreviu toda a extensão da sua falta e se desfez em lágrimas.

A carroça ia em boa velocidade. De cima daquela fantástica altura, Ernie assistia às metamorfoses da paisagem; quando seus olhos se cansavam, voltava ao bamboleio solene dos cavalos, às crinas se ondulando como ondas brancas nas rochas do pescoço, subindo e caindo sem parar.

- Não é porque esse legume seja assim tão pesado - explicava o camponês - mas eu os atrelo juntos porque se entendem bem... Não gostam de andar separados. Mas acho que quer comer uma maçã, hein? E o que está achando da minha maçã... veludosa, não? Ah! Vejam só, amigos, estou trazendo hoje um legume diferente para o mercado.

De quando em quando, o homem traçava arabescos com seu chicote, por cima das garupas de pêlo cinza e malhado. Quando não arrancava dali um bom estalido, contentava-se em fustigar a própria língua contra o céu da boca; o que estava longe, muito longe, de apresentar as mesmas vantagens. Porém, mais do que tudo, o desfilar do panorama prendia a atenção de Ernie. Esforçando-se para localizar os quatro pontos cardeais, em vão ele tentava reconhecer algum pormenor avistado na noite precedente. Ainda há pouco, ao despertar dentro da alfafa, não conseguira reencontrar as curiosas impressões da véspera. O céu e as árvores e a estrada, até o menor fiapo de erva, pareciam diminuídos ou empobrecidos na claridade do dia. Quanto às aldeias que estavam atravessando, elas em nada evocavam as massas de sombra desabando sob a lua; as casas tinham agora telhados cor-de-rosa, dos quais se podia contar cada telha.

- É isso - repetiu o camponês -, você é filho dos Levy da Riggerstrasse? Ernie concordou discretamente com a cabeça.

- Oh, não estou achando ruim - continuou o homem em tom aborrecido. - Há bons e maus em qualquer lugar... pelo que dizem. Mesmo assim é preciso reconhecer que é engraçado, pschiiiiii... Que vão pensar os amigos, pschiiiiii...

Deu uma olhada rápida para o companheiro de viagem, depois, desviando o rosto enfasiado, observou, em tom impessoal:

- Devia ter imaginado... cabeças miúdas e negras, é o que mais tem por aqui.

Uma pergunta queimava os lábios de Ernie; franzindo o cenho, arriscou com uma voz respeitosa - embora marcada por uma sombra amigável de pesar:

- O senhor é contra nós?

De rosadas, as bochechas do camponês tomaram a mais crua cor de anil. Um grunhido saiu da sua boca, e sua prodigiosa carcaça saltitava tão alegremente sobre o banco que Ernie recebeu vê-la passar além das bordas.

- Ó! Ó! O baixotinho! - exclamou ele muitas vezes. - Que baixotinho formidável!

Mais do que tudo, essa singular expressão “baixotinho” tocou vivamente Ernie. Decidido a não deixar transparecer nada, encolheu-se no fundo do assento, de maneira a encostar-se num balaio de batatas; em seguida, tentou um assobio de indiferença. Mas ao fim de um minuto a mão esquerda do camponês largava as rédeas e chegava perto dele feito um grande pássaro cego, veloso; docemente, ela desceu sobre a sua cabeça. Seguiu-lhe a voz do homem, galhofeira:

- Nada de medo, baixotinho: Levy ou não, chegamos em cinco minutos. E depois de tudo ainda acha que tenho coragem de voltar atrás? Não sou assim tão mau! Gente má de verdade é raro que preste para alguma coisa.

Mas, sem nenhuma dúvida decepcionado, não abriu mais a boca até alcançar a Riggerstrasse. Os cavalos resfolegaram na frente da loja dos Levy, cuja pequena vitrina, Ernie descobriu com espanto, em sua ausência, fora substituída por tábuas toscas. Mas não houve tempo para alguma observação: o camponês já o tinha agarrado pelos ombros, e sem sair da banquetta o levantava com mão firme e o colocava cuidadosamente à beira da calçada. Depois, deu-lhe um “Adeus, baixotinho” contente, e com uma única chicotada tocou a parelha, a galope, como se tivesse medo de demorar nas paragens da família Levy.

Na véspera, durante o jantar, mostrando o lugar vazio de Ernie, Mutter Judite iniciara seu julgamento por contumácia; duas horas mais tarde, o menino absolvido de todos os pecados, ela se estendia em acusações contra o resto do universo.

Súbito, cobrindo-se com o xale, irrompera pelas ruas alarmando judeus e gentios à sua passagem; e quando teve certeza que o Anjinho não estava na cidade, ela começou a vasculhar as vizinhanças: foi encontrada três dias mais tarde, numa fazenda muito afastada, onde caíra doente, pés nus, as roupas dilaceradas nos espinheiros.

Mardoqueu, por sua vez, havia passado a noite sentado numa cadeira. Aos primeiros alvares da madrugada, a vitrina da loja foi atravessada por uma pedra: a merceeira instigava os ímpetos raciais do marido. Mardoqueu ajuntou apressadamente algumas tábuas ali, na previsão de ladrões. Depois, deu um suspiro profundo, acendeu a lamparina de querosene e esperou a chegada do dia através das fendas iluminadas que separavam as juntas mal encaixadas do painel: “Contanto que não acabe em gueto”, pensava secretamente. Daí para a frente, por mil razões entre as quais uma era a suficiente, e que era a de dinheiro, o painel de madeira permaneceu pregado na frente da loja - fronteira para os alemães e simbólica prisão para os Levy.

Com o barulho da carroça, ele se precipitou para fora; os cavalos já se afastavam a galope; mas sobre a calçada, os braços carregados de cenouras, o curativo desenrolado até os pés, corado de ervas, sujo de terra e de sangue, se postava sonhadoramente o filho pródigo. Ele não se moveu quando o velho se atirou em sua direção, o corpo enlouquecido e o olhar trêmulo, como se temesse vê-lo desaparecer de novo.

- Não fale nada, não tenha mais medo - balbuciou Mardoqueu. - Você está entendendo: não lhe aconteceu nada? Oh! Como Deus é bom, bom, bom - repetiu ele com furor, apertando a criança junto a sua calça.

Ernie parecia ter mantido toda a sua calma; quando abriu a boca foi para perguntar, intrigado:

- Mas por que a madeira no lugar da vidraça?

O triciclo do leiteiro apareceu na esquina da Hindenburg Platz, como um inseto sacolejante; fora ele, a Riggerstrasse estava ainda deserta, dentro dos vapores matinais. Mardoqueu abaixou-se sobre a calçada; verificou pelas bochechas a temperatura da criança; depois, descobrindo nele um

olhar de plácida divindade, explicou-lhe, usando certas precauções oratórias, tudo o que se passara desde a véspera.

- Você está entendendo - disse carinhosamente -, se fosse verdadeiramente um Justo, as coisas não teriam se passado assim...

- Estou entendendo tudo - disse Ernie.

- Então, é preciso tornar a ser como antes - disse o patriarca com astúcia. - Fazer tudo como antes.

Os grandes olhos escuros se encheram de reflexão, depois de lágrimas, que douraram as suas bordas nacaradas.

- Por que chora?

- Porque eu acho que agora tudo me fará sofrer... mesmo que eu não seja um Justo!

- Schema Israel!

E tomando o menino no colo, levantou-o bem alto, a cabeça banhada de sol e pensando: "Senhor, os céus em suas alturas, a terra em suas profundezas e o coração das crianças são igualmente... impenetráveis".

CAPÍTULO 5

Sr. Kremer e Srta. Ilse

I

Após 32 anos de serviço, toda a pessoa do Sr. Kremer trazia a marca serena, aquela nuance contemplativa do ensino democrático... Professoral, a sua silhueta esguia parecia ondular ao mínimo movimento, modular, como a sombra de uma flauta, alguma harmonia grave e secreta. E aquela máscara retangular, brotando do colarinho postiço como uma estranha flor em seu vaso: professoral.

Do mesmo modo, seu sorriso comportava uma infinidade de nuances didáticas: meio sorriso, um quarto de sorriso, um oitavo etc. Nos períodos de calma escolar, ele arvorava geralmente um meio sorriso prudente, circunspecto, a meio caminho da doçura de viver e dos rigores polares do dever.

Desde o início da sua carreira, ele se distinguira pela lamentável aliança de uma suavidade natural e teorias pedagógicas ultrapassadas. O venerável

Hoffmeister não lhe falara sem rebuços:

- Não se incline demais diante dos alunos - exclamou ele em pleno conselho de professores -, é a posição ideal para receber um bom pontapé no traseiro!

Enrubescido, o jovem pedagogo meditara durante 15 segundos, para depois responder, com muita dignidade:

- A despeito da sua forma descortês, devo convir que a opinião do senhor reitor me parece muito autorizada.

E, no entanto, embora exibisse, a partir de então, uma vara, continuara secretamente acreditando na pureza da infância, que ele opunha às imperfeições humanas; a criança, dizia a seu amigo Sr. Hartung, descende do homem, sim... da mesma maneira que este último descende do macaco! Ele julgava que a Instrução Cívica e o ensino da poesia, estendidos a todo o gênero humano, ergueriam uma barreira eterna contra a barbárie. A esse respeito, os poetas românticos alemães lhe pareciam um alimento ideal, sobretudo Schiller, cujo mais insignificante verso irradiava consciência cívica. O dia em que Schiller fosse conhecido por todos os habitantes do mundo, seria um belo dia. Ninguém se preocuparia mais nem com política, nem com dinheiro, nem com mulheres de má vida. Nesse dia abençoado, pensava o Sr. Kremer, a infância não seria mais uma minoria sobre a terra; todos os adultos continuariam crianças, todas as crianças se tornariam homens verdadeiros e... assim por diante.

Essas reflexões o levavam a negligenciar a atualidade política, ao ponto de não se lembrar mais, de repente, se a Alemanha se transformara em república ou se continuava sob o império dos Hohenzollern. Conhecera vários regimes; nenhum tivera conseqüências profundas sobre o ensinamento de Schiller. Aliás, essas querelas de regime se reduziam a uma questão de palavras: república, império, até o infinito. Ele nunca pensou em envolver-se com isso, sentindo que todas aquelas palavras cairiam no silêncio diante da poesia.

Certamente, tivera sua história de amor, como qualquer outro, e da qual conservava uma lembrança tão vergonhosa quanto a ferida recebida na guerra - precisamente no baixo-ventre. "Oh, minha querida Hildegarde", tinha dito, corando; "asseguro-lhe que essa... que essa... pelo menos... não me torna inapto para o casamento. Eis a prova..."

Os anos acrescentando a pátina cínica do tempo, o Sr. Kremer se

perguntava se não teria sido melhor mostrar à sua noiva uma prova mais convincente do que aquele irrisório certificado médico. Suas relações se espaçaram. O Sr. Kremer acabou por aborrecer-se quando percebeu que a jovem via em sua enfermidade "parcial, oh, minha querida noiva, parcial", o fruto de uma ação viciosa da qual teria sido secretamente cúmplice. Com a ajuda da Cruz de Ferro, pôde terminar a sua guerra num cargo administrativo; mas a lembrança de uma outra cruz, inconfessável, que ele carregava na carne, havia infelizmente arrefecido seu ardor patriótico. Chegaram a suspeitá-lo de derrotismo. E o desânimo com que se dizia alemão acabou por convencer a senhorita de que suas partes nobres estavam reduzidas a nada; como uma mulher forte, desposou um herói pernetado com o patriotismo rigorosamente intato.

No fim de algum tempo suas lembranças da guerra se fundiram tão intimamente com suas reminiscências sentimentais que bem depressa o Sr. Kremer as encarou com o mesmo olhar ferido, confundindo, numa só mágoa, o buraco aberto em sua carne pelos homens e o vazio da sua existência. E embora seu elevado conceito sobre o amor o impedisse de aprofundar-se muito nesse assunto, às vezes lhe parecia que um único e mesmo golpe o atingira - no coração e no testículo esquerdo.

"O fascismo", considerou ele no começo, "é a taberna nas ruas e no governo. Muito breve, todos serão devolvidos às suas cervejarias ou prisões; muito breve, a velha Alemanha punirá seus maus filhos".

Ele acolheu as primeiras medidas com a filosofia, a prudência e o tato inquebrantável de um velho humanista. O decreto relativo aos castigos corporais o fez sorrir; mas quando soube que seus colegas, para maior comodidade, aplicavam esse decreto sobre as costas das crianças judias, uma delicada erva daninha começou a nascer na sua frente, tão pura em todas as investidas do mal... E o incêndio da sinagoga fez o resto.

Esse incêndio desencadeou-se no fim da tarde; de madrugada, não restavam mais do que paredes enegrecidas. A sinagoga fumegou dois dias sobre Stillenstadt. Do seu sexto andar, o Sr. Kremer observou que uma longa viga, em meio a telhas e calças, estendia-se como um braço acusador na direção do prédio cristão. Felizmente, depois da irrupção dos Camisas Pardas, os judeus só freqüentavam episodicamente o templo; de maneira que só houve uma única vítima, um fiel retardatário que o

incêndio enfumaçou com suas preces. Mas durante uma semana os moradores da vizinhança se queixaram de um odor sutil flutuando em volta das ruínas e que eles acreditavam ser do velho judeu, nuvem de fumaça no céu tranqüilo de Stillenstadt.

Esse incenso fúnebre sensibilizou muito desagradavelmente as narinas do Sr. Kremer. A um colega e amigo, Hartung, que regularmente o provocava sobre o tema dos judeus, ele observou que suas palavras estavam cheias de fogo. O outro fingiu não compreender. Mas o encanto estava quebrado; e, à saída das aulas, os dois amigos tomaram cada um o seu rumo, caminhando a 15 metros de distância ao longo da avenida que, de manhã e de tarde, desde o dia 1º de outubro de 1919, eles percorriam juntos.

Todavia, ainda não fora desencadeado o mecanismo que devia conduzir o nosso delicado humanista ao campo de concentração. E quando a roda da morte pôs-se a girar, seu movimento inicial foi tão vagaroso que o Sr. Kremer não o percebeu...

Na escola havia uma quinzena de "convidados judeus", como era costume designá-los agora; e um número quase igual de Pimpfe - pioneiros da Juventude Hitlerista. Mas por um ímpeto imprevisto da alma infantil, quando estes últimos se lançavam ao ataque do quadrilátero judaico, no canto da castanheira do pátio, numerosos alunos "apolíticos" se juntavam a eles naquela guerrinha tão recreativa. O bloco judaico rompido, arrastavam-se os prisioneiros para o meio do pátio, onde, sob o prudente olhar distraído dos professores, eles se divertiam a valer.

Esses jogos romanos deixavam o Sr. Kremer pensativo; mas, temendo atrair alguma ira imperial, ele se contentava em dar os cem passos ao longo do muro oposto à castanheira dos judeus. Às vezes, no entanto, não podendo tapar os ouvidos, penetrava no gabinete reservado ao corpo docente e, no escuro, assoava o nariz com grande estrondo. Cada vez que sentia a bolha úmida em ponto de arrebentar, ele assoava fortemente em seu lenço. Quando tornava a sair, estava com o nariz vermelho, dolorido. Essa manobra não passou despercebida.

Um dia, no meio do recreio, Ernie Levy veio rolar aos pés do Sr. Kremer. Ele tinha dois Pimpfe em seu encalço. Hans Schliemann afundou um joelho nos rins da criança judia, cujos braços tombavam ao chão e as mãos sangravam; os olhos estavam fechados. Depois, agarrando Ernie pelos

cabelos, Hans revirou seu rosto delicado para o céu, numa postura de suplicante.

- Então, que é isso, não quer brincar mais?...

A boca de Hans Schliemann estava completamente aberta e seus dentes cintilavam. Ele parecia indiferente à proximidade do Sr. Kremer, que levou a mão à cabeça careca, com ar espantado; depois deu um suspiro; balançou sobre seus grandes pés; murmurou, entre seus longos dentes amarelos:

- Ora, meu filho... - E agarrando subitamente o Pimpfe pela gola, levantou-o à sua altura e o lançou a três passos!

Diante desse quadro sacrílego, todo o pátio se imobilizou.

O Sr. Kremer retomou sua caminhada lentamente, arrastando o passo extenuado, levando o pé à frente com dificuldade e o pousando em terra com prudência, como um velho mular pesadamente carregado, que firma bem o seu casco antes de levantar a pata seguinte. Mas quando se aproximava do muro, sentiu atrás de si um passo ligeiro: a criança judia seguia as suas pisadas, braços cruzados, rosto contente, colocando-se abertamente sob a sua proteção. Que fazer?... O Sr. Kremer conformou-se, e no fim do recreio já eram dois menininhos e uma menina, muito felizes, que saltitavam atrás dele, circunspectamente, as mãos dadas e formando um cortejo dos mais comprometedores. No dia seguinte, eles eram 15. Por fim, três dias mais tarde, Marcus Rosenberg, o grande Marcus, último defensor das cores judaicas, se alistava, ele também, no partido do Sr. Kremer, uma régua de aço sob o braço. Tudo estava consumado.

Naquele dia, quando retornou à sala de aula, uma inscrição infantil se estendia de ponta a ponta do quadro-negro: Fora o amigo dos judeus!

Ele se aproximou do quadro-negro, pegou o apagador e, mudando de idéia, tornou a colocá-lo negligentemente em sua caixa. Por um minuto continuou de costas para seus alunos. Quando se virou para os 40 olhos nele fixados, seu rosto era geométrico e frio. E de repente agigantado, enrijecido, o queixo empinado para a frente como o focinho desesperado de um velho cavalo de fiacre (nos quais as atrelagens e a manta magnificente lançada sobre suas ancas infundiriam uma ilusão de vigor), o Sr. Kremer caminhou solenemente para sua escrivaninha, cingido por 32 anos de respeitabilidade cotidiana. E como um zum, zum, zum se manifestou na sala, o professor tomou a vara entre o polegar e o indicador,

levantou-a no sentido vertical e a fez oscilar junto à sua orelha, num movimento leve, gracioso, enquanto sua fisionomia mantinha uma impassibilidade superior. Fez-se um silêncio de morte.

- Muito bem - articulou ele com um mísero sorriso. - E para prosseguir eu proponho...

Passou a mão aberta sobre os óculos, como se limpasse alguma poeira; por trás da armação metálica, seus grandes olhos azuis e doces piscavam sem parar.

- ... um ditadozinho bonito – continuou, enfim. - Peguem a caneta e o papel. Você também, Srta. Leuchner. Atenção, vou começar: um, dois, três!... Como-é-suave-vírgula-o-canto-dos-chapins-vírgula.

Curvados sobre seus deveres, os alunos se aplicavam. Ele entreviu na primeira fila o rosto da aluna preferida. Ilse Bruckner, cujos olhos verdes se dirigiam para a sua escrivaninha cada vez que ele iniciava uma nova frase. Quanto a Ernie Levy, dele só distinguia um tufo de cabelos encaracolados e a ponta meditativa de um nariz, bem no fundo da sala. "Todas essas cabeças estão cheias de vida", pensou o velho professor; "no entanto, uma ameaça bem peculiar pesa sobre as quatro cabecinhas judias..." E quando comparava o destino dos quatro com o dos outros alunos, o Sr. Kremer teve bruscamente a estranha sensação de que um monstro inominável, uma espécie de polvo instalado na sala de aula, os devorava indistintamente...

Na tarde daquele derradeiro malogro, o Sr. Kremer teve a fraqueza de reter os dois eleitos do ano letivo. Ernie Levy, primeiro em alemão, e Ilse Bruckner, primeira em canto. Sob um vago pretexto escolar, convidou os dois para um chá:

- Amanhã, quinta-feira, às 15 horas em ponto – declarou, a fim de simular, com artificiosa precisão, o caráter oficial do convite. - Não se esqueçam - disse-lhes ao despedir-se: - 15 horas em ponto. - E dirigiu-lhes um singular sorriso num esforço de conciliar um mínimo de intimidade que lhes tornasse a vinda agradável, e a distância professoral que fazia daquilo uma obrigação.

Quando os dois alunos se afastaram, o Sr. Kremer descobriu, de repente, que eles fechavam o círculo das suas relações. Mas, logo depois, a idéia do dia seguinte o fez dar risadinhas de satisfação: sempre conhecera seus

alunos de longe, separado deles pela distância que a função lhe impunha: mas não poderia morrer sem vê-los de perto, pelo menos uma vez, falar com eles, sorrir para eles como se fossem a sua própria carne. Imaginou que todos os dois deviam ter as mesmas pernas finas, o mesmo pescoço alongado, a mesma fina e graciosa cintura. Dirigindo o olhar para a janela aberta, descobriu o azul do céu como uma promessa. O topo da castanheira do pátio estava cheia de flores; aproximou-se e arrancou uma folha que contemplou ainda com vida dentro da sua mão, reluzente de verde seiva fresca. Debruçou-se na janela e recebeu a revelação da castanheira, cujas miríades de folhas zuniam ao vento como uma louca cabeleira. Ele tinha perdido tudo, mas as coisas iriam prosseguir sem ele: o céu, a terra, as árvores, as criancinhas. "E se eu morrer", pensou comovido, "nada disso desaparecerá da terra". Teve a impressão de que acabava de inventar o mundo, e se sentiu, repentinamente, extraordinariamente feliz: ele não sabia por quê.

II

A casa do Sr. Kremer não era a de um homem sensível à poesia. Ela se parecia com todos os imóveis do bairro da antiga sinagoga, sobre a qual Mutter Judite, ensaiando uma careta de dúvida, havia comentado com despeito: "Logo se vê que aí mora gente rica."

Mas o apartamento ficava no sexto andar, detalhe que deu asas à imaginação de Ernie Levy (ninguém no bairro da Riggerstrasse morava tão alto, as casas tendo um só andar), para quem era precisamente o número de andares que marcava uma certa elevação de alma. Seu prazer aumentou com o fato de que o quinto andar tinha uma escada em caracol, tão estreita, torta e sombria e tão dourada com a poeira de acontecimentos misteriosos quanto a que conduzia às águas-furtadas dos Levy. A idéia de que o Sr. Kremer havia incrustado seu apartamento numa água-furtada pareceu-lhe cheia de poesia; e coisa bem digna de tal homem.

Quando ia tocar a campainha, a lembrança de Ilse Bruckner paralisou-o; não dirigia uma palavra a uma menina há um ano. Nas redondezas da Riggerstrasse, as línguas continuavam ainda a trabalhar: muita gente garantia que o "judeuzinho" tinha tirado o sexo da braguilha, e viam no fato a clara confirmação de tudo o que se conta a respeito do diabolismo

sexual e financeiro dos judeus; alguns nazistas exigiram um interrogatório, mas nada puderam tirar da menina que fosse relativo à braguilha de Ernie Levy...

- Então você veio? - pronunciou uma voz sufocada.

O Sr. Kremer, com um casaco de abas longas e aspecto cerimonioso, curvava-se no vão enegrecido da porta: sua mão parda ondulou-se e veio acariciar a bochecha de Ernie, que ela apertou num gesto de leveza infinita.

Depois o velho professor, apontando com temor fingido a caixa de chapéu que Ernie segurava graciosamente junto ao peito:

- Mas o que é isso? Espero que não esteja nos trazendo uma bomba, hein?

Ernie hesitou, compreendeu, sorriu:

- Minha avó não faz bombas.

Na sala de espera sentiu-se frustrado, mas o salão deixou-o maravilhado: quatro pequenas janelas envidraçadas difundiam uma luz azulada sobre as poltronas de capas rendadas e sobre os quadrados dourados da forração da parede, como imensas folhas mortas.

- Deixo-o à vontade - disse o Sr. Kremer; e foi somente então que Ernie percebeu a cabeleira loura de Ilse, quietamente pousada como uma borboleta sobre a pelúcia ervosa de uma poltrona.

Depois, viu-se em frente à meninazinha, que se levantou com um movimento brusco e deu três passos, a mão estendida na ponta de um braço liso e tão branco que parecia estar brotando da manga curta bufante nos cotovelos, como o pistilo desmesuradamente longo de uma flor.

- Muito prazer em conhecê-lo, Sr. Primeiro em Alemão.

Ernie tocou-lhe cerimoniosamente a mão, corou e disse, com muita gravidade:

- Muito prazer, Srta. Primeira em Canto.

Ele não podia explicar exatamente o que o incomodava naquelas fórmulas elegantes - talvez porque lhe parecessem desproporcionais à sua pessoa, talvez porque soassem estranhos na boca da menina; talvez, finalmente, porque lhe frustrassem uma parte do prazer tímido e alegre que experimentava ao contemplar o azul líquido do olhar de Ilse. Mas até que se sentiu satisfeito de como se saiu em situação tão delicada, tão surpreendente.

- Ah, ah - fez Ilse Bruckner, desatando a rir.

- Você me pegou de surpresa - disse Ernie sorrindo.

Ilse Bruckner inquietou-se:

- É verdade?

E como os olhos de Ernie Levy continuavam sorridentes diante dos seus, ela enrubesceu, rodopiou sobre a ponta elástica de um dos sapatos e afundou rapidamente numa poltrona pistache, que ela encheu com seus braços.

- É chique aqui, hein? - disse ela com firmeza.

Nesse instante, o Sr. Kremer atravessou a sala; colocou sobre a mesa de centro uma bandeja cheia de pequenas xícaras de porcelana e outros objetos menos sofisticados que trazia nas mãos: açucareiro, bule etc. Abrindo a caixa de chapéu, pareceu surpreso ao ver a torta na qual, tarde da noite, Mutter Judite havia aplicado um último retoque. A maneira como franziu as sobrancelhas levava a acreditar que aquela atenção não era do seu gosto.

- Mas o que é isso? Não!... Mas é a loucura pura e simples...

E súbito, voltando-se para Ernie, consternado, franziu ainda mais as sobrancelhas, enquanto os olhos claros se salpicavam de pontos brilhantes.

- Parece deliciosa, é certamente uma loucura, ah! Meu Deus!

Depois, ele cortou a emocionante loucura em fatias, e serviu o chá.

- Que esplendor! - disse Ilse trejeitosa, a boca cheia.

Ela estava segurando a xícara com três dedos, o dedo mínimo vertical) e produzia um murmurinho com a ponta dos lábios arredondados, como se assobiasse.

- Como vocês chamam isso? - perguntava o Sr. Kremer.

Ernie se rejubilava:

- É um lekhech!

E o Sr. Kremer não se cansava de repetir que era uma loucura, mas era deliciosa.

Súbito, ele colocou precipitadamente sua xícara sobre a mesinha, e tirando do bolso um grande lenço quadriculado, mergulhou a face nele e assoou o nariz energicamente. As duas crianças ficaram espantadas. Uma melopéia pungente exalava das narinas do Sr. Kremer, cujos olhos pálidos e sem vida tornavam a encher-se de pequenos pontos brilhantes.

- Nada... nada... - balbuciou esquivando-se, lenço no nariz.

- Ele é mesmo engraçado - disse Ilse Bruckner, que se apoiou com os

cotovelos a fim de acomodar-se melhor no fundo da poltrona.

- Engraçado - concordou Ernie.

- Mas é terrivelmente gentil!

- Gentil - respondeu Ernie circunspecto.

Seu infortúnio do ano passado dançava-lhe diante dos olhos.

- Diga uma coisa - falou de repente Ilse -, você não gosta nada de mim, não?

O menino ficou sufocado de medo:

- Por quê?

- Pelo que aconteceu três anos atrás, quando brincávamos de Cristo...

- Oh, não, oh, não - disse calorosamente Ernie.

- E você não tem raiva de mim por causa do meu primo Hans?

- Um primo é um primo, não?

- E você - concluiu a menina -, você não é muito falante.

E com um riso fino e gutural enroscou-se toda e desapareceu nas profundezas da poltrona.

A poltrona de Ilse rangeu. Um riso sufocado saía dali. Ernie sentiu uma dor suave dentro do peito. Tudo se passava como se a meninazinha o estivesse provocando a fim de que ele se decidisse a participar da sua louca alegria, enquanto, ao mesmo tempo, o excluía de qualquer possibilidade real. Porque Ilse não era um animal ou um raio de sol dos quais é possível aproximar-se sem pedir consentimento, e também não era, em absoluto, uma pessoa capaz de estorvá-lo deliberadamente na entrada de sua alma. Em seu rosto e em suas mãos havia uma espécie de animal ou de pássaro, em sua voz, em sua expressão: um jeito de pessoa. Tudo se podia esperar de Ilse, disse consigo, sonhador; porque ela era esta e aquela coisa, e talvez muito mais do que ele podia imaginar...

- Que está vendo? - disse ela.

- Que está escondida - disse Ernie Levy.

E quando estava terminando a sua frase, desatou num riso cujo frescor o surpreendeu, como um riacho saltando sobre as pedras da sua boca, cuja fonte nem ele próprio jamais pressentira: a estranha alegria de Ilse a havia desencadeado.

- Você ri como um louco - disse Ilse de dentro da poltrona.

E sem nenhuma transição, começou a cantarolar docemente: "Lááááá... laráááá..." como se nela o riso corresse num leito finamente entalhado em

sua garganta, com muito vagar e precisão, sem que das suas margens transbordasse uma gota. Esse leite se mudando em cristal, Ernie abaixou as pálpebras e murmurou, em tom muito polido:

- Você canta bem.

Quando ele reabriu os olhos, a cabeça da menina aparecia por cima do rendado do braço da poltrona, e ela espiava Ernie fazendo uma careta. Mas na sombra onde nascem os cílios, recurvados como pétalas, Ernie distinguia bem claramente as irônicas e ternas centelhas do olhar fragmentado num túrgido, dourado, poeirento pistilo, exprimindo a sutileza ingênua de uma flor.

- Como vão as coisas? - disse então Ilse com uma voz de veludo.

- Não sei - disse Ernie.

Ao som daquela voz, Ilse emocionou-se: os olhos do menino judeu eram duas cerejas negras cravadas na carne branca do seu rosto; ela imaginou que, se desse uma leve dentada, escorreria dali o fino suco vermelho, o sangue delicioso das cerejas.

- Sabe? - disse ela confidencialmente -, quero ser cantora.

No dia seguinte, em nome de uma etiqueta com a qual não se preocupara até então, o Sr. Kremer, solenemente, fez Ernie sentar-se na primeira fila, ao lado de Ilse. O laureado instalou-se com ar infeliz; não se mexeu mais. Ela pôde unicamente ouvir a sua respiração, em pequenos golpes rápidos e bem medidos. Faceira, inclinou-se, viu que a testa do seu terno idiota estava coberta de fino suor. Maravilhou-se por isso. "Jesus! Como ele tem medo", disse consigo mesma; "oh!, sim, é assim mesmo, é assim mesmo, é assim mesmo que ele me agrada!"

Mas no recreio não pôde evitar o interrogatório de Hans Schliemann.

- Então - disse ele - você agora está se sentando perto de um judeu?

Apoiado na porta do banheiro, ele cruzava negligentemente as pernas. Seus finos cabelos louros caíam de cada lado da fronte; sacudia a cabeça furiosamente; ele era belo.

Ilse sorriu cheia de desdém:

- Que tem você? É por que o velho Kremer nos pôs no mesmo banco?.. Está com ciúme dele, ah, ah?

Tirou distraidamente um cisco dos cabelos do menino, que estremeceu:

- Que quer que eu faça com ele, com esse judeuzinho idiota? Ele não é um

homem como você. Estúpido Hans - disse trejeitosa, fazendo um beicinho que ele amava, o lábio inferior se oferecendo úmido de saliva.

- Atenção - disse Hans-, sou um Pimpfe. Quebro a cara dos dois...

- Quero ver, experimente - disse Ilse.

Glacial, ela lhe estendeu o rosto.

- Então?

Hans condoeu-se:

- Você sabe muito bem que não posso fazer isso.

- Bem - observou ela friamente. - Mas lembre-se de que eu não me chamo Sofia. Eu me chamo Ilse, e faço o que me agrada. E quanto a esse judeu, ele é o idiota dos idiotas: se tocar nele, então... nunca mais tocará em mim. E agora saia depressa, o sino vai tocar...

A menina curvou-se um pouco para a frente, contrariada; Hans Schliemann procurou com os dedos as intumescências que se delineavam sob o seu avental; e fechando de repente os olhos, apertou, simultaneamente e com intensidade, os dois seios em botão de Ilse.

- Hoje é de graça - disse ela, empurrando-o. - Mas lembre-se... Na saída das aulas, sob o olhar impotente de Hans Schliemann, ela tomou familiarmente Ernie pelo braço. Silenciosamente, caminharam em volta do quarteirão; depois, com um tímido aperto de mão, separaram-se sem dizer palavra. Ilse já se debatia consigo mesma. "O que está vendo nesse idiota?", dizia a primeira Ilse com exasperação. Mas, imediatamente, a outra Ilse se enternecia com a lembrança de um detalhe: "Jesus-Jesus-Jesus, ele se deixou levar como um pequenino. Não fez nenhuma pergunta, hein? Não é nem um pouco curioso, esse aí. Não, não, nem um pouco" repetia enlevada. "Mas em que fica pensando o tempo todo?..."

Os passeios ao longo do Schlosse eram cada dia mais agradáveis; mas os colegas da escola a atormentavam e a acusavam abertamente de "concubina", como dizia Hans, de um judeu: Ilse tinha rápidos, mas dilacerantes acessos de vergonha.

Quanto às visitas de quinta-feira, agora tornadas habituais, eram o mel da sua semana: a cerimônia da degustação, os pequenos concertos vocais com que ela regalava os convivas, o assoalho encerado, os bibelôs e as poltronas vestidas, tudo a fazia entrever claramente um mundo que pairava muitas léguas acima do pardieiro familiar. O Sr. Kremer variava suas

roupas, chegando até a experimentar uma cartola; e Ernie também era cômico, invariavelmente com suas enormes calças azul-marinho usadas para a ocasião - e que, subindo até quase debaixo do braço, não deixavam, no entanto de "escorrer" pelo chão, obrigando-o a um passo cauteloso, de efeito divertido. Às vezes, o Sr. Kremer desaparecia rapidamente, às vezes ele assoava o nariz ali mesmo. E no espaço de quatro horas precisas (Ilse se deleitava com isso antecipadamente) o velho senhor assumia ares de falsa indiferença.

- Escutem - dizia ele -, se não estão dispostos hoje, podemos adiar para a próxima quinta-feira. Quanto a mim, confesso, tanto faz.

- Mas o senhor não está com vontade? - dizia Ilse para provocá-lo.

- Ora, veja só minha pobre menina - exclamava com uma voz aguda -, não passo de um simples parceiro!

- Vocês querem? - enunciava tranqüilamente a menina. Ernie sacudia a cabeça indulgentemente:

- Pode ser - respondia.

Jogava-se dominó.

Um dia, Ernie levou a bandeja de prata para a cozinha, e sua ausência lhe parecendo demorada, Ilse esgueirou-se pelo corredor a fim de surpreendê-lo. Levantando uma ponta da cortina, viu Ernie curvado sobre a mesa e entregue ao exame de um ponto negro no meio de uma poça de leite. Ele agarrou o ponto negro que era uma mosca e, estendendo o braço, aproximou-se do fogão aceso. Ilse teve a intuição de que Ernie se entregava a algum rito maléfico dos judeus; e tudo nele, súbito, lhe causou repugnância: seus pulsos finos e brancos, aquele pescoço encurvado, e até o movimento gracioso do braço arqueado por cima do forno aberto... Mas, de repente, espantada, ela viu a mosca agitar-se na ponta do polegar de Ernie, em seguida começar a caminhar tranqüilamente na palma da sua mão; por fim, sacudindo um resto de vapor, a mosca disparou com leveza para a luz do teto!

Quando Ernie se moveu para seguir o inseto, Ilse surpreendeu seu rosto; e se não fosse medo das espinhas, ela o teria beijado com muito gosto: ele tinha a mesma expressão piedosa e extasiada de quando a escutava cantar...

Naquela noite, logo que viu a mãe, Ilse adivinhou que seu encantador primo tinha dado com a língua nos dentes. Na antecipação da

possibilidade de um casamento, a Sra. Bruckner tinha por princípio não causar dano à beleza da sua filha; apesar de tudo, ela fez uso do atijador. Após a operação, explicou-se:

- De agora em diante e a partir de hoje, nada de quinta-feira, nada de professor, nada de judeu; que ele venha até aqui para chamá-la, eu o receberei. Deixe-me ver seu rosto, ainda tem alguma espinha?

- Nós nunca nos beijamos - soluçou Ilse deitada sobre o ventre.

- Não é verdade - retorquiu a Sra. Bruckner -, você exala fortemente a lixo judaico! Ah, Jesus, Jesus, Jesus, mas precisava chegar a esse ponto, e com aquilo justamente! Eu sei de tudo, Hans me contou. Foi ele mesmo que atacou a menina da Riggerstrasse, que fez todas aquelas histórias dos jornais. E você não sabia disso, sua putinha?

- Sim, eu sabia! - gritou Ilse. - Mas ele nunca fará nada comigo... - E com um delicado suspiro: - Ele me ama.

O Sr. Kremer escutou-a com ar de profunda melancolia e disse que aquilo não tinha a menor importância; porque os amigos, acrescentou um tanto irônico, nada no mundo podia separá-los. "E nossa bandinha vai continuar a existir na escola, não é?", sussurrou com voz amável. Mas no dia seguinte o Sr. Julius Kremer chegava sem ter feito a barba; e no outro, embriagado. Foi Hans Schliemann quem primeiro cantou vitória. Inscrições hostis já se multiplicavam no quadro-negro, incrementadas com desenhos obscenos. Todos sabiam igualmente que os professores, da mesma maneira que o diretor, não dirigiam mais a palavra ao Sr. Kremer. Este adotara uma atitude de indiferença. Ausente. Um dia, ele pronunciou um breve discurso sobre o governo: no dia seguinte, Hans Schliemann colocava uma pastilha refrigerante sobre a almofada da sua cadeira.

Nem as piadas e os excessos de linguagem, e mesmo os sorrateiros projéteis, não puderam fazer o Sr. Kremer renunciar à defesa dos judeus no pátio; pelo contrário, ele próprio os juntava agora em fila, por ordem de tamanho, e os escoltava lançando olhares furiosos e provocantes para o resto dos alunos. Quando Hans Schliemann contou-lhe que a substituição do Sr. Kremer era iminente, Ilse ofereceu mais uma vez os seios ao primo. Não podendo convencê-la a romper com seu judeu, ele prometeu, em troca de uma intrusão sob o vestido de Ilse, que faria todo o possível para conter o ardor dos seus homens.

- Mas muito breve - acrescentou ele - isso vai ser impossível; e para você, será tarde demais.

No dia seguinte, os alunos encontraram o Sr. Hoffmeister no lugar do Sr. Kremer. Este último, explicou, não sendo mais digno do seu posto, foi obrigado a deixar a cidade na madrugada. Passou muito rapidamente por cima do Sr. Kremer, depois anunciou a chegada, no dia seguinte, de um substituto, vindo direto de Berlim.

- Então - disse ele com um sorriso ambíguo -, todas as coisas entrarão em ordem.

Com um gesto protetor, Ilse rodeou o braço de Ernie; lá fora, seus passos os levaram instintivamente para as margens do Schlosse, onde Ilse repentinamente se assentou e começou a chorar. Depois, sorriu entre as lágrimas, a fim de tranquilizar o menino que igualmente se assentou, um pouco inquieto apesar de tudo. Indecisa, ela arrancou uma margarida, e, sempre sorridente, tirou-lhe delicadamente uma pétala.

- Eu tiro um olho seu - disse ela, sem se dar conta das suas palavras. Por um instante, a pétala branca da margarida rodopia; ela cai no fundo sombrio do avental de Ilse.

- Eu tiro seus dois olhos - continuou ela lentamente, enquanto seus próprios olhos, sempre sorridentes, foram se fechando até não restar mais do que um fio verde.

E a cadência da sua voz se precipita, seu gesto de mutilação se torna brusco, vivo, seco.

- Eu corto uma pata... as duas!

- Eu como uma das mãos... as duas!

- Eu arranco seu olho...

- Eu arranco... - começou ela febrilmente; mas desta vez seu polegar e seu indicador se curvaram sobre o vazio: nem mais uma pétala restava em torno do coração amarelo e desprotegido da margarida.

Desesperada, Ilse levantou a cabeça para ver o efeito das suas palavras sobre Ernie. Mas ele parecia nada ter percebido, e se curvando para ela, os grandes olhos negros brilhando de compaixão, pousou a tímida extremidade dos dedos sobre a palma da mão de Ilse, sobre a margarida que ali jazia:

- O que lhe dá tanto pesar? - perguntou o doce idiota com voz trêmula.

Ilse sentiu-se em absoluto desespero.

Ela disse bem depressa:

- Não é nada, já me esqueci...

Então ela levantou o dedinho da mão direita, e o fez graciosamente dançar no ar, com a cadência exata de uma valsa vienense, que começou a assobiar com fingida gravidade. Como era previsto, Ernie desandou a dar risadinhas, enquanto que seus olhos seguiam a dança do dedinho de Ilse. Ele não tem memória, nem um nadinha, disse ela consigo mesma, o coração terrivelmente apertado. Não, não, não, ela não podia anunciar-lhe que tudo estava acabado, não tinha coragem. Bem, esperaria uma ocasião. Que ele continue ainda no seu caminho errado. Se for preciso, sim, poderia ela própria criar a situação, porque, meu Deus, isso não podia mais continuar, oh, Jesus; porque na verdade já não "vivia" mais havia algum tempo. E sob o olhar estupefato de Ernie Levy ela começa a chorar de novo, bem no meio da sua canção, que ainda se arrasta por um instante, depois morre.

III

O novo professor não se fez anunciar; cinco minutos depois das oito horas a porta se abriu impetuosamente e um homem baixo e atarracado se projetou dali como um boneco de mola. Não dando atenção aos alunos, alcançou bem depressa a escrivaninha e assentou-se, conservando o corpo teso, a fim de nada perder da sua altura. A instantaneidade da sua aparição foi quase engraçada, mas Ernie se conteve, porque todos os outros pareciam extremamente sérios. O Sr. Geek tinha um rosto de argila seca. Ranhuras o cortavam em todos os sentidos. A pele flácida do seu pescoço se derramava ligeiramente sobre o colarinho engomado. Um curioso fiapo de bigode estendia suas asas de mariposa amarela sob as narinas. Um camponês endomingado, pensou Ernie, irônico.

Mas sua alegria durou apenas um instante, porque o Sr. Geek, já empurrando a cadeira para trás, se punha em posição de sentido e proclamava com voz colérica:

- Atenção!... Um, dois, três, de pé!

O tom era tão agressivo, a voz tão decidida a se fazer ouvir, que Ernie sentiu qualquer coisa como uma lambada de chicote debaixo dos rins. Empertigou-se com uma desvairada precipitação que o surpreendeu, e

enquanto retesava o corpo reparou que os olhos do Sr. Geek brilhavam com insólita polidez por baixo das pálpebras que resguardavam aquela ganga ressecada.

Foi nesse instante que o Sr. Geek bateu com os calcanhares levantando o braço obliquamente no ar, e num só impulso, com rigidez de uma alavanca:

- Heil Hitler!... - gritou furiosamente.

A brusquidão do gesto do Sr. Geek foi tal que todos os alunos executaram juntos, sem exceção, o gesto hitlerista. O próprio Ernie, em algum lugar do seu ser obscuro, encontrou a inspiração e a técnica para um perfeito bater de calcanhares; ao mesmo tempo, se deu conta de que estava gritando, no timbre mais alto da sua voz: "Heil Hitler! Heil Hitler!..." E ela se perdeu no bramido de toda a classe. Estupefato, descobriu o braço orientado em direção ao teto. Lentamente, ele o abaixou e o colocou discretamente ao longo das ancas, como uma haste alheia a seu corpo.

- É verdadeiramente inacreditável - declarou o Sr. Geek.

Seu sotaque camponês feriu de novo os ouvidos de Ernie. Seus lábios estreitos e esticados como tiras de couro se abriam sobre uma boca sombria, e as palavras que dali escapavam pareciam entalhadas em uma matéria dura, de madeira; e brutalmente, com golpes de machado. Ernie pensou que nem os lábios, nem os dentes, nem o matagal que lhe servia de sobranceiras, nem o curioso tabuleiro dos bigodes, nem o relevo acidentado e sulcado de rugas, nem mesmo, finalmente, os olhos estagnados entre tudo aquilo como duas magras poças de água cinzenta e pouco profundas, em nada o Sr. Geek lembrava um professor; dir-se-ia antes um desses camponeses que costumam negociar na feira da praça da igreja, e cuja expressão, de acordo com o humor, pode ser de água ou de terra, ou mesmo de rocha nua, fria, cortante.

Subitamente o rosto do Sr. Geek se contraiu por completo, um redemoinho turvou-lhe o olhar, enquanto a boca se torcia de maneira a formar um buraco sob a asa direita do nariz. Um fiapo de voz trêmula e gelada escoava daquele buraco:

- Eu pensava... sim... disseram-me que - há judeus nesta sala... E mostrando com um gesto rápido todos os braços eretos para a saudação hitlerista:

- ... Mas só vejo aqui bravos alemães que adoram seu Führer; não é isso,

rapazes?...

Um riso triunfante sacudiu a fileira dos Pimpfe em camisas pardas. Hans Schliemann bateu palmas entusiasticamente. O Sr. Geek mordeu os lábios de satisfação, voltou o olhar na direção de Hans Schliemann, e pareceu refletir um instante. Depois, apoiando a enorme e enegrecida mão sobre a borda da escrivaninha, desceu tranqüilamente do estrado. A cada passo seu, metade do corpo flexionava pesadamente para o lado.

Tinha o andar de um homem carregando um fardo. Ernie notou que ele parecia tatear o chão, para ali apoiar-se com todo o peso do corpo, antes de lançar a outra perna em frente. Mas o ombro esquerdo era mais baixo do que o direito.

Quando o Sr. Geek se aproximou de Hans Schliemann, ficou imóvel e examinou com simpatia o uniforme do rapazinho.

- Há somente três jovens hitleristas para toda a classe?... - exclamou em tom de compungido espanto.

Depois, como Hans Schliemann se colocasse em posição de sentido, ele continuou, com uma voz carregada de severidade:

- Os jovens hitleristas precisam dar exemplo de disciplina.

E sem mudar a expressão benevolente esbofetou o rosto de Hans Schliemann duas vezes. Na segunda bofetada, a cabeça do menino bateu na carteira e ele caiu sob o banco. Ernie ficou surpreso ao vê-lo exclamar com entusiasmo:

- Sim, senhor professor!... Sim, senhor professor!...

- É assim que eu gosto - declarou repentinamente o Sr. Geek.

E com seu pesado e lento passo, as grossas mãos roçando nas coxas, retomou calmamente o seu lugar. Quando ficou de pé sobre o estrado, esticou o pescoço, e pegando sua vara de professor estendeu-a para a frente, num gesto de comando:

- E agora - exclamou em tom de violenta cólera -, Die Hunde, die Neger und die Juden austreten!... Cães, negros e judeus passem à frente!...

Por um momento, Ernie Levy atribuiu essas palavras ao humor incompreensível do Sr. Geek; mas como os alunos não riram e o Sr. Geek olhava fixamente os anéis negros dos seus cabelos, este tomou consciência de que a frase se referia unicamente aos judeus. Imediatamente, afastou-se para tomar a sua posição de judeu no meio da passagem; atrás dele, o

gordo Simon Kotkowski já estava fungando.

- Judeus! - exclamou o Sr. Geek -, quando eu dou uma ordem para a classe em geral, isso significa que estou me dirigindo aos alunos alemães e não aos seus convidados.

Rígido na sua pose militar, e somente o maxilar inferior entrando em movimento, o Sr. Geek lançou um confuso e ameaçador discurso endereçado aos "convidados judeus". Estes últimos, entre outras coisas, deviam saber que o Sr. Geek encontraria sempre um meio de se fazer entender, quando quisesse referir-se a eles; por exemplo, começando a frase por um nome de animal.

Depois que os convidados foram, sob as ordens do mestre-escola, afastados para a última fila da sala (isolados dos arianos puros pela fileira de bancos vazios), o Sr. Geek saiu da sua imobilidade e deu um grande suspiro de alívio, ao qual correspondeu uma grande gargalhada dos Pimpfe. Finalmente, voltando à gravidade, dirigiu aos alunos alemães a rude linguagem da verdade: todos estavam enjudeuzados pelo antigo professor; então todos, em graus diferentes, lhe eram suspeitos. Ele pessoalmente achava que o Sr. Kremer tinha alguma gota de sangue judaico nas veias, ou "em qualquer outra parte"; porque um alemão de raça não teria se comprometido nessa repugnante promiscuidade. A hora dos judeus chegara, com dobre fúnebre; a hora dos autênticos e puros germanos começava a soar no céu, e eram os sinos da vitória tocados por aquele a quem tudo devemos: Adolf Hitler. Por fim, os alunos não estavam aqui pelo prazer de se instruírem, mas para prepararem verdadeiramente a grandeza do Vaterland; porque viria um dia em que a caneta transformada em espada...

Aqui o Sr. Geek parou bruscamente. Os da primeira fila notaram que uma grande palidez tomava conta do rosto do novo professor.

- E... nesse dia... - continuou com esforço - vocês serão todos homens!

Um fino sorriso aflorou-lhe aos lábios, e com uma luz frouxa nos olhos miúdos:

- Eh, o gordo lá atrás - gritou brutalmente, com o braço estendido para o fundo da sala. - Sim, você, como se chama?

- Simon Kotkowski, senhor - respondeu uma voz amedrontada.

A régua cintilante do Sr. Geek descreveu uma circunferência no espaço, parando no ponto preciso em que queria ver o judeu tomar posição.

- O judeu Simon Kotkowski, aqui!

Plácido, resignado, encolhido dentro da sua jocosa gordura, o amável Simon Kotkowski alcançou o quadro-negro. A forma singularmente judaica do seu nariz impressionara o Sr. Geek, que fez dela o assunto da sua primeira aula. Mas, sarcasmos e comparações, análises "tipológicas" e comentários "biopolíticos" pareciam refletir na epiderme elástica de Simon Kotkowski, dando um tom claro, vivo e rosado à sua expressão.

- Judeu - murmurou enfim o Sr. Geek -, você e o seu povo lutam pela dominação do universo, não é?

- Sei não, senhor - respondeu pausadamente o inculcado. Os braços cruzados, a pança alegre e os cabelos encaracolados sobre uma testa acanhada, ele oferecia a imagem da mais total incompreensão. A linha do seu nariz com focinho de carpa (bico de abutre, tinha dito o Sr. Geek) se levantou e se abaixou com hesitação. Ele parecia muito intrigado.

- Estão ouvindo - disse suavemente o Sr. Geek -, ele diz que não sabe... E se curvando sobre o menino para marcar o caráter confidencial da conversa:

- Judeu, judeu - proferiu -, seu inimigo mortal não é a Alemanha? ...

- Não... não...

- Judeu, judeuzinho do meu coração, como acreditar em você, pode dizer-me?

- É verdade, senhor - respondeu Simon apavorado.

- ... A força dos judeus - continuou o Sr. Geek sem parecer escutá-lo - não reside, sobretudo, na flexibilidade da sua coluna vertebral?...

Então, Simon Kotkowski permaneceu silencioso e o Sr. Geek tomou um ar de extrema solenidade, e com uma voz que todos os alunos perceberam estar entrecortada de emoção:

- Judeu, ah, judeuzinho. Você que é ainda uma criança diga-me uma coisa: qual o destino que vocês nos reservam se... (aqui o timbre do Sr. Geek abaixou de terror), sim... Ah, Meu Deus!... Se sairmos vencidos nesse combate mortal? Von der Totenschlacht?... O que vocês farão conosco?

E o menino judeu, fascinado, preso na armadilha do medo coletivo rondando em torno da sua pessoa - a luta titânica dos judeus e dos pobres alemães acabando por desenhar-se diante dos seus olhos... fazendo Simon responder com uma boa vontade cheia de medo:

- Não vamos fazer nada contra vocês, Herr professor, não vamos fazer

nada...

Geek teria se deliciado se pudesse partir de alto a baixo, diante de todos os alunos, aquele incorrigível peão de Kremer; suboficial do Exército imperial, e promovido recentemente às funções de preceptor de choque, o saneamento da sala lhe parecia obra digna de um antigo limpador de trincheiras. Em oito ou dez horas, ele resolveu brilhantemente todos os problemas em suspenso; mas a "questão" do canto mostrou-se infinitamente mais delicada...

Julgando que os judeus não podiam deixar de cantar desafinado, decidiu que eles não cantariam mais; "Salvo", ajuntou, "se desejarem muito. Nesse caso, já que os gatos miam, já que os cães latem e que os porcos grunhem, por que os judeus não cantariam?"

Essas palavras dividiram a classe em duas, com a precisão de uma navalha: os que riam e os judeus.

Mas bem depressa o mestre se deu conta de que os judeus não estavam cantando, de que os alunos arianos estavam, e que disso resultava uma injustiça duplamente ridícula. Quatro zeros eliminatórios não conseguiram ser um consolo; nem quatro castigos escritos; nem quatro suplícios de joelho diante do quadro-negro: o fato era incontestável, eles não cantavam. Os alunos entoavam a marcha dos Pimpfe: "Bate, fere, mata", meninas em soprano e meninos tenores, a fim de acelerar as mutações daquelas vozes, quando a solução surgiu para o Sr. Geek; e simples, clara, natural.

- Alto! - ordenou, os braços cortando o ar bruscamente.

O coro interrompeu-se instantaneamente. Então o Sr. Geek sorridente: - Parece, meus amigos, que nossos pensionistas estão muito à vontade. Enquanto vocês cantam, que fazem eles?... Escutam tranqüilamente. Eles se imaginam num concerto...

O Sr. Geek não pôde conter uma crispação da boca, e alguns alunos riram ruidosamente. Entretanto, ele ainda tinha que prosseguir em seus felizes arremessos: o Sr. Geek esfregou os olhos lentamente; assoou num lenço; aspirou profundamente e, contrariado, percebeu que a seqüência do seu discurso estava sendo esperada.

Fez-se uma pesada pausa.

Com as cabeças voltadas para o mestre, os quatro judeus pareciam aterrados diante do silêncio que pairava em seus lábios, ainda entreabertos, como se uma lava de repente se esfriasse em placas pesadas e amoldáveis

sobre seu rosto.

A rapidez do ataque os surpreendeu:

- Que cantem os judeus - rosnou, vermelho de indignação -, que eles nos façam uma serenata!

Fez-se uma nova pausa, mas agora era a pausa da vitória; o silêncio da grande águia germânica com as asas majestosamente abertas e imóveis; mas já todas as mãos batiam palmas, menos as dos judeus...

Simon Kotkowski levantou-se, sacudiu uma perna dormente e veio, com um ar infeliz, colocar-se diante da escrivaninha do professor. Tão logo recebeu a ordem, abriu a boca afetadamente e entoou com simplicidade a célebre canção: Não há mais bela morte no mundo, dedicada à memória do herói Horst Wessel. Os olhos para o alto, e as duas munhecas repousando delicadamente sobre a barriga, ele mal tinha murmurado: Desfraldai a bandeira banhada em sangue... quando uma risada atroz tomou conta da sala, não poupando nenhum deles, inclusive as três almas judias, ainda de joelhos; e tudo isso se passou com a rapidez de um raio.

O terrível intérprete entoava serenamente a segunda estrofe: De pé, quem foi por Deus criado alemão... quando o Sr. Geek se dobrou de repente por cima da escrivaninha ameaçando-o com a vara e gritando que parasse. Tomado ele próprio de tremores nervosos, o mestre parecia chocado com tal tipo de interpretação, que não era a de um judeu sem que fosse a de um alemão. Simon Kotkowski retornou ao quadro negro e, buscando a posição ideal, deixou-se cair para trás, de maneira a repousar suas nádegas sobre os calcanhares; em seguida, as mãos se juntaram por baixo da barriga rechonchuda, como se ali buscasse um apoio para as suas aflições.

A um simples sinal, Moisés Finkelstein levantou-se com um ar de absoluta submissão. Aproximou-se, reprimindo um soluço. Quando chegou diante da escrivaninha do mestre, deixou correr uma lágrima sob os óculos, lágrima cheia de vergonha, de hilaridade reprimida, e de pavor. Ninguém conhecia verdadeiramente Moisés Finkelstein; seu pai abandonara a mulher, que trabalhava como diarista, e respirava pelas narinas do filho, o que quer dizer, mal. Colocando as mãos no peito, num vago gesto de defesa, ele se pôs a cantar com uma voz suspirante, fanhosa, quase murmurante. Também ele foi posto de joelhos: quebrado, cheio de medo, engolindo as lágrimas e sentindo a borra da vergonha.

- Eu não tenho vontade de cantar - disse Marcus Rosenberg.

De pé, com as costas no quadro-negro, ele se empertigava desafiadoramente.

- Quem o está obrigando a cantar? - retrucou Geek friamente.

Bem crescido, com um pescoço esguio de jovem cervo, Marcus Rosenberg não suportava nenhuma humilhação. Era freqüente que à tarde os Pimpfe se juntassem em bando para derrubá-lo. As cicatrizes que lhe cobriam o rosto desenhavam o mapa de antigas contendidas.

- Não, não quero cantar - repetiu, com uma voz estrangulada pela surpresa. E como Geek coxeava pesadamente em sua direção, dobrando as costas adultas para que pudesse mergulhar mais facilmente seu olhar acariciador nos olhos de Marcus Rosenberg, este último recuou até o quadro-negro, onde parou.

- Mas quem o obriga a cantar, meu amigo - repetiu o Sr. Geek com voz polida e insinuante -; entre meu povo, só se canta por prazer e de boa vontade. Pergunte a Moisés Finkelstein...

Depois, segurando-o por trás, Geek jogou o menino judeu ao chão, de joelhos, punhos torcidos contra a omoplata.

A justeza da concepção, o apetite da execução tocaram os Pimpfe, que aplaudiram em silêncio.

- Então, é assim? Temos nosso orgulho? - murmurou afetuosamente Geek; e acentuou sua pressão, a fim de levar o menino a gemer.

- Mas o orgulho do judeu é feito para ser quebrado. Vejamos como - ajuntou ele; e Marcus Rosenberg exalou um gemido profundo, sem descerrar os lábios contraídos.

A voz de Geek tornou-se de uma doçura xaroposa:

- Vejamos, vejamos, Wenn Judenblut, quando o sangue judeu?... quando o sangue judeu?..

Ao fim de cinco minutos, os lábios de Marcus se descolaram insensivelmente; quando sua boca estava completamente aberta, um bramido confundido com música saiu dali. Estava consumada a prova da ignomínia judaica. O Sr. Geek respirou aliviado, e arremessando a criança ao chão:

- Lixo - disse ele.

Avistando em seguida Ernie, lívido: - E este aí, quase o esquecia.

Marcus Rosenberg mantinha a sua postura, rosto no chão, mãos na cabeça,

mudo: os Pimpfe verificaram que seu orgulho estava quebrado.

Duas lágrimas ficaram presas entre os cílios de Ernie. Ele conseguiu, não obstante, distinguir, na primeira fila, sua amiga Ilse, cujo rosto, petrificado com uma atenção mineral, implorava que cantasse.

- E quando esse imbecil se decidirá a começar?

O menino voltou para a escrivania do professor, uma fina ruga sulcando os cantos do nariz, já avermelhado pelo sofrimento:

- Perdoe-me, senhor... - balbuciou revirando os olhos esgazeados -, não sei ainda se devo... Oh...

Depois, levou um braço às costas, se oferecendo sem resistência à extraordinária sanha do mestre. A classe calou-se. Intrigados, os alunos da primeira fila recolheram frases soltas que escapavam da boca de Ernie Levy: "Não sei... não sei..."

Geek suspeitou que era uma armadilha.

Avançou prudentemente uma das mãos, protegendo o rosto com a outra; mas o menino não se mexendo, ele agarrou-lhe rapidamente o pulso e o torceu com tanta violência que, franzino e cheio de sofrimento, Ernie deu um pequeno salto de carpa antes de tornar a cair de joelhos, aprisionado.

- Ainda não sabe?

Mas Ernie havia abandonado todos, estava longe. Enquanto o Sr. Geek prosseguia em suas lições, apreciadas pelos arianos por sua clareza, e pelos judeus por seu rigor, Ernie Levy planava bem alto, com as andorinhas, coroado de rostos que ele não queria assassinar em canções: Mutter Judite, o patriarca, papai, mamãe, Moritz e outros rostinhos.

IV

No comentário do Sr. Geek ficou plenamente estabelecido que Ernie não havia cantado.

Mas passada a cruel excitação do momento, a grande maioria dos alunos secretamente se recusou a admitir que ele não quis cantar, sendo assim impossível continuar vendo uma ofensa no mutismo de Ernie; e, muito menos ainda, seu triunfo pessoal ou - do que Geek tinha se queixado - o triunfo dos judeus em geral. Segundo a secreta maioria, nem derrota nem vitória era possível para o idiota, porque todos sentiam que ele não desejava vencer ninguém, e por esse motivo, não estando empenhado em

nenhum combate, não tinha como sofrer uma derrota comparável à de Marcus Rosenberg. Mas, no fundo, eles próprios, os meninos que pertenciam a essa maioria secreta, sentiam pelo “idiota” um ódio ainda mais amargo por não poderem alimentá-lo com seu mutismo. O ódio por Marcus era uma resposta ao desafio contínuo que ele lançava, e Marcus vencido não inspirava mais do que o desprezo do qual ele tinha vontade de escapar. Mas o silêncio de Ernie não era por nenhum desses motivos, e vários meninos suspeitavam que ele teria cantado de bom grado se tivesse podido. Portanto, o ódio votado a Ernie Levy era imensurável, porque ele visava a própria bondade que emanava da sua pessoa, e que cada criança pressentia dentro de si, confusamente, escondida como uma raiz profunda. Os judeus permaneceram de joelhos até que o último ariano saísse, a fim de que todos pudessem examiná-los quando passassem, exprimindo admiração com gestos e palavras. Mas ninguém voltou o olhar para Ernie, os alunos viravam a cabeça quando passavam por ele, como se estivessem expostos a um perigo sutil. Ilse não pôde se conter e lhe lançou um olhar de viés; surpresa, viu somente uma massa de cabelos desgrehados, cobrindo-lhe a nuca, porque Ernie fitava o chão, não por medo, mas envergonhado e infeliz por estar irremediavelmente separado dos arianos e dos judeus.

A dispersão dos alunos foi tão agitada e graciosa quanto um vôo de pardais. Nenhum grupo se formou para saudar a saída dos judeus. Os próprios Pimpfe olhavam os estropiados sem alegria. Simon Kotkowski jurava nunca mais pisar na sala de aula - seu pai muito sofreu por essa infração à lei. Marcus Rosenberg tramava uma desforra absoluta. Moisés Finkelstein corria para casa. E arrastando a perna, aturdido com o sol do meio-dia, Ernie Levy caminhava passo a passo ao encontro da sua amiga Ilse, que o esperava, como todos os dias, à beira do Schlosse, do lado oposto ao quarteirão de casas, sua cabeleira loura luzindo ao sol. Naquele dia, quando avistou a silhueta amada, a dor do ombro ferido o cegou subitamente e lágrimas saltaram dos seus olhos. Ilse estava de pé no meio da rua, não longe da margem do rio, imóvel, seu rosto pousado como uma doce maçã sobre o avental negro. Sem o ombro ferido e as lágrimas, e aquela interminável caminhada, a cada passo sentindo aumentar o sentimento da sua solidão sob o céu, ele não teria certamente pensado em

beijar a face de Ilse Bruckner; certamente ele não teria ousado. Mas ele teria pelo menos sonhado com isso? Parecia-lhe, quando ela se aproximou, que Ilse compartilhava da sua solidão e lhe oferecia o rosto; e ele não saberia dizer se a beijara antes que ela lhe oferecesse a face ou se, ao contrário, Ilse fora quem primeiro esboçara esse beijo: tudo se passou como se as duas coisas se tornassem uma.

- Canalha!... - foi o primeiro grito de Hans Schliemann, escondido entre os arbustos da margem; a esse sinal, saídos das casas vizinhas ou pulando dos caniços do Schlosse, os "homens" de Hans deram início à emboscada.

Os olhos de Ilse, doces, azuis, verdes, amarelos, reluziam tranqüilamente diante dele.

- Fuja! - exclamou Ernie cercado pelo grupo de Pimpfe, esbofeteado no rosto, jogado contra a parede nua de um edifício.

E como se inquietasse por causa de Ilse, ele a vislumbrou no meio da rua, à luz do sol, os braços pendentes ao longo da curta saia pregueada, observando a cena com curiosidade.

Súbito, sentiu uma voz áspera junto à sua nuca, o hálito tocando-o levemente:

- É a segunda vez que ele mancha a honra alemã hoje - pronunciou a voz em tom extraordinariamente solene.

Mas Ernie teve a sensação de que a voz de Hans Schliemann estava oca, tão vazia quanto aqueles halteres fingidos com que brincavam os filhos do dono da loja de quinquilharias, e que eles levantavam se contorcendo e enrubescendo, com mil torturas imaginárias. Então ele decidiu que a voz de Hans Schliemann merecia um sorriso secreto.

- Canalha - bravateou um Pimpfe junto ao rosto de Ernie -; eu aposto que já deu um beijo na boca!...

- E talvez apalpou-lhe os peitos!

- ... ou enfiou a mão por baixo da saia dela!...

Trêmula de ódio, a voz invisível de Hans Schliemann ressoou bem junto à nuca de Ernie.

- ... ou até, quem sabe, esse porco não "comeu" a menina?

E caindo sobre os joelhos, Ernie sentiu seu ombro com mais pungência do que nunca, vencido sem luta pela torção de Hans Schliemann.

Como a torção sobre seu ombro vinha acompanhada de uma dor insuportável, densas gotas ressumaram dos seus olhos; depois sua fronte

também se liquefez, e o menino imaginou confusamente (à medida que crescia o fogo ardente do ombro) que toda aquela água abundante se esvaindo dos seus olhos e do seu crânio, do seu pescoço e do seu peito, se coagulando em sua garganta, filtrando dos seus lábios repuxados pela pressão mecânica dos maxilares e dos dentes prestes a se quebrarem, o menino imaginou confusamente que toda aquela massa líquida, abandonando o navio do seu corpo, fugia da barra em brasa do seu ombro direito.

- Cão nojento!... - exclamou Hans Schliemann, esbaforido. Já se decidiu a cantar?...

Louco de indignação, Hans Schliemann só sabia repetir sem descanso: “Hund, cão, cão, cão...”, enquanto que os outros Pimpfe cuspiam no rosto de Ernie, alternadamente se abaixando, aproximando dele as bocas afuniladas, e desprendendo bolas de catarro. Pálpebras fechadas, o menino começou a imaginar que o suor, a saliva, as lágrimas e o catarro nos quais ele se inundava não passavam de uma única e mesma substância, cuja origem provinha de uma fonte profunda escondida em seu ser, e que naquele instante rompia seu envoltório e se esvaía ao sol; todos esses líquidos emanavam da sua substância interior, esverdeada, tenebrosa, marcada de viscosidade, e não normalmente composta de carne e osso, como ele pensava outrora...

O tempo agora lhe parecia um mar sem fundo.

Curiosamente, as comportas se abriram e todas as águas desapareceram.

Levantando as pálpebras, Ernie se viu ajoelhado sobre a calçada dura e seca. A alguma distância; os Pimpfe se juntavam em círculo; pareciam debater um grave problema, mas Ernie ficou mais impressionado com os rostos contraídos e desencorajados do que com as palavras misteriosas que eles trocavam arrojando-lhe, de vez em quando, de esguelha, a lança vibrante de um olhar. Ernie Levy descobriu com enlevo, entre as pernas solidamente arqueadas de Wolfgang Oelendorff, a silhueta impassível da sua amiga Ilse Bruckner, que parecia dormir de pé, imobilizada no mesmo lugar, e cujo verde, azul e límpido olhar insinuou-se por instantes entre as pernas de Oelendorff, aparentemente sem ver Ernie. (Embora seus traços delicados tenham se paralisado um segundo, ele acreditou perceber o instante em que os dois olhares se cruzaram.)

- Esse judeu - disse o cabelo de fogo -, para mim ele é mais judeu do que

os outros.

- Eu acho que ele merecia ficar em pêlo na frente da Bruckner - disse Wolfgang Oelendorff. - Parece que eles têm a piroca cortada.

- Não, não, isso não! - gritou o cabelo de fogo, apavorado.

- Por que não? - perguntou calmamente Hans Schliemann. - Ele vai comer o pão que o diabo amassou.

O grupo desatou num riso forçado, todas as cabeças se voltando na direção de Ilse, que parecia nada entender - embora suas bochechas se tornassem levemente coloridas - e cujos olhos tomavam a opacidade clara dos globos oculares cegos, mesmo continuando voltados para onde estavam os meninos: observando alternativamente os Pimpfe, agora silenciosos, e Ernie, ainda de joelhos, recebendo por entre as pernas de Wolfgang a carícia do sol que transformava seu ombro em água doce.

Todas essas coisas vistas, ouvidas, pareciam tão pouco naturais que Ernie Levy supôs que o sol estava se aproximando dele e rodava sobre si como uma girândola de fogo de artifício pairando a poucos centímetros das suas pálpebras entreabertas. No entanto, uma parte da sua pessoa estava ciente da ameaça. Erguendo-se pela metade ele se escorou no muro da casa e tornou a abrir os olhos ofuscados pelo sol, as lágrimas e o suor porejando das têmporas, a saliva e o catarro. Verdadeiramente, todas essas coisas eram sem exemplo, e tomando lentamente consciência das palavras ditas, o menino desviou dolorido seu olhar de Ilse Bruckner, imóvel em seu avental negro, e cujos olhos verdes bem abertos lhe devoravam o rosto.

Os Pimpfe o cercaram em silêncio. O menino não se movia, olhando fixamente a girândola solar. O que lhe acontecia devia estar ligado a um outro fato. Nada de parecido acontecera a ninguém. Não havia a menor alusão a semelhantes fantasmagorias nas Lendas dos Justos. Desesperadamente tenso, Ernie esquadrihava suas lembranças na esperança de encontrar uma vereda nítida, um caminho de socorro naquela floresta de estranhas circunstâncias, que não pareciam inteiramente reais, embora tivessem certas aparências de realidade... Ele não encontrou o caminho.

Hans Schliemann prendeu-lhe os braços com desenvoltura. Hans se comportava como se tivesse o assentimento completo de Ernie. Este último afastou um cotovelo para permitir a Hans segurar confortavelmente a sua presa.

O cabelo de fogo ajoelhou-se e desprendeu-lhe o suspensório.

Ernie Levy abaixou os olhos, viu uma nuca ruiva na altura do seu ventre. Com rápido puxão, o cabelo de fogo desceu as calças até as coxas de Ernie Levy, que notou que elas estavam agitadas por violentos tremores; e enquanto o cabelo de fogo deslizava seus dois dedos entre a pele e o elástico da cueca, num só arranco, o menino se desfez da pressão de Hans Schliemann e levantou as mãos o mais alto possível, agitando-as no ar, bem na direção da bola de sol, como se, não sabendo o que dela fazer, quisesse simplesmente mostrar a sua impotência.

Espantados, os Pimpfe voltaram os olhos para aquelas mãos se debatendo ao sol.

Mas, retomando o espírito das coisas, o ruivo desceu a cueca, descobrindo o sexo, e foi nesse instante preciso que a besta recém-nascida possuiu a garganta do menino e emitiu seu primeiro urro. Já se deixava cair aos pés do menino ruivo, enterrando os dentes nas carnes de uma panturrilha, ali os mantendo cravados. Um fluxo de saliva invadiu-lhe a boca: suas unhas se afundavam no tornozelo do cabelo de fogo.

Rápido, Hans Schliemann fincou o joelho sobre as costas de Ernie Levy e o empurrou de novo violentamente para trás, os dedos enfiados em suas órbitas. Ernie soltou-se, deu um novo urro e prendeu os dentes numa das mãos de Hans Schliemann, o qual só conseguiu libertar-se após jogá-lo a dois metros, na calçada. Hans Schliemann deu ainda uns passos, como se quisesse aumentar a distância entre suas mãos e a boca de Ernie Levy; depois, se recompondo, percebeu que o grupo dos Pimpfe havia tido o mesmo reflexo e se mantinha na defensiva, agora num grupo compacto, fora do alcance dos dentes de Ernie Levy, que tinha se levantado rapidamente e de pé, costas contra o muro, os enfrentava rosnando surdamente, como se fosse um cão, enquanto as lágrimas saltavam-lhe dos olhos, pequenas facas pontudas.

- Cão de merda - disse o ruivo.

- Merda de judeu - disse um Pimpfe.

- Judeu do cão - continuou Hans Schliemann sem entusiasmo; e quando se aproximava, sua mão pendendo ao longo do braço, ajuntou, em tom forçado: - Atenção, talvez ele esteja raivoso...

Os Pimpfe se afastaram mais ainda, sempre sorrindo para mostrar que não levavam aquela observação a sério. Não podiam deixar Ernie partir e, no

entanto, nenhum deles se sentia capaz de quebrar o malefício judeu, do qual acabavam de ser testemunhas; a tirada de Hans Schliemann parecia oferecer uma saída:

- Vamos com ele para o depósito de cães - disse um Pimpfe -; só assim nos livrarão dele.

- Como fazem para matar lá? - disse um Pimpfe.

- Eles dão injeções - disse Hans Schliemann -, e a morte é por asfixia.

- Em que lugar? Perguntou rindo um Pimpfe.- Na bunda?...

- Isso depende - respondeu Hans com ar malicioso -, isso depende... Nos cães judeus, parece que é na piroca.

E como estivessem esperando por esse sinal, os Pimpfe romperam em risadas, se dando grandes tapas, batendo nas coxas com tal excesso de júbilo que de repente tiveram consciência de que fugiam do problema principal e se calaram de novo. O cabelo de fogo apanhou uma pedra e atirou-a em Ernie Levy, sendo imitado por alguns outros. Encolerizados, eles apontavam mal. Mas logo Hans Schliemann deu o sinal de partida.

- Você vem? - perguntou ele a Ilse.

- Está com pressa? - disse ela secamente.

- Você está olhando para o seu amado?... Olhe, ele é louco.

- Não tenho medo dele - disse Ilse Bruckner.

Voltando-se para Hans Schliemann, ela piscou o olho cúmplice e cochichou:

- Podem ir embora, nos encontramos daqui a pouco...

- Na esquina da escola? - perguntou Hans Schliemann.

E, diante do assentimento da menina, ele a olhou singularmente e deu as costas lentamente. Logo depois, o grupo chegava ao final da rua. Um cântico se fez ouvir ao longe. Eram vozes cheias de vigor.

As lágrimas secaram. Lentamente a girândola solar tomou o caminho da sua própria esteira. Por fim, ela parou de girar, ficou imóvel, a uma distância infinita, como uma chama de vela dentro de um quarto imenso. Um melro, bem longe no prado, recomeçou o seu canto, e o Schlosse marulhou entre os caniços. Ernie percebeu que sua amiga Ilse não tinha mudado de lugar. Seus sapatos se fechavam com um botão. Ela usava um lindo avental negro, e seus cadernos estavam no chão, seguros entre os tornozelos. Ernie observou que seus olhos úmidos e tudo o que havia de

liso em seus cabelos lhe davam aparência de peixe. Na festa à fantasia da escola ela havia vestido uma roupa longa que a fazia ondular-se, feito a cauda de um peixinho chinês. Havia igualmente muitas coisas bonitas sobre o seu nariz e dentro das suas mãos, de onde brotavam estranhos dedos rosados; mas todas essas coisas, não se sabia como elas existiam, não se sabia como lhes dar um nome. Extasiado, Ernie sorriu para Ilse, que tinha presos nele dois olhos dilatados pela fascinação e por uma curiosidade mais vasta do que ela própria. Súbito, todas aquelas luzes verdes fugiram do seu olhar, uma sombra de sorriso esvoaçou um segundo, levantou o lábio, atingiu uma covinha, perdeu-se, desapareceu: a menina o olhava agora a distância, como a um estranho que se despreza e se teme. Quando Ernie fez um gesto de avançar, ela empalideceu, abaixou-se, apanhou seus cadernos e fugiu, como uma graciosa flecha, à procura dos Pimpfe; a 20 metros, ela se voltou, aplaudiu três vezes. O sol estava tão baixo que a silhueta de Ilse, tornada mais fina por causa do avental negro, parecia um inseto cintilando na trajetória de um raio. Depois, não houve mais nada.

O sol voltou a girar em torno de si, cada vez mais depressa. Faíscas jorravam dessa roda fulgurante, espalhando pelo céu lantejoulas multicolores. Cabelos louros também se desprendiam dali. Ernie vestiu as suas calças. A besta uivava tão terrivelmente dentro do seu peito que ele teve medo de morrer ali mesmo. Como mentalmente ele mordia os Pimpfe, compreendeu que, pela primeira vez, ele sentia ódio.

V

Quando chegou à altura da ponte do Schlosse, Ernie se voltou e viu que estava só.

Pequenina, encarquilhada, corcunda, a ponte atravessava o Schlosse com uma simplicidade agreste de velho camponês; rastos de hera lhe davam a barba florida que descia até a superfície das águas. Às vezes, Ilse e Ernie ali se debruçavam para ver o tempo correr entre as margens, interminavelmente. Tencas e góbios seguiam o curso das horas, e Ilse achava que todos os peixes desaparecem no mar, senão, para onde iriam eles?.. Ernie nunca deixava de lhe dar razão, embora soubesse que as espécies delicadas: mугens etc., param na praia, na fronteira da água doce

e da salgada.

O Schlosse hoje parecia imobilizado em seu leito, e a água era transparente e vazia como o ar.

O menino atravessou a ponte e tomou o caminho que dava para a margem do rio à esquerda do parapeito, entre os espinheiros, as urtigás, os tufo de ervas macias e verdes da ribanceira, e os buquês de flores amarelas que vivem à sombra dos caniços. A meia encosta, os passos contornavam a célebre rocha de Wotan, deus germânico da guerra, das tempestades, dos senhores e dos reis. A rocha emergia da margem, numa extensão de quatro metros, como um penhasco. Antigamente, durante o tempo da República, dizem que os operários pulavam dali de cima, todos os domingos, no verão. Ela parecia tão profundamente enraizada na terra que era impossível imaginá-la sozinha, isolada, reduzida a si própria, como uma espécie de imensa pedra; era uma árvore de granito, ou como um toco de carvalho que, mesmo cortado, ali continuaria a viver com suas raízes, decapitado, indestrutível. Mas o Sr. Kremer garantia que os antepassados dos gentios a haviam transportado das montanhas e encravado ali onde ela estava, e dela se serviam como mesa de sacrifício para animais e homens; o sangue escorria para dentro do Schlosse, que o levava até Taunus, onde as feiticeiras do Brocken vinham sorvê-lo na noite de Walpurgis: era um altar de sacrifícios... Certas noites, os Pimpfe e os membros adultos do Partido queimavam ali troncos de árvores. Os moradores da Riggerstrasse não diziam mais a Pedra, mas a Rocha de Wotan - com muita consideração. Um sábio de Berlim tinha descoberto uma cruz gamada sob o musgo. Os jornais afirmavam que ela datava de muitos milhares de anos; e o Sr. Levy pai, ironicamente, que sua idade era apenas a de uma criança de colo.

Ernie Levy esticou o braço e tocou a rocha com o dedo, prudentemente, como se ela fosse um animal adormecido. Depois, desceu sua encosta e se afastou a uma dezena de metros, em plena luz do sol, fora do alcance da fantástica sombra difundida pelo bloco. A linha de caniços se rarefazia ao longo de uma minúscula praia arenosa. Ernie Levy colocou um joelho no chão e observou que a sombra da rocha se prolongava até a superfície das águas, cujas ondulações a levavam, em filetes, até a orla da praia. Com o joelho enterrado na areia, ele avançou devagarinho para a esquerda, até que as duas sombras, a sua e a do rochedo, se tornassem uma. Curvando-

se sobre a sombra líquida, de onde desprendiam bolhas lodosas, ali estendeu seu lenço que, como uma jangada, ficou por alguns segundos à deriva, depois submergiu.

A onda se tornou turva. Ernie Levy torceu o lenço lentamente e procedeu à limpeza do rosto.

O golpe com a régua de metal lhe abriu uma chaga cujas bordas estavam ressecadas, com uma crosta de sangue. Ernie esfregou o lenço ao longo da boca, depois a recobriu com uma folha de urtiga. A chaga lhe pareceu absolutamente indolor. Passando os dedos pela cabeça, constatou, surpreso, que ela estava coberta de inchações. No entanto, nenhum daqueles hematomas era sensível, nem mesmo seu queixo, entorpecido com o soco do Sr. Geek. Se não estava sofrendo, era porque nunca mais sofreria; nele, os órgãos do sofrimento foram abolidos. Por curiosidade, mordeu a palma da sua mão; uma mordida profunda que nela deixou a marca de todos os dentes. Do fundo de uma delas brotava uma gota de sangue, que não lhe provocava nenhum sofrimento perceptível, era possível admirá-lo como um belo espetáculo.

- Mas os Justos bem que sofriam - murmurou de repente Ernie Levy.

Com a mão em concha, apanhou um pouco d'água, com a qual amoleceu o sangue ressecado sobre o rosto e sobre o peito descoberto; em seguida, passou ali o lenço úmido e o enxaguou na concha da mão. As sombras conjugadas, do corpo e da rocha, o impediram de distinguir a água avermelhada, bem depressa diluída no rio. Levantou-se e limpou o joelho sujo de areia. Absolutamente nada estava se movendo dentro dele.

Foi logo após tudo aquilo que Ernie teve a primeira intuição do vazio. Não querendo tomar de novo o caminho de Wotan, tinha procurado uma passagem entre as urtigas da margem; e de cima da vertente havia contemplado por instantes a campina, antes de nela penetrar, tranqüilamente, com um passo solene... Algumas ervas lhe ultrapassavam o queixo; quanto mais penetrava naquela água verde, estagnada, infinitamente dividida pela campina, mais lhe parecia que os tufo de erva estavam crescendo em torno dele, com a intenção de tragá-lo, ou pelo menos querendo aprisioná-lo, quando rapidamente fechavam a esteira das suas passadas incertas. Ele não saberia dizer se as vagas se avolumavam querendo submergi-lo ou se, ao contrário, era ele quem se afundava deliberadamente no mar, passo a passo, como alguém que se afasta da

margem.

Quando a margem lhe pareceu suficientemente longínqua, parou e viu diante da imensidão do céu que Ernie Levy era uma poeira perdida na relva. Naquele instante, experimentou o vazio, como se a terra estivesse se abrindo a seus pés, e enquanto seus olhos desfrutavam da grandiosidade do céu, estas palavras afloravam suavemente a seus lábios: "Eu não sou nada." Ao redor, a terra desprendia seu odor. Todas as coisas estavam paradas e envolvidas no odor da terra. O silêncio tinha esse odor, bem como os eflúvios do sol e o azul imutável das alturas. Um grão de poeira bateu-lhe no rosto e ali ficou preso; pousou sobre ele o seu indicador, e o aprisionando com o polegar examinou-o detidamente. Era uma joaninha vermelha salpicada de negro, cujas patas vibravam como cabelos finíssimos; parecia uma jóia, uma cabeça de alfinete entalhada num rubi, com pontos negros pequeninos pintados a pincel. Com infinita ternura, Ernie Levy pousou a joaninha na extremidade do polegar, na vertical:

Joaninha,
Voa, voa,
Joaninha
Voa pra bem longe
Uma
Duas
Três!

Segundo a tradição infantil, tão logo fosse pronunciado três, devia-se soprar por trás da joaninha. O menino já havia arredondado os lábios quando mudou repentinamente de idéia, levantou o dedo indicador e o apertou violentamente contra o polegar. A carcaça do inseto estalou entre seus dedos. Ernie torceu aquela massa até fazer com ela um delicado rolinho; e em seguida, imprimindo um movimento circular a seu dedo indicador, transformou a joaninha numa bola pequeninha, da consistência de um miolo de pão. Teve a sensação de que todo o vazio do seu coração estava ali, preso entre o polegar e o indicador. Mas não era o bastante, e colocando essa partícula de matéria dentro da sua mão, ele a esfregou longamente entre as duas palmas, até que a joaninha ficasse inteiramente esmagada e reduzida a uma pasta acinzentada.

Então, levantando a cabeça, percebeu que o silêncio acabava de morrer. Toda a campina estava fervilhante com o farfalhar das asas, com a ondulação da relva e com a invisível e surda vibração da vida. A própria terra formigava desafiadoramente. Ernie Levy começou por avistar um magro gafanhoto, encarapitado sobre um torrão de terra, e que tranqüilamente sacudia as patas num fiapo de sol. Ele se inclinou cuidadosamente, mas o gafanhoto não parecia preocupado com aquela ameaça, e o menino descobriu que suas mandíbulas agitadas lembravam um coelho roendo; ou melhor, a contração ágil da queixada de uma mulher velha. Com esse pensamento, lançou a mão para a frente e agarrou o que pôde: o animal se viu preso por uma pata, entre a palma da mão e o indicador. Ernie curvou o punho e esmagou o gafanhoto dentro da mão. Depois, fez uma bola que se desfez num líquido de cor esverdeada, escorrendo-lhe pelos dedos.

A vítima seguinte aconteceu ser uma borboleta... Raras são as pessoas que apreciam a borboleta em seu justo valor; o que em geral avilta a borboleta aos olhos do profano era para Ernie um motivo suplementar de respeito: ter nascido de uma lagarta e ser sua beleza como poeira... Balthazar Klotz colecionava borboletas. Ele corria pelos campos, segurando a vara da sua rede; anestesiava a vítima num frasco com éter; dava-lhe a morte em casa, comodamente, um alfinete espetado no centro geométrico do tórax. O quarto de Balthazar Klotz estava coberto de frágeis troféus; examinada com a lente, cada uma delas se revelava uma catedral, e a beleza das asas lhe dava um ar natural, a aparência de não estarem de todo mortas. Ernie gostaria de caçar borboletas, pelo prazer, o prazer de vê-las; mas a liberdade devolvida sempre lhes custaria uma ponta de asa quebrada, um fio de ouro apagado, um resplendor para sempre desaparecido. Por isso, se contentava em chegar perto da maravilha, usando da astúcia de um indiano, para contemplá-la, enquanto ela deixasse. Como ele estava rígido quanto uma pedra, algumas delas esvoaçavam a seu redor, pousando sobre sua cabeça, ou sobre um dedo, que nem um anel - maravilhoso.

O inseto mártir era uma Machaon, com asas recortadas em vitral. Esse espécime é vulgarmente denominado Grande Caudatário, porque suas extremidades terminam em pontas de dois centímetros: a imensidade da asa lhe confere um vôo nobre de ave de rapina.

A Machaon pousou sobre uma violeta; Ernie Levy envolveu a flor e o

animal com o lenço ainda úmido; e enfiando a mão por baixo, arrancou as duas coisas de uma só vez, a borboleta, a violeta, para depois as triturar dentro das mãos engorduradas. Após a Machaon foi uma libélula, um grilo gigante, um escaravelho, uma minúscula borboleta de asas em nácar azul; outras borboletas, outras libélulas, outros gafanhotos: Ernie Levy corria pela campina, braços abertos, sacudindo suas mãos grudadas de insetos...

Até que se sentiu cansado. Cada inseto morto lhe custava mais caro. Cada morte aumentava o cortejo de imundícies pegajosas que agora lhe enchiam o estômago: licores viscosos dentro das suas mãos - mas insetos despedaçados se contorcendo de dor em suas próprias vísceras. Com o coração carregado, deitou-se e fechou os olhos, as mãos abertas sobre a relva. Seu ventre parecia estender-se em várias direções. Na noite imperfeita das suas pálpebras, todas as suas vítimas começaram a formigar. Aproveitando-se da escuridão, os mil zumbidos do mundo lá de fora penetraram em seus ouvidos, deslizando de maneira insidiosa para dentro do bolso, onde ainda sofriam as borboletas e os outros insetos. Suas mãos escancaradas estavam mortas.

Ernie levantou as pálpebras e se abismou no céu que caía sobre si. Em breve, a relva mais alta formava uma moldura, dentro da qual planavam pássaros; o céu, dali, se tornara imenso.

Tentou seguir com os olhos um pássaro, esperando alcançá-lo e alçar vôo com ele. Mas os pássaros continuavam, desdenhosamente, as suas evoluções, indiferentes a seu olhar, e a distância que os separava não diminuía. Como pudera ele pretender essa elevação, e chegando até mesmo a querer ultrapassá-los com a sua consciência de Justo, ele, um fraco inseto devorador, ele, rastejando sobre um ventre, um enorme ventre fervilhante de insetos devorados?... "Eu não era um Justo, eu não era nada".

Quando pensava: "Eu não era nada", o menino escondeu o rosto na terra e entoou seu primeiro grito; no mesmo instante, sentiu espanto de ver seus olhos continuarem vazios de lágrimas. Durante meia hora ele gritou, a boca voltada para a terra. Parecia estar chamando alguém muito longe, algum ser escondido dentro da terra e de quem ele esperava ao menos um eco. Mas seus gritos só serviam para aumentar o silêncio, e os insetos continuavam cheios de vida em seu ventre. Sua boca ficou cheia de relva e

de terra. Finalmente, percebeu que ninguém iria responder a seu chamado, porque aquele chamado nascia do nada: Deus não podia ouvi-lo. Foi precisamente aqui que o menino Ernie Levy sentiu-se tolhido dentro do seu próprio corpo, e tomou a decisão de dele desfazer-se.

Com um passo lento e pesado, arrastando os pés na terra, voltou à beira da água para uma rápida toalete fúnebre. O canto da natureza não mais o incomodava, e atravessando a relva, sua única luta era com o rosto de Ilse. Sem mais nenhuma emoção, ele contornou a pedra de Wotan. A mistura de insetos se tornara tão adesiva que foi preciso recorrer à areia da praia para desprendê-la inteiramente das mãos, dos dedos, das unhas impregnadas com uma gosma esverdeada. Uma cabeça continuava ainda colada na manga do seu avental; examinando-a cuidadosamente, reconheceu os olhos petrificados e as nobres antenas da Machaon: "Você também", ele pensou, "Deus tomou-a entre suas mãos". Quando a água se aquietou de todo, curvou-se diante dela para ver melhor seu próprio reflexo: algumas linhas se destacavam, trêmulas; mas no instante em que seus traços se tornaram claros no espelho, duas gotas tombaram das suas pálpebras, formando rugas concêntricas sobre seu rosto, que desapareceu. "Minhas lágrimas caem por si mesmas", pensou Ernie Levy; "mas eu não estou chorando". E quando suas pernas tremeram sob ele, depois que atravessou a ponte, e alcançou o caminho da cidade: "minhas pernas estão tremendo. Mas eu não tenho medo".

Mal pôde reconhecer a Riggerstrasse; era uma rua, e todas as criaturas vivas caminhavam sobre dois pés. As pessoas (algumas pessoas, sobretudo as mulheres) paravam para vê-lo passar; mas ele não via seus rostos. Da mesma maneira, entrando em casa pela porta dos fundos, foi a custo que dirigiu um pensamento aos seres dos quais, através da penumbra do corredor que dava para a cozinha, lhe chegavam tênues e voláteis filamentos de conversas humanas. Sua separação da família Levy - centro do seu defunto universo - era tal que nem por um segundo pensou em lhes dizer adeus: longe, muito longe, estavam todos os adeuses.

Porém, no meio da escada, suas pernas tremeram tão vergonhosamente que ele segurou o corrimão, repetindo à meia-voz: "Quem tem coragem de dizer que você tem medo?... Quem tem coragem de dizer que você tem medo?..."

Mas já defronte dele, como um ser ameaçador, estava a pesada porta de ferrolho do sótão.

Os gonzos rangeram; Ernie teve medo de que aqueles amargos gemidos chegassem até a cozinha, pelo traiçoeiro caminho das paredes. Quando empurrou a porta carunchada, a pressão da obscuridade o fez recuar um passo, trazendo sua perna dianteira para junto da que permanecera no patamar; depois, o resto do corpo esboçou um vago movimento de retirada, porque a escuridão, se tornando fluida, súbita, avançou para ele como uma muralha marinha. Por fim, o cinzento e o negro do sótão se estabilizaram numa meia escuridão com leves toques esverdeados, composta simultaneamente pela claridade turva do patamar e a noite que agora se aproximava sutilmente, lhe descobrindo a clarabóia de onde pendia uma fina corda que sustentava pelo pescoço uma boneca de celulóide inteiramente nua, a um metro do chão. (Era um jogo, Moritz e seus amigos a penduraram figurando a morte; ela representava Adolf Hitler, graças a dois pontos pretos sob as narinas.)

No entanto, Ernie achou que nela havia qualquer coisa do rosto de Ilse, e sentiu uma longínqua satisfação, como a carícia de um vento interior.

Depois, apareceram as fiadas de telhas curvas e suas cumeeiras brilhantes como dentes negros; apareceram argamassas, barbantes, cadeiras quebradas, a antiga mesa da sala (pequena demais depois do nascimento dos irmãos e irmãs de Ernie), o urso de pelúcia decapitado, o tacho cheio de louças reservadas para as festas de Páscoa. Depois, apareceu o sótão por inteiro, e Ernie pôde movimentar-se à procura de uma cadeira, que colocou sob a clarabóia...

Precisamente nesse instante, uma auréola tornou-se visível no centro da vidraça, e o local foi invadido por uma luz semelhante a uma poeira amarela, tépida, que entrando na sua garganta a faria arder.

O menino segurou firmemente a cadeira pelo seu espaldar e, levantando-a, teve a sensação de que ela criava vida a seu contato: um dos pés da coisa acabava de bater em seu joelho. Trepando nela, hesitante, Ernie esticou bem o corpo e conseguiu levantar a tramela da clarabóia; depois, apoiando-se na beira da esquadria, tentou um clássico impulso de trapezista - o que significa que o atleta levanta o corpo unicamente com a força do seu pulso; que ele garante o seu equilíbrio colocando as duas mãos sobre o obstáculo a vencer; e operando uma simples tração dos

antebraços, consolida sua posição graciosamente, levando o joelho até à altura do ponto de apoio.

Embora Ernie não se julgasse capaz de desempenhar proezas físicas, parecia-lhe razoável e justo que hoje seu corpo, por razões absolutamente excepcionais, se submetesse credulamente à sua vontade. Porém, mal começou ele a balançar-se no ar, o montante da clarabóia cedeu sob seus dedos. Pendurado no teto e esperneando, ficou feliz quando caiu graças a um pulo; depois do que, sentado sobre a poeira, reconheceu que a ordem do mundo não se alterava com a sua desgraça.

Geralmente, pessoas naquela situação se enforcam. Ernie jamais se perguntara por que as pessoas se enforcam nessas circunstâncias, mas compreendia agora que é o meio mais prático. Ou então se afogam; porque é também um meio natural, que necessita de pouca coisa, e, no final das contas, está à disposição de todo mundo. Talvez teria sido melhor se tivesse se lançado no Schlosse, alguns momentos antes, coisa não muito desagradável num belo dia como aquele. Teria seguido a correnteza da água, como um pedaço de pau ou um galho de árvore. Ele estava, pois, limitado a enforcar-se, já que lhe era impossível chegar até o telhado. Mas, para enforcar-se é preciso uma corda, uma cadeira e um nó corredio. Quando não se usa o nó corredio há o risco de ficar enganchado na corda e de sentir dor. Febrilmente, Ernie desamarrou a boneca e se deu conta de que Moritz e seus companheiros haviam simplesmente passado a corda em volta do pescoço da boneca, mas não a enforcaram corretamente. Com os dedos entorpecidos pela dor, tentou diversas combinações de nós corredios; mas o nó se desfazia ao ser puxado com mais força, com o que arriscava, quando saltasse da cadeira, a cair brutalmente no chão; ou então o maldito nó, quando seu pulso passava por ele, apertava-se sozinho e se tornava perigosamente fixo.

Talvez insistindo, chegada a executar um belo nó corredio, mas, pensando bem, esse método não era muito agradável. Dos seus livros ilustrados ele conservara a lembrança de um enforcado com uma enorme língua que descia até o queixo. Sem dúvida, não era mais agradável jogar-se do telhado, mas pelo menos havia o salto; enquanto que no enforcamento não havia nada.

Como agora não tinha mais pressa, Ernie se assentou sobre a cadeira para melhor refletir, porque era um momento solene e merecia um exame.

Pela janela aberta em seu peito saíam lentamente os seres e as coisas que amara e conhecera: Mutter Judite, o avô, papai, mamãe, seu quarto no primeiro andar, o Sr. Kremer, Moritz, os irmãos menores, e o sol flutuando lá em cima entre as árvores e as casas, e Ilse, que estava morta. Por que todas aquelas coisas o deixavam hoje?... E por que se sentia mais pesado e não mais leve, à medida que elas o abandonavam?... Era, na verdade, como se ele caísse do céu velozmente, e nada melhor para essa vertigem do que uma queda real: era altamente lust imávcl que o salto do telhado fosse impossível para ele, em consequência da sua incapacidade para executar um clássico movimento de trapezista.

Abaixando os olhos, viu ainda o urso de pelúcia dos tempos passados, o tacho com a louça, as cordas, panos velhos, a antiga mesa da sala de jantar. Uma cadeira quebrada chamou-lhe a atenção; ela estava deitada de costas, erguendo para o ar seu único pé. Ernie Levy a reconheceu e se lembrou de como ela morrera, sob violenta cólera de Mutter Judite. Não se podia entrar dentro de um pedaço de madeira; e, no entanto, Ernie teve o inexplicável sentimento de serem ele e a cadeira quebrada apenas um.

Porventura as pessoas acabavam como acabam os objetos? Não, certamente não, ninguém sabia como as pessoas fazem para morrer, não se tinha nenhuma idéia. Muitas vezes, geralmente na hora do jantar, Mutter Judite anunciava que fulano "falecera naquela tarde"; depois, sentenciosamente, ela declarava o nome de uma doença, como se denunciasse um culpado. Segundo Ernie, todos os pretextos de doenças eram mais ou menos falaciosos. Um simples olhar mostrava claramente que todas aquelas pessoas tinham sido arrebatadas, diante dos narizes e das barbas dos seus familiares; porque, fora o sofrimento, coisa muito natural (embora Ernie ficasse intrigado com a desolação extrema a que se entregavam os adultos no luto) desde que eles próprios, não sendo imortais, deveriam obrigatoriamente reencontrar seus entes queridos no céu, os parentes do morto demonstravam um certo desapontamento, bem característico.

Somente os Justos não morriam de maneira assim apressada e grosseira. O dia chegava em que o Justo dava testemunho da sua justiça, e o universo por inteiro se organizava para preparar seu leito de morte: os reis fomentando invasões, os senhores dos pogroms. Porque os Justos não tinham que mover nem um dedinho: tudo estava previsto, organizado em

seus menores detalhes, desde o martírio do santo rabi Yom Tov. Deles não tinha como tirar nenhum ensinamento, porque nenhum deles, como Ernie, se antecipara à vontade de Deus.

Aliás, pensando bem, nem os Justos nem os mortos do bairro se viram numa situação comparável à sua; porque não havia tuberculose, suplício ou massacre: havia Ernie num sótão.

Um canto de pássaro atravessou a clarabóia. Ernie Levy levantou-se e sacudiu as pernas dormentes: sua derradeira oportunidade era pular da janelinha do banheiro, que também dava para o quintal. Quando dava um passo em direção à porta, sentiu um desfalecimento: a ferida na testa e os arranhões dos dedos presos à clarabóia deixaram-no subitamente cego com tamanha dor - amarga e sombria, e mais violenta do que uma tempestade noturna - que não se admirou quando voltou a si sobre o assoalho. Ele notou igualmente uma pressão incisiva lhe perfurando as têmporas, sem que tivesse sofrido alguma violência. Tudo provinha daquela pastilha diabólica, achada há pouco na bainha da sua calça; mal colocada sobre a língua, sentira propagar-se em suas veias a dor, sob a máscara dulçorosa do prazer. Colocando-se de pé, teve a sensação de ter crescido em tais proporções que sua cabeça oscilava, tornada demasiadamente pesada para a fragilidade elástica dos seus membros.

O corrimão da escada permitia controlar cada degrau. Os banheiros se encontravam no andar de baixo, em frente ao quarto do Sr. e da Sra. Levy. Ele se perguntou por que as lágrimas recomeçavam a sulcar-lhe o rosto: minhas lágrimas estão caindo por elas próprias, mas na verdade eu não estou chorando. E quando ele alcançou a entrada do banheiro, sentiu com uma precisão quase visual o tremor espasmódico dos seus membros inferiores: minhas pernas estão tremendo, mas eu não estou sentindo nenhum medo.

O banheiro era também uma sala de toalete; o vaso se achava num cantinho, bem embaixo da janelinha quadrada, por onde afluía diretamente o sol, como um rio imóvel no espaço de seu leito retilíneo, a profusão de poeira em suspensão figurando graciosamente uma infinidade de peixes dançando. Ernie levantou a tampa do vaso, a fim de não sujá-la inutilmente; em seguida, subiu na porcelana, para colocar-se na altura da janelinha. A abertura era suficiente para seus ombros, mas a operação

exigia que ele projetasse a cabeça para a frente, fizesse oscilar o corpo e, com a ajuda do peso do tronco, se deixasse arremessar ao solo; pois assim ele não iria pular no vazio, mas simplesmente se deixaria ser sugado. Imaginando que iria certamente fraturar o crânio (o qual se quebraria como ovo, não deixando vestígios do seu rosto), mais uma vez lamentou-se por não poder atirar-se do telhado, como seria normal.

Suas pernas tremiam de tal maneira que teve medo de cair do vaso, sobre o qual se mantinha em equilíbrio. Desde alguns instantes, um espírito maligno parecia ter tomado posse das suas pernas com a única finalidade de contradizer a tranqüilidade da sua alma. Nada mais corria dos seus olhos, todo o mal-estar inimigo se instalara em suas pernas, lhes ordenando fazerem o que bem lhes parecia. A vontade instalada nas pernas estava tão afastada da vontade superior de Ernie Levy, que mal lhe concedia o direito de ainda olhar para os tremores que se produziam embaixo. Mas, temendo que as pernas o fizessem cair do vaso, tomou o partido de descer dali, cuidadosamente, a fim de deixar acalmar a súbita confusão da sua alma.

Depois de poucos minutos, viu-se enumerando maquinalmente os objetos de toalete que se achavam sobre o aparador. A barra do sol não chegando até aquele recanto do lavatório, todos os objetos se achavam envolvidos na penumbra, compondo uma única silhueta que o olho do menino reinventava, escalando os picos, acariciando com displicência as quedas verticais, como se fosse uma cadeia de montanhas. O estojo de barbear parou seu olhar. Este se encontrava na borda extrema do aparador, se projetando sobre o precipício. Repentinamente, o cérebro do menino perdeu toda a sua inquietação, o coração toda a angústia, e ele sentiu que suas pernas e seus olhos estavam voltando a ser seus.

Levantando-se bruscamente, aproximou-se do aparador. Na caixa havia um pacote de lâminas virgens. Cada uma delas fechada dentro de um invólucro protetor. Na palma da mão, a lâmina nua e branca luzia como uma jóia, um camafeu. Era lamentável que nem o patriarca nem o Sr. Levy utilizassem o aparelho de barbear para aparar o contorno de suas barbas. Às vezes acontecia a certas pessoas, num gesto mais brusco, dar talhos no pescoço quando se barbeavam... Há os que reclamam serem tão afiadas as lâminas que é o bastante colocá-la junto à pele para cortar um pedaço da carne. A facilidade da operação presumia que um homem pudesse cortar

seu pescoço sem ao menos sentir cócegas.

Ernie Levy colocou o pulso esquerdo sobre a beirada da bacia; e furando a fina pele azulada com o canto do retângulo de aço, traçou um sulco, o mais profundo que pôde. Quando retirou a lâmina, constatou surpreso que uma gota de sangue pingava do seu canto. No entanto, não sentira nenhuma dor, e em seu pulso ficara apenas o sinal de um filamento róseo: uma arranhadela de mosca, como se diz. Pensou com ironia: uma arranhadela de mosca e, de repente, o sulco se separou em duas linhas, mais finas ainda, que, se afastando alguns milímetros, abriram caminho para um fluxo contínuo de sangue. Então, a operação tivera êxito.

Como o sangue sujava os ladrilhos, Ernie voltou ao vaso e pôs o braço gotejante sobre a reserva de água, a fim de não dar um trabalho inútil à Sra. Levy mãe. Sua mão esquerda pendia, inteiramente vermelha, e o filete de sangue nascia na ponta do dedo médio, pelo mesmo sortilégio que faz correr, pelo bico, o sangue das galinhas degoladas no abatedouro ritualístico. Lembrou-se de que uma vez tinha segurado uma galinha que ia ser degolada. Tão logo foi dado o golpe de navalha, a galinha debateu-se com furor, depois com desolado desespero que lhe agitava as asas, até que parou de debater-se, mas ainda aparentando que tinha vida, pois o sangue é vida, não? Ernie não havia comido dessa galinha nem de quaisquer outras galinhas ou aves posteriores, porque ali ficara sabendo por qual via elas aterrissavam nos pratos... E não havia dúvida de que uma parte do seu ser continuava a debater-se, como a galinha: talvez fosse por isso que as pernas tremiam de novo sob ele...

Sua mão contraída tomava agora nitidamente a forma de um bico sangrando, a chaga aberta do pulso significando o pescoço da galinha; agitando o pulso com os quatro dedos fechados, viu o bico da galinha golpear o ar com pavor e seu olho redondo luzir.

Em que momento a vida deixaria seu corpo?..., eis uma pergunta muito interessante, e Ernie esperou com uma angústia deliciosa o instante em que se efetuariam a passagem. Todas as pessoas tinham terríveis temores da morte, porque pensavam que não se vê mais, que é o silêncio completo, que nada mais vai acontecer. Mas Ernie sabia muito bem que esse tipo de morte é impossível. Tudo continuava como antes, com a única diferença de que não havia mais aquela dolorida vontade de morrer. Não era assim tão desagradável, a morte; e para começar uma nova existência, Ernie

Levy se imaginou sob a forma de uma bolha de água, tão transparente que, esvoaçando ao sol, refletia todas as coisas visíveis. Mas um alfinete espetando imediatamente a bolha, ele se aniquilou em pensamento... Então, desejoso de evitar o alfinete, decidiu que a morte se reduzia ao fato de tornar-se invisível.

- Meus filhos - disse o patriarca de pé na extremidade da mesa, com toda a pompa de uma solenidade religiosa -, meus filhos, nosso bem-amado Ernie nos deixou para um mundo melhor. Ele não queria nos causar sofrimento, ele partiu por causa das joaninhas e de todas as coisas que vocês sabem. Lá onde ele está agora, ele é feliz, e eu estou seguro de que não tira o olhar de nós. Cantemos para que ele não fique triste.

- Eu não posso cantar - disse Mutter Judite.

- Eu também não - falou a Sra. Levy mãe.

- Eu gostava dele - falou Moritz lacrimejando de maneira tão deplorável que Ernie Levy, sentado, embora invisível, no sofá da sala de jantar, sentiu lágrimas invisíveis lhe correrem dos olhos e caírem sobre o assoalho com um floc, floc, floc, inaudível a outros ouvidos que não os seus.

Abrindo os olhos de carne, constatou que o barulho provinha na realidade das gotas de sangue que caíam uma a uma, lentamente, como se a reserva contida em suas veias estivesse a ponto de esgotar-se. A doçura que lhe emanava do pulso era de tal maneira inebriante que todo o organismo se sentia entregue a ela. Era uma sensação que não se comparava a nada, excetuando o prazer de passear com Ilse ao longo do Schlosse olhando às escondidas seu rosto. Ernie imaginou que uma vez morto iria visitar a amiga triste, arrependida, inconsolável. Eu lhe peço perdão, disse Ilse. "Você está sonhando, meu amiguinho", pronunciou Ernie em voz alta, enquanto o marulho do sangue se espaçava cada vez mais, floc... floc... floc... Hoje de manhã o Sr. Geek disse que após a batalha de Verdun os espíritos dos mortos continuavam a combater no espaço; igualmente, os aplausos de Ilse ressoariam eternamente atrás das casas, e nada, nem os remorsos de Ilse, nem a morte de Ernie poderiam fazer com que esses aplausos parassem de ressoar, a cada hora, a cada instante, como estes que agora ecoavam nos ouvidos de Ernie.

Cada gota de sangue era uma carícia para ele. E se, cedendo à deliciosa vontade de dormir, ele despertasse mais vivo do que nunca?... Possuído por uma angústia enlouquecida, o menino reabriu os olhos e se deu conta

de que suas pálpebras estavam abaixadas contra a sua vontade, e de que, traiçoeiramente, deixara-se escorregar até o chão, onde estava sentado, de costas na parede, as pernas nuas mergulhadas numa poça de sangue. Os aplausos de Ilse se modulavam numa música irônica, frívola, uma música de insetos velozes e negros, esfuziantes de maldade, cada nota zunindo em volta dos seus ouvidos para cravar ali, súbito, seu ferrão.

Com o esforço feito para levantar-se, um fluxo de sangue jorrou. Conseguiu colocar um pé na beirada do vaso; e firmando a mão apoiada na esquadria da janela, ergueu-se até colocar o segundo pé. Levando os braços à posição de um mergulhador, introduziu metade do corpo na abertura da janela e se viu suspenso entre céu e terra. O braço esquerdo, que estava pendente ao longo da parede exterior, já deitava sangue até o primeiro andar. Por cima do castanheiro passavam enormes pássaros cujas asas de borboletas azuis, verdes, amarelas reverberavam ao sol como espelhos. Os pássaros-borboletas estavam passando tão depressa que era impossível segui-los com o olhar; eles subiam tão alto, por cima dos telhados, por cima do castanheiro e do menino, que este último riu de si mansamente... Súbito o odor acre do sangue desapareceu, seu braço parou de sangrar, as borboletas sumiram e um canto monótono e cheio de sonho se fez ouvir, enquanto o sol tomava em suas mãos acariciantes o rosto de Ernie; eram as palavras que o patriarca pronunciava todas as sextas-feiras à noite, na refeição solene que abre o Sabá de glória e de paz, as palavras do Poeta: "Vem, bem-amado, ao encontro da tua noiva."

Ernie já escorregava ao longo da parede, mãos para o alto e a cabeça levantada como se quisesse agarrar-se por um minuto à visão do céu, ou como se se recusasse a ver a terra, mais caindo sobre ele do que ele desabando sobre ela, a terra avançando sobre ele, oh, mergulhador profundo dando o salto do anjo, os magros braços como asas... Ernie já havia alçado seu vôo quando seus pés se prenderam no rebordo da janela, retendo-o, por um instante, numa espécie de reflexo irônico, como se sua vontade de viver tivesse se refugiado in extremis naquela parte da sua pessoa, embora inutilmente; ou se, anestesiado pelo sofrimento e pela negação absoluta de si, o horror da morte tivesse despertado bruscamente bem no fundo dele o apego à vida, embora fosse tarde demais.

CAPÍTULO 6

O Cão

I

As estatísticas mostram que a porcentagem de suicídios entre os judeus da Alemanha foi praticamente nula durante os anos que precederam o fim. O mesmo aconteceu nas prisões, guetos, em todos os antros sombrios onde apontava do abismo a cabeça da Besta; e mesmo à beira dos fornos crematórios, “ânus do mundo” segundo um sábio observador nazista. Mas, a partir do ano de 1934, houve dezenas e dezenas de pequenos escolares judeus candidatos ao suicídio; e dezenas deles tiveram êxito.

Então, a primeira morte de Ernie Levy ocupa humildemente seu lugar na estatística, ao lado de dezenas de mortes análogas (embora irrevogáveis). É admirável que no mesmo período em que eles ensinavam o assassinato aos alunos arianos, os mesmos professores ensinavam o suicídio às crianças judias; esse ponto ilustra a técnica alemã, seu extremo rigor e simplicidade, da qual jamais se abriu mão, nem mesmo em pedagogia.

Quando Mardoqueu descobriu, no pátio, ao pé do muro, o corpo inanimado do menino - pássaro fulminado em seu vôo, numa debandada de penas e de sangue -, ele se sentiu verdadeiramente como um louco. Seus tristes olhos cinzentos continuavam secos, pesavam nas suas órbitas como pedras. À medida que ele se aproximava do corpo, seus dentes se aprofundavam mais e mais no lábio inferior; um filete vermelho, depois dois, depois três, desceram ao longo da sua barba quadrada. Ele viu que Ernie estava deitado, o rosto no chão, o corpo encolhido, com os longos cachos lhe cobrindo discretamente o rosto: a morte o surpreendera como se estivesse dormindo. "Oh, Senhor, não foste tu que o verteste como leite? Não foste tu que o coagulaste como um queijo? Escuta, tu o revestiste de pele e de carne, tu o urdiste em osso e em nervos; e eis que hoje tu o destróis..."

Caindo de joelhos, Mardoqueu surpreendeu-se com o zumbido de moscas que rodopiavam em torno do magro cadáver. Uma delas, enorme, esverdeada, pousou gulosamente sobre uma ponta de osso que vazava o cotovelo. Mardoqueu passou seus braços debaixo do corpo quebrado e o

ergueu do leito de pedra e de sangue. "É isso", disse ele ao menino com voz calma, "eu clamo contra a violência e ninguém me responde". Nesse instante, o uniforme escolar levantou-se, abaixou-se, levantou-se, com a regularidade miraculosa dos organismos vivos. Mardoqueu sentiu-se imediatamente tocado de reconhecimento para com Deus tão bom. Assim como estava, dentro do velho roupão peludo, a criança estreitada no peito como uma pequena presa sangrenta atravessou a sala, pôs-se a correr pelas ruas - todos os Levy espantados em seu encalço. Naquela mesma noite, Ernie delirava no hospital de Mainz - seção judia. Fizeram dele um pequeno boneco de gesso. Mardoqueu agradecia a Deus pela graça concedida. Ele lhe agradeceu durante seis meses, um ano; mas quando Ernie voltou a Stillenstadt, foi obrigado a convir que se o Eterno, em Sua misericórdia, devolvera a vida ao Anjinho, não lhe havia devolvido a alma.

Ernie ficou logo sabendo que a morte havia colocado a mão dentro do seu cérebro. De todos os sofrimentos que atingiam cada uma das células do seu corpo preso numa armação de correias, suportes metálicos e múltiplos tubos destilando a vida em pontos recortados no gesso, o mais dilacerante lhe vinha do único olho que redescobria, não somente as formas e as cores do mundo, mas a sua imensa crueldade. No começo, sob o impacto da surpresa, Ernie pensou que Deus se retirara das coisas que agora se mostravam sem cores, sem o menor relevo, como trastes jogados ao acaso no quarto do hospital. Então, ele entendeu que não as estava vendo mais com os olhos mentirosos da alma. E embora sentisse a língua mover-se normalmente na boca, decidiu não mais responder a nenhuma solicitação desse mundo sem graça. "Ele ainda não despertou de todo", falou a voz de Mardoqueu. A cara imensa de Mutter Judite flutuou por cima do globo ocular de Ernie, enquanto cada um dos cílios da velha mulher projetava no espaço uma lágrima de diamante: "Já está acordado, meu amor?" Como resposta, Ernie levantou e abaixou a sua única pálpebra...

Foi assim durante um número incalculável de dias e de noites. Nenhuma palavra podia sair do orifício feito na máscara, porque Ernie retinha todas em sua língua. Somente à noite, em meio aos gemidos e os roncos dos vizinhos, ele implorava a Deus para mudar o governo.

Mas sua oração foi ouvida por uma enfermeira, e como os vivos

pretendiam tirar disso algum proveito, importunando-o cada vez mais, parou de fazer funcionar a língua durante a noite. Nessa época, mais ou menos, num dia em que Mutter Judite se mostrara particularmente insuportável, quando ele a viu se afastando entre as fileiras de leitos brancos, a cabeça baixa, os ombros sacudidos com estranhos sobresaltos, sentiu uma gota filtrar do seu globo ocular e perder-se sob a sua máscara de gesso, onde traçou um sulco muito suave.

Naquela noite, pela primeira vez, o passado de Ernie o inundou como a enchente de um rio, com troncos e árvores arrancados cá e lá, berços flutuando, ventres de animais, silhuetas sobre telhados, Ilse dentro de um barco levada por seres disformes, e a pobre arca de Noé dos Levy que vagava entre o naufrágio, e erguiam os braços para Deus, que deixava cair sobre todos, um olhar incompreensível. As coisas estavam correndo à tona d'água, mas ninguém se dava conta disso. Os companheiros de enfermaria trocavam entre si palavras habituais, referindo-se sempre à vida que tinham levado antes da entrada no hospital ou à outra que iriam recomeçar quando dali saíssem, como se tivessem a segurança formal de que lá fora o rio gentilmente se imobilizava para esperá-los. Ninguém percebia que ele já estava correndo por baixo dos leitos, carregando todo o hospital em seu curso lento e cruel. Acima do leito fronteiro ao dele, Ernie havia notado duas placas superpostas; uma, em faiança, trazia uma grande e bela inscrição: "Fundação Rothschild da Meurthe". A outra, num simples papelão amarelo: "Reservado aos judeus e aos cães". Mas, os doentes nunca se referiam ao papelão amarelo suspenso sobre seus leitos. Eles falavam de lojas a perder ou a salvar, de pernas, de braços, fígados, pulmões, intestinos perdidos ou salvos, passaportes para a Palestina e de mulheres e crianças, alimentos e do sol e mil outras coisas a perder ou a salvar, como se o rio não estivesse levando tudo aquilo em sua imensa onda negra. Prestem atenção, tinha vontade de dizer-lhes Ernie, mas ele se calava porque a morte retinha as palavras em sua língua. E quando os Levy vinham em visita, com as bocas repletas de projetos, de partida para Eretz'Israel, eles também com os olhos cheios de lágrimas sérias e as mãos se torcendo de esperanças: prestem atenção, vocês estão enganados, gostaria de dizer-lhes Ernie, as coisas não são absolutamente tal como pensam, elas são assim e assado etc. Porém, mais do que nunca, se calava, porque na verdade o medo dos Levy não chegava ao cúmulo de descobrir

aquele rio lodoso sob seus passos, em vez da terra firme que imaginavam - tão credulamente, os pobres mortais... Com seu único olho, do abismo ferido do seu olhar, Ernie os via agora a uma distância aterradora, que o separava deles muito mais do que a pequena morte anterior a seu suicídio: uma distância na qual entrava, pouco a pouco, o inexplicável ressentimento que firmava suas raízes na piedade que lhe inspiravam a despeito por motivo? - da cegueira de todos.

A mesma coisa acontecia em relação a Ilse, que ele tentava em vão levar a mal. Às vezes, quando um osso ou outro lhe doía, formulava sobre Ilse julgamentos tirados da retórica de Moritz ou de Mutter Judite: "É uma isso", dizia para si próprio, com uma fervorosa diligência, "é uma aquilo, merece isso e aquilo, Deus a despedaçará como se ela fosse um peixe etc." Mas imediatamente lhe aparecia a corrente que também a estava levando sem que ela soubesse, e todas as sentenças de Justiça davam lugar ao horror de ver a carcaça loura do seu amor flutuando nas mesmas águas, num grito musical. Mesmo quando os aplausos de Ilse o despertavam durante a noite e o faziam voltar aos tormentos dos seus nervos e dos seus ossos, Ernie não conseguia fazer nada mais do que lhe lançar um amargo e longínquo pensamento, suavizado pela comiseração. Porque também Ilse estava sendo levada pela onda gigantesca.

Um dia, a Srta. Blumenthal chegou para uma visita, carregando sua fieira de Levyzinhos. A visão de Ernie pareceu petrificá-la. No meio do seu rosto, o nariz vibrava como uma mosca. Por fim, adiantou-se e acariciou as bochechas de gesso do filho, murmurando:

- Oh, tudo vai acabar bem... Oh, você voltará para casa... Oh, vou fazer para você uma sopa de fárfe1...

Depois, sua mão ficou suspensa num sonho, e uma lágrima se esborrachou sobre a máscara que ela não via mais. As lágrimas da Sra. Levy mãe eram particularmente silenciosas e transparentes. Tinham a propriedade de se esquivarem ao menor olhar, de maneira que Ernie sempre a via com o rosto sereno. Mas naquele dia Ernie viu a gota de luz cair e sua língua funcionou a despeito de si próprio:

- Tudo vai acabar bem - pronunciou com uma voz áspera e dura que o surpreendeu inteiramente.

Porém, lamentou aquelas palavras imediatamente; teve a impressão de que acabava de colocar um pé na velha comédia.

Quando ele retornou a Stillenstadt, após dois anos de cama, ninguém o reconheceu: do cordeirinho só restavam os anéis do cabelo.

Embora descarnado e se arrastando com a ajuda de duas muletas, Ernie saíra do leito com uma estatura mais elevada do que a de Moritz. Uma linha branca, como um arame farpado, atravessava-lhe toda a testa. Uma cicatriz da mesma cor levantava a arcada superciliar direita, puxando a pálpebra e dando ao olho ora um ar de dor, ora uma expressão de frio horror. O outro olho tinha o mesmo contorno suave de antigamente, mas segundo a Srta. Blumenthal, perita no assunto - aquelas alegres estrelinhas, sabem, as do verão, nele não brilhavam mais -, a íris estava agora mergulhada na noite completa. A voz áspera, arrastada, desagradável, Benjamim decidiu que ele lhe lembrava espantosamente a do jovem homem da Galícia.

- O pior - disse Mutter Judite - é o silêncio: durante três dias, nenhuma palavra. Não, Deus não podia...

- Mas pense - interveio Mardoqueu -, pense no milagre, mesmo assim: se eu não estivesse já recolhido por causa de uma febre, não teria ouvido o barulho da queda; e se Deus não lhe houvesse inspirado a idéia de lançar-se pela janela, ele teria perdido todo o seu sangue. E pense também: se ele tivesse sido aceito pelo hospital de Stillenstadt, mesmo sendo judeu, não teria recebido nem a metade do bom tratamento que recebeu em Mainz. E, enfim, se...

Judite perdeu a cabeça:

- Basta, eu lhe peço, basta de milagres. Somos enxotados, perseguidos, as crianças saltam pelas janelas e despedaçam a alma e os ossos; e ele fala em milagres! Quando Deus vai parar de nos miracular dessa maneira?

- Tuh tuh tuh - disse Mardoqueu em tom de reprovação. Ernie descia da escada, ficou imóvel.

- Tuh tuh tuh - repetiu Mardoqueu.

Ora, existe uma multiplicidade tão infinita de tons, árias, cantos, melopéias, mímicas, expressões, sotaques, com os quais o idiotismo "tuh tuh tuh" pode ser pronunciado, dos quais os talmudistas fizeram uma seleção com cerca de 300 variedades, sujeitas ou não a discussão. Mardoqueu caiu justamente sobre o tuh tuh tuh, que podia fazer subir mais sangue ao melancólico rosto de Ernie.

"Senhor, eles continuam inocentes como sempre", disse consigo,

consternado; e com medo de desatar a rir, tornou a subir discretamente para o quarto, a fim de continuar ali seus exercícios de boxe, recentemente iniciados. Desde que se livrara das muletas, tinha se apegado a esse projeto, concebido na imobilidade meditativa do hospital. Tratava-se de atingir uma tal técnica no assunto que o levasse a erigir-se em defensor da arca dos Levy. Estes, segundo decisão sua, passariam a constituir todo o seu universo, dos insetos às estrelas. Eles eram puros, doces e tolos, só sabiam chorar e estender as mãos nuas: ele, Ernie, os protegeria com os punhos. Após a volta do hospital, escreveu num papel, baseando-se em combates assistidos por ele, todos os problemas pugilísticos que poderiam surgir. E dentro do maior segredo, no quarto do primeiro andar, administrou-se a primeira lição de boxe. Havia, diferencou sem tardar, uma maneira engenhosa de aplicar o soco usando todo o impulso do corpo, à qual lhe parecia ser impossível resistir. E um certo movimento lateral do corpo podia também atalhar as manobras do adversário etc. etc. À noite, revia mentalmente suas notas.

Alguns meses depois, considerando-se preparado, Ernie acompanhou o irmão Jacob à escola. O primeiro combate pegou-o desprevenido. Seu adversário - um Pimpfe muito jovem - estava bem na trajetória do seu "direto", não lhe restava mais do que recuar um pouco o braço, a fim de dar ao punho todo o impulso desejável. Mas, justamente naquele instante, não soube muito bem como, um soco inimigo atingiu-o em pleno rosto. Na queda, ele pensou que devia ter esquecido alguma coisa; depois, não pensou em mais nada e notou que para se pôr de pé usava com precisão seus dois punhos e seus dois pés, aos quais, no entanto, jamais impusera uma aprendizagem. Essa primeira vitória tornou-o tão alegre que teve pena do inimigo em fuga.

- Você o pegou, você o pegou - não parava de esganiçar Jacob em êxtase, diante da técnica do misterioso irmão mais velho.

- Eu o peguei, sim - disse Ernie num tom singular.

Em outro dia, ao longo de um ataque pela retaguarda, ele avistou um pedacinho de céu, muito alto; imediatamente, mergulhou seus olhos nos olhos de um dos atacantes e, imaginando que eles eram tão meninos quanto ele, levados pela grande vaga, diante daquele olho aberto e imutável, deixou cair lamentavelmente os braços ao longo do corpo... Essa desventura se repetiu. À distância, fervia de esplêndido ardor; mas no fogo

do combate, os "grandes pensamentos" se afastavam dele que abaixava incontinenti as armas... Quando Jacob se queixou, tentou acender seu ódio, fez o seu aprendizado. Uma a uma, enumerou todas as razões passadas e presentes para execrar os Pimpfe; mas lhe pareceu que, fossem os motivos tão numerosos quanto são as estrelas no céu, eles não lhe provocariam o sentimento desejado. Chegou ao ponto de repetir para si próprio que os Pimpfe eram animais com aparência humana, no que chegou a acreditar. Mas sempre um pequeno detalhe vinha desmoralizar o belo edifício: o brilho infantil de um olhar, o muxoxo de um lábio ou simplesmente um pedaço de céu se introduzindo entre os combatentes. Usou de um stratagemma incrivelmente sutil. Quando estava acompanhando Jacob, franzia levemente os olhos a fim de ver todas as coisas através de um nevoeiro; mas aconteceu que não podia odiar uma silhueta. Tudo isso não deixava de inquietar Ernie intensamente, sobretudo no que se referia ao futuro da frágil arca conduzida pelo patriarca. Lampejos de vergonha o atravessavam. Julgava-se um traidor da causa dos Levy. Sua língua mais uma vez se tornou pesada.

II

No dia 6 de novembro de 1938, um adolescente judeu, Herschel Grunspan - cujos pais acabavam de ser deportados para Zbonszyn -, comprou um revólver, aprendeu o seu manejo, apresentou-se na Embaixada da Alemanha em Paris e matou, a título de vítima expiatória, o conselheiro de primeira classe Ernst von Rath. A notícia espalhou-se rapidamente por todos os centros judaicos da Alemanha. Os fiéis se trancafiaram com presteza e lançaram aos céus as mais dilacerantes preces: depois, eles esperaram a tempestade. Em Stillenstadt, às 5 horas da tarde, foi visto um primeiro grupo de nazistas em perseguição.

Naquela noite, toda a família se reunia na cozinha em volta do pequeno fogão de três pés, último vestígio de um conforto perdido. Sobre a mesa, o velho lampião de querosene trazido de Zemyock queimava sem convicção; e, à espera do prato único de feijão, as crianças roíam avidamente as castanhas que Mutter Judite retirava com respeito das chamas da brasa. Seus rostos estavam cansados, suas roupas, gastas, e a fome crônica as tornava silenciosas, apesar do enclausuramento.

Ernie apareceu no vão da porta, o rosto azul e coroadado de neve.

- Moritz, papai, avô, Mutter Judite - enumerou calmamente. E, lançando um olhar inquieto para os menores, pediu aos adultos que o seguissem até à sala de jantar.

- E eu? - disse a Srta. Blumenthal.

Maquinalmente, Ernie levou o dedo à sobrancelha e o deixou correr ao longo da cicatriz que traçava uma linha rosada até à têmpora.

Com seu blusão recortado de um cobertor, a penugem já lhe sombreando o contorno do rosto, agora tão pálido e devastado quanto o de Mutter Judite, e o jeito lento, positivo e secretamente recolhido dos seus grandes olhos de águia negra, ele parecia naquele momento ser um jovem operário judeu de Varsóvia ou de Bialystock; bem firme no alto da sua cabeça, a boina fazia às vezes de solidéu.

- Não, mamãe, você não - disse com um sorriso triste -, é só para gente grande.

Os convocados atravessaram a obscuridade da sala de jantar, onde Ernie, levantando uma ponta de cortina, lhes mostrou uma luz avermelhada do outro lado da rua, na entrada de um corredor. Uma centelha rápida luziu um pouco mais longe, logo substituída pela pastilha vermelha que faz um cigarro aceso à noite.

- Há outras - disse Ernie. - Veja, lá e lá...

- É para nós? - perguntou Mutter Judite.

- Para quem, então? - respondeu Ernie. - Eles esperam um sinal... Mas vejam, eu encontrei algumas barras de ferro.

- Mas para quem? - disse friamente Mardoqueu. - Nem o ferro nem o fogo nos arrancarão das mãos de Deus. Vamos comer.

Todos voltaram à cozinha. A Srta. Blumenthal, que escutava na porta, recuou envergonhada. O jantar foi particularmente silencioso. Uma tormenta havia passado, abandonando farrapos de ar negro que não favoreciam a conversa. Mutter Judite tinha sobre seu prato o olho direito, e com o esquerdo vigiava as crianças assustadas; o patriarca estava petrificado e de quando em quando deixava sair do seu ventre de estátua um ronco áspero; o Sr. Levy pai calculava os prós e os contras de não se sabe o quê; e a Sra. Levy servia os pratos com olhos esgazeados, negros olhos de uma fêmea dolorida. Quanto aos pequenos, conscientes da ameaça, eles se faziam mais pequeninos ainda, inexistentes.

Mesmo a presença de Deus na extremidade da mesa não foi suficiente para conter a língua de Mutter Judite:

- Aqui está a mesa - disse ela enfaticamente -, o pão e a faca... e nós não podemos comer.

- Que podemos fazer? - suspirou a Srta. Blumenthal; seus lábios estavam atilados por causa da emoção. - Deus não vai ter piedade das crianças?

E como ela ameaçava continuar com a vituperação chorosa, o patriarca interrompeu bruscamente:

- Deus faz o que convém a Deus, mas uma moeda numa garrafa vazia faz tlim-tlim...

E o ancião a encarou com tanta severidade que ela não teve como equivocar-se quanto ao alcance e a significação da garrafa vazia e voltou humildemente para o fogão, seu reino.

- Ai, ai - exclamou de repente Mutter Judite -, a Sra. Wasserman disse que nenhum país do mundo nos aceita mais! Mesmo nos mais distantes, onde vivem os selvagens, África ou Ásia, não sei bem onde, nos recusam visto. E a Sra. Rosenberg falou esta manhã à Sra. Wichniac que os ingleses não permitiam mais do que duzentos judeus por mês na Terra Santa. Estão ouvindo? Do mundo inteiro, apenas duzentos judeus por mês; e quantos judeus alemães e austríacos, pobres de nós, e quantos Levy?... E não é só isso, parece que esses mercadores de homens só aceitam os ricos; cada um deve mostrar pelo menos mil libras na fronteira.

- Não há fronteira alguma - disse Benjamim. - Somente mar.

- Quer que seja mar?.. pois que seja - exclamou a velha, inflamada de amargura. - Mas ele custa mil libras, meu amigo. E na América, na África, na Ásia, sei eu lá, idiota como sou, se eles andam sobre a terra ou sobre o mar? Tudo o que sei, tudo o que me importa, é que é preciso ter mil libras para chegar lá. Sim, para um judeu pobre, terra ou mar, América ou Palestina, sol ou lua, tudo se resume em mil libras. Deus, Deus, Deus, o provérbio diz bem: a pobreza vai aonde vai o pobre. Se for preciso partir, para onde iremos nós? Para o fundo do mar, com os peixinhos?

- E na França? - perguntou Benjamim com uma voz na qual não havia mais traço de ironia.

- Eles gostam de nós como os outros povos, ah! miseráveis que somos!... Na França há mais um outro problema: a Sra. Wasserman disse que os franceses não suportam, mas não suportam mesmo, os alemães!

- Mas não somos verdadeiros alemães - disse a Sra. Blumenthal com um ar cândido -, pois não somos judeus?

Benjamim não pôde deixar de sorrir diante de tamanha ingenuidade, delícia do seu espírito contemplativo e respeitador de todas as fantasias do Criador:

- Mulher, oh, minha mulherzinha - respondeu-lhe docemente, entre risos contidos dos mais velhos -, você sabe muito bem que, para os alemães, nós somos unicamente judeus, e para os franceses, unicamente alemães. É possível entender semelhante coisa? Somos sempre o que não devemos ser, em qualquer parte: judeus aqui, alemães lá...

- ... E pobres dos dois lados! - exclamou Mutter Judite, que dificilmente perdia de vista uma idéia.

A Srta. Blumenthal começou a lamentar:

- Meu Deus, eu tenho uma cabeça tão pequena, uma cabeça tão pequenina! Então, que podemos fazer? - acrescentou, cruzando as longas mãos sob a redondeza crônica de seu ventre, como para tranquilizar a criança dentro dela.

- Vamos esperar um pouco - disse o patriarca.

- Vamos gritar - disse Levy pai, secamente. - Como faziam em Proskurow. Deus de misericórdia! Esse homem é capaz de brincar até no cadafalso!

Diante daquelas palavras, Mardoqueu levantou-se pesadamente, e inclinando o corpo, as duas mãos juntas como as de uma fazendeira enxotando os pintos, fez sair uma a uma toda a criançada, que colocou sob o comando de Ernie, o condutor da vela. Fechando depois a porta da cozinha, pousou sobre Judite a pesada angústia dos seus olhos cinzentos:

- Não é absolutamente uma brincadeira - explicou um tanto constrangido. - Os judeus de Proskurow gritaram durante sete noites. Sim, o rabi de Cszeln contou que as casas do gueto eram um só grito, imenso, de alto a baixo. Era o cossaco Chelguine. Ele vinha todas as noites com sua Guarda Branca - que o Eterno esqueça seu nome -, então, ruas inteiras começavam a gritar, uma após outra, nossas mulheres judias eram escutadas a muitas léguas de distância. Mas o milagre aconteceu: os bandidos chegavam e tornavam a partir... por causa dos gritos. É uma história bem conhecida, você sabe - terminou ele, com ar preocupado.

A Srta. Blumenthal colocou suas mãos na garganta:

- E... e na sétima noite? - disse ela com um suspiro estrangulado. Mas nem

o patriarca, nem Benjamim pareceram ouvir esta pergunta; e sem dúvida eles achavam inconveniente especificar o que aconteceu em Proskurov, naquele fim de ano de 1918, na sétima noite dos clamores judaicos...

Houve um silêncio.

- Vocês sabem? Estou começando a ter verdadeiramente medo - disse Mutter Judite sorrindo para a nora. - E me pergunto: é melhor ser alemão na França do que ser judeu na Alemanha? Sei muito bem que é a corda ou a força. Mas, em todo caso...

Cotovelos na mesa, e o rosto apoiado sobre suas pesadas mãos, Mardoqueu parecia contemplar o nada de todas as coisas. Súbito, murmurou com ar alucinado:

- A noite se adentra, e esses animais rondando lá fora.. E nossos pequeninos, nossos pequeninos...

- Quer que eu saia para ver? - disse Moritz.

- Não, não seria um luxo que...

Voltando à conversa, e tirando um a um os pensamentos do cérebro, com aquela dificuldade física da memória de um velho:

- Ah, nós estávamos falando em partir para a França - murmurou com desânimo -, hein, hein? Acho que ainda não é hora de sair. Amanhã os alemães se acalmarão e os franceses erguerão a espada de Deus: que ganhamos nós deixando Zemyock? É sabido que os maus servem aos desígnios do Senhor, e tudo o que acontece é uma punição; como querem escapar Dele? (Que seu nome seja bendito por todos os séculos, amém.)

Eu conheço os alemães, eles não são selvagens de todo, não são ucranianos; eles nos tomarão tudo, menos a vida. Então, eu digo para vocês: paciência, filhos, oração e paciência.

E se interrompendo bruscamente o velho lançou um rápido olhar angustiado na direção da porta:

- Ai, ai - deixou escapar amargamente Mutter Judite -, conheço os alemães, ai, não são selvagens, nem ucranianos...

Depois, querendo também ela esquecer a sua apreensão, continuou, num crescendo de cólera:

- Ah! Vocês, homens, falam, discursam e a verdade corre das suas bocas como mel. Posso não ser uma inteligente; mas quero cair morta aqui mesmo, no momento em que você disser uma palavra sensata nesta noite! E que a raiva me sufoque agora se...

- Basta - cortou Mardoqueu.

Sacudindo sua barba, ele resmungava indignado:

- Numa noite como esta... praguejar assim...

Judite não ousava olhar o rosto, onde o frio desespero judaico estava estampado; porém, se curvando sobre a mesa, tocou com um dedo maternal a fronte do velho e sussurrou carinhosamente:

- Não vai lhes acontecer nada, eu garanto: que pode acontecer com crianças? E eu lamento o que disse há pouco, eu lamento, meu amigo, meu velho amigo... Isso nunca mais acontecerá, nunca mais!

E arrebatada pelo ímpeto de boa vontade, acrescentou ingenuamente:

- Quero virar um sapo se tornar a praguejar!

Mardoqueu levantou os ombros, resignado.

- Não, não - disse ele -, pode praguejar à vontade, eu lhe suplico. Ele passou uma das mãos sobre os olhos embaciados de cansaço; depois, de repente, firmou seus punhos de lenhador sobre cada uma das suas órbitas, como escondendo o rosto da luz.

- Meus filhos - murmurou ele com uma voz estranha -, meus queridos filhos, há dias em que eu não compreendo muito bem a vontade de Deus. Nesses mil anos, quantas de nossas mulheres e de nossas crianças sofreram o martírio nas terras da Europa - não com a consciência tranqüila dos Justos, mas com a aterrorizada pequenez de espírito das ovelhas? Para que servem - continuou o ancião com voz sofrida - os sofrimentos que não sejam para a glorificação do Nome... Por que as perseguições inúteis?

Exalando um suspiro rouco, o velho judeu começou:

- Mas, acima de tudo, não somos nós os judeus o tributo de sofrimentos que o homem... oh... oferece a Deus?... Oh, louvado seja seu nome... Oh, seja abençoado...

- Ah, querido papai - disse então Benjamim, compungido -, se tudo isso fosse a vontade de Deus, quem não se alegraria? Mas eu acho que somos a presa de malvados, simplesmente uma presa. E me diga, amado papaizinho, o frango se rejubila de servir à glorificação do Senhor? Não, isso você não ignora; o frango se entristece e... com razão, por ter nascido frango, sido degolado como frango e degustado como frango. É essa a minha opinião sobre a questão judaica.

- O Messias... - começou Mardoqueu sem convicção.

- Ah! O Messias - disse Judite mordazmente, a cabeça oscilante e os olhos

cheios de sonho. - Sim, sim, você tem razão, meu amigo, o Messias deve estar pronto para descer. Quem sabe? Hoje, amanhã. Precisamos tanto de ajuda, se ele não vier, quem vai nos ajudar? Querem saber de uma coisa, meus pombinhos, sinto qualquer coisa no ar...

- Talvez ele esteja por trás da porta - disse a Srta. Blumenthal. Maquinalmente, todos os Levy se voltaram para o Messias.

No dia 10 de novembro de 1938, à 1h20, Joseph Heydrich, chefe da Geheime Staatspolizei, anunciava por telegrama às diferentes seções que demonstrações antijudaicas "eram esperadas" em todo o território do III Reich. Às 2 da manhã, sob o manto gelado do céu, um grito estridente eclodiu em pleno centro de Stillenstadt, um grito que persistiu e que bruscamente se alongou e se alastrou pelas ruas, à luz de dezenas de tochas, tantas quantas eram as pupilas cheias de ódio. Parecia que estava acontecendo um carnaval noturno. Por cima dos judeus era o vazio de um céu de inverno, e em volta deles somente o crime. Os gritos, se respondendo de casa a casa, sustentavam um diálogo infernal. A Riggerstrasse fulgurava como se fosse em pleno dia. Uma fogueira de livros judaicos se elevava como chama purificadora. Máquinas, tecidos, até o berço do último Levy por nascer, toda a loja de Benjamim, tudo se espalhava pela calçada, entregue à pilhagem geral. Escondido atrás do postigo de uma janela, Benjamim declarou-se particularmente penalizado por reconhecer uma antiga prática: de animais selvagens, enunciou sabiamente o patriarca.

Quando as primeiras pancadas violentas sacudiram a porta que dava para o corredor, Benjamim propôs pregar ali novas tábuas atravessadas; depois, encolhendo os ombros, Mardoqueu se decidiu a voltar ao sótão, onde toda a família já estava refugiada. Fechada a porta, o patriarca deu uma volta com a chave. Uma claridade vespéral filtrava da clarabóia sobre o grupo dos Levy, petrificado pelo medo intenso que fazia entrechocarem os dentes da Srta. Blumenthal dentro da escuridão. As crianças estavam encolhidas em torno das suas saias, enquanto Mutter Judite, um lenço suavemente pressionado sobre a boca do bebê deitado em seu colo, continha o vagido preso em sua garganta. O rumor lá embaixo cresceu, inflou, estourou num fragor de vidros. Mardoqueu aproximou-se dos seus livros sacros empilhados e, com os dedos cegos, assegurou-se mais uma

vez de que nenhum deles fora abandonado à pilhagem. Como lhe ordenara o patriarca, Ernie carregava em seus braços os rolos da Lei, confiados à guarda dos Levy depois do incêndio da sinagoga. Mardoqueu colocou os cornos dos filactérios sobre sua fronte, cingiu os pulsos com o cordão sagrado e, recobrindo a cabeça com o grande xale de oração, ficou imóvel, só os lábios se movendo - montanha adormecida se recortando na sombra do sótão. O pequeno Jacob sentiu um grito lhe formigando sob a língua.

- Mamãe - ele gemeu de repente -, eu acho que vou gritar. Pode pôr a sua mão sobre minha boca também?

Ernie entreviu vagamente o gesto da Srta. Blumenthal, mas logo um grito recobriu tudo:

- Eles estão lá em cima! - exclamou uma voz aguda na escada.

Ernie repôs os rolos da Lei sobre o assoalho e segurou uma das barras de ferro que reservara para aquela circunstância. Vendo aquilo, o patriarca avançou em sua direção, sacudindo-o.

- Para salvar a sua vida - disse - quer perder a razão de viver?

Pancadas ressoaram na porta do sótão. Seguiu-se uma viva troca de palavras, e a voz do velho colchoeiro da Riggerstrasse atravessou a madeira, trêmula e suplicante:

- Sr. Benjamim, ouça, eles estão muito nervosos, é preciso entregar ao menos os livros de oração para a fogueira da rua. Ao menos isso, Sr. Benjamim...

- Somente os livros? - perguntou Benjamim.

- Primeiro os livros - disse uma voz em tom de zombaria.

- Não - respondeu o colchoeiro -, os livros e basta. Passarão sobre meu cadáver... - começou ele, depois sua voz se perdeu entre altercações recomeçadas no patamar.

Mardoqueu abaixou-se, pegou a barra de ferro abandonada por Ernie e, com passo lento, mas espantosamente firme, alcançou o limiar da angústia. Ele mantinha a cabeça erguida, e seu porte agigantado mostrava um leve tremor nos ombros; quando se voltou para o grupo que se amontoava e gemia no escuro, Ernie reparou que seus dentes, completamente a descoberto por um ricto, luziam com um brilho prateado, enquanto uma espécie de riso amargo dali saía incessantemente, misturado com as palavras quase dementes que pronunciava:

- Há mil anos, eh, todos os dias, os cristãos tentam matar-nos, eh, eh!, e

todos os dias nós teimamos em viver, eh, eh, eh!... E todos os dias nós conseguimos, meus cordeiros. Sabem por quê?

De repente, de pé junto à porta, a barra de ferro suspensa, filactério e xale de oração se despencando em sua exaltação:

- Porque jamais entregamos os livros - exclamou com espantosa força -, jamais, jamais, jamais!... Preferimos morrer - acrescentou, enquanto a barra de ferro arremessada como um machado fendia a porta com estrondo ensurdecedor. - Daremos nossas vidas eh, eh concluiu naquele ritmo delirante em que a violência se confundia com o descontrole do desespero. Afastando a barra de ferro, continuou plantado na frente da porta escancarada, pernas abertas, como um lenhador procurando apoio e firmeza em seu machado. Um raio de luz entrava pela abertura da porta. Clamores ressoaram novamente, porém desta vez na escada, hesitantes e sufocados. O suor que cobria o rosto do patriarca fazia brilhar as pontas dos seus pesados bigodes; mas Ernie logo notou que esse suor vinha dos seus olhos lacrimejantes de tristeza, na realidade, enquanto sua boca murmurava:

- Que vergonha, na minha idade, que vergonha...

Daqueles minutos Ernie jamais conseguiu reencontrar o nexos das coisas. A sua memória lhe compensou a confusão gravando detalhes meticulosos do cenário e dos personagens. Como a pérola de suor verdadeiro na ponta do apêndice nasal do Sr. Levy pai, tão torturante quanto aquelas gritarias de morte na escada; de dar frêmitos, luzidia, mais do que as pedras do calçamento aparecendo de repente na porta; mais maléfica do que o silêncio inaugurado com a suspensão do pogrom.

III

No dia 11 de novembro de 1938, mais de dez mil judeus, no único campo de Buchenwald, eram recebidos com as costumeiras cortêsias, enquanto um alto-falante proclamava: "Ao judeu que queira enforcar-se roga-se que tenha a bondade de colocar um pedaço de papel com o nome em sua boca, a fim de que possamos saber de quem se trata". No dia 14 de novembro, toda a família Levy, sem faltar ninguém, e empunhando a bandeira de errantes, atravessava a ponte de Kehl com o pouco que lhes restava nas mãos.

Seis semanas depois, os Levy interpretaram o seu pogrom como um peteleco francamente providencial; Mutter Judite viu nele nada mais do que a mão de Deus. Mas na verdade a razão remota era que a Alemanha estava devolvendo o seu troco a tudo aquilo que sob a abóbada celeste tinha o nome de democracia e que a condenava, em represália contra o seu anti-semitismo, a conservar seus judeus. A punição era sábia. Era aplicada no instante preciso em que, impaciente e sufocado com seus judeus, o nazismo abria Hamburgo à emigração judaica. As dezenas de milhares de judeus alemães que afluíram a esse porto tiveram como obstáculo a palavra de ordem das democracias: nada de visto. Um punhado deles lançou-se ao oceano; por razões humanitárias, não foram afundados, porém, foi-lhes permitido morrer ancorados em Londres, Marselha, Nova York e Tel-Aviv, e Málaga e Cingapura, e Valparaíso e todas as âncoras que eles desejaram.

As regras democráticas não prevendo funerais, os piedosos judeus alemães foram enterrados, como melhor solução, no mar. Somente os nativos da ilha de Bornéu, ávidos por novas cabeças, concederam a autorização para inumar; mas impondo como única condição o direito de retirar as mais belas "barbas" do lote. Chamado telegraficamente para consulta, um famoso talmudista do Novo Mundo matou, se é permitido assim dizer, a questão da seguinte maneira: Que elas sejam cortadas, Deus - bendito seja seu nome - as restituirá.

Como uma arca dos tempos modernos, o Saint-Louis fez duas vezes a volta da Terra sem ver nascer uma flor para suas mulheres, um sorriso para seus filhos, uma lágrima para seus velhos. Os corações democratas se fecharam. Após uma bela viagem, todo o grupo voltou para Hamburgo, a fim de acabar seus dias na terra natal. Assim, jamais houve um embargo tão admiravelmente observado. E viva a democracia, exclamaram as democracias. Mas, imediatamente: Abaixo a demobolchoplutojudeonegromongolo... cracia!, brutalmente respondeu o cabo que indignado faz "negociar" cem mil judeus imediatamente, a começar por aqueles do Saint-Louis. Shocking, shooooocking, ulula em resposta o editorialista do Times; e com a intenção de dar início a esse regime não constitucional segundo as regras do cant internacional, a Real Esquadra botou a pique por oito braços um pequeno navio de crianças judias que se aventurou no limite das águas do Britannic Mandat of

Palestin; mas após as advertências de praxe.

- Então os nazistas estão em toda parte? - disse a Srta. Blumenthal.

Pelo menos os bárbaros ainda não tinham atingido as doces margens do Sena, onde ainda as horas passavam tão tranqüilamente que os Levy se chocaram. Como podem existir oásis? Deus estava traçando linhas de demarcação sobre o globo terrestre, decretando: Aqui você poderá ser enforcado a qualquer hora, e lá somente nas horas das refeições; mais longe, cabeças serão cortadas, e em que lugar estará a França...?

- Que estúpido vegetal sou eu - disse Benjamim.

- E o que está pensando? - perguntou Mutter Judite.

- Se eu tivesse escolhido a França em Varsóvia, em 1921, sem nos darmos conta disso, teríamos sobrevoado um deserto de lágrimas e de sangue. Não teríamos conhecido Stillenstadt e suas delícias. E, no entanto, me ofereceram a França num prato, como um belo ovo do jardim do Éden. E eu disse: não, não suporto esse prato, meu estômago o proíbe. Oh, estúpido vegetal...

- Não teríamos - disse a Srta. Blumenthal- conhecido toda a miséria que conhecemos.

Benjamim encarou-a com um olhar perplexo, Mardoqueu disse sorrindo:

- Se não tivesse escolhido a Alemanha, não teria encontrado o jovem da Galícia, que não teria instalado você em Stillenstadt, onde não teria conhecido uma certa Srta. Blumenthal, a qual não lhe teria dado os mais belos filhos do mundo. Temos agora tudo isso e mais a França. Bendito seja o nome Daquela que vive na eternidade. Amém.

Essas considerações eram tecidas numa elegante residência dos arredores de Paris, onde o Comitê Judaico de Acolhimento instalava, de qualquer jeito, uma dezena de famílias refugiadas. A cidade se chamava Montmorency, a casa tinha o nome de Ermida, e o secretário da prefeitura queria obsessivamente fazer crer aos exilados que ela outrora abrigara um distante confrade intitulado Jean-Jacques Rousseau. Mas a proximidade de espíritos ainda mais ilustres, como o Grande Maggid de Zloczow, ou o rabi Yitzak de Drohobicz, não iria inibir os refugiados de saborear o delicioso e suave frescor que reinava no fundo do jardim, a qualquer hora do dia, sob a abóbada de folhagem que contornava em nicho o velho banco de pedra, onde mulheres tricotavam com a boca e com os dedos,

deixando exalar, entre uma malha e uma frase, um profundo, grave e grato suspiro judaico.

- Mas - admitiu uma das comadres - se eu ficasse sabendo que, por exemplo, o Baal Shem Tov em pessoa, ou o doce rabi Abraham, o Anjo, ou um Justo qualquer de Zemyock sentou-se aqui mesmo neste lugar onde estão nossas gordas nádegas, eu iria provavelmente cair morta de vergonha.

Mutter Judite não disse nada.

Vivia aquele grupo de pessoas com os subsídios arrancados do Consistório de Paris. Mutter Judite particularmente fazia prodígios. Ela pechinchava com tal autoridade, dosando a ameaça e a súplica, o coração de Deus e o castigo do Juízo Final, que não havia repartição de onde ela não arrancasse qualquer coisa.

- Lembre-se - dizia ela junto à porta -, você é que tem de agradecer-me. Porque está escrito: Aquilo que você dá, Deus lhe devolverá centuplicado. Tudo o que tenho a dizer é simplesmente: até a próxima vez...

Mas essas manobras lhe custavam mais do que ela dava a entender, e foi derramando algumas lágrimas que ficou sabendo da admissão de Benjamim num ateliê judaico de confecção. Moritz o seguiu logo depois, no mesmo estabelecimento, como prensador e submaquinista, E depois Ernie, contratado na qualidade de ciclista mensageiro. Chegaram a tal abundância que só comiam quando estavam realmente famintos. Mesmo o ventre insondável de Moritz, que no princípio só se movimentava abarrotado de gulodices - até dentro da camisa ele as escondia -, teve de contentar-se com um croissant, tirado eventualmente do bolso, no qual ele dava uma leve dentada nostálgica. Todas as manhãs, seguidos pela admiração de toda a família, os trabalhadores tomavam, na estação de Montmorency, o trenzinho poeirento e tonitruante que os franceses chamam tacot, a fim de distingui-lo daquele que de Enghien-les-Bains conduz até à Cidade-Luz. O tacottinha a vantagem do segundo andar, e sacudindo de fazer medo, permitia à imaginação judaica vogar sem riscos num oceano em fúria. As pessoas costumavam encarar nossos três heróis, porém ninguém os insultava, e não deixavam transparecer algum desejo de lhes cuspir no rosto. No cuminho de volta, eles entravam em qualquer padaria, ora em uma, ora em outra, para variar de gosto, e, sem o menor empecilho, compravam-se daqueles pãezinhos de leite com o cheiro bom

de farinha francesa, deliciosos de serem saboreados no topo de um trenzinho enfurecido, enquanto a paisagem se estende a seus pés, como um tapete de luxo. Uma coisa comovente: às vezes, um freqüentador habitual do percurso lhes fazia um sinal amável com a cabeça; e eles respondiam à saudação com uma reverência, enquanto Benjamim, apertando fortemente as mãos dos filhos (já o passando, em tamanho, de uma cabeça), cochichava em ídiche como se fosse a derradeira revelação:

- Meus pombinhos, viver é isso.

Às vezes, no domingo, Ernie acompanhava o patriarca nas reuniões da Associação Parisiense dos ex-Habitantes de Zemyock. Ela contava com 17 membros naquela época; mas como nem todos conseguiam se acomodar no acanhado espaço que servia de sede social, a reunião transcorria parte no patamar da escada, parte na calçada da rua des Ecouffles. Convidado apenas por proteção, Ernie jamais passara do patamar. Mas enquanto o patriarca palavreava majestosamente na "mesa" e pela enésima vez recusava a presidência da Associação, Ernie se misturava com o povaréu da rua pescando os mexericos, as lembranças, as historietas douradas de Zemyock, que na boca dos imigrados parecia uma vasta metrópole, uma autêntica cidade-luz, diante da qual Paris merecia muitas vezes epítetos ridículos. Mas ocasionalmente as conversas caíam nos acontecimentos da Alemanha, da Áustria, da Tchecoslováquia, o "mal dos tempos" penetrava nas entranhas de Ernie como uma agulha.

- Sabem do que mais - dizia então alguém -, é melhor falarmos de coisas mais alegres: que há de novo sobre a guerra?

Ernie ria também, enquanto a agulha entrava devagarinho nele, pelo apertado caminho da sua garganta; "não convém pensar", dizia consigo rindo, "não convém ver, não convém ouvir os gritos".

Sabendo-se esperada, como uma soberana, a guerra chegou. Mas se fez preceder por arautos sinistros: a multidão de máscaras para gás que os operários do tacot traziam a tiracolo, como um novo estilo de mochilas. Quando ficou patente que os refugiados da Ermida - todos portadores de um passaporte com a suástica, embora com o acréscimo: Judeu - não estavam incluídos na distribuição dessas salutareis focinheiras, uma lufada fria colheu os Levy.

- Mais essa - disse Benjamim.

- Que grande Deus é o nosso - declarou Mutter Judite - e como ele conduz o mundo estranhamente!

- E você - disse Mardoqueu -, que grande boca tem; e quantas vezes você abre essa boca, meu Deus; e você sabe o que sai da sua boca? Fogo, labareda, enxofre e pez!

Mas quando vieram as convocações, e as visitas domiciliares, as perquirições, os interrogatórios velados, ele teve de admitir que, aos olhos da nação em pé de guerra, os doces Levy de Stillenstadt começaram a ser terrivelmente olhados como inimigos. No mês de agosto apareceram os primeiros cartazes do medo: "Atenção, ouvidos inimigos estão escutando..." Ninguém cumprimentava mais os três estrangeiros no tacot. No principio eram mexericos, murmúrios. A palavra internamento estava em todos os lábios, mas ninguém ousava pronunciá-la. Uma manhã, os três viajantes encontraram o pequeno trem efervescente. Jornais passavam de mão em mão. A guerra tinha sido declarada.

No saguão da Estação do Norte, Ernie sentiu um leve mal-estar; Moritz ofereceu-se para acompanhá-lo, mas para satisfazer a insistência do "doente" deixaram-no num barzinho. Mal o irmão Moritz e o pai Benjamim se afastaram - suas silhuetas por trás da vidraça se diluindo entre a multidão cinzenta e azul de trabalhadores suburbanos -, mal desapareceram, definitivamente, do seu campo visual, Ernie se levantou, os olhos inquietos, mas o corpo subitamente firme e altivo. Meia hora mais tarde, transpunha o animado portão da caserna de Reuilly, tomando seu lugar na fila cosmopolita de voluntários.

- Tem sorte - disse o sargento -, cabe certinho nos limites de idade.

- Uma sorte como essa - disse Ernie - é rara.

- Tem certeza de que quer ser padioleiro? Você sabe, não lhe darão um fuzil.

- Sei disso - disse Ernie. - Pior para mim.

- Bem, que instrumento toca?

Com a caneta em posição de sentido, o militar olhava imperturbável a ficha rosa de alistamento; "se ele quer gracejos, então vamos gracejar", pensou Ernie.

- Tambor - disse com uma alegria forçada.

- Não há do que rir - disse o sargento. - O seguinte.

Lá fora, uma velhinha alfinetou-lhe um distintivo engomado e patriótico

no peito; quando lhe agradecia e se afastava confuso, ela o deteve pela manga:

- Um franco e 25 pelas insígnias Napoleão.

Ele chegou a Montmorency de manhã cedo. O secretário da Prefeitura abriu grandes olhos, mas dobrou-se às exigências bem pouco banais do glorioso recruta. Querendo evitar algum encontro fortuito, ele percorreu a pé as duas léguas que o separavam de Enghien. Algumas bandeiras coloriam as fachadas das casas, enquanto os tan-tara-tans do carnaval patriótico escapavam das janelas abertas sobre a suavidade infinita do céu, onde pequenas nuvens brancas pareciam escoar, sobre as casinholas em guerra, sua leitosa paz. Uma menina bateu palmas para ele. Ernie se lembrou do distintivo tricolor na sua lapela; "deixe-me ver", disse consigo, "qual é a sensação de se ter uma pátria..." Um círculo abriu-se em torno dele no trem que corria para a capital. Uma mulher gorda debruçou-se por cima dos ombros de um vizinho e, observando o rosto devastado de Ernie Levy, disse, com uma voz acidulada:

- Não se pode saber se ele está indo para a guerra ou se volta dela... Alguém mandou que ela se calasse. Ernie sorriu.

Viu-se de novo no bar em frente da Estação do Norte, e se acomodou na banquetta, onde os adeuses secretos foram dados.

Com a ponta de um dedo, acariciou o canto da mesa onde três horas antes a mão curta, vermelha e gorda de Moritz se apoiara. A dona do bar lhe trouxe papel de carta e disse:

- Então, poilu, escrevendo carta para a namorada antes de partir?

- É uma obrigação militar, não? - disse Ernie com um estranho sotaque, em que as fugazes vogais do ídiche lutavam com as lentas palatais alemãs. Começou uma primeira carta que rasgou porque sua letra estava ilegível. Quando conseguiu dominar o tremor da mão, o rápido e desordenado vôo dos seus pensamentos obrigou-o a tentar uma terceira vez. Então, aplicando-se em desenhar um a um os belos caracteres hebraicos, e refreando cada um dos movimentos da sua alma, ele escreveu a seguinte missiva: "Queridos pais, avós, irmãos e irmãs muito amados. Uma vez mais, eu estou lhes fazendo sofrer. Quando receberem esta carta, já estarei numa caserna francesa. Não me perguntem como isso aconteceu, não me levantem nenhuma questão, não queiram saber de nada. Moritz e papai sabem que nesta manhã tive uma pequena vertigem; quando me senti

melhor, caminhei tanto e de tal maneira que fui dar numa caserna e ali a loucura desabou sobre mim. Depois, era tarde demais, em vão supliquei ao general que me devolvesse minha folha de alistamento, ele recusou, o contrato estava assinado. É uma loucura que todos os cérebros do mundo não iriam resolver; também vocês não se proponham nenhuma pergunta, não se atormentem por minha causa, a loucura só merece o silêncio. Vocês sabem que eu os amo, e que não é por prazer que eu os estou deixando. Não devem dizer jamais: Ernie não nos amava. Eu acho que quis partir para a guerra por causa dos alemães e do que eles fizeram comigo. Meu avô, sobretudo, fique tranquilo, eu não me esquecerei de que há homens diante de mim; além do mais, sou um padioleiro, não carrego o fuzil, carrego somente homens. Não se esqueçam de devolver à Srta. Golda Fischer o volume de poesias de Bialick. Peçam-lhe desculpas pela 373 página, cuja ponta dobrei sem pensar. Agora, alguma coisa para você, venerado avô. Sei o quanto sofreu por minha causa desde o episódio da merceeira. Sei disso na ponta da língua. Mas, às vezes, me parece que o mal que faço é maior do que o mal que está realmente em mim. Escutem, querem saber de uma coisa? Vamos falar de preferência sobre alguma coisa alegre: que há de novo sobre a guerra? Perdoem-me por essa brincadeira, mas eu acredito que rir é bom, pelo menos com um olho. O filho, neto, irmão que os ama e os abraça e aperta com todas as forças da sua alma, e que a todos venera e pede, ainda mais uma vez, o seu perdão. Ernie. P.S.: Neste envelope vocês encontrarão oito certificados do secretário da prefeitura. Cada um deles é a prova de que seu filho, neto, irmão está alistado no Exército francês. Tomem cuidado com eles porque assim vocês são um pouco franceses, não vão poder mandá-los para um campo de concentração. Pelo menos uma vez, do mal sairá um pouco de bem, e já que a loucura foi feita, que sirva para que nada lhes aconteça. Que essa loucura compense todo o sofrimento que lhes causo hoje. Mas é tarde demais, já dei a minha assinatura. Com respeito, amor e saudade, Ernie”.

IV

Quarenta e oito horas após a assinatura desse pouco reluzente voluntariado no Exército francês, ele tomou consciência dos seus limites nas fileiras do 429º. Regimento de Infantaria Estrangeira. Sargentos nascidos em Dresde ou em Berlim lhe dirigiram um olhar intrigado; e o tenente, um borgonhês nodoso como uma cepa, advertiu cautelosamente o seu pessoal: que ele não se iludia quanto à farsa do imigrante-enroladonas-dobras-da-bandeira-tricolor; que eles ficassem, pois prevenidos; e que, em consequência, a tropa estava retida até segunda ordem.

A exemplo das tropas coloniais, o 429º. Regimento de Infantaria Estrangeira viu-se regularmente em campo de batalha. No intervalo dos combates, Ernie estoicamente tocava o tambor da banda do Regimento; todos os músicos, aprendeu ele, não eram padioleiros, mas todos os padioleiros faziam obrigatoriamente parte da Música. Naquele estranho maio de 1940, uma carta chegou às mãos de Ernie na linha de Ardennes, anunciando o internamento dos pais, irmão e irmãs, avô, Mutter Judite também. Era de um dos vizinhos de Paris; ele deixou bem claro que a coisa era dolorosa; e que era penosa.

Se bem que, continuava ele, embora a medida tivesse atingido os Levy, não os visava especificamente, para dizer a verdade, não havia propriamente uma ofensa na chamada "coisa", e se eles só foram retidos, era para manter a ordem e por respeito à lei. Aliás, Ernie devia logicamente admitir que os judeus alemães, por mais judeus que fossem, não deixavam de ser alemães: e era costume na França etc. Uma carta do pai veio logo depois: menos serena. O campo de Gurs era descrito com muita reserva, mas Ernie, acertadamente, deduziu por essa carta que o que era costume na França muitas vezes nada ficava devendo às melhores tradições alemãs. Sentiu-se também inteiramente de acordo com a observação final do Sr. Levy: É impossível ser judeu.

Ao mesmo tempo, a carta de Gurs excitou a veia analítica do capitão, que gostava de abrir a correspondência dos seus metecos:

- Trata-se de uma linguagem cifrada, ou então deve ser hebraico - declarou em desespero de causa.
- É hebraico, meu capitão - declarou Ernie sem malícia -, mas com um toque de ídiche.

Estupefação, questões, era preciso traduzi-la. Por sorte, também a Companhia Rouxinol possuía seu judeu; este é procurado, é localizado; no essencial, ele confirma a versão de Ernie.

- No entanto, meu comandante - precisou o segundo hebraizante -, há um ponto, um único pontinho...

- Não pode haver nenhum pontinho aos olhos da França, explique-se, soldado - exclamou o oficial com muita dignidade.

- É justamente este aqui, meu general - respondeu o hebraizante emocionado. - Hemdah pode ser traduzido imperfeitamente por delicadeza, porém mais favoravelmente por...

O resto dessa demonstração foi perdido num tumulto colorido, mas predominantemente verde.

Na verdade, toda a questão teria terminado dentro das normas prescritas se, enquanto ele distribuía para cada hebraizante dois e oito dias de dura meditação, o espírito do oficial não fosse atravessado por um pensamento singular. Era o seguinte: tendo toda a família do cabo Ernie Levy sido removida para zona de segurança, a permanência desse último como soldado representava uma espécie de antinomia furiosa, ultrajante, sem precedente nos anais. Era ou não era preciso deter o Levy imediatamente?... Nesta cruel alternativa, e a questão se revestindo de caráter nacional, decidiu imediatamente transmiti-la ao escalão superior.

Um estafeta é despachado, corre a toda brida, se agita, se inquieta, entra em transe. Mas todos os transe do mundo não adiantam nada: não há mais escalão superior. Como último recurso, mortificado, ele traz de volta uma sentinela ao Estado-maior que tentava escapar de bicicleta. Sentinela solidamente em suas mãos, o estafeta procura o batalhão: nada de comandante; retorna à companhia: nem de capitão.

O resto pode ser lido na história da França. Mas não o seguinte: Ernie Levy foi colocado sob a custódia do adjunto do batalhão (que o recebeu solenemente do senhor aspirante; que tinha sido galardoado pelo tenente adjunto; que tinha recebido a herança diretamente do capitão)... E avançou tanto e tão bem pela via hierárquica que acabou por cair nos braços de um segunda-classe; o qual desapareceu de repente, vergonhosamente, sem transmitir nenhuma instrução, nem mesmo a um recruta polonês.

Por isso sua detenção não durou mais do que um instante; sabendo que havia uma excelente bicicleta em certo depósito próximo dali, ele concluiu

que, alimentos e meio de transporte assegurados, só lhe faltava um honesto companheiro de viagem. Porém, o segundo hebraizante, depois de um abraço comovido, disse-lhe mais ou menos estas palavras:

- Caro senhor, não seria capaz de dizer-lhe o quanto me sinto tocado por essa proposta; porque eu sinto que ela foi feita não somente ao correligionário, mas, sobretudo, ao homem pessoalmente. Permita-me, antes de tudo, dar-lhe os meus agradecimentos por essa prova de consideração; no entanto...

- E além do mais - murmurou Ernie, a quem o preâmbulo florido, numa boca recentemente convertida à gramática francesa, afetava mais dolorosamente do que a proximidade do canhoneio.

- ... E além do mais, considerando que depois de você eu continuo sendo o último dos mosaicos do batalhão, parece-me da mais alta necessidade não dar aos não-judeus a impressão de que Israel está ausente.

- Mas não há mais sombra de francês no batalhão! – exclamou Ernie, já sem paciência.

- Mas há eu - disse o segundo hebraizante. - Estou na França desde 1926 e, dentro em pouco, naturalizado.

Ernie sorriu amargamente:

- Está bem, nós vamos nos naturalizar de comum acordo. E seremos empalhados por um naturalista, se é esse o seu desejo. A propósito, conhece a prece para os agonizantes?

- Conheço. Mas...

- Eu também - disse Ernie docemente.

- Não seja derrotista - disse o segundo hebraizante. - O homem é mais fraco do que uma mosca e mais duro do que o ferro. Amanhã os soldados de Verdun, de Waterloo, de Valmy, de Rocroi, de Marignan, de...

No dia seguinte, a bolsa de resistência nazista estourou, derramando uma infinidade de tanques sobre o flanco de Ardennes. Reduzido aos efetivos de uma companhia, menos o enquadramento autóctone, o 429º. Regimento de Infantaria Estrangeira indicou para seu comando três veteranos das Brigadas Internacionais. Durante a cerimônia, cada homem bebeu uma grande e última talagada de aguardente; e foi com espanto que Ernie constatou que o segundo hebraizante erguia seu magro punho por cima de todos os outros, bem no alto, na direção do céu, enquanto demonstrava em

suas feições a mais viva satisfação consigo próprio e com os outros. No mesmo instante:

- Compañeros!... - exclamou o eleito espanhol, terminando um sombrio discurso no qual o desespero porejava como uma ferida.

Camaradas, entre vós há garibaldinos, socialistas, austríacos, comunistas alemães, anarquistas espanhóis, judeus, fugitivos de toda a Europa. Estamos batendo em retirada há anos. Rolamos de fronteira em fronteira. O último país era a França; mas ela foi hoje também traída, e os franceses estão descendo para o mar como carneiros. Nós conhecemos isso, nós sabemos qual é o gosto da traição; os camaradas excomunistas presentes provaram dela, não há muito tempo, com o pacto de Molotov. Compañeros, estas palavras não são para reviver velhas querelas; chegado o momento de emitir o meu derradeiro suspiro, sinto a alma vaporosa e leve, como a de uma velha dama de companhia. Estas palavras são para dizer-lhes: não há mais refúgio para nós, mais emigração possível, a França era o último bastião. Quem tiver a pele delicada, pode sair agora. Aos outros, como brincadeira, ofereço um provérbio da minha terra (a Catalunha): "Aquele que tem pêlo no peito nunca é vencido, até sua morte, nem um minuto antes". E aos que lutaram pela República, lembro as palavras de Dolores Ibarruri, La Pasionaria...

Um acesso de riso dobrou aquele homenzinho de rosto mais enrugado do que uma casca de noz; ele gritou:

- Ai, ai de nós! De agora em diante, essas palavras resumem toda a nossa estratégia... E toda a nossa, hon, hon, tática revolucionária!

- Que! Que disse ela? - várias vozes descontentes perguntaram.

O espanholzinho retomou boa parte da sua sisudez.

- Meus amigos - disse com dificuldade -, em Madri, La Pasionaria nos disse que era melhor viver de joelhos, não... melhor viver de pé, não... Antes morrer de pé do que viver de joelhos! - exclamou firmemente.

Frase que os cinquenta homens repetiam num só fôlego, enquanto que, minúsculo, estonteado, triunfante, o segundo hebraizante chorava abertamente de alegria.

Seguiu-se um período de espera. Deitado num forro tendo junto um fuzil, no coração o peso do campo de Gurs, Ernie sentia de novo o mesmo espanto por não encontrar nem rima nem razão para as coisas do

universo... O patriarca hesitava por um segundo, a alma tensa, depois colhia bem madura uma citação do Talmude. Menos austero, o pai se satisfazia com uma lenda respigada aqui, uma historieta apanhada ali: frutos caídos da grande árvore da ciência judaica. Uma dessas historietas surgiu na memória de Ernie. Veio com a voz febril e irônica do Sr. Levy pai; veio com aquele rosto de coelho com óculos, e seus dedos hábeis, peritos tanto na análise quanto na agulha...

- Escutem, irmãos. - Um desses rabis de aldeia ensinava em seu catecismo a perfeição de todas as coisas: - E por que o Altíssimo (bendito seja Seu nome), por que, eu lhes pergunto, faria Ele uma obra errada?... Assim, meus cordeiros, a Terra é tão perfeitamente redonda para que o sol possa livremente, e quando bem entender, girar em torno dela. Assim, vejam vocês, o sol é tão perfeitamente redondo a fim de que seus raios, indo em todas as direções, brilhem para todos, sem exceção; e não sejam esquecidos nem os ursos, numa extremidade, nem os negros, na outra. E a lua?... Mas que importa a lua; basta que saibam que a lua, embora não seja sempre redonda, é sempre perfeita.

"Escutem, pois, irmãos...

- E as cebolas? - perguntou um menino.

- As cebolas também - respondeu o rabi.

- E o rabanete? - perguntou um segundo.

- O rabanete é a mesma coisa - respondeu o rabi. - Mas, acima de tudo - acrescentou cofiando a barba -, lembrem-se de que depois Dele (santificado seja Seu nome), o homem é o que existe de mais perfeito na criação. O homem, minhas ovelhinhas, ah, o homem...

- E eu, excelentíssimo rabi? - exclamou um minúsculo corcunda. O rabi raciocinou rapidamente:

- Meu animalzinho, minha almazinha - murmurou com uma leve nuance de censura -, para um corcunda, você não pode ser mais perfeito... Não é mesmo?

Para um corcunda, você não pode ser mais perfeito, não é mesmo?... As delícias agridoces dessa filosofia muitas vezes repugnaram Ernie: que o mundo embalasse uma corcova fantástica, enorme e pungente, isso não podia decentemente prestar-se a uma brincadeira. Da sua parte, sabia que o Altíssimo (bendito seja Seu nome por todos os séculos) o havia particularmente dotado com uma natureza dentro das suas medidas, fria e

transparente como um vidro, e que, compreendendo um corpo e uma alma, refletia com perfeição sem igual: a sala branca do hospital, as labaredas do pogrom; o céu delicadamente azul do seu subúrbio parisiense; esta madrugada delicadamente fétida de sangue e corroída por um formigueiro de junkers...

E se juntaram às suas lembranças, algumas horas mais tarde: o ofuscante fim do segundo hebraizante, atingido por um projétil na região que o Zohar denomina Terceiro Olho, ou melhor, Olho do Centro, ou, melhor ainda, Olho da Visão Interior; com a evidente razão que, situado bem exatamente entre os olhos da carne, com ele se extingue qualquer consciência, "seja nobre como o sol, seja pura como a luz, seja inocente como a infância", como ficou bem demonstrado com o segundo hebraizante nesta manhã. E se juntaram às suas lembranças: o enterro ritualístico do segundo hebraizante, na fossa miraculosamente cavada por uma bomba: braços cruzados sobre o peito, filactérios aderindo como hera à sua cabeça, e por cima dele, envolvendo-o como para a Oração do Grande Perdão, a suave mortalha de linho preto e branco do Talit. E se juntaram às suas lembranças: o não menos admirável aniquilamento do 429º. Regimento de Infantaria Estrangeira. E se juntaram às suas lembranças: uma retirada de uma inocência inteiramente céltica, feita uma parte sobre os jumentos encantados da Providência, outra parte sobre a já citada bicicleta. O enterro de um tronco humano estendido à beira da estrada de Chalon-sur-Saône. A última homenagem prestada a um menino estirado com o rosto no chão, sob uma rajada vinda do céu, oblíqua, à italiana. A fria fraternidade de um oficial de luvas amarelas que lhe disse: "Meu caro amigo, a situação está desesperadora, mas não séria".

E se ajuntaram, em seguida, o anúncio da rendição do Exército francês. A descoberta do azul sempiterno da Riviera. O anúncio da cessão pela França ao vencedor de uma metade dela própria. O aprendizado da decomposição.

E finalmente: o anúncio em 1941 da entrega total - na qual se incluía a modalidade de franquia -, dos internados de Gurs aos campos de extermínio nazistas.

Embora escondido dentro da sua ganga, Ernie Levy sentiu que aquele último elo fechava o círculo, e foi então que pela segunda vez lhe veio a

feliz idéia de enforcar-se. Nós nos apressamos em ajuntar que ele não fez nada disso. E por que ele quis enforcar-se?... E por que não se enforcou?.. Questões interessantes, na verdade. Mas como o espaço é limitado, nos contentaremos em enfatizar que ele não se perdoou por não se ter enforcado.

V

Aturdido, Ernie invocou os manes (Almas divinizadas dos ancestrais já falecidos) domésticos nestes termos: "Oh, meu pai, oh, minha mãe, oh, meus irmãos, oh, minhas irmãs, oh, avô, oh, Mutter Judite... por que os perdendo não posso me perder com vocês? Se é essa a vontade do Eterno, nosso Deus, maldigo Seu nome e Lhe rogo que me faça chegar bem junto Dele, para que melhor possa cuspir-Lhe na cara. E se, como me ensinaram os camaradas do 429º. Regimento de Infantaria Estrangeira, nós devemos ver em todos os lugares e em todas as coisas o capricho da natureza, peço humildemente a essa dama para transformar-me em animal: oh, meus amados, porque Ernie exilado de Levy é uma planta sem luz.

"Por esse motivo, com a permissão de vocês, vou tentar, de hoje em diante, fazer tudo o que for humanamente possível para tornar-me um cão. Enfim, queridos pais, peço-lhes que considerem essa mensagem como um adeus definitivo".

Mencionemos discretamente que, ao contrário do que esperava, um certo sol mediterrâneo dava grande valor à doçura de viver.

"Deixe-nos ver, irmão", perguntou-se Ernie Levy, "como fazer para transformar-se em cão neste país?"

Nesse processo ele adotava um comportamento cujo refinamento lógico obviamente não escapará ao leitor. É sabido que, desde as teorias inovadoras de Tarde, a imitação é pelo menos uma segunda natureza, se não for toda a natureza. Seguindo essa linha de pensamento, e ficando estabelecido que as diversas maneiras de encarar a vida, "desfolhar uma rosa" ou trincar uma galinha estão escrupulosamente limitadas às fronteiras biológicas, é preciso convir, sem muito esforço, que, desejando perder a sua identidade humana, o que Ernie melhor podia fazer era aplicar-se em absorver, com toda a sua alma, a maneira local de ser um cão.

Para começar semelhante aprendizado, o falecido Ernie Levy decidiu adotar o patronímico Bastardo, que lhe pareceu bem apropriado à sua nova condição: prenome, Ernesto. Homem ou cão, tratá-lo de maneira diferente seria ofender inutilmente a criatura.

Mas para o batismo impõem-se os ritos sacramentais; e como ele tinha sido circuncidado em outros tempos, resgatou essa pequena dívida com a progressiva junção de bigodes, bem católicos na forma, consistência e aspecto. Roma, portanto, reconhecida, ele foi por sua vez obrigado a reconhecer que era um tanto ridículo, na verdade frívolo, deixar certos atributos entregues a sua fantasia, sem a tutela eficaz de uma barba. O mínimo efeito provocado pelos bigodes foi dar-lhe a fisionomia de um poodle. E seu andar, até então tranqüilo e meio gingado, ganhou um não-sei-quê de buliçoso, jamais visto em algum judeu polonês nesses últimos cem anos, mesmo convertido.

Inteiramente transformado, em fins de agosto de 1941, três meses após sua conversão à espécie canina, o ex-Ernie Levy fazia a sua entrada num barzinho do Vieux-Port de Marselha, cidade onde fixara sua toca. Sua chegada provocou algumas risadas. Apesar de um calor tórrido, ele estava apertado dentro da sua puída, ronhosa, remendada túnica militar, mais repulsiva do que o pêlo de um velho cão tihoso. Um alfinete fechava-lhe o colarinho. Em volta da cintura, um barbante. E sob o boné que caía sobre os cabelos desgrenhados, a boca bigoduda, os olhos caídos, talvez buscando algum osso velho para roer num canto. Titubeante, faminto, ele se encaminhou ao balcão onde pediu um copo d'água. O gordo, rubicundo e alegre garçom apressou-se em afirmar, para grande divertimento dos fregueses, que não costumava ter em estoque nem uma gota daquele perigoso "remédio"~ E serviu ao vagabundo um copo cheio do tinto da casa, mas ao vê-lo hesitante, mergulhou o seu nariz no vinho, incitando-o a beber. Os gorgorejos do infeliz estimulavam o garçom, que, levantando a nuca de Ernie, tentou a "mamadeira". Dois filetes vermelhos escorriam pelas comissuras da sua boca, pelo queixo e pelo pescoço nu de Ernie. Excitado com a brincadeira, um freguês bateu-lhe nas costas "para descer melhor": o líquido espalhou-se por todo o seu rosto.

- Basta - disse uma voz no fundo da sala.

O garçom parou respeitosamente. Ernie limpou o rosto com uma ponta de manga e descobriu um homem moreno, elegante, de cabelos

encaracolados; ele estava de pé com as costas voltadas para uma mesa alegre, onde pessoas dos dois sexos tomavam o pastis.

- Sr. Mário, não fiz nada por mal- disse a voz hesitante do garçom, junto ao ouvido de Ernie.

- Virgem Santa - disse o homem num sotaque meio cantado. - Só de olhar para ele me vem a vontade de sangrar esse porco gordo...

Depois, encaminhando-se para Ernie com um passo lento majestoso e que parecia articular-se inteiramente com o deslocamento dos ombros:

- Então, o que está acontecendo - disse ele -, há fome por aí? E a tropa, não podia remendar o focinho desse vagabundo? Ah, ah, você até que está bonito assim. Não é com esse tipo de herói que se havia de ganhar a guerra. Toma um pastis conosco? Somos todos veteranos da Brigada de Bicicleta, exceto as mulheres. Vê se não está com pulgas, hein?

Uma hora mais tarde, penteado, lavado, vestindo uma camisa bicolor, Ernie participava de uma espécie de banquete em família, no primeiro andar de um restaurante de modesta aparência. O Sr. Mário tomou-se de estranha afeição por ele, depois que viu no pulso do mendigo o cordão rosa do suicida. Logo depois, Ernie iria descobrir um emblema idêntico no pulso direito do Sr. Mário, que era canhoto. Mas naquele instante ele de nada queria saber, entregue a uma degustação carinhosamente controlada pelo Sr. Mário, que se inclinava para ele, confidencial:

- Mais uma vez eu lhe digo: coma, e depois descanse um pouco; em seguida, beba, e se puder urine um pouquinho. Do contrário, meu amigo, vai acabar estourando a pança. Já passei por isso, sabe...

Os amigos do Sr. Mário pareciam comemorar um importante negócio. À princípio constrangidos com a presença do convidado, travaram em seguida uma animada discussão sobre o comércio em geral, e o de cigarros, laticínios, couros e medicamentos, em particular. Pouco a pouco, os homens começaram a desapertar os cintos, e as mulheres davam sonoras gargalhadas, terminando em agudos gritos. Melânia ia e vinha, subindo e descendo a escada que dava diretamente para a cozinha. Era uma pessoa de aparência muito digna, embora ainda fosse muito jovem; Ernie não compreendia a razão pela qual, todas as vezes que passava, os homens, sob o olhar complacente das esposas, sentiam necessidade de fazer para ela gestos de extrema audácia, gestos que ela parecia ignorar,

mantendo a cabeça bem erguida por cima dos pratos. Mas ele também começou a rir, e estonteado de alegria, revirando os olhos ébrios, tentou se fazer de cão.

Primeiro foram os vigorosos uau, uau, dados diante do prato cheio de ossos; com uma espetacular queda, ele se viu sobre as quatro patas e, em meio à alegria geral, deu grotescamente a volta em torno da grande mesa. Uma das mulheres atirou-lhe um osso, que ele mordeu, numa perfeita mímica. Fortes gargalhadas. Mulheres apaixonadas se contorcendo. Até que se precipitando sobre Melânia com as quatro patas tenta lhe abocanhar um bom pedaço de carne. Encostada na parede, a garçonete protege seu bem e apela para seus bons sentimentos. Ondas de gargalhadas. Ernie se rende finalmente às suas comovedoras razões, põe-se em pé, belisca Melânia delicadamente na bochecha, e late em seu rosto. Mas, de repente, sentindo entre o polegar e o indicador a inebriante suavidade de uma face humana: “Melânia!”, exclama, jogando-se para trás como se aquele contato estivesse queimando seus dedos. E as gargalhadas gerais ficam em suspenso quando vêem o galope de Ernie em volta da mesa tomar uma velocidade frenética, desesperada, e suas lágrimas incontidas lhe correrem pelo rosto, enquanto arranca do peito roucos latidos de fera acuada, e late, late, sem fim...

Os veteranos, como ironicamente se intitulavam, estavam instalados numa casinha que se projetava sobre o cais. Eram jovens que as decepções militares do êxodo haviam reaproximado numa promiscuidade do absurdo e da secreta vergonha dos vencidos sem glória. Nós éramos uns vendidos, diziam alguns, apresentando as provas. Éramos fracos e tolos, retorquiavam outros, mais conscientes do seu desamparo. Éramos covardes, precisavam os terceiros, prisioneiros evadidos, na maioria, e que bebiam mais do que os das duas primeiras categorias, querendo esquecer o que neles não perdoavam de traição, fraqueza e credulidade. Estes últimos pareciam estar esperando, espreitando algum sinal para uma reabilitação própria. O mercado negro dourava tudo isso com um verniz confortável, suportável. Em companhia deles, Ernie se revelou um caixa talentoso, com sensitivas antenas de "farejador universal". Mas o principal motivo para o alto conceito em que o tinham era a sua queda para a água fresca; em segundo lugar, sua capacidade para comer carne crua. Embora essa última afetasse

a delicadeza de alguns, o “comer cru” de Ernie constituía um autêntico espetáculo circense: carnes sangrentas, chouriços de qualquer qualidade, “postas” de sangue o inundavam até as orelhas. Estranhos admitidos sem explicação ficavam tomados de medo.

- O sangue pode lhe sair pelos olhos - disse-lhe divertido, um dia, seu protetor. - Você não gosta de alguma outra coisa?

- Somente de sangue animal, Sr. Mário - desculpou-se Ernie. - Ora, ora, se digo isso é para seu próprio bem...

Os judeus não degolam seus animais, uma espécie de verdugo consagrado desempenha essa função, segundo um ritual milenar. O sangue sendo princípio de vida, sangra-se o animal até a última gota; recolhido numa valeta, esse sangue é enterrado, e é por meio do funeral simbólico de uma galinha, de um pato, de um novilho que se evidencia o respeito devido a todas as formas da criação. Ao contrário da sua antiga aparência filiforme, sombria e mirrada, resultado de um regime vegetariano que o condenava, desde o seu alistamento no Exército, à observância estrita das interdições judaicas, Ernie tinha agora o físico de um personagem gordo, bonachão, guloso, rabelaisiano. Uma enorme bolsa de gordura formava a sua pança; bolsa que na França é popularmente chamada brioche, tanto por causa de sua forma característica, quanto em virtude do delicado humor que ela dispensa a seu proprietário. Mas o termo brioche conviria verdadeiramente à potência do ventre de Ernie? A retidão intelectual nos obriga a fazer uma ressalva sobre esse ponto. Porque a brioche, esse acessório sobressalente, se instala pianíssimo (criar brioche), um todo harmonioso (rosado, redondo, risonho etc.)... enquanto que, observando bem, o rosto de Ernie conservava sua magreza doentia e seus olhos não revelavam o lume caloroso e comovedor de uma alma estável e em perfeito repouso. Certas pessoas (cujo testemunho não podemos usar aqui) pretendem ter observado que mais a brioche do falecido Ernie aumentava, mais se apequenava seu rosto. E seus companheiros o censuraram por mastigar com certa rigidez, embora tristemente. E se perguntavam como era possível a um corpo nutrido com alimentos excitantes não destinar uma parte mínima da sua energia vital ao amor?... De fato, a despeito da idade, do vigor indubitável e do seu extraordinário apetite, o falecido Ernie Levy parecia querer continuar alheio a qualquer vida sentimental.

Na verdade, o falecido Ernie Levy dissimulava seus sentimentos, desde o

primeiro dia; uma paixão estava latente em seu coração. Estranhamente lúcido durante a noite daquele banquete fatal, ele não conseguiu fechar os olhos, dominado pela impressão de que, entre seus dedos polegar e indicador, havia qualquer coisa de extraordinariamente lisa e suave. Era-lhe impossível dizer se alguma coisa de liso e suave existente no rosto de Melânia tinha se colado a seus dedos, ou se seus dedos tinham se tornado lisos por causa do contato com seu rosto. No dia seguinte, quando despertou, embora conservando a “cara de cão”, sentiu que alguma coisa de novo se urdia no mundo. E enquanto se questionava, a doçura lustral do rosto de Melânia na ponta do seu dedo polegar e do seu indicador o fez lembrar a sua própria existência. Rapidamente esfregou o dedo a fim de fazê-la desaparecer: mas em vão.

Essa doçura não o deixou mais; aonde quer que fosse, o que fizesse, e mesmo quando o imaginavam corpo e alma em alguma das suas comilanças, ele não conseguia impedir-se, de quando em quando, de acarinhar melancolicamente entre os dedos o rosto de Melânia. Quando a reviu, alguns dias mais tarde, achou-a transformada, uma luz agora irradiava de toda a sua pobre pessoa. Ela sentiu a diferença, mostrou-lhe atenções que só enganam aos olhares indiferentes. Mas Ernie, muito inquieto, meditava sobre o assunto. Ele pressentia que o amor, mesmo em seu mais baixo nível, provoca fenômenos que, bulindo com a imaginação, levam ao risco de pensamentos perigosos para o futuro de um cão. No entanto, quanto mais ele se apalpava, mais lhe subia pelo braço o terrível langor, tecendo um a um seus fios, envolvendo-o numa tela que vibrava ao menor sopro, ao mais leve movimento. Quando, alguns meses depois, a doçura do rosto de Melânia alcançou-lhe os ombros, invadiu-lhe o peito e fez bater seu coração, o falecido Ernie Levy compreendeu apavorado que estava apaixonado pela jovem Melânia!...

Temendo o pior, decidiu cortejar uma prostituta, o mais rápido possível. Porém, mal saída ela do canto escuro onde se escondia, ele se condeou do seu aspecto de animal cansado; e quando ela se postou diante dele, no seu tugúrio, muito tagarela e afável sob a lâmpada nua que lhe realçava cruelmente os traços, o jovem enlouquecido sentiu dentro do peito uma dor dilacerante.

- Perdoe-me, senhora prostituta - disse com seu sotaque de estrangeiro -, mudei de idéia. Tenha a bondade de aceitar este dinheiro e deixar-me

partir.

- Você está doente? Sente-se melancólico. Não lhe agrado? Como seus olhos são tristes; vê-se que é um estrangeiro, que não é daqui.

- A melancolia - disse Ernie - não é para mim.

- Então, está em dificuldades?

Ernie assentou-se na cama, meditou, inventou para si uma biografia; quando ele rompeu com a família de Marselha, ligou-se aos avós de Toulon, procurou as múltiplas amizades que possuía na região de Nîmes, desafiando esses e outros títulos que poderiam fazer dele um homem aos olhos do mundo.

- E você? – perguntou, por fim.

A mulher hesitou, inventou um filho para si própria, depois dois; acrescentou a eles uma velha mãe, porque são essas coisas que acentuam o patético. Depois, se pôs a gracejar, e, de troça, a momices, apagou a luz com certa discrição amorosa. Ela proseava, mesmo enquanto submetia o infeliz demente aos últimos ultrajes.

Quando voltava a si, na rua, sentindo uma nova e mais completa doçura, Ernie descobriu que indubitavelmente estava apaixonado pela prostituta; pelo menos consideravelmente mais cativo dela do que de Melânia, que agora passava a uma posição secundária, e de quem, com toda a honestidade, não lhe ficara mais do que um ínfimo formigamento no dedo. No terraço de um café, esse entusiasmo se arrefeceu. Quando ali estava sentado, as pernas levemente úmidas de prazer, viu a dois passos uma daquelas jovens do bairro negro da Belle-de-Mai que trazem no coque pentes de chifre dourado, e cuja cabeleira alta parece urdida em seda negra, por cima de um rosto entalhado em madeira das ilhas. Imediatamente desapareceram todas as falsas doçuras e formigamentos ímpios, para darem lugar a um êxtase mais estranho ainda, desta vez concentrado nos olhos; e ele ficou sabendo que aquela jovem negra lhe inspirava um amor eterno. Depois uma outra, branca como leite, que tal como um navio deslizando pela calçada, velas ao vento, lhe arrebatou com a mesma violência o coração. Logo depois foi outra, mais outra ainda. Os dias que se seguiram o viram perder toda a sofreguidão pela bebida fresca e pela carne crua; Ernie perambulava como uma alma penada pelas ruas infestadas de rostos, cravejadas de olhos, estrelas cintilando em sua noite. Por fim, decidiu-se por deixar a cidade o mais cedo possível. Porque se

um cão, dizia em seu delírio, se deixa abandonar ao amor, muito breve acabará por desprezar o jejum; e é com o jejum que se vai chegar à temperança, desviar-se da indolência, que nos leva ao sonho e ao impulso de ser poeta. Uma vez nesse caminho em declive, não se sabe mais aonde se vai parar. Mais de um cão, sem dúvida, começou a sua queda com algum amorzinho passageiro, talvez sem conhecimento dele na época.

VI

Ernie se arrastou durante todo o inverno de 1942 ao longo do vale do Reno, enfrentando o curso de um mistral furioso naquela estação, cujos sopros uivantes à noite se confundiam estranhamente com o vento acre e sombrio, cheio de bramidos, que lhe varria o cérebro ferido. A dieta em Marselha o tornara mais corpulento; não tinha dúvida de que iria facilmente encontrar trabalho nos campos agora inférteis por causa dos Stalags. Era como um buraco negro, esse tempo. Sistemáticamente, cultivava em si os mais baixos instintos. Debatia-se às vezes como um animal. Seu objetivo, embora não formulado, era: impedir qualquer infiltração de luz no buraco. Um dia, surpreendeu-se diante de um espelho. Ele ficou satisfeito ao constatar que seu antigo rosto ainda estava pendurado na pequena forca de Marselha. Todos os elementos que comumente compõem um rosto: nariz, boca, orelhas, ali estavam, sem faltar nenhum, e sob a aparência habitual, mas eles não formavam uma face humana. Pareciam separados uns dos outros, e o falecido Ernie Levy suspeitou que poderia ter colocado indiferentemente suas orelhas no lugar dos olhos e seus olhos na cavidade sombria das narinas, por exemplo. Foi dar em São Silvestre, numa herdade dirigida por uma mulher de prisioneiro que, com toda a sua fragilidade, conduzia com mãos de ferro os destroços deixados periodicamente pela Invasão. Numa mulher muito fraca para dominar seu próprio destino, e demasiadamente exigente para conformar-se com ele, facilmente a delicadeza se transforma em perfídia. A Sra. Trochu conquistara uma certa independência após a reclusão do marido: ela respirava um pouco, chegava a sentir-se um ser livre, e dormia, entre duas cartas da Alemanha, com o primeiro que se oferecesse para mão-de-obra, enquanto esperava o homem que ela saberia amansar, se ele não a matasse primeiro. Era uma provençal de olhos de uva ácida e

negra, a boca rascante; mas, paradoxalmente, era esculpida em gelo e fogo. Ao primeiro olhar, Ernie julgou que ela não podia fazê-lo sonhar; mas tão logo o encarou sem nenhum temor, embeijou-se por ele. Entregue às suas carnes sanguinolentas, ele deixara passar um tempo precioso; até que ela ordenou e ele obedeceu.

Como não sentia por ela o menor amor, o falecido Ernie Levy se impôs como penitência a demonstração de uma paixão hercúlea, cujas marcas ela recebia sem examinar. Ela era uma alma modesta, mas tão complexa que no amor só olhava as provas de amor, sob a condição de serem repetidas: era chamada de Glutona. Seria divertido para nós mostrar como o falecido Ernie Levy administrava a prova, enquanto sua pouco exigente fêmea tripudiava por cima, nada acontecendo entre eles que não fosse entre a prova recebida e a ordem dada. Mas passemos adiante; coisas tão comuns não merecem que se fale delas.

- Amor - dizia a excelente dama -, mais um pedaço de rim? Uma pimenta?... Este faisão de três semanas? Sabe, é muito bom para dar forças; oh!, chuchu, xodó, chamego...

O falecido Ernie nada respondia, abrindo a boca somente para mastigar. Mas, às vezes, sonhador, tomado de nostalgia, ele tentava calcular qual das carnes, crua ou simplesmente ferventada, era mais compatível com a canalhice inata, e, por conseguinte, a sua.

De resto, instalado, limpo, nutrido, considerado em toda a aldeia e respeitado na alcova, era o que se pode chamar, em nossas paragens e desde a mais longínqua Antiguidade -, um feliz mortal. Melhor ainda, sua apaixonada doadora, temendo um esgotamento, cuidou, num raciocínio muito seu, de poupá-lo dos trabalhos de semear, cavar, plantar, cotar, ceifar, arrancar a batata etc.; da preocupação com as bebidas frescas; e até o incomodo de deixar a alcova.

- Veja os gansos! - exclamava ela em tom triunfante. - Siga o exemplo deles!

Diante do que, o falecido Ernie Levy se colocava docilmente sobre as patas; claudicava até o quintal, saudava o compadre galo empoleirado, as primas gansas atrás da tela; lançava um olhar ávido para o galo capão e, finalmente, era invariável, prolongava sua caminhada até o chiqueiro que exercia sobre ele uma fria fascinação combinada com tão tortuoso ódio que, certa vez, tomado de furor, escarrou judaicamente sobre o animal

impuro.

Naquela noite, teve um sonho estranho. Abraçava, como se fosse habitual, uma cadela da raça griffon, de pêlo amarelo, e espantava-se com a intensidade da alegria que lhe dava a bem-amada; se a sua aparência de homem, dizia para si próprio, lhe fora arrebatada, sua essência, pelo menos, permanecia espiritual. A prova disso era o alto nível da alegria digna que lhe dava a cadela.

Mas no instante em que, como diz o Zohar, "todas as coisas visíveis morrem para renascerem no invisível", a cadela se metamorfoseia numa gata esplêndida que alumia os olhos na escuridão e, usando mil volteios e artimanhas do desejo, atrai Ernie para a dança. E por que também, por qual malícia da sorte, no momento dito pelo Zohar, a gata se transforma em rato, e depois, sucessivamente, em baratas de diferentes espécies, lesmas etc., fundindo-se finalmente nele em amálgama e efervescência viva, rastejante amebóide ansiando perder-se no mar do infinito imenso?

Embora fizesse grande caso das provas de Ernie, a fazendeira começou a observá-lo com um novo respeito quando ele lhe garantiu que aquele homem cujo leito e esposa ele ocupava, lhe dava uma grande pena. Não se pode ser mais cinico, disse ela consigo mesma, impressionada. Durante longo tempo, ela tentou fazê-lo admitir, reconhecer seu cinismo; mas a astuta raposa se recusando a isso, o respeito da fazendeira tornou-se maior. Da mesma maneira, ele jamais quis admitir que não era um bordelês (como o identificava falsamente uma carteira com o nome de Ernesto Bastardo). Também a sua persistência admirável no sotaque "alsaciano" levou a fazendeira a acreditar que ele era um prisioneiro fugido. Levando a sua curiosidade mais além, deduziu, com certo detalhe de alcova, que ele era um israelita; mas como ela alardeava a mais larga tolerância em assuntos religiosos, jamais mencionou a sua descoberta tendo em vista que semelhante singularidade, no final das contas, não deixava de ser um tanto picante. Desde a mais tenra idade tinha sonhado em conhecer um circuncidado. Tal desejo vinha desde as aulas de catecismo, tendo o padre falado imprudentemente em circuncisão do coração; por tal motivo, a pequena Dumoulin deu boas risadinhas, como costumava fazer, sob a influência do seu pai, professor, que, não podendo impedir a piedosa mulher de ir à igreja, obrigava a filha, menina sem religião, a freqüentar o

catecismo para perturbar os ensinamentos do padre. Uma assembléia extraordinária reunira os catequizados a fim de discutirem o tema circuncisão. A Srta. Dumoulin explicou, com ordem do pai, que os israelitas, primeiros monoteístas, tinham o hábito de sacrificar a seu Deus uma pequena parte da sua pessoa. E os padres, não querendo ficar para trás, e sendo muito sensíveis, além do mais, se contentaram em cortar uma rodelinha de cabelos do crânio.

O Sr. Dumoulin, um perfeito leigo, não chamava nunca os judeus por outro nome que não fosse israelitas. Acreditava, no fundo, que a palavra judeu tinha sido inventada pelos jesuítas para provocar os franco-maçons. De tudo isso resultou uma conseqüência desagradável para o falecido Ernie Levy, que caiu do seu pedestal quando uma tarde, enquanto repousava na alcova, a sua fazendeira chegou apressada, e, com o rosto afogueado, dirigiu-lhe as seguintes palavras:

- Você me enganou, você é judeu.

- Ora, ainda tinha alguma dúvida?

- Já sabia que era um israelita, porque... sim. Mas acabo de falar com o senhor secretário da prefeitura, ele me assegurou que todos os israelitas automaticamente eram judeus.

- É possível. Mas onde está a diferença?

- Onde está a diferença? - exclamou ela indignada. - Você tem que entender que não posso ter um judeu dormindo na cama do meu Pedro, e esse mesmo judeu sentando-se na sua poltrona e usando seu terno e suas camisas. Ah, não, não, você não agiu nada bem!

- Falou! - disse o falecido Ernie.

E se levantou.

- Para onde você está indo?

- Estou indo embora.

- Mas por quê? Posso fazer para você uma boa cama no celeiro.

- E o resto? - estranhou o jovem louco.

- Ah, quanto a isso, vai ser preciso tomar muito cuidado. Você não vê que o infeliz Pedro (ela sempre dizia: infeliz Pedro, querendo marcar assim tanto a sua dor de sabê-lo prisioneiro, quanto a estranha compaixão que dela se apossava ao pensar que o havia enganado), então não vê que esse infeliz Pedro pode ficar sabendo que nós... que eu... eu fiz... com um judeu? Não, não, não, vamos fazer "isso" no estábulo.

- E além do mais - acrescentou subitamente- você estava muito à vontade nestes últimos tempos. Agora vai ser preciso que me obedeça. E que ponha um pouco menos de manteiga em seu pão etc.

- E se eu não gostar disso?

- Que estou ouvindo? - disse ela com um ar finório.

- Está bem - disse o louco.

Fora isso, a vida continuou como antes. O mistral tinha passado. Uma mornidão tomava conta das terras. Até as oliveiras sentiam o fim das suas torturas, e às vezes, durante a noite, todas as coisas pareciam elevar-se na alegria do céu pacificado. Aos domingos, Ernie descia até a aldeia, assistia à missa com um ar idiota, em seguida, entre dois goles de reconfortantes pastis, ia ver os vivos jogar bocha à sombra do pórtico da igreja. Um dia, um deles lhe lançou um olhar que o fez empalidecer. Era o ferreiro da aldeia; ele estava voltando do cativeiro, e lançava a bola com o corpo rígido, por causa da explosão de uma granada. Ernie tornou a vê-lo na forja. Por um acordo tácito, os dois guardaram silêncio sobre a coisa misteriosa que os havia aproximado. Num rosto com traços do Norte, o ferreiro tinha dois cálidos, sutis e saltitantes olhos meridionais; era um rapagão de membros alongados terminando em grandes pés, e mãos grossas que equilibravam como um balancim cada um dos seus movimentos. Quando ele espalmava as mãos, estas ocupavam uma superfície impressionante. Longos dedos, rechonchudos na base, iam se adelgaçando nas pontas achatadas de unhas de formato curioso: verdadeiras pinças, pensou Ernie, com poder de apreensão e sensibilidade de inseto. Era óbvio que ele não nascera com aquelas duas máquinas de trabalho de pele espessa, cinzenta, remendada com "pontos de sutura", e que se podia imaginar terem mais nervos e músculos do que uma pata de galgo. Quando Ernie as observava se movendo com precisão em meio à floresta de mecanismos de uma perfuratriz, ou retirando um diamante vermelho de um feixe de fagulhas, ele dizia para si próprio que uma grande parte da inteligência do ferreiro tinha se colocado na região das unhas, porque era com elas que ele ganhava seu pão. Por esse motivo, a cada uma das suas visitas, Ernie as examinava com mais respeito.

Jamais o ferreiro lhe propusera daquelas perguntas que te obrigam a construir andaimes, cada vez mais complicados, em favor de um sopro de verdade. Somente o futuro parecia interessar ao artesão, que às vezes

sussurrava palavras carregadas de subentendidos, porém nunca encarando o interlocutor:

- Meu jovem - dizia -, há coisas que nos dão a impressão de serem eternas, como o mistral soprando implacavelmente durante oito dias sem parar. E depois, uma manhã, vem o sol. Você compreende?

Depois ele convidava Ernie para tomar um traguinho de pastis; ou descia os três degraus do fundo da ferraria; a gorda mulher, os cabelos presos com fitas, trazia uma moringa com água fresca, sem ousar jamais interrogar Ernie sobre o seu passado, como se, por instinto, tivesse feito um acordo com o marido. Quando as crianças voltavam da escola, muitas vezes era convidado para o jantar; e as próprias crianças pareciam evitar a mais benigna inquisição, cuidando apenas em divertir o jovem louco que às vezes, numa dilacerante lucidez, saía do seu delírio para descobrir aquele mundo desconhecido a seus olhos, aquela França inesperada, simples como um pão gostoso. E embora tivesse obscuramente um certo medo de afrouxar, com aquela convivência, as cadeias que pesavam em seu espírito, não podia se proibir de retornar ao perigoso manancial de luz.

- Escute - disse ele um dia a seu amigo ferreiro -, tenho a impressão de que me conhece muito vagamente. Já na primeira vez...

O ferreiro hesitou um pouco.

- Meu jovem, meu jovem - murmurou ele suavemente, sem levantar os olhos da bigorna -, acredite, não conhecia você. Mas vi imediatamente que é judeu.

- Mas eu não sou!... - exclamou Ernie apavorado.

O homem largou o martelo sobre a bigorna, chegou perto do jovem judeu e cobriu-lhe os ombros com as mãos pesadas.

- Então, eu me pareço mesmo - disse Ernie com uma voz singular, uma voz lenta e musical que saía da sua garganta com a facilidade comovente de uma melodia relembrada.

E o ferreiro lhe falou:

- Não sei com quem se parece um judeu, para mim só existe o homem; junto conosco no Stalag 17 havia alguns deles, mas só pensei nisso mais tarde, depois que os alemães vieram buscá-los. Até que um dia, voltando da prisão, circulei pela região parisiense, por causa da mulher de um camarada que morrera e que morava em Drancy. Era de manhã bem cedo, motociclistas alemães nos mandaram subir nas calçadas e vimos passar,

em disparada, ônibus repletos de crianças judias com estrelas por toda parte. Elas estavam transidas de medo, nos olhavam e olhavam. Com as mãos, arranhavam suavemente as vidraças, como querendo sair. Não pude distinguir nenhum rosto nitidamente, mas todas tinham olhos como jamais vira antes e como espero nunca mais rever em minha vida. E quando eu o vi pela primeira vez, meu amigo, não foi quando estávamos jogando bocha, mas foi na igreja, na missa de domingo. Eu não podia ver seu rosto muito bem, compreende, mas reconheci logo seus olhos.

- Ah - disse Ernie, tocado no mais fundo do seu coração.

Depois levantou-se e saiu cambaleando. Lá fora, escutou o primeiro grito, não tão junto dos seus ouvidos, como outrora, mas a uma distância muito grande e ainda abafado pela sua dura carapaça de cão que se esforçava por manter de qualquer jeito, embora já estivesse começando a desagregar-se. No alto do atalho que leva à herdade, apesar das amendoeiras em flor e de todas aquelas coisas que sempre distraíam, os gritos tinham chegado a uma tal amplitude que ele, inúmeras vezes, tapou os ouvidos. Primeiro reconheceu o grito do patriarca, depois o de Mutter Judite. Então, pareceu-lhe que estava saindo de um sonho muito longo, e de repente ele se perguntou se estava na posse total da sua razão, mas essa questão, assim que foi posta, causou-lhe um atroz sofrimento, que o fez levar as duas mãos à garganta a fim de devolver-lhe o ar. A fazendeira imaginou que estivesse doente. Ele se deitou no celeiro, e tentou escapar dos gritos cobrindo-se inteiramente de palha. De quando em quando, saía um pouco, a fim de respirar o ar da noite provençal. Quando conseguiu adormecer, nada tinha se aclarado no fundo dele ainda; simplesmente, agora os gritos vinham do seu interior. Ele sonhou que era um cão correndo pelas ruas de uma grande cidade, enquanto os passantes o apontavam, surpresos e arrogantes:

"Vejam, um cão de olhos judeus!" A perseguição começou, ele não soube como, e já de todas as partes acorriam pessoas brandindo redes que cobriam todo o céu. Uma loja subterrânea o acolheu onde pensou estar seguro quando o rumor dos perseguidores transpôs a porta, pedindo que lhes dessem pelo menos seus olhos. Meus olhos, mas é ridículo. E, de repente, gritando com todas as suas forças: "Nós não queremos, não entregaremos nossos olhos nunca, nunca, nunca. Preferimos entregar a alma, auuu, auuu!"

Ernie Levy vestiu-se na escuridão e saiu do celeiro. Toda a herdade, a cerca, os olivais próximos estavam mergulhados numa água negra ondulada de turbilhões leitosos. Abriu a cancela de madeira, depois, mudando de idéia, alcançou a casa. Uma voz de homem se fez ouvir, antes da exclamação inquieta da Sra. Trochu.

- É para dizer-lhe adeus - falou através da porta.

A luz acendeu-se; a Sra. Trochu abriu a porta, furiosa:

- Por que essa de partir assim à noite, como um ladrão?

Ela se cobrira com um roupão que a envolvia em flores vermelhas, e por cima dos seus ombros Ernie descobriu, em seu antigo lugar, o tronco nu de um homem que ele não conhecia. Mas embora reconhecesse cada um dos objetos do quarto, o copioso leito de carvalho, o abajur projetando aquela lua verde no teto, os chinelos nos quais tantas vezes enfiara seus pés trêmulos de febre, e o odor nauseabundo de carnes misturadas que reinava naquele quarto, nunca inteiramente arejado, pareceu-lhe que tudo aquilo tinha se separado dele e flutuava sob seus olhos como um peixe morto. Também a Sra. Trochu lhe parecia ter perdido a sua natureza habitual, ela não era nem bela nem feia, como em vão tentava defini-la tantas vezes, ela oscilava lentamente dentro da sua pobre carne de mulher, sem rumo, sem amarras, à deriva.

- Quis dizer-lhe adeus - repetiu. - Achei que assim era melhor.

Falou com uma voz suave que a fez estremecer. De repente, levando as mãos ao peito desnudo, ela exclamou:

- Meu Deus, que fiz eu!

Suas mãos se contorciam furiosamente, uma na outra.

- Ora, ora, não é preciso chorar - disse Ernie.

Parou dentro do quarto, diante da fazendeira petrificada por uma dor que ele não entendia.

- Você sabe muito bem que a uma mulher bela como é, jamais faltarão homens, não é?

- Mas é uma criança, é uma criança! - exclamou a mulher olhando Ernie com seus olhos dilatados.

Depois, não disse mais nada, mas suas mãos falaram por ela quando as torceu furiosamente junto ao peito, enquanto Ernie recuava amedrontado para a porta. No momento final, voltou-se para um sorriso de adeus, mas os lábios da mulher se agitaram, sem que deles saíssem um som.

No arborizado caminho que descia para a aldeia, teve de novo a sensação de haver esquecido alguma coisa na herdade: mas não sabia o quê.

- Cão imundo - murmurou de repente.

E sentando-se no meio da escuridão do caminho, cujas sombras incertas pareciam ser as sombras da sua própria vida, inclinou-se e espalhou terra sobre seus cabelos, segundo a imemorial técnica judaica da humilhação.

Isso o deixou igualmente insatisfeito.

Então, espalmando sua mão dentro da obscuridade, esbofeteou-se inúmeras vezes. Mas logo lhe pareceu que aquele que dera o bofetão fora ele próprio, e quem o recebera um outro ele próprio, e que tudo tinha se passado como se tivesse batido em outra pessoa - apesar do rosto ainda lhe ardendo. Razão pela qual sentiu-se insatisfeito.

E arranhou a mão esquerda com a direita, e a direita com a esquerda, para anular o prazer que esta poderia ter sentido; e a fim de que nenhuma das mãos pudesse considerar-se triunfante. Mas sempre nascia uma terceira mão.

Então, tentou lembrar-se de todos os métodos usados pelo antepassados para se humilharem. E invocou o nome de Deus. E nada viu ali diante do que ele pudesse humilhar-se razoavelmente. E invocou a imagem dos seus; mas na verdade todos estavam mortos há tempo demais para que suas imagens servissem para alguma coisa.

Então, permaneceu imóvel e seco. Depois, abaixou-se e apanhou uma pedra, e com a dor que sentiu quando ela lhe abriu a bochecha, uma lágrima por fim escapou-lhe dos olhos. Depois duas, depois três. E enquanto ele pousava seu rosto na terra, reencontrando no fundo dele, com curtos soluços, a fonte de lágrimas que acreditava seca depois dos três pequenos aplausos de Ilse, e enquanto que Ernie Levy se sentia morrer e reviver e reviver e morrer, seu coração, suavemente, abriu-se à luz de um tempo passado.

CAPÍTULO 7

O casamento de Ernie Levy

Acontece que os povos perdem seus filhos: É uma grande perda, é verdade, e não é fácil consolar-se com isso; mas eis que chega o Dr. Soifer, com sua própria perda... Porque ele é um dos que estão em vias de perder seu povo... Quê?... O que é que ele está perdendo?...

Mas ainda não se ouviu falar de tal perda!!

DAVID BERGELSON

Une bougie pour les morts

(Traduzido do ídiche. Póstumo)

I

O velho bairro do Marais, outrora morada de marquesas, é provavelmente o mais arruinado de Paris: era ali também que os judeus tinham seu gueto. Em todas as vitrinas, estrelas de seis pontas alertavam o passante cristão. Essas estrelas eram igualmente exibidas no peito de transeuntes furtivos, que se esgueiravam como sombras ao longo dos muros; mas estas eram feitas com pedaços de tecido amarelo, tinham as dimensões de uma estrela-da-mar e eram costuradas no lado do coração, com a inscrição no centro da marca de fabricação humana: Judeu. Os distintivos das crianças, notou Ernie, eram do mesmo tamanho que os dos adultos e pareciam devorar os frágeis tórax, as seis pontas cravadas como garras. Um sentimento de incredulidade despontava diante daquele gado miúdo; Ernie, a princípio, achou que eles difundiam apenas um ligeiro halo de pavor. Depois, passou a acreditar mais em seus olhos.

A rua des Ecouffles, onde se localizava a Associação, pareceu-lhe a mais "pitoresca" do Marais; e o prédio da sede, o mais decadente, o mais desolado.

O coração batendo de curiosidade e cheio daquela úmida agonia que destilam certas escadas, ele bateu à estreita porta do sexto andar. Um velhinho abriu-a. Por cima dos seus ombros, ele avistou três velhinhos enfileirados, que curiosos o examinavam. O dono da casa levou a mão ao

solidéu, empurrou-o um centímetro para a frente, depois tornou a fazê-lo voltar a seu lugar ritual.

- Por favor, entre - murmurou o primeiro velhinho, cuja voz baixa e cerimoniosa lembrou o tom ácido e comedidamente cortês do seu pai, Benjamim.

Quando o dono da casa fechou a porta por trás de Ernie, ele deu um passo, fez uma curvatura imperceptível, estendeu-lhe a mão direita e disse:

- Bom dia, senhor!

Depois, o segundo, o terceiro e o quarto velho o saudaram. Todos com a mesma barbicha em ponta, os mesmos olhinhos afundados sob a colina majestosa da fronte israelita. Mas o primeiro demonstrou sua cultura pronunciando: "senhor", em perfeito acordo com a ortografia e com a etimologia; enquanto os outros tinham se contentado, mais facilmente, com um "senhô" ou um "siô" e, enfim, com um bizarro "senhore".

O dono da casa apresentou-o circunspectamente aos três personagens que se declararam, por ordem de enunciação: vice-presidente, secretário-geral e tesoureiro da Associação.

- Quanto a nós - concluiu ele, levando a mão ao peito (o nós impessoal lhe parecendo certamente mais conveniente do que um "eu" cheio de orgulho e de suficiência) -, nós somos o presidente.

Enquanto o anfitrião procedia a esse cerimonial, pontuando cada apresentação com uma pausa respeitosa, Ernie tomou a liberdade de visitar, com os olhos, a sede social da Associação Parisiense dos ex-Moradores de Zemyock: num cubo de 2 metros de lado, uma clarabóia dando para o pátio, um jarro e uma bacia, uma máquina de costura com uma roupa inacabada por cima, sobre uma prateleira uns cinquenta volumes - em hebraico, em francês, em alemão, em russo, em ídiche, talvez -, uma minúscula mesa, um armário de parede, um fogareiro a álcool num canto, com uma panela e um prato por cima; uma cadeira e uma cama. Tudo isso meticulosamente disposto na claridade baça do quarto impregnado de um odor de velhice.

- Posso perguntar-lhe o objetivo desta visita? - indagou o presidente, a voz agora enfraquecida com a inquietação que lhe provocava o silêncio de Ernie...

Desconcertado, Ernie não soube o que responder: "sim, sim", calando-se outra vez e sentindo confusamente que era um intruso.

- Vamos, fale, não tenha receio - disse o presidente sorrindo melancolicamente para Ernie. - Eu suponho que, sem dúvida, está aqui para prender-nos, não é?.. - concluiu por fim, com o mesmo sorriso melancólico e a mesma perspicácia em seus olhinhos brilhantes.

- Oh! - murmurou Ernie.

- Fique tranqüilo, nós estamos prontos - continuou o presidente, encarando-o com uma tristeza fascinante. - Nós já esperávamos...

E movendo a perna discretamente, mostrou-lhe as quatro pequenas trouxas, cuidadosamente encarreiradas no chão, perto da porta.

- Por favor - disse Ernie em ídiche. E se entregando ao exame tranqüilo dos olhinhos brilhantes, acrescentou: - Sou o neto de Mardoqueu Levy, meu avô costumava trazer-me aqui antes da guerra. E... e... - suspirou -, por favor, eu peço...

Os quatro velhinhos começaram imediatamente a falar, todos de uma vez, e suas vozes, antes contidas pela emoção da presença de Ernie, tomaram um extraordinário impulso que chegava ao agudo específico dos velhos e das crianças, enquanto que esse desarmonioso e dorido concerto era complementado por uma dança lamentatória, com braços erguidos para o céu, mãos se contorcendo e pequenos corpos magros se balançando de frente para trás. Dos seus olhos, voltados para um céu que se diria próximo, brotaram aquelas delicadas e transparentes lágrimas de velho que param imóveis nas pálpebras, depois caem e se perdem dentro das rugas e da barba.

Quando a primeira onda de emoção passou, bruscamente, os senhores se voltaram para Ernie. Teve início um balé, em que cada um procurava demonstrar o maior respeito pela pessoa do descendente dos Levy, imaginar para ele a mais delicada atenção. O anfitrião tirou um lenço do bolso, limpou a única cadeira cuidadosamente, como se ela fosse um objeto do culto, recobriu-a com uma almofadinha de seda antiga e rogou longamente a Ernie que lhe desse a honra de sentar-se ali; como este último limpasse uma lágrima, o velho curvou-se sobre ele, e estendendo o braço acariciou-lhe paternalmente o rosto, murmurando com um sorriso cheio de pesar:

- Desculpe, nós vivemos permanentemente com medo. Posso confiar? ...

O vice-presidente tirou de uma caixa metálica um cigarro um tanto achatado e o estendeu a Ernie, os braços esticados como se fosse uma

oferenda. O secretário-geral abriu um saquinho de pastilhas. E, por fim, o tesoureiro deu uns passinhos na direção de Ernie e o fitou, de maneira insuportável, dentro dos olhos, pegou-lhe a mão direita com suas duas mãos nodosas e disse: "Senhore, senhore", sendo em seguida sacudido por um curto soluço... Ernie reparou naquele instante que todos os quatro estavam paramentados para a lenta e mísera morte dos velhos; os sapatos do "senhore" eram desaparelhados, um alto, outro baixo. Mas lhe pareceu também que, sobre as levitas lustrosas pelos anos, as quatro estrelas amarelas, costuradas com desajeitados alinhavos, estavam flutuando, esvoaçando mesmo, com a graça frágil e desarmada de borboletas. Ele tinha sentado sobre a almofadinha e os quatro homens se colocaram em fila à beira da cama.

- Nós não sabíamos - começou o presidente, desejoso de deixar Ernie à vontade -, nós ignorávamos que seu pai tivesse um filho de 30 anos. É verdade que antes da guerra não éramos ainda presidente, mas simplesmente tesoureiro-adjunto, função que hoje não existe mais. Ai de nós! Está próximo o dia em que a Associação se extinguirá lentamente, fisicamente, como se apaga uma vela; primeiro eu, espero, depois outro, depois outro, depois o quarto. E me responda, o que haverá de importante daí para a frente?... A carne morta não sente mais o ferro.

Ernie passou a mão diante dos olhos e murmurou, quase consigo mesmo:

- Mas o que o senhor está dizendo?... Meu pai não tem filho de 30 anos, vejam...

- Que idade tem você? - exclamaram os quatro de uma só vez.

Ernie sorriu ao vê-los tão vivos, tão impetuosos; tão jovens, pensou com certa irreverência.

- Às vezes - disse sempre sorrindo - me parece que tenho mais de 1.000 anos. Mas, do ponto de vista do meu pobre pai, que Deus o tome em suas doces mãos, não tenho mais do que 20.

O presidente examinou-o com cuidado e espanto. Voltou-se para os outros três e desatou com eles um debate apaixonado em língua polonesa, durante o qual Ernie se esforçava em manter-se polidamente distante.

Depois, retomando a conversa com o visitante:

- Então, escapou do inferno deles?

- Venho da zona não ocupada - disse Ernie categórico. - Esta manhã. Sobre qual inferno estão falando?

- Você então não veio de lá? - disse o presidente, examinando de novo o rosto de Ernie, como se estivesse lendo nele uma terrificante história.

- Meu Deus - disse o secretário-geral em eco -, ele não está vindo de lá!

- Mas de onde vem ele então? - perguntou o "senhore" com voz quase inaudível.

O presidente continuava inclinado para Ernie, destilando a dor dos seus olhos descoloridos, cinzentos, olhos esverdeados ou multicroma dos, semelhantes a certos objetos antigos, cujas cores se fundem com a pátina do tempo. Graças a essa proximidade, Ernie pôde ver agitar-se súbito, nas águas conturbadas do seu olhar - como um peixe cuja existência é denunciada por uma espécie de frêmito líquido -, uma idéia submersa, lentamente subindo à superfície das águas.

- Você não seria o Ernie? - falou muito suavemente.

Surpreso, Ernie disse sim com a cabeça, em silêncio.

- Ah! - disse o outro em tom compenetrado, enquanto dos olhos de Ernie corriam lágrimas de vergonha. - O patriarca muitas vezes falou conosco sobre você. Ele vinha sempre às reuniões de domingo, era um verdadeiro... judeu. Perdoe-me, eu me lembro que sempre falava no neto; quero dizer: no filho do seu filho, como se tivesse certeza de que este último seria chamado para tornar-se um Justo. Não um Justo Levy, dizia, mas um verdadeiro Justo desconhecido, um Inconsolável, um daqueles que Deus não ousa nem acariciar com o dedo mínimo. Tudo isso está bem longe de nós agora, não é? Mas se eu não sou indiscreto, meu filho, meu querido filho, por que voltou para nós, das chamadas? Talvez você não saiba. Contam histórias que fazem eriçar todos os cabelos da cabeça...

- Eu sei - disse Ernie - tudo o que é possível saber. Alguns de nós leram folhetos clandestinos, alguns ouviram rádios proibidas. Mas o que passa de boca em boca não é feito para o espírito humano. Eles dizem: é isso que está acontecendo conosco; mas eles próprios não acreditam.

- E você acredita? - proferiu o presidente.

Ernie Levy pareceu extremamente perturbado.

- Então, por que você voltou?

- Isso - disse o rapaz - eu não sei.

- Você agiu muito mal- disse o presidente. - Em Paris, neste momento, a vida é mais curta do que uma camisa de criança. E você tão jovem, você que não parece um judeu, o futuro está correndo em suas veias. É na

verdade surpreendente como tem pouca semelhança com um judeu. Escute, estou lhe dizendo a verdade - disse exaltado -, você é absolutamente como qualquer um!

Depois, examinando o rosto desfigurado de Ernie, ele conteve um frêmito: - Meu filho - continuou ele com uma voz diferente -, é verdade, você sabe, você não se parece com coisa alguma, com ninguém. Mas, você é o mesmo menino de cabelos encaracolados que costumava vir com o velho Levy? Não diga nada, não acorde, não acorde... É verdade, eram tempos antigos, antigos mundos, idéias antigas, e eu não posso acreditar que são passados apenas três anos... Era você mesmo?

Ele esboçou um gesto de desalento e incredulidade.

- Não, eu lhe suplico, não me responda, acima de tudo, não me responda; porque minha velha alma prefere continuar na dúvida a respeito dos infernos dos quais se fala, e daqueles dos quais não se fala. Menino Levy, sabe de uma coisa?... Parece que não sou um Justo, porque não suporto nenhuma espécie de inferno, ai...

E desviando de repente os olhos do visitante, como se não pudesse mais suportar vê-lo, colocou energicamente as mãos ossudas sobre seu rosto enrugado e exclamou, numa espécie de miado choroso:

- Ó Deus, quando cessarás de ter os olhos postos sobre nós, quando nos concederás tempo para engolirmos nossa saliva? Senhor, pai dos homens, quando irás nos perdoar os pecados e quando esquecerás a nossa iniquidade?... Porque nós judeus vamos nos deitar no pó; um dia tu nos buscarás...

- Psiii - interrompeu o "senhore" em tom de reprovação.

- E nós não existiremos mais - concluiu o presidente da Associação Parisiense dos ex-Moradores de Zemyock.

Furiosos, os três velhinhos se precipitaram contra ele, "senhore" chegando ao ponto de beliscar o cotovelo do presidente:

- Que é isso? Não tem vergonha? Será que agora você se toma por um Jó? E ainda mais diante de um Levy...

Com a palavra mágica, os quatro velhinhos se imobilizaram circunspectos à beira da cama, dois cruzando os braços e dois puxando a barba de vergonha. O presidente abaixou os olhos.

- Nós discutimos - resmungou ele sem ousar encarar o visitante -, implicamos uns com os outros, como velhas judias que nos tornamos.

Tudo isso porque moramos nós quatro neste quartinho, dois na cama e dois no colchão à noite...

- Alternadamente - disse o "senhore".

- E nosso estimado Levy - explicou o presidente com ar cada vez mais contrariado - talvez compreenda que essa coabitação forçada nos leva a um excessivo grau de familiaridade, que somos, aliás, todos os quatro os primeiros a lamentar...

- Eu, particularmente - acentuou o secretário-geral gravemente, enquanto Ernie Levy, contorcendo-se sobre a cadeira, extremamente constrangido de sentir-se transformado em juiz supremo daquelas quatro atormentadas existências, tentava em vão encontrar uma fórmula que lhes devolvesse a dignidade sem lhes desmentir a insignificância.

- Quem sou eu - disse finalmente - cujo olhar transtorna quatro nobres patriarcas como vocês? Se soubessem...

Ouvindo estas palavras, o "senhore" se iluminou; e dando uma risadinha de entusiasmo:

- Esses Levy - exclamou ele -, eles são todos iguais! Ai, ai, ai, patriarcas, vocês ouviram?

- Eles têm mel e leite sob a língua!

- Se você triturasse um Levy num almofariz - aquiesceu o presidente, ainda sem coragem de encarar Ernie - e o transformasse em grãos, mesmo assim, sob o pilão, sua gentileza não se separaria dele. Patriarcas, meu Deus...

E ainda com o nariz apontado para o chão, continuou com uma voz tranqüila:

- Meu filho, meu querido filho, não se trata de um, mas de quatro milagres se estamos aqui com vida. Supondo que nenhum milagre tivesse acontecido, você teria encontrado somente a sombra da nossa querida Associação; nesse caso, o que iria fazer nesse momento preciso?

- Não posso saber - disse Ernie sorrindo.

- Será possível que...?

O "senhore" se interpôs com violência:

- Não interrogue - gritou -, não faça perguntas a um Levy, deixe-o em paz: ele conhece de cor o seu caminho. Como era uso dizer entre nós, vocês se lembram?.. É inútil empurrar um bêbado, ele cairá por si; é inútil empurrar um Levy, ele levantará vôo sozinho! Hi, hi, hi, hi, hi!

- Fique conosco - disse o presidente, que parecia falar para o assoalho. - Este quarto, honestamente, não pertence a ninguém, ele pertencia à Associação; depois, como está vendo, fizemos dele o nosso esconderijo. Eles podem chegar amanhã, esta noite: mas hoje a sua casa é aqui. Podemos então adotá-lo? Perfeito. Excelente. A perfeição da excelência.

- Mas eu...

- Ah - disse o "senhore" -, talvez sejamos velhos demais para você, hein? Talvez não seja muito divertida a companhia de velhas sardinhas como nós; eu compreendo. Mas antigamente, você sabe, havia também jovens na Associação. Meu Deus, isso é possível? Lembro-me de um ano em que contávamos 27 membros inscritos na região parisiense!

- E os bailes... - disse o secretário em êxtase. "Senhore" não o deixou terminar:

- Oh, oh! - gritou, todo excitado. - Eu me lembro dos bailes anuais de antigamente. Parecia mentira... Eram geralmente em Belleville; bailes simples, familiares, não como as loucuras das grandes cidades como Varsóvia, Lodz, Bialystok, onde ninguém se conhece. E depois, até que vinha um bom número de pessoas, porque a gente de Zemyock é conhecida e amada em toda a Polônia judaica...

- Que animal você é - disse secamente o presidente. "Senhore" revirou os olhos espantados; depois, compungido:

- Oh, oh! - disse. - Peço perdão, eu queria dizer: era amada. Porque, pelo que se diz, não há ninguém para amar na Polônia judaica, nem ninguém para ser amado...

Nesse momento, o presidente decidiu-se a levantar o rosto, mostrando a tristeza nostálgica dos seus olhinhos brilhantes:

- Aceita nosso convite?

- Para mim seria... felicidade.

Saltitando em volta da mesa, o presidente sacudiu uma papelada por trás das costas do convidado; este último iria depois notar o armário da parede que guardava os arquivos da Associação. Voltando de onde estava, o presidente abriu um registro de capa preta sobre a minúscula mesa; enquanto o folheava lentamente, seus lábios continuavam a desfolhar lembranças...

- Você compreende, eu estava morando com meu filho antes da guerra. Um belo apartamento com uma oficina de alfaiate. E, sabe, eles me

deixaram aqui para tentar alcançar a zona livre, lá cruzei muitas fronteiras em minha juventude, não tinha mais vontade de correr; continuei no apartamento. Que eles descansem em paz. A zeladora primeiro tomou as máquinas, depois, as louças, depois, o apartamento. Mas ela não me denunciou... Restamos nós, os livros velhos, os papéis velhos e eu. Quer saber de uma coisa?.. Deus está se divertindo. Não, não, não, não, eu penso que era o ano de 1938. Ah!... Está vendo? Mardoqueu Levy, rua Ermitage, 37, Montmorency, Seine-et-Oise. Posso colocar seu nome ao lado?.. Perfeito, excelente; a perfeição da excelência.

- Há somente uma coisa - interveio o "senhore", inquieto -, terá de apressar-se em colocar a estrela.

- Com prazer - disse Ernie Levy.

II

Ernie se admirava de que os homens do Marais não se cansassem de Deus. Numa ilhota condenada a desaparecer muito breve no grande fluxo da morte, eles continuavam a levantar os braços para o céu, a ele se apegarem com todo o fervor, o tormento e o piedoso desespero. Todos os dias as batidas nazistas retinham em suas malhas parentes ou amigos, vizinhos de andar, seres de carne e osso com os quais ainda ontem palavras tinham sido trocadas; mas as pequenas sinagogas da rua Roi-de-Sicile, da rua Rosiers ou da rua Pavée nunca ficavam vazias. Os quatro velhinhos se faziam acompanhar regularmente pelo hóspede, que participava das suas orações. Algumas vezes, jovens com distintivos flor-de-lis os esperavam na saída, bastões nas mãos, e o sarcasmo elegante nos lábios.

- É assim todos os dias, agora - resmungavam os velhinhos saltitando ao longo dos muros. - Mas nós não podemos faltar ao ofício divino. É o que eles querem, você sabe.

No intervalo das batidas, uma existência formigante de viveiro humano prosseguia dentro das vielas e nos becos mortos. Sopas populares apareciam, não se sabe como. Naqueles dias da primavera de 1943, a miuçalha estrelada tinha direito às graças de um sol pálido que timidamente cobria as águas cinzentas e medievais do Marais. Ernie tinha achado emprego junto a um peleiro, portador de um cartão verde. Já se murmurava que os cartões brancos seriam os próximos visados; foram os

vermelhos. Era assim que os ocupantes desnorteavam suas presas com a incerta isca da sobrevivência.

Na exígua mansarda do sexto andar, a fileira de pequenos pacotes de náufragos tinha sido aumentada com mais um, o de Ernie, que continha, assim como os outros: um livro de oração, o xale de reza, os cordões de reza, um solidéu de reserva e seis torrões de açúcar. Um dia, quando voltava do trabalho, encontrou a porta lacrada com uma cinta de pano, no centro da qual havia um timbre alemão. Ele hesitou, arrancou a cinta, penetrou no quartinho que lhe pareceu intacto; faltavam apenas os quatro pequenos pacotes dos quatro últimos sobreviventes da Associação Parisiense dos ex-Moradores de Zemyock. Deixaram um terrível espaço em torno do seu pacote intacto. Deitado na cama e tiritando com uma estranha febre, Ernie esperou sua vez durante 48 horas. Todos os seus, em cortejo, desfilavam-lhe diante dos olhos. Tinha, às vezes, vontade de descer, aderir a um daqueles movimentos que agora se organizavam dentro e fora do gueto. Contavam-se façanhas de alguns jovens heróis judeus. Mas todos os alemães da terra não resgatavam uma cabeça inocente; e, além do mais, dizia consigo, teria sido para ele uma morte de luxo. Não tinha a intenção de singularizar-se, separar-se do humilde cortejo do povo judeu.

Quando teve certeza de que os alemães ainda não o desejavam, Ernie desceu os seis andares a fim de dirigir-se ao trabalho. Nesse dia, como ele cambaleava sobre a calçada, uma francesinha de luto aproximou-se e lhe estendeu a mão. Na semana seguinte, uma outra satisfação, no metrô: um velho trabalhador de macacão ofereceu-lhe o seu lugar.

- Eles também são seres humanos - exclamou lançando olhares furiosos em torno de si. – E, meu Deus, ninguém escolhe o ventre da sua mãe!

Ernie declinou do encantador convite, mas ele ainda sorria quando entrava na sinagoga da rua Pavée, para o serviço noturno. Encontrando-a quase deserta, deduziu que tinha havido batida à tarde. Somente alguns velhos em devoção permanente ocupavam os assentos obscuros, e duas ou três mulheres choravam por trás do tabique de separação. Mais uma vez, Ernie se perguntou o que o prendia àquele lugar; apesar de todos os esforços, ele não tinha sido capaz, uma só vez, de chegar à pessoa de Deus, do qual se sentia separado, definitivamente, pelo muro de lamentações judias, se

elevando até o céu.

Lá fora, um grupo de jovens elegantes se divertia. Um deles tentava puxar a barba de um velho devoto, o qual, receoso de que lhe arrancassem o livro de orações, se defendia desesperadamente. "Montjoie Saint-Denis!", exclamou o jovem, cheio de rancor; e imediatamente um bando alegre correu em seu socorro aos gritos de "Pour Dieu et mon droit!".

Ao afastar-se da visão daquelas façanhas, Ernie percebeu, num canto, uma jovem com a estrela-de-davi debatendo-se em desespero, prisioneira de dois "patriotas" franceses que a acariciavam rindo. Por instantes, ele tolerou esse espetáculo; depois, atirando-se impulsivamente à frente, dispersou o grupo com a presteza do seu ataque, segurou a mão da jovem e a conduziu em louca corrida pelas vielas misteriosamente vazias do Marais.

Perto da rua Rivoli, como diminuíssem o passo por causa do trânsito, Ernie notou com surpresa que a jovem era coxa.

- Eu lhe sou muito grata - disse ela em ídiche, quando pararam nas vizinhanças do terreno vago da rua Geoffroy-l'Asnier.

Estava ofegante e gotas de suor lhe brotavam da fronte; Ernie achou qualquer coisa de cigana em seus desgrehados cabelos ruivos, no vestido de algodão flutuando à sua volta como um saco e naquele rosto de um moreno provençal com certo ar de impertinência ou de candura que tanto o seduzia nas flores silvestres espalhadas pelo caminho que vai de Camargue a Saintes-Maries-de-la-Mer. A estrela amarela lhe ia como um broche no peito, uma preciosa jóia cigana.

- Não é que tivessem feito comigo alguma coisa demais - acrescentou ela sorrindo -, não sou assim tão bonita.

Ernie olhou-a sem compreender; suas mãos se separaram com constrangimento; em seguida, a jovem começou a falar rapidamente, lançando no ar, como bolhas de sabão, vagas palavras de eterno reconhecimento, etc.

- Você deve estar muito cansada, não? - disse ele, interrompendo-a com ligeira brusquidão.

- Não, por quê? Ah! - respondeu muito naturalmente. – Por causa da minha perna?

O jovem hesitou:

- Sim - disse finalmente -, por causa da sua perna.

- Ora, não se preocupe com ela. As pessoas imaginam isso quando a vêem. Mas ela é ainda mais forte do que a outra. Ah, você pode ter se quebrado uma vez, minha filha, mas isso não vai acontecer duas vezes.

Inclinada sobre a perna delinqüente, a jovem aleijada a repreendia alegremente, chegando a aplicar-lhe um pequeno tapa.

Ernie rapidamente disse, querendo desviar a atenção da jovem:

- Por favor, você mora longe?

Ela interrompeu sua gesticulação, levantou a cabeça, sorriu.

- Oh, não, é logo ali, a dois passos.

- Mesmo assim, segure em meu braço, por favor, hein? Hein?

Espantada, repentinamente ruborizada, a jovem manca passou silenciosamente seu braço pelo braço que lhe oferecia o jovem, e os dois seguiram a rua Geoffroy-l'Asnier, até a margem do Sena, que eles percorriam sob o olhar perplexo dos transeuntes. Mesmo lhe dando o braço, a curiosa jovem fingia não estar nele se apoiando, de modo que os dois braços somente se tocavam no momento em que ela pisava o chão com a perna mais curta, num leve saltitar, descarregando o peso, por breve instante, sobre o braço de Ernie.

- Ela é apenas um pouco menor do que a outra - disse, ingenuamente, em tom de conversa comum.

Porém, mal essas palavras lhe saíram dos lábios, a jovem deixou escapar uma risada espontânea como resposta, e abandonando o braço de Ernie dava alguns passos sozinha, com um andar voluntariamente claudicante, enquanto que, com um olhar malicioso para Ernie, invocava o seu testemunho.

- Apenas um pouco menor - disse ela alegremente.

E se calou logo depois, porque agora era Ernie que vinha até ela, tomava-lhe o braço sem pedir consentimento e a levava de novo; mas dessa vez sempre se levantando, para que ela encontrasse apoio nele e, silenciosa, estupefata, o seguisse sem resistência, sem coxear. Súbito, começaram a rir ao mesmo tempo, depois se calaram; em seguida, riram outra vez, felizes e intrigados com aquela série de coincidências. E Ernie disse, sonhador:

- E agora, está sentindo que ela é um pouco menor?

- Não, não - respondeu a jovem no mesmo tom.

Flores agrestes salpicavam a calçada que margeava o cais do Sena: ao

mais leve vento, elas subiam, confundindo-se com as outras que caíam dos plátanos, em delicadas espirais. Dez metros abaixo deles, corriam as águas do rio, prisioneiras da cidade. Um táxi passou bem junto aos jovens, roubando-lhes a visão de um ciclista com a língua inteiramente de fora, uma gorda senhora regamente instalada a reboque, que parecia estar se deliciando com a primavera de Paris. Alguns soldados da Wehrmacht também passeavam ao longo do cais, e Golda, era seu nome, mostrou a Ernie que ao ampará-la com as duas mãos, como ele fazia, corria o risco de tapar uma parte da sua estrela amarela. Depois, ela começou a inventar histórias fantásticas, afirmando, entre outras coisas, que agora tinha um segundo marido e que estava decidida a não parar por aí, se bem que fossem poucas as ofertas para sua escolha. Ernie se deixava levar pelas ondas daquela tagarelice, concentrado apenas no prazer que sentia em respirar, lentamente, compassadamente, com todos os seus brônquios súbito renovados no fundo do peito.

- Chega - dizia ela a cada cinco minutos -, pode deixar-me aqui, por que está tomando tanto trabalho?

Mas essas palavras também deixavam Ernie indiferente; elas pareciam ser parte do prazer que a presença de Golda imprimia a todas as coisas, fazendo dançar as casas no ar quente, transformar o Sena num modesto riacho de aldeia e confundir os ruídos de Paris numa única harmonia triunfante; e, além do mais, Ernie, enquanto Golda dizia todas aquelas inconseqüências, procurava endireitá-la um pouco, com a mão bem firme sob suas axilas, e a erguia levemente, como para fazê-la tão etérea quanto suas palavras.

Abandonando o cais, ela o encaminhou para um dos inumeráveis becos cavados como valas entre os úmidos paredões dos prédios que beiram o Sena, por trás da Bastilha. Ela riu muito quando ele lhe pediu para tornar a vê-la, como se pensar nisso fosse uma brincadeira de primeira ordem, e, sempre rindo, aceitou, lhe fez perguntas sobre seu horário de trabalho, aparentando divertir-se com a absurda idéia de que seu "salvador", como agora ela o chamava ironicamente, se encontraria no dia seguinte, em tal hora e tal lugar, esperando pela alegria da sua chegada. Mas ao chegar diante de uma estreita porta de ferro ela parou, estendeu-lhe a mão com desenvoltura, esboçou um gesto afetado, tal como uma dama diante do seu castelo:

- Virá mesmo, Sr. Ernie?

- É claro, não posso mandar vir minha sombra.

Então a jovem se mostrou mais atenciosa, e com a voz trêmula de inquietação:

- Mas por que virá?

- Como?

- Eu estou lhe perguntando - continuou ela com singular gravidade -, por que você virá?

- Por sua causa - disse calmamente Ernie (embora em tom de leve censura).

Diante dessas palavras, uma nova expressão se delineou no rosto de Golda, com surpreendente clareza; um rosto que se tornou tão belo e demonstrando uma alegria tão espontânea que Ernie Levy baixou os olhos sem querer. Quando os ergueu de novo, a jovem já se afastava com seu saltitar de pássaro, se perdia num corredor, e voltava mais uma vez para ele um rosto transtornado, antes de retomar sua caminhada.

De dentro, uma voz suplicante se fez ouvir:

- Posso contar tudo a meu pai?

- Sim, sim - disse Ernie.

Não podendo mais escutar a sua amiga, Ernie afastou-se sem se voltar; mas no fim do beco, convencido de que ela o acompanhava com o olhar, sentiu-se possuído por um sentimento inexplicável. E como começasse a chorar, ali mesmo de pé sobre a calçada, lhe veio o pensamento de que sua piedade era muito suave, uma piedade agora transformada, não sabia como, em alegria. Uma piedade tão etérea que ele estava sendo levado por ela.

III

Golda não era manca de nascença... Em 1938, após o cancelamento dos passaportes para os refugiados judeus poloneses, quando o novo governo "austriaco" os fez retornar às fronteiras da Polônia, a família Engelbaum se viu incluída na expulsão. A história correu toda a imprensa mundial: na primeira noite, os judeus foram deportados para a Tchecoslováquia; no dia seguinte de manhã, os tchecos os despacharam para a Hungria; de lá, foram para a Alemanha e, mais uma vez, para a Tchecoslováquia. Eles

davam voltas e mais voltas. Finalmente, se refugiaram em velhas barcas, no Danúbio. A maior parte se afogou no mar Negro; tão logo tocavam a terra, eram expulsos. Durante um vendaval no Danúbio, Golda foi precipitada fora do barco; mas ficou presa no instante final, a perna esmagada entre o fundo do barco e uma larga pedra. Improvisaram para ela uma tala de madeira; Golda cantava para disfarçar a sua dor. Ao fim de um complicado périplo, alguns dos náufragos do Danúbio encontraram um chão em terras da Itália, onde acabaram por se dispersar. Um grupo chegou clandestinamente à França, Golda sempre carregada por alguém; a perna ferida não cresceu: é tudo.

Mas Golda nunca mais se considerou a mesma depois disso, e sem que nela houvesse qualquer espécie de amargura, o fino véu da renúncia lhe cobriu o rosto sempre tão sorridente, suas maneiras até então despreocupadas e felizes, o caráter não menos vivaz; tudo isso estava agora mergulhado nas sombras de uma imperceptível reserva que transformava sua alegria perdida em beleza. Sofria, às vezes, de acessos de avidez, comendo frutos até ficar doente, ou então se embriagava com a melancolia de uma gaita, de onde extraía cantigas de amor muito espontâneas. Entregava-se por inteiro às coisas, e era capaz de morder uma maçã murcha como se tivesse o mundo se entreabrindo sob seus dentes. Ou então bebia longos jorros de água clara, sem estar sedenta, com uma espécie de delírio sonhador que assustava sua mãe. Cada excesso a abandonava, satisfeita, às margens dos seus desejos, sem melancolia, sem remorsos, como se tivesse se saciado nas mais embriagadoras fontes da vida.

- Você não leva nada a sério - dizia-lhe a mãe -, não vai achar casamento, se continuar nesse caminho.

- E pensa que adianta mudar?.. Quem vai me querer com essa perna?

E Golda ria às gargalhadas, enquanto sua mãe, mulher angulosa nas formas e no caráter, aguçada pela vida, protestava com uma convicção áspera e teimosa.

- Quero morrer agora, mas não consigo entender esse animalzinho! Mesmo que fosse tão feia quanto um sapo, se quisesse, ainda poderia achar um homem que a sustente! Pensa que a eduquei para quê? Para que apodreça ainda verde? Olhe para mim; eu consegui encontrar seu pai, hein?

Quando o Sr. Engelbaum estava lá, ele levantava os braços para o céu com fatalismo:

- Você me encontrou, eu a encontrei, nós nos encontramos... E sarcasticamente dizia entredentes:

- Que Deus a guarde de semelhante sorte... Venha cá, minha filha, e me diga como quer seu marido.

Todas essas coisas passavam por cima de Golda sem afetá-la, sem lhe dizer respeito, e era somente por deferência para com as excentricidades dos pais que ela entrava no jogo das suas preocupações matrimoniais, dizendo a seu pai:

- Mas você é meu marido, não é? - enquanto lançava um olhar de irônica amabilidade para a mãe, e acrescentava estas palavras que tinham sempre o dom de deixá-la enfurecida: - E você é minha mulher, minha deliciosa esposa. Que mais posso desejar?

Com o tempo, e querendo melhor expressar sua indiferença pela própria feminilidade, ela se habituou a tratar os pais freqüentemente assim, como se os quisesse fazer sentir que, tendo se casado com eles, estava duplamente feliz junto deles. Sua imaginação não estava voltada para o futuro, mas vivia à procura de uma satisfação mais rica, mais plena e mais misteriosa do momento presente, dentro dos limites do seu mundo. Suas "fomes", como dizia ela, suas "sedes", seus súbitos "desejos" não iam além dos objetos que estivessem ao alcance das suas mãos. Quando o guarda-comida estava vazio, ela se dava ao luxo de uma maravilhosa "fome" de pão seco. Mais tarde, quando suas relações com Ernie se tornaram mais ternas, às vezes lhe acontecia questionar sobre que espécie de desejo ela poderia ter: "Fale-me de uma coisa impossível, uma coisa que eu não posso lhe dar..." No começo, ela lhe respondia com abraços. Depois, conhecendo melhor o curioso caráter de Ernie, ela lhe pedia coisas que existiam, segundo ela, bem na fronteira do possível e do impossível, como um artigo de toalete, uma gulodice não racionada, uma fruta. Essa ausência de imaginação desesperava Ernie, nela ele via a conformada humildade dos pobres. Mas, às vezes, também reconhecia em Golda uma espécie de sabedoria calculada, o fruto espiritual do sofrimento. Era assim que interpretava a resignação de Golda diante da desgraça alheia e da sua. Gostava de chamá-la de "Simplória" mas um dia, depois de uma longa conversa sobre esse assunto, ela teimando em aceitar, e ele em negar a

vontade de Deus, Ernie lhe disse, pensativamente:

- Isso acontece porque até hoje eu nunca tive nenhuma noção sobre o princípio do sofrimento; enquanto você, você sabe de tudo melhor do que um rabi.

Ela o olhava, desamparada. Num outro dia, na rua Pavée, quando ele lhe interrogava sobre um "desejo", ela de repente sentiu um "desejo": caminharemos juntos por Paris sem suas estrelas. E eles caminharam durante toda a tarde. Foi esse seu único "desejo" impossível.

O passeio aconteceu num domingo de agosto. Como seus andrajosos casacos ostentassem uma estrela amarela, bem costurada no lado esquerdo, Golda propôs que saíssem em mangas de camisa. O dia estava lindo, e igual àquele nunca mais haveria na vida dos dois jovens; Ernie e Golda chegaram até à margem do Sena e, sob o arco obscuro de uma ponte, tiraram suas comprometedoras vestes, que Golda escondeu dentro de uma cesta de compras e cobriu com uma folha de jornal. Depois, de mãos dadas, foram andando até Pont-Neuf onde, com deliciosa ansiedade, subiram a escadinha de pedra, a fim de alcançarem a superfície do mundo cristão.

Naquela época, Ernie, já bem empertigado, voltara às solenes passadas da sua infância; seus longos cachos negros, cuidadosamente penteados por Golda, lhe caíam de cada lado da fronte, escondendo as cicatrizes.

Com a camisa cintilando ao sol, e um corpo que se aprumava com a graça ainda suave de um jovem cedro, ele parecia um rapaz qualquer, cheio de vida, contendo com a ponta dos dedos, displicentemente, o impulso saltitante de um cabrito ruivo, também sedento de vida. Golda parecia dançar. Ela se tornara uma beleza campesina com os cabelos presos em coque, ainda lustrosos das águas do Sena; uma leve sombra avermelhada nos lábios, sobre os quais ela, de vez em quando, levava um dedo, mostrando espanto; e a blusa dos seus sonhos, branca, bem engomada, que 15 dias antes a colocava no rol das senhoritas, e a que ela fizera questão de dar uns retoques com o ferro, delicada e preciosamente: um retoque vindo diretamente do coração, segundo o Sr. Engelbaum.

Entregues à angústia e ao prazer, não ousando se entreolhar, eles caminhavam tranqüilamente, sentindo-se ali como dois pássaros voando

emparelhados, por pura intuição. De quando em quando, esquecido das suas promessas, Ernie não conseguia deixar de claudicar levemente, acompanhando Golda, que o fazia voltar a si com um aperto mudo de mão. Chegaram à Praça Saint-Michel, ficaram um longo tempo parados diante de um cinema.

- Eu - disse de repente Golda, rompendo o silêncio -, eu nunca entrei num cinema. E você?

- Eu também não - constatou Ernie, surpreso. - E como não temos nossas estrelas - cochichou ele docemente em ídiche -, não há mal em entrarmos por uma vez: não consigo imaginar como deve ser. Veja, ainda tenho 4, 5, 7 francos.

- É caro, muito caro - disse Golda. - E, além do mais, eu prefiro ficar aqui fora, onde está a vida.

Ela fez um amplo e possessivo gesto. Ordenando que ficasse onde estava, Ernie voltou com dois sorvetes em forma de barquetes. Ela escolheu o de cor verde e, torcendo o pescoço para não sujar a blusa, mordeu o sorvete, engasgou, sufocou, cuspiu as surpreendentes delícias. Depois, seguiu o sábio exemplo de Ernie, e como ela passava a língua em volta da casquinha, ele pensou que ela estava saboreando a si própria no sorvete, como parecia fazer em todas as coisas, em seus menores gestos e palavras, e mesmo quando lançava olhares gulosos para as barracas dos feirantes do boulevard Saint-Michel em festa, e para Ernie que sentia todo o seu corpo vivendo um sonho, sem mais existir dentro dele a menor aversão pela sua própria pessoa.

Devorados os sorvetes, eles seguiram o boulevard Saint-Michel e chegaram diante do leão da Praça Denfert, tão majestoso e dominador quanto o Leão de Judá, guardião do armário do Santo dos Santos. Atraídos pelo encanto de uma ruela, eles saíram na avenida do Maine, onde descobriram uma minúscula praça, agradável, verdadeiro oásis cercado de prédios ensolarados e que, com todas as persianas abaixadas, pareciam dormir um sono definitivo. Escolheram cuidadosamente um banco, sobre o qual Golda colocou o seu cesto, e imitando namorados parisienses eles olharam sem ver as crianças, as babás, as velhas que também usufruíam da tranqüilidade da praça Mouton-Duvernét.

- Imagine - disse Ernie -, milhares de pessoas aqui se sentaram antes de

nós; é divertido pensar nisso...

- Escute - disse Golda. - Eu existia antes que Adão fosse criado. Eu sempre alternei as duas cores da minha veste. Milhares de anos são passados e eu não mudei ainda em nada. Quem sou eu?

- Meu pai - disse Ernie - tinha histórias para tudo. O seu tem adivinhas.

- Eu sou o Tempo - revelou Golda, sonhadora -, minhas cores são o dia e a noite.

Um mesmo pensamento os reaproximou, enquanto o tempo em torno deles se escoava com rapidez cruel, a estrela lhes fazendo lembrar o fim da sua felicidade.

- Eu gostaria de saber - murmurou Golda - por que eles nos proíbem as praças públicas. Afinal de contas, é a natureza...

Uma nuvem de seda rosada atravessava o céu de Paris, bem por cima do alto edifício que se delineava por trás da folhagem, do outro lado da avenida Maine deserta, e com a imaginação Ernie a seguiu em todo o seu percurso até à Polônia, onde, sob o mesmo evanescente céu de agosto, o povo judeu estava morrendo.

- Oh! Ernie - disse Golda -, você que os conhece, diga-me: por que os cristãos nos odeiam tanto assim? Eles parecem tão amáveis quando a gente está sem a estrela.

Ernie colocou seu braço em torno dos ombros de Golda, solenemente.

- É muito misterioso - murmurou ele em ídiche -, eles próprios não sabem exatamente por quê. Já estive em suas igrejas, li seus evangelhos; você sabe quem era o Cristo? Um simples judeu como seu pai, uma espécie de hassidim.

Golda sorriu docemente:

- Você está brincando - disse ela.

- Sim, sim, acredite em mim, eu aposto que os dois acabariam por se entender, porque na verdade ele era um bom judeu, sabe, uma espécie de Baal Chem Tov: um misericordioso, um doce. Os cristãos dizem que o amam, mas eu acho que eles o detestam sem saber; tomam a cruz pela outra ponta, fazem dela uma espada, com a qual nos ferem! Você compreende, Golda - exclamou súbito, estranhamente excitado.-, eles tomam a cruz e a invertem, eles a invertem, meu Deus...

- Pssiu - fez Golda -, podem escutar-nos.

E passando a delicada mão sobre as cicatrizes do rosto de Ernie, como

tanto gostava de fazer, ela sorriu:

- E você havia me prometido não "pensar" durante toda a tarde... Ernie beijou a mão que acariciava sua fronte, e continuou, obstinado:

- Pobre Jesus, se ele voltasse à terra e visse que os pagãos fizeram dele uma espada contra seus irmãos e irmãs, ficaria triste, infinitamente triste. E talvez ele esteja vendo tudo, porque dizem que certos Justos ficam à porta do Paraíso, eles não querem esquecer a humanidade, eles próprios esperam pelo Messias. Sim, talvez ele esteja vendo, quem sabe... Você entende, Goldelê, ele era um judeuzinho dos nossos, um judeuzinho verdadeiro, sabe, nem mais nem menos do que... todos os nossos Justos. É isso mesmo, seu pai e ele se entenderiam muito bem. Posso vê-los juntos, claramente: "Então", diria seu pai, "meu bom rabi, não é de partir o coração ver tudo isso?" E o outro, cofiando a barba, lhes responderia: "Mas você sabe, meu bom Samuel, que o coração judeu precisa ser partido milhares de vezes para o maior bem de todos os povos. É para isso que nós somos escolhidos, não sabe?" E diria seu pai: "Ora, ora, então não sei disso? Mas, excelente rabi, isso é tudo que sei..."

Eles riram, Golda tirou a sua gaita do fundo do cesto, mostrou-a a Ernie e, sempre sorridente, levou aos lábios o instrumento e tocou algumas melodias clandestinas; era Atiqvah, o canto da esperança, e esquadrinhando com olhos inquietos a praça Mouton-Duvernet, ela saboreava o prazer do fruto proibido. Ernie se abaixou, arrancou um tufo de relva fenecida e a espalhou sobre a cabeleira ainda úmida de Golda. Quando se levantaram para partir, ele quis despojá-la daquela pobre guirlanda, mas a jovem segurou a sua mão:

- Pior para as pessoas que estão vendo - disse ela. - E pior para os alemães também. Hoje eu digo pior para tudo. Para tudo... - repetiu, com um inesperado ar solene.

- Ernie, Ernie - falou ternamente a jovem -, você sabe que nós estamos condenados à morte.

Ela estava sentada bem ereta, quase que rigidamente, sobre a estreita cama, com seu cobertor cinzento, no quarto no sexto andar, e suas mãos entrelaçadas repousavam, trêmulas, sobre os joelhos, numa postura suplicante. A barra da sua saia formava um modesto semicírculo. O casaco de lã vermelha destoava das cores sombrias do quarto dos velhinhos de

Zemyock, e botões desemparelhados fechavam até à gola branca sua blusa reluzente de goma. Um resto da relva, já ressecado, ainda estava preso em seus cabelos, cujos reflexos dourados, dentro da sombra, se nuançavam num ruivo outonal.

- À morte, Ernie, à morte - disse com súbita frieza, enquanto Ernie descobria a mesma gota de lágrima no canto dos olhos de Golda, aquela que ele surpreendera durante a silenciosa volta do passeio; a mesma amarga claridade que inundava os olhos de Golda, enquanto ela tornava a vestir, sob a ponte, o casaco vermelho assinalado com a estrela; a mesma voluntária e desesperada centelha que animava seu rosto, há pouco, quando ela quase lhe suplicara para deixá-la visitar seu quarto.

E agora, sentado na única cadeira do quarto, face a face com Golda, como estivera com os quatro velhinhos desaparecidos para sempre dos seus olhos, dois meses antes, as mãos cuidadosamente espalmadas sobre seus joelhos trêmulos, Ernie Levy ouvia o grito silencioso explodindo dos lábios de Golda, ainda levemente tintos de vermelho.

- É isso mesmo - murmurou, fazendo um esforço para sorrir -, o que há entre nós é por toda a vida, até a morte.

- Não, não - insistiu ela -, você sabe o que estou querendo dizer. É para a morte que estamos unidos.

Ela se curvou, tomou as mãos do jovem, depois levou seu corpo lentamente para trás, os braços uma ponte unindo os dois.

- Neste momento - disse Ernie -, quem não está condenado à morte?

- Ernie, Ernie. Mas nós, nós somos um pouco... noivos, não é?

- E agora, neste momento, você acha que somos os únicos noivos?

A lágrima contida desde a Praça Mouton-Duvernet agora caminhava delicadamente sobre a curva sombria da sua face, e enquanto ela mantinha sua imóvel e hierática postura, seus lábios se descerraram e a jovem deixou escapar:

- Não, não, há outros, muitos outros.

Ernie jamais vira Golda chorar, e ele achou as lágrimas da sua bem amada mais amargas do que a morte; e ele pensou: "Veja, meu Deus, os oprimidos choram e ninguém os consola! Eles estão indefesos diante da violência dos seus opressores, e ninguém os consola!" E enquanto as lágrimas de Golda corriam silenciosamente, ele achou que os mortos que já estão mortos são mais felizes do que os vivos que estão ainda vivos, e

apertou fortemente as mãos de Golda, que, levantando os olhos, disse sorridente entre as lágrimas:

- Ernie, Ernie, eu queria ser sua mulher hoje mesmo. Ele perdeu o fôlego por um momento.

- Perfeito - disse ele asperamente. - Excelente. A perfeição da excelência. Mas onde encontrar um rabi a essa hora?

Golda riu, lançou-lhe um olhar cheio de censura.

- Você sabe muito bem - disse com uma lentidão muito significativa - que eu não tenho rabi no coração.

- Perfeito. Excelente. Então, o que tem no coração?

- Por favor - disse Golda.

Ernie fechou os olhos, tornou a abri-los, e fez um esforço para retomar o uso da palavra.

- Amanhã - disse ele súbito - vai arrepender-se por não ter... diante de Deus.

- Amanhã - disse calmamente Golda - talvez seja tarde demais.

Ela soltou uma das mãos da ponte dos seus braços, ainda ligando a cadeira e a estreita cama cinzenta, e passando a mão livre por cima das duas cabeças, acrescentou:

- E não estamos diante de Deus agora? Ele iria nos abandonar num momento como este? Você sabe tão bem quanto eu: quando a morte bate à porta, Deus está sempre presente.

- Se você quer - disse Ernie -, se você quer...

Sem perder a suavidade de sempre, sua voz denotava uma condescendência distante que desagradou a Golda:

- Se Deus não estivesse presente - falou ela com uma vozinha indignada -, como fariam então as pessoas para suportar?... Você é louco, Ernie, se acredita... Porque se Deus não estivesse presente, neste momento, se ele não nos ajudasse a cada instante, nós judeus seríamos apenas uma grande lágrima, como diz meu pai. Ernie, você está me entendendo?... Ou então - continuou ela distraidamente -, poderíamos nos transformar em cães, como o Justo de Saragoça, quando Deus o abandonou por um minuto. Ou desapareceríamos no ar. Você está me ouvindo, Ernie, está me ouvindo?

Inquieta, ela repousou a mão livre sobre a ponte trêmula que unia seus braços, e enquanto ele murmurava, despertado do seu sonho: "É verdade, é verdade que Deus está presente...", ela surpreendeu nos olhos de Ernie um

brilho tão frio que, retirando as duas mãos, ela se encolheu no fundo da cama, junto à parede caiada, e suspirou, desolada:

- Então, você não me quer como mulher?

- Você?... - disse Ernie.

Ele se levantou bruscamente e enquanto perguntava baixinho:

"Você?... você?..." seus olhos se tornavam ofuscados e suas bochechas como se amoleciam para depois inchar. De repente, gritou, com uma voz áspera:

- Mas, minha pobre Goldelê, você não sabe quem sou eu?

- Sim, sim, sei quem é você - disse Golda, amedrontada.

Ela sentia que estava diante de um louco sagaz; sua conversa é uma noite eriçada de pontas agudas, sua própria inquietação é difícil de ser definida, porque o interlocutor é doce, sensível, culto; súbito se descobre que lhe falta somente a razão.

- Não! - repetiu Ernie com amargura. - Você não sabe quem sou eu! Eu...

Em seguida, essa voz abominável se confundiu e uma terceira se fez ouvir, tão fraca que Golda teve que aguçar o ouvido para percebê-la:

- Escute, Golda - cochichava a terceira voz -, é preciso que você saiba, creia-me, não há sobre a terra pior judeu do que eu: verdadeiramente, verdadeiramente... Porque eu... Um animal não teria... compreende?... E você é tão... E eu sou tão... Agora você entende?... Oh, Golda...

- Não diga nem uma palavra - disse ela tranqüilamente.

E quando contemplou a jovem, que não demonstrava estar nem um pouco alarmada, mas sorria abertamente, Ernie ergueu aos céus suas mãos que pareceram flutuar por instantes, antes que, sob o peso da vergonha, ele se deixasse cair, de uma só vez, a cabeça entre os joelhos de Golda que, tranqüilamente, lhe passou a mão sobre os cabelos, ajeitando sem pressa cada um dos anéis desfeitos pela tempestade, e sentindo sem constrangimento, entre suas coxas, a respiração agitada de Ernie, que ela saboreava, feliz por se saber tão amada.

- Eu sei quem é você, eu sei quem é você - ela repetia extasiada.

Ernie descobriu que sua velha máscara de terra e sangue estava se dissolvendo sob a ação das palavras de Golda; afastando-se dela, ele a olhou e viu qualquer coisa como um reflexo longínquo do seu verdadeiro rosto dentro dos olhos da jovem. Ele não sabia com que espécie de matéria era modelado seu rosto verdadeiro, a face interior que, confusamente, ele

pressentia nele; mas os olhos de Golda pareciam estar sorrindo para um simples rosto de homem, e, aliviado, Ernie sorriu.

- Talvez fosse preciso - disse então Golda - que nos beijássemos, pelo menos uma vez.

- É o que se deve fazer - disse Ernie. - Em absoluto.

Sentados um diante do outro na beira da cama, as quatro mãos juntas em arco, eles contemplavam as suas bocas; mas o ato era de tal gravidade que, finalmente, Golda se levantou confusa e recuou lentamente em direção à pequena janela, em cujo marco se enquadrou sua cabeça ruiva, tendo como fundo o céu.

- E agora - disse ela -, que fazer?

Ela percebeu um imperceptível sorriso nascendo no canto dos lábios de Ernie, como um leve rabisco infantil.

- Mas sim - disse ela suspirante, tocada pelo sorriso -, você sabe, já li que os homens despem as mulheres. Que lhe agrada mais: que eu seja despida por você ou que eu me dispa sozinha?

- E você? Que prefere?

Golda deu uma risada alegre:

- Prefiro despir-me sozinha.

Depois, o sobrececho cerrado, inquieta:

- Mas quem sabe quer olhar-me?

- Eu quero o que você quiser - disse Ernie sorrindo.

O riso de Golda se tornou mais descontraído:

- Prefiro que não me olhe.

Quando por sua vez ficou nu, Ernie se voltou e viu que Golda era apenas um rosto, deitado como uma flor no alto da cama, o cobertor cinzento a encobrindo até o queixo. De repente, preocupado com seu corpo, ele se constrangeu com as longas e violáceas cicatrizes das suas pernas, braços e tronco, vestígios de antigas fraturas expostas. Depois, ajoelhou-se junto à cama, colocou o rosto sobre o travesseiro, misturando seus negros cabelos encaracolados com as mechas outonais de Golda.

- O amanhã não existe - murmurou docemente.

Diante dessas palavras, a jovem retirou do cobertor um braço leitoso, e enquanto, hesitante, acariciava o peito úmido de Ernie, seus olhos se abriram para a adolescente, e ela disse, atenta:

- Sabe que é belo como o rei Davi?

IV

A noite se fizera em transparente azul quando os dois voltaram ao mundo. A hora do toque de recolher para os judeus tinha passado, e embora Golda o tivesse proibido, Ernie não pôde resistir a segui-la, secretamente, 20 passos atrás, ao longo das vielas escuras e desertas do Marais. A passada metálica de uma patrulha obrigou-a a esconder-se num corredor; também escondido, Ernie se felicitou por não tê-la deixado correr o risco de ser presa sozinha. Mas a patrulha passou e a silhueta claudicante de Golda se atirou de novo na noite. Quando chegaram ao beco, para grande espanto de Ernie, a silhueta se voltou, agitou um braço no ar e desapareceu.

Ernie retornou sem dificuldade à rua des Ecouffles e, mal fechou os olhos, adormeceu. De manhã, descobriu sobre o travesseiro alguns raminhos abandonados pela noiva. Enrolou-os cuidadosamente dentro de um lenço e os colocou dentro da camisa, junto à pele. Depois, voltou ao trabalho, e começou a construir planos para o futuro, que se elevavam e se desmoronavam, um após outro, em seu cérebro. Sua tarefa consistia em esticar e bater peles brutas de carneiro que o Sr. Zwingler, feliz titular de um cartão verde, fornecia ao Exército alemão, em forma de coletes. Com a boca cheia de tachinhas, o minúsculo martelo de peleteiro na mão, Ernie lutava contra a tentação crescente da “simples felicidade humana”. A lógica, dissera na véspera, diz que seremos todos presos. A lógica, respondera Golda, diz que eu o amo e que vou ficar com meus pais. A lógica? Mas, de acordo com a lógica, não se corre o risco de morrer, forçosamente?... E Golda, no entanto, estava com a verdade: fugir era impossível, mas eles podiam se amar à beira de um destino comum; alguns dias, algumas semanas. "Ou talvez alguns meses, quem sabe?...". exclamou Ernie entusiasmado, para grande emoção dos seus companheiros de trabalho.

A jovem não se encontrava na calçada ao meio-dia; mas ela conhecia bem o preço de um minuto de angústia. Seus pais a teriam prendido em casa? Ela teria...?

Ao meio-dia e meia Ernie se pôs lentamente a caminho do beco; os últimos cem metros foram feitos correndo; mas quando ele chegou na esquina, parou. Uma hora se escoou. Com as costas na parede, Ernie continha as batidas do coração. Quando por fim penetrou no beco, a

zeladora esticou o pescoço por cima de uma espécie de vigia, abriu a boca, tornou a fechá-la. No primeiro andar, Ernie parou diante do corrimão; teve em seguida a sensação de que subia sem esforço, puxado por um fio fixado em seu ventre, como um cordão umbilical; deixou-se levar pela horrível coisa, e se encontrou diante da modesta porta com aldraba de ferro, no canto da qual ele viu selado o destino dos Engelbaum.

A zeladora o esperava no andar térreo. Tinha sobre sua mão espalmada a gaita de Golda. Era uma daquelas zeladoras parisienses, de roupão e cabelos encrespados, que não perdoam a ninguém por estarem perpetuamente confinadas num cubículo. A primeira vez que Ernie recorreu a ela, querendo saber onde moravam os Engelbaum, ela botou a cabeça fora da vigia e respondeu, colérica: Sempre no mesmo lugar! Mas hoje ela estava modestamente ao pé da escada, junto ao corrimão, os fios desbotados de cabelo lhe caindo sobre a testa inclinada, como para disfarçar sua carne pardacenta de zeladora; e dentro da sua mão, a pequena gaita de Golda, embora quebrada e torcida por alguma mão de ferro, exprimia tudo o que a zeladora podia dizer. No entanto, o silêncio de Ernie a desconcertou:

- Eu queria lhe dizer antes - explicou. - Mas é a terceira vez que tenho judeus aqui, e eu prefiro deixar que as pessoas subam primeiro. Não sou muito boa para dizer certas coisas, embora não seja assim tão malvada quanto pensam. É tudo.

Estarrecido, Ernie levou a gaita aos lábios; um silvo fraco e desagradável saiu dali.

- Eles passaram por cima. Quando ela a jogou para mim – disse ao rapaz -, eu entendi que era você; porque entendo a vida. E um deles a apanhou para ver o que era. Talvez pensasse que era uma jóia; ou talvez simplesmente para ver o que era... E ele a pisoteou. Depois, subiram no caminhão. E... você sabe o que isso significa...

- Não é nada - disse Ernie -, pode ser consertada.

E como ela o olhava surpreendida, ele ajuntou:

- Não fique preocupada, senhora, todos os seus judeus voltarão.

Aliás, todos os judeus tornarão a voltar. Todos.

Depois, contendo um frêmito:

- E se eles não voltarem, ainda restarão os negros, os argelinos... ou os corcundas.

- Que está dizendo?
- Tem razão - disse Ernie. - Desculpe-me. Na verdade não sei como lhe pedir desculpas. E obrigado, obrigado. É... verdadeiramente, não sei como lhe pedir desculpas!
- Vá embora - disse ela - antes que minha caridade acabe.
- Torno a lhe pedir desculpas - insistiu desajeitadamente o judeu. - As palavras me saíram da boca. Sinceramente. Foi isso.

O nome Drancy não era senão uma ridícula tabuleta no frontão daquela estação comum do subúrbio parisiense; com suas plataformas descobertas, com seu relógio patriarcal, onde o tempo parecia escoar lentamente, à francesa, e a pressa anódina dos seus viajantes, aquele homem de boné que recebia os bilhetes sem ao menos olhar para eles, encostado à barreira de concreto que dava para a cidade, toda ela entregue às carícias suaves do sol da Ile-de-France, nada parecia indicar, mesmo para os olhos prevenidos, a existência do campo, cujo simples nome dava mais terror às crianças judias do que todas as histórias demoníacas. Ernie, uma vez mais, teve a sensação que várias vezes tivera em sua vida: de embotamento, de prostração diante do extraordinário poder humano de tirar sofrimento do nada ou quase nada. O céu, por cima dos telhados de Drancy, não era menos doce, puro e urdido de promessas do que o céu que vira, à margem do Schlosse, florescer um inferno infantil; nem menos sereno do que o céu nublado que contemplou o aniquilamento da 429ª. Regimento: o êxodo, os dias em que Ernie desesperado foi cão. No dia seguinte ao bombardeamento pelos aviões americanos, a cidade de Saint-Nazaire, segundo os jornais, com três quartos de suas casas destruídos, despertou sob um céu sedoso. As coisas em nada participavam da agitação dos homens. Drancy abrigava em algum lugar um abscesso de onde destilava uma inacreditável quantidade de sofrimento: mas ela não mostrava nada disso, nem seu céu. Ernie tomou a direção recomendada pelo bilheteiro, caminhou durante um longo tempo, viu projetar-se uma massa de concreto que parecia dominar os pequenos telhados ao redor, enfiou-se por um caminho mal pavimentado e se achou subitamente diante do enorme e duplo bloco de edifícios, que parecia ter surgido, inteiramente armado, do vasto espaço de quintais e terrenos baldios: ele se erguia no meio deles como uma fortaleza de bronze. Um ciclista, vindo por trás, ultrapassou-o

com toda a calma de um passeante, pedalando a uma igual distância da muralha e das casinhas baixas, fronteiras ao campo de concentração; ao passar, o ciclista saudou, com um rápido aceno de mão, os guardas parados diante do portão (mais precisamente, diante de uma minúscula porta de madeira branca), e dobrando à esquerda, parou junto à calçada, entrou assobiando no bar vizinho, as bochechas escarlates de sol e os olhos brilhantes de sede, de vida; a sombra dos arames farpados tocava a calçada.

Ernie se postou diante das duas sentinelas, e disse:

- Eu queria entrar no campo, por favor. Sou judeu.

Depois, apertou sob o braço o pequeno pacote trazido da Associação, e curvou-se polidamente.

- Está ouvindo? - disse a primeira sentinela, mostrando a estrela de Ernie -, ele é judeu. Então, subsequente, eu sou uma sentinela.

- As visitas são proibidas - disse o outro em tom sentencioso.

- Mas deixando os embrulhos, dá-se um jeito...

E ele piscou para a primeira sentinela, que bateu no ombro de Ernie com uma cordialidade irônica:

- Você pode entrar, mas não sair! Hein?

Ernie esperou que as risadas se acalmassem.

- Justamente - disse com uma voz cheia de deferência. - Justamente, quero entrar e não sair.

E inspirado pela anterior piscada de olhos da sentinela, dirigiu a ambos uma piscadinha de olho cúmplice, depois fez uma mesura com a cabeça sorrindo, como se os convidasse a zombar dele livremente.

Diante do silêncio consternado que acolheu aquelas palavras, Ernie entendeu que sua atitude não tinha sido aprovada pelas duas personagens; e pela explosão colérica que seguiu esse silêncio, compreendeu estupefato que as sentinelas se consideravam apenas guardiães do rebanho trazido pela Gestapo, e viam grave ofensa em serem colocados na classe de caçadores:

- Mas nossa função não é essa! Vá procurar outra pessoa! Nós aqui recebemos a mercadoria, e é tudo!...

E sob aquelas veementes palavras de recusa, Ernie pôde igualmente perceber uma espécie de muda reprovação pelo sacrilégio que cometia se comportando assim diante da vontade de deuses alemães; em lugar de

esperar, humildemente, como cada pessoa da sua raça, o dia e a hora escolhidos pela autoridade competente. Enfim, o guarda com aspecto mais importante (Ernie descobriu de repente o triângulo de segundo sargento de cavalaria em sua manga) levantou com um gesto nervoso a coronha do seu mosquetão, e com uma frase fustigante, "Esses espertalhões!", empurrou Ernie para o meio da rua, sem nenhuma cerimônia.

A cortina de contas que fechava a entrada do bar se levantou e alguns fregueses, entre os quais um com o copo na mão, se aproximaram das sentinelas, a fim de se informarem do incidente; e enquanto os sotaques suburbanos das suas vozes se elevavam no ar pesado, misturados com os palavrões das sentinelas, Ernie Levy, suando de medo e de dor sufocante, e de um intenso calor de fornalha irradiado pela veste negra em tecido impermeável, herdada dos velhinhos de Zemyock, Ernie Levy, parado no meio da rua, enxugava lentamente o rosto com seu pequeno pacote, os olhos fechados e a língua pendente, como se estivesse se afagando no eterno presente da dor.

Um, dois, três fregueses o cercaram, tentando levar para o bar o estranho judeu alucinado e silencioso. Eles tinham gestos cheios de bondade. Súbito Ernie viu, bem junto a seus olhos turvos e mergulhados no suor, a face desolada do jovem ciclista que assobiara dez minutos antes, mas cuja boca agora só sabia repetir, com a febril insistência das crianças: "Mas venha cá, precisamos falar, precisamos falar..." enquanto do seu lado, tocado pela desastrada compaixão daqueles homens do povo francês, Ernie se agarrava à porta de entrada do bar e, sempre sorrindo para os operários que o empurravam para dentro, assegurava calmamente, sem a menor entonação ofensiva, como se estivesse constatando um fato evidente:

- Mas, vocês não podem compreender, vocês não podem compreender... Ele não soube como isso aconteceu: as mãos o abandonaram, um zumbido ressoou em sua cabeça, e enquanto se espantava por encontrar-se sozinho diante da fachada ensolarada do bar, cuja cortina de contas ainda tilintava a seu lado, surgido não se sabia de onde, um sedã negro, luzente como um escaravelho, parou lentamente diante do portão do campo, que se abriu com rangidos estridentes de metal. Depois, um homem baixo, com um chapéu tirolês, saiu do carro, examinando com seus olhinhos frios de

funcionário Ernie petrificado, o jovem ciclista parado na calçada, braços caídos de medo, e as duas sentinelas que disfarçavam, por trás de uma posição de sentido, a agitação servil e amedrontada dos seus globos oculares fixados no inspetor alemão. Ernie levou a mão até a altura do seu coração e tentou desfazer um dos pontos da estrela amarela costurada em seu casaco; mas o Sr. Zwingler, homem precavido, tinha dado pontinhos tão apertados que Ernie, exasperado, colocou a mão direita em garra sobre a estrela e a arrancou bruscamente, junto com um pedaço do fino e pouco resistente tecido. Depois, com um gesto um tanto lento, arrastado, exprimindo uma espécie de nostalgia, atirou o trapo de pano no meio da rua, cujas pedras de repente lhe pareceram faiscar sob a luz crua do sol, refletindo, como por um encantamento, sobre todas aquelas coisas, a rua, as sentinelas, o enorme inseto negro ronronando diante do grande portão aberto sobre o campo de concentração de Drancy, dentro do qual Ernie percebia, com uma acuidade dilacerante, uma irrisória agitação de formigas, ao pé de terríveis blocos de cimento. "Was ist das?" exclamou com voz áspera, colérica, curiosamente reduzida a um fio, o homenzinho de chapéu tirolês.

Um jovem da SS, tendo no uniforme o emblema da morte, saltou do carro, e a um sinal do chapéu tirolês empurrou Ernie para dentro do campo, onde, um empurrando o outro a socos, chegaram até o corpo de guarda, seguidos por um pequeno cortejo constituído pelo chapéu tirolês, que praguejava em alemão contra essa "incrível impertinência", e as duas sentinelas se arrastando lamentavelmente atrás de todos, exclamando em tom de voz baixo que demonstrava humildade, e no entanto suficientemente alto para serem entendidos:

- Com sua permissão, Herr inspetor!... Com sua permissão!...

A "correção" que Ernie recebeu no corpo de guarda lhe pareceu, se não justamente merecida, pelo menos dentro da ordem normal das coisas; mas quando ficou patente que o chapéu tirolês ainda não estava conformado com sua "impertinência", e depois de ter, com a ajuda de um intérprete, interrogado as duas sentinelas, se decidira agora a lhe "desatarraxar a língua", como ele dizia, para fazê-lo confessar os "verdadeiros motivos" do seu pedido de entrada no campo. Ernie não pôde impedir-se de abrir os lábios num discreto sorriso. Mas respondeu com uma proposital boa

vontade, aparentemente medrosa: ele queria ver alguém, explicou, uma pessoa muito próxima que o campo de concentração, infelizmente, separava dele. Pedia desculpas, não tinha pensado que iria criar complicações; o que lhe tinha parecido mais simples era apresentar-se na entrada do campo. Quem ele queria ver?... Mas para que atrair aborrecimentos para essa pessoa, não era possível acreditar em sua palavra?

- Que mal havia em um judeu querer entrar no campo? - exclamou, por fim, misturando uma afetação reivindicativa com incontida ironia.

Alguns minutos mais tarde, Ernie se encontrava no primeiro andar de um prédio situado atrás de um dos dois grandes blocos do campo; fizeram-no entrar numa sala luxuosa, onde um postigo de aço vedava qualquer outra luz que não fosse a de um abajur em arco; as paredes eram revestidas de azulejos brancos, o chão em mosaico era ligeiramente côncavo no espaço livre do centro, onde Ernie estava de pé: um pequeno rego de escoamento, como nos banheiros, se perdia num buraco cavado aos pés do prisioneiro.

- Que a "figura" se dispa - disse o homenzinho para o chapéu tirolês.

Mais do que na parafernália que o cercava, muito mais do que nos olhos torpes do auxiliar SS (agora em mangas de camisa e estalando nervosamente seu chicote em uma das suas botas), a violência se mostrava nuamente, por inteiro, impregnada na gorda figura loura do inspetor, rigidamente sentada sob seu ridículo chapéu; em seus olhos que pareciam talhados no delicado tecido da sentimentalidade alemã, mas onde se agitavam por instantes, por trás do véu dos seus óculos, finas serpentes de anéis verdes. E, acima de tudo, a violência emanava da sua pequena boca infantil, como que umedecida em suco de framboesa, e que desde o começo do interrogatório não tinha parado de crivar Ernie de frases curtas em forma de glaciais prescrições, que poderiam parecer anódinas se o emprego do termo "figura", com que elas designavam o judeu, não se revestisse, a cada vez, de uma significação demoníaca: "Que a figura", dizia o homenzinho de chapéu tirolês, "que a figura" explique mais claramente as razões do seu comportamento. A figura tem conhecidos no campo? Quais mensagens quer transmitir e a quem? A que organização pertence a figura? Hans, explique à figura que isso é apenas o prato de entrada ao qual se segue o prato de resistência. Então, afigura entendeu?..; E assim por diante, como se por um delírio invertido, e acreditando estar o

diabo não nele mas na vítima, o inspetor se empenhava em consolidar a barragem da violência com aquela forma singular de exorcismo verbal; ou como se, temendo ver surgir um olhar humano em meio à carne oferecida à sua livre vontade, ele quisesse fazer Ernie descer todos os degraus que levam ao nada, e menos do que judeu, até mesmo menos do que um animal, reduzi-lo a uma simples aparência visual.

- Que a figura tire a roupa - repetiu suavemente, enquanto delicados anéis verdes se agitavam freneticamente, com uma espécie de arrebatamento selvagem, na água agora turva do seu olhar.

O auxiliar se inclinou sorrindo.

- Posso ajudá-lo?

Depois recuou para a sombra, percebendo, pelas feições descontentes do seu superior, que acabava de infringir algum ponto invisível do cerimonial.

As técnicas de tortura são ridiculamente limitadas: a mais audaciosa imaginação e a mais "persistente" só pode limitar-se a inventar variações de alguns temas fundamentais organizados em torno dos cinco sentidos: no fim da tarde, Ernie Levy falava, falava, falava inesgotavelmente.

Enrolado como uma bala num canto da porta, ele se contorcia: lagarta ferida se debatendo dentro dos seus próprios líquidos. Despojado de qualquer tipo de vergonha, os olhos esbugalhados, sua única manifestação de defesa era colocar as mãos em concha em torno do sexo. Nenhum nome, nenhum endereço de judeu: nada mais além daquela fabulação infantil, que não parava de jorrar, como uma fonte viva, irresistível.

- Que pensa disso? - perguntou subitamente, com uma voz suavê, o homenzinho de chapéu tirolês.

O auxiliar se imobilizou em posição de sentido:

- Não penso nada, Herr Stoekel - disse espantado. Refestelando-se na cadeira da qual não se levantara durante toda a tarde, prazerosamente o homenzinho sorriu.

- Oh, sim, sim, eu estou convencido de que você está pensando alguma coisa sobre isso. Eu lhe dou permissão para dizê-lo; ou melhor, eu ordeno que diga.

- Verdadeiramente? - disse o auxiliar.

E como agora os olhos do homenzinho faiscavam com um olhar imperativo, o auxiliar gingou o corpo, com uma espécie de exibicionismo

embaraçado; e finalmente, com um ar tímido:

- Com sua permissão, Herr Stoekel... Quando eu estava na Polônia, todas as vezes que havia uma Aktion exterior, no último minuto havia sempre - quando o setor já estava completamente "batido", compreende? -, sempre havia, ah, sim, uma "merda" ou duas que saíam de um "buraco" e vinham tranqüilamente ao fosso ou ao caminhão querendo também o "Tratamento Especial". E isso me lembra... É tudo.

O homenzinho se contorceu na cadeira, e rindo prazerosamente:

- Em que instante lhe veio essa idéia?

- Com sua permissão, Herr Stoekel... Foi quando esta "merda" apontou o corpo inanimado - disse: "Onde você está? Onde você está?" Foi nesse momento, Herr Stoekel.

- E eu - disse o homenzinho -, eu pensei nisso desde o começo.

- É mesmo? - exclamou estupefato o auxiliar.

Sacudiu a cabeça procurando reanimar-se; depois, diante das risadinhas do seu superior, ele percebeu que este último estava esperando pelas demonstrações da sua admiração por um witz tão bem pensado; e o auxiliar levou discretamente uma das mãos à boca e disse:

- Com sua permissão, Herr Stoekel, não posso conter minha tremenda vontade de rir...

V

Quando ele voltou a si, pareceu-lhe ter voltado, muitos anos atrás, ao Hospital de Mogúncia, não tanto pelas vozes murmurantes cercando seu leito, mas por causa da idêntica sensação que tinha do seu corpo, porque reconheceu o seu antigo desejo de não gritar, embora a boca estivesse exalando uma espécie de gorgolejo larvar que poderia ser um grito. Depois, ele percebeu o teto de cimento cinza-escuro, as estrelas amarelas que faiscavam na brancura dos aventais brancos das enfermeiras. Uma seringa de proporções fantásticas esboçou uma dança por cima do seu corpo nu, deitado de bruços sobre os lençóis sangrentos. Ele a sentiu entrando em suas coxas e com ela um riacho de frescor e silêncio invadia a já vencida cidadela do seu corpo. Fechou os olhos sob essa líquida sensação e adormeceu. E enquanto examinavam as chagas da sua carne, o lavavam, desinfetavam, untavam sua pele, enquanto verificavam as

suturas e todos os seus ossos, ele sonhou que estava se casando, ao som de trombetas de alegria:

Naquela manhã, antes da aurora, não tendo a estrela matutina feito ainda a sua aparição, ele se banhou de maneira tão meticulosa que nenhum ser humano (nem espiritual) jamais atingiu em sua carne a pureza alcançada por Ernie Levy neste instante presente, único, em que o sonho é promessa garantida de felicidade. Meu Deus, guiado por um espírito, o sabonete de cristal deslizava sobre sua pele, e ele não fazia nenhum movimento senão o de levantar-se, muito graciosamente, quando o sabonete manifestava a intenção de percorrer suas costas. (Com sua barbicha ruiva, o porteiro do balneário mostra o caminho da sinagoga.)

- Não pense - lhe diz Ernie Levy - que minha gratidão acaba logo à saída do banho; não sou desses jovens noivos que aprisionam o universo dentro de um anel, e lhe rogo permitir-me jamais esquecer sua barba. De que lhe serviria vender sabonetes, se ninguém no mundo preservasse sua memória?...

- Pois pode tirar a minha barba - respondeu simplesmente o porteiro -, mas - acrescenta - permita-me agradecer por ter-me demonstrado a sua gratidão. Não mais esquecerei o sabonete que lhe vendi. Mazel Tov.

No momento em que o porteiro do balneário lhe dirige a bênção ídiche Mazel Tov, duas estrelas-de-davi iluminam-lhe os olhos e Ernie Levy reconhece que o porteiro é um Justo. "Sendo assim", pensa, "meus ancestrais se rejubilam comigo e chego à conclusão de que eu sou o Justo herdeiro dos Justos e preciso ser feliz por todos eles junto à minha bem-amada."

- Goze do seu cálice de fino cristal - continua o porteiro, com um sorriso aprovativo -, nem que for por um único dia.

- Por favor - disse Ernie imediatamente -, não pense que eu queira deliciar-me com a minha bem-amada; ela não é um cálice de fino cristal, onde se pode beber o melhor vinho da vindima. E não é também...

Mas o porteiro gorgorejou ironicamente, enquanto suas duas estrelas se voltam para Ernie, como se quisessem dizer-lhe: Você, meu menino, poderia explicar-me como se planta a semente do Eterno?.. Depois, grande pássaro cinza-amarelo, voa em direção ao teto, batendo as asas nas sombras da sinagoga.

A barbicha ruiva do rabino tem também a forma de um bico e o lado negro do seu talit deixa à mostra o seu ventre de andorinha. Ernie ora a fim de expulsar do seu corpo, do seu coração, da sua alma, qualquer tentação cristã; e para que receba a bem-amada como um mendigo recebe a luz do Senhor. A esquerda do rabi, está Mutter Judite sorrindo, sua peruca desenrolada em longas tranças envolvendo seu corpo nu, como um vestido de cauda; em seu olho direito uma lágrima de sangue, no esquerdo, uma pérola de leite. E num canto da sinagoga, cercada por uma dezena de pessoas, está a noiva, tão bela que tudo o que a cerca desaparece, tão bela que ela própria se esfuma e se torna invisível, deixando um admirável espaço vazio no espaço repleto de rostos.

- Comecem a música - disse o rabi -, comemoemos!

Ele estende à bem-amada um cálice de vinho, de que bebe uma modesta metade, o lábio inferior puxado para a frente como uma colherinha. Ernie, por sua vez, molha os lábios, depois lança o cálice de fino cristal a seus pés, e voltando-se para a bem-amada, cuja suave e tenra carne se torna agora visível, embora o contorno do seu rosto ainda continue desconhecido:

- Para que nenhuma mulher - disse ele audaciosamente – não beba no cálice no qual você colocou os lábios, e a fim de que nenhum homem coloque os lábios no cálice em que toquei os meus. E que esse cálice quebrado ressuscite em espírito em nossos corações, e que o espírito do cálice permaneça intacto em nossa vida e nossa morte. Porque ele é feito, minha bem-amada, de uma matéria que o olho humano não pode apreender, e que o pé humano não pode calçar. Amém.

Todos o aplaudiram tanto e tão bem que Ernie convenceu-se de que tinha inventado a fórmula.

- É um belo casamento - disse a Sra. Feigelson.

- Que se afaste dele o mau-olhado - respondeu Mutter Judite.

- Desde que o céu é céu e que a terra é terra, Ilse e Ernie foram feitos para se amarem.

- Eu pensava - disse a Sra. Feigelson - que ela se chamava Golda.

- Eu não disse Golda? - respondeu docemente Mutter Judite.

E quando a procissão chega à altura da rua Riggerstrasse, exposta a todos os ventos, apesar do alegre sol tinto de azul e do verde dos castanheiros, Mutter Judite procura cobrir-se ainda mais com o manto da peruca, cuja

cauda de tranças está salpicada de flores de macieira e de alados amentilhos globulosos que caem de cima dos plátanos sobre todo o trajeto do cortejo. Por trás de Mutter Judite, a bem-amada caminha dando o braço ao Sr. Levy pai, que se pavoneia e se empertiga, como se fosse ele o noivo e não seu filho, Ernie, o Bem-aventurado. Em seguida, vem a mãe da bem-amada, uma celeste criatura, cujas mãos em torno do cotovelo de Ernie não pesam mais do que uma teia de aranha. Seu rosto não pode ser visto. Ele está inteiramente reco9berto de lágrimas rasas, delicadas, felizes. Todos percebem que ela está orgulhosa de ter um genro como Ernie Levy. E, maravilha das maravilhas, aparece o rabequista, com o ventre branco e um leve talit negro. Ele dança e esvoaça, dá piruetas e gira como se se sentisse verdadeiramente uma andorinha. Uma corrida com o arco na rabeca dá início à canção nupcial: "Quem é essa que vem do deserto, apoiada no braço do seu bem-amado?..."

E agora é nossa andorinha que pára no meio do trajeto, espera a noiva, e a seu lado caminha dando pequenos passos como nas frias procissões católicas, enquanto nas janelas aparecem cabeças e punhos se levantam.

Faça de mim um ferrete em teu coração, ah, ah!
Um ferrete em teu braço, oh, oh!
Porque o amor é como a morte...

Todos agora prefeririam que o rabequista manifestasse mais discretamente a alegria dos recém-casados, e fosse mais comedido em seu entusiasmo pela linda festa de casamento; mas é impossível parar de cantar, há punhos se levantando. Ernie acha que seria conveniente um desses punhos aproximar-se urbanamente: Senhoras judias e senhores judeus, diria o Punho, o mundo não é assim tão alegre para conter tantos violinos; cada corrida de arco na rabeca nos traspassa o coração. Vocês não têm piedade? Mas os punhos vão ficando cada vez mais à distância; teimosos, mudos, e a procissão continua imperturbavelmente, os casais conversando com graça e displicência, enquanto suas pernas se levantam preguiçosamente, num passeio sem rumo. Mesmo a andorinha rabequista torna seu vôo mais lento, para marcar mais claramente sua desaprovação aos punhos; e é tocando a rabeca e cantando com uma voz pungente que ele entra na sala

dos Levy:

As mais altas ondas não podem alcançar o amor
E os rios não chegariam para submergi-lo
Oh, oh!... Oh, oh!...
Mas quem é essa que vem do deserto
Apoiada no braço do seu bem-amado?

Onde teria o Sr. Rajzman encontrado sua suntuosa cartola? E a querida Sra. Tuszynski o seu gorro de pele de raposa, que esconde tão mal as pelancas do seu pescoço? E o mendigo Salomão Wichniak sua bengala de castão de ouro que ele mantém com as duas mãos entre seus joelhos, o ar amedrontado, como se tivesse medo de vê-la levantar vôo?

Felizmente, a prostitutazinha de Marselha atendeu seu convite com um vestido bem simples; e o segundo hebraizante, com seu uniforme enlameado. Mas, ai, ele não se cansa de pedir mil desculpas cada vez que uma gotinha de sangue lhe cai da testa sobre o prato. Por que tem que pedir tantas desculpas? Pode-se morrer de tanto ouvir um homem tão bom e puro desculpar-se assim. Não obstante, ele não se mostra muito inibido de cantar. Subindo sobre uma cadeira, começa, com sua voz atlaudada de *souris grise*, a salmodiar solenemente uma curiosa canção de amar, que ninguém dali conhecia. Entre cada quadra, com mais desculpas pela interrupção, ele enxuga o filete de sangue que penetra em sua boca. E quando a última estrofe termina, com a morte dos amantes, dá um encantador sorriso a fim de conquistar o perdão por aquele triste fim:

- Perdoem-me – disse, antes de sentar-se de novo -, perdoem-me, meus caros amigos: é apenas uma canção do nosso povo, uma pobre cantiga: vocês sabem, daquelas que quando se diz que acabam mal... na verdade, acabam bem...

O segundo hebraizante torna a sentar-se, sob uma chuva de aplausos. Em seguida, o pai Levy, vermelho como uma cereja, tenta explicar qualquer coisa ao recém-casado. Mas, constantemente interrompido pelo riso malicioso das mulheres, ele só sabe dizer estas palavras:

- Meu filho, eu lhe recomendo... Porque o instinto divino... Esclarecido por uma sombra de sabedoria...

Depois do que, ele se deixa cair sobre a cadeira, também sob generosos

aplausos. Ernie lhe agradece com um rápido meneio de cabeça, depois concentra toda a sua atenção no rabequista, que pulou na mesa, e, saltitando entre os pratos, a boca aberta, arranha vigorosamente seu instrumento. Após uma vibrante melodia do gueto, o rabequista sobe no gargalo de uma garrafa e começa a dançar à moda de antigamente, na ponta dos pés. Entretido com o espetáculo, Ernie não tinha olhado uma só vez para sua noiva, cuja presença na entanto adivinha à sua esquerda, pela vaporosa pressão de um cotovelo.

- Que eu caia fulminada aqui - diz Mutter Judite-, se uma única palavra saiu da boca dos jovens apaixonados...

- No entanto, eu não paro de falar com minha bem-amada – diz Ernie.

- E eu não me canso de ouvi-lo - diz a jovem esposa.

- Que apodreçam minhas entranhas!... - recomeçou Mutter Judite, indignada.

Porém, Ernie a interrompe sorrindo, os olhos sempre voltados para a frente, em linha reta:

- Onde estão as palavras? - pergunta em tom de divertida confiança.

- Sim, onde estão elas? - murmura em eco a bem-amada.

- Olhe para ela, uma vez ao menos - diz Mutter Judite queixosa.

- Eu não paro - diz Ernie.

- Eu não me canso... - responde a voz.

- Então, toda a felicidade para você - diz Mutter Judite abraçando-o.

E todos se enfileiram instantaneamente atrás da gorda mulher, esperando que ela termine para fazerem o mesmo.

- Felicidade para você, felicidade para você - dizem todos, cada um por sua vez, chorando.

Depois, no corredor que leva ao quarto do casal, a bem-amada murmura:

- Meus pés estão me levando ao lugar que amo.

O quarto nupcial era tão pequeno que nele mal cabiam uma máquina de costura, uma trouxa e uma miserável cama de lona com um cobertor cinzento. No entanto, Ernie e Golda não param de caminhar, e sob a pressão das suas calmas respirações o quarto se dilata, se expande, toma as dimensões da felicidade do casal. É agora a sala imensa de um palácio, no centro do qual pontifica um leito de baldaquino, sob um céu luzente de estrelas, algumas caindo suavemente sobre os lençóis. Golda se deita no leito, com toda a humildade e boa educação exigida, e verdadeiramente a

Sra. Levy tinha razão de dizer que ela fora educada para a cama de um profeta (embora o patriarca suponha que os profetas, mesmo quando se trata de jovem assim tão santamente bela, só a olhariam com o frio olho do espírito). E quando Ernie segura a mão da sua bem-amada, borboletas multicoloridas nascem entre seus dedos e voam à procura do céu do leito. E agora a mão de Golda se abandona por inteiro na mão de Ernie, e do calor das mãos nasce uma pomba que os contempla com um grande e tranqüilo olhar. Depois, uma galinha, um galo branco com rubis na crista, um peixe transbordante de vida saltam dos dedos dos amantes. Mas quando Ernie puxa para junto de si o corpo de Golda, subitamente gelado, ele abre os olhos e descobre que está abraçando um pequeno tufo de relva fenecida.

Que aconteceu? Coisas como essas podem ocorrer nas margens do Sena? E as núpcias, que houve com elas? Deixando cair o tufo de relva, Ernie se precipita dentro do corredor, gemendo tristemente: Onde está você? Onde está você?... Mas o corredor está tão vazio quanto o quarto nupcial, e vazia está a sala de jantar abandonada pelos convidados há muitos anos, talvez porque há teias de aranha em profusão por todas as paredes, e encobrindo os cantos do teto, enquanto que volutas de bolor sobem da alegre mesa de banquete, Ernie, completamente nu, se precipita pela Riggerstrasse, suplicando aos passantes que lhe indiquem o caminho seguido pelos convidados. Mas por que os passantes só lhe respondem com observações sobre a chuva e o bom tempo? E que dizer dos gestos indiferentes, olhares que atravessam Ernie como se ele fosse de vidro, fantasmáticos olhares, puras e simples ausências de olhares? Abaixando os olhos, ele descobre de repente a dilacerada e sangrenta superfície do seu corpo, como as que havia visto nos livros de anatomia escolar; todos os músculos e nervos expostos.

Embora desmoralizado pela nova descoberta (ou talvez dela tirando, misteriosamente, novas forças), Ernie alcançou, sem muitas quedas, a modesta plataforma da estação de Drancy, toda fremente de prazer sob os doces eflúvios do sol, em cuja luz ela está banhada, ondulante e cerimoniosa. Mas nenhum empregado quer dar-lhe a menor informação, pois, para eles é ponto de honra fechar-lhe o guichê no nariz; um deles se prepara para afastar o esfolado, sob o pretexto de que sua presença incomoda a clientela, quando Ernie sente uma mão pousar sobre o estriado

músculo do seu ombro:

- Estávamos esperando pela “criatura” - diz o soldado alemão -; que ela se apresse, porque o trenzinho vai partir.

O trenzinho espera numa estação dentro da estação, uma espécie de estação clandestina; mal Ernie atinge a plataforma, o trenzinho começa a sacudir impetuosamente, em trovejantes crepitações. Ernie pula no último degrau, empurra uma porta: todos os convidados estão no compartimento.

- Nós o esperávamos - exclamam todos, entusiasmados. - Pensávamos que não viria mais...

- Ficar como o derradeiro judeu? - suspira Ernie. - Mas cada gota do meu sangue clamaria por vocês. Fiquem sabendo que onde vocês estão, eu estou. Por que, quando lhes batem, não me cubro de feridas? Quando lhes arrancam os olhos, não fico cego? E se os levam para o trenzinho, não vou fazer parte da viagem?

- Oh, sim, você vai - gritam todos os participantes da festa nupcial, menos a Srta. Blumenthal, encolhida num canto com um recém-nascido no peito e sua trouxa timidamente apertada entre os joelhos, gemendo com uma voz fraca e desesperada:

- Oh, anjo de Deus, eu esperei tanto que você não viesse mais...

- Mas por quê? - pergunta Ernie. - Meu lugar não é junto de vocês?

- Ponha esta roupa - disse o patriarca -, e melhor do que ficar escutando frascos vazios é postar-se aos pés de Golda, que lhe reservou um lugarzinho, como boa esposa judia, embora não seja filha de profeta.

- Eu também - disse Ernie para Golda - guardei para você um lugar.

A jovem lhe aperta a mão sem responder, depois, debruçando-se na janela, mostra-lhe a extraordinária extensão do trenzinho. Outros trens surgem ao longe, infinitamente longos, todos convergindo para um ponto central situado bem adiante das locomotivas, na Polônia, segundo Mardoqueu.

- Eu - diz Mutter Judite - não sei para onde vamos, não sou adivinha como algumas pessoas; mas, se vamos todos juntos, está bem.

- É para a Polônia - repete Mardoqueu -, Deus está nos chamando para lá, todos, pequenos e grandes, Justos ou não.

- Sim, haverá um vazio em forma de estrela - diz o segundo hebraizante, em tom sentencioso.

- Mas Deus os fará pagar por isso - resmungou Moritz. - Serão esmagados como nós.

Nesse momento, Ernie se sente impelido a revelar seu grande pensamento, há longo tempo germinado:

- Moritz, Moritz, se Deus existe, ele perdoará a todos; porque fomos todos lançados no rio da cegueira, e dali seremos todos retirados, cegos como no dia do nosso nascimento.

- Então, que fará conosco, se perdoar os outros? Seremos levados para um paraíso de luxo?

- Não, não - declara calmamente Ernie. - Ele nos dirá: Vejam, meus filhos bem-amados, fiz de vocês o cordeiro das nações, a fim de que seus corações permaneçam puros para sempre.

- Oh, meu amigo - o segundo hebraizante interfere -, por que razão essa viagem? Por quê?

Não, não, não, nenhuma palavra de Ernie seria capaz de acalmar o coração do segundo hebraizante, nem de parar a aterrada agitação dos olhos das crianças que permanecem silenciosas entre Mutter Judite e o patriarca, cada uma delas tendo entre as mãos a sua trouxinha de exilado. Com um súbito tremor, Ernie se aproxima de Golda, que introduz sua mão, amorosamente, sob a veste do esposo, procurando o fundo do seu peito; mas, apesar da felicidade da sua alma, o contato daquela mão com seus nervos e sua carne esfolada é tão perfidamente cruel que Ernie sufoca um grito, enquanto sorri para Golda, engrinaldada de relva. Nesse instante, o rabequista começa a tocar uma música que arranca lágrimas dos convidados; e sua voz se eleva com uma amplitude jamais conhecida até então.

Oh! É possível subir até o céu
E perguntar a Deus por que as coisas são assim?

O trem desaparece no fim da estrada: mas a música da rabeca se eleva como fumaça no céu. Bruscamente, arremessado à sua solidão, nu e ensanguentado sobre o balastro, as pernas abertas entre os trilhos, e aquele vento fustigando cada uma das fibras descobertas do seu corpo. Ernie pensa que a separação entre seres amados é o mais dolorido dos antegozos da morte. A fumaça da música também desaparece, e Ernie começa a gritar em seu sonho. A gritar. A gritar. A gritar.

CAPÍTULO 8

Nunca mais

(...) o sol, nascendo sobre um povoado da Polônia, ou da Lituânia. Nunca mais tornará a ver na janela um velho judeu murmurando salmos, ou a caminho da sinagoga...

ISAAC KACENELSON
Chant du peuple juít assassiné
(Traduzido do ídiche. Póstumo.)

I

Alguns trens de carga, alguns engenheiros, alguns químicos venceram a resistência desse velho bode expiatório, o povo judeu da Polônia. Por estranhos caminhos, o legendário cortejo de fogueiras terminou no crematório: rios indo para o mar, onde tudo é tragado, o rio, a embarcação, o homem.

No processo de exterminação da raça judaica, o campo de Drancy era somente um dos múltiplos drenos colocados nos flancos passivos da Europa, um dos pontos de recolhimento do gado que, dentro do maior silêncio, seria levado ao abatedouro, às discretas planícies da Silésia, as novas pastagens do céu. Os alemães chegaram a tal ponto de perfeição na Vernichtungswissenschaft, a ciência do massacre, a arte de exterminar, que para a maioria dos condenados à morte a derradeira revelação se fez unicamente dentro das câmaras de gás. De medidas profanas a medidas sagradas, da identificação pela estrela, da dispersão pelos campos transitórios que preludiavam a capina final, o mecanismo funcionou admiravelmente, extorquindo a obediência do gado humano, diante do qual havia, sempre acenando, até o fim, um farrapo de esperança.

Assim, era comum no campo de Drancy a crença em um longínquo reino chamado Pitchipoï, onde os judeus poderiam, sob o cajado dos seus louros pastores, saborear laboriosamente a erva dos novos tempos.

E mesmo os que haviam sido informados sobre a "solução final" não

confiavam em seus sentidos, em suas memórias, em suas mentes alertadas. Uma voz interior lhes assegurava, com plausíveis argumentos, que todas aquelas coisas não existiam, não podiam existir, jamais existiriam enquanto os nazistas conservassem seus rostos de seres humanos. Mas quando essa voz se calava, eles soçobravam no refúgio da loucura ou se lançavam de um sexto andar sobre uma certa placa de cimento, que se tornou tristemente célebre no campo. Mesmo assim, continuavam calados até o fim, os lábios cerrados sobre o terrível segredo; e se o tivessem revelado, ninguém lhes daria fé, porque a alma é escrava da vida.

Ernie via na enfermaria um resumo de todas as misérias físicas e humanas que afligem a criatura humana: dos velhos doentes retirados de asilos judeus de Paris aos loucos arrancados dos hospícios, às mulheres parturientes e às crianças cobertas de sarna e pústulas, cujos seráficos rostos estavam deformados, assim como os das mulheres, pela picada venenosa de percevejos, a grande sala de paredes de cimento bruto, noite e dia ressoando gemidos, aquietados pelas enfermeiras de estrela amarela, todos aqueles reputados médicos, titulares de importantes cátedras, e que contemplavam os estrados de cama, duplos ou triplos, com o impotente e desvairado olhar de um cego. O inferno, descobriu Ernie, durante sua permanência na enfermaria, o verdadeiro inferno é simplesmente a visão de um inferno: nada mais além disso; e debater-se no inferno, percebeu ao assistir às batalhas em torno das latas de lixo que substituíam as marmitas, é fazer o jogo do diabo.

Os "enfermeiros" o apelidaram de Gribouille; um deles, em particular, católico de vaga ascendência judaica, não parava de rondar seu leito, fascinado pelo ato insano que conduzia o jovem judeu àquela enfermaria.

- Mas é uma loucura - dizia, levantando os óculos de ouro, como para melhor observar o doente -; não contente de ser judeu, vem direto para o campo?

- E o que está acontecendo neste momento - respondeu-lhe um dia Ernie -, o senhor não acha que é também loucura? Veja, o senhor tem em volta do pescoço uma medalha da Virgem, e em sua camisa uma estrela amarela; é sensato ter nascido com um oitavo de sangue judeu?

- Eu sei, eu sei - disse o enfermeiro. - Nos velhos tempos, se o estigma de ser perseguido lhe desagradasse, era possível dele escapar pelo batismo;

mas hoje, não é sua alma, mas seu sangue que eles querem. Eles acham que vocês não têm alma.

- Mas o senhor ainda acredita em... em...?

O louco do estrado superior desferiu um aboio ventral; sem desfazer-se da sua pesada máscara de dignidade, o médico judeu-cristão pediu desculpas a Ernie e, colocando um pé sobre sua cama, ergueu-se e disse algumas palavras ao demente que apenas queria assinalar a sua existência e, satisfeito, calou-se por uma hora. Quando o enfermeiro tornou a voltar-se para o estrado de Ernie, e enquanto respondia delicadamente à pergunta do seu paciente, este último, tão perturbado quanto perdido diante do verniz de correção com que o ex-professor mascarava sua condição de prisioneiro, subitamente descobriu, por detrás dos aros de ouro daqueles óculos, um vago tremor de tristonhos olhos míopes, um vago pavor que revelava, como através de uma fenda aberta numa tapeçaria, a compacta e dolorida massa do ser.

- Se eu ainda acredito, meu pobre Gribouille?.. Depende das circunstâncias. Quando eu era um senhor, como diz você, um dos meus amigos, a fim de provocar-me, costumava perguntar-me se Deus, em Sua onipotência, poderia criar uma pedra tão pesada para que Ele próprio não pudesse erguê-la. Minha posição é esta: acredito em Deus, e acredito na pedra.

Ernie refletiu; decidiu-se por sorrir:

- Eu não entendi nada, Sr. Jouffroy. Está dizendo que não gosta de mim? Isso foi dito de tal maneira que o enfermeiro não achou ser indigno dar várias risadinhas, levando cortesmente a mão à boca.

- Gribouille - disse por fim -, Gribouille... É verdade, nós franceses somos muitas vezes inteligentes para nada - é bem essa a sua expressão, não é? Na realidade, não sei se sou católico ou não. Quando soube, há um ano, que tinha um oitavo de sangue judeu, no princípio me senti envergonhado; era algo mais forte do que eu, parecia-me que tinha crucificado Nosso Senhor, que... você compreende, não é? Estou ainda do outro lado. Mas quando vim para cá, comecei a ter vergonha do sangue que em mim não é judeu. Uma vergonha terrível. Fiquei pensando nesses dois mil anos de catecismo que prepararam... o terreno... que permitiu... você compreende, não é?

A tristeza do seu olhar se tornou maior:

- Dois mil anos de cristologia... - disse pensativamente, como para si próprio. - No entanto, eu sei que é um absurdo, eu continuo a acreditar e, mais do que tudo, a amar a pessoa do Cristo. Só que não se trata mais do Cristo louro das catedrais, o glorioso Salvador, levado à morte pelos judeus. É...

Mostrando a enfermaria, curvou-se sobre o estrado imundo de Ernie, e com um olhar inteiramente prostrado:

- É outra coisa - sussurrou com uma voz de inflexões subitamente judaicas, uma pobre voz de prisioneiro.

Depois, para grande surpresa de Ernie, dos doentes vizinhos, e talvez para a sua também, levando as mãos às têmporas, a fim de segurar os óculos, desatou a chorar.

O céu de outubro parecia um lençol de neve suja prestes a cair no grande espaço vazio do pátio; rajadas de vento com voz humana levantavam a poeira negra das cinzas espalmadas por toda a superfície do campo. Junto ao dormitório dos "normais", algumas crianças, com seus esvoaçantes cachênês, corriam sobre a laje de cimento reservada para os passeios dos presos. Perto do portão, as silhuetas dos SS rebrilhavam em todos os seus couros e seus aços; eles substituíam os guardas franceses, que ultimamente já não demonstravam grande entusiasmo. O Dr. Louis Jouffroy, um oitavo de judeu, sustentava Ernie abatido, pálido, grotesco em sua roupa negra, mas já num estado que não justificava sua privilegiada permanência na enfermaria. Um guiando o outro, atravessaram a Divisão Técnica, passaram diante dos pequenos quiosques de tijolo do Castelo Vermelho, chegaram ao pátio dos "normais".

A cabeça de Ernie Levy estava raspada, porém uma penugem de um centímetro recobria todas as marcas da tortura; mas o pavilhão da sua orelha direita, imperfeitamente suturado, se desprendia como que de cansaço, e o sorriso revelava muitos espaços negros, dando-lhe uma boca de velho. Quando chegaram a uma das portas do prédio, um menino de 15 anos dali saiu impetuosamente, os cabelos desgrenhados ao vento, o rosto inflamado de frieiras e mostrando um par de enormes luvas amarradas com um barbante nos braços: "Não sinto mais frio com minhas luvas", gritou com ar triunfante, "não sinto mais frio!" Depois, pôs-se a correr ao longo do pátio, bradando com todas as suas forças: "Não sinto mais frio,

não sinto mais frio", e desapareceu na outra entrada do prédio.

O oitavo de judeu recomendou Ernie aos cuidados do visor da escada A, 1º. andar. Mas nem bem foi pronunciado o nome de Gribouille, todos cercaram rindo o estrado de Ernie, que recebeu pão, sopa, bolos vitaminados, tudo isso condimentado com conselhos picantes sobre a maneira de evitar a fome, a sede, a doença, a morte etc. O dormitório quase não diferia da enfermaria, a não ser pela quietude que ali reinava; alguns jogavam cartas, liam, rezavam em voz alta; um pequeno grupo rodeava uma pequena estufa, que não irradiava mais nada além de fumaça. Quando sentiu que o haviam esquecido, Ernie, tremendo, desembaraçou-se da sua única coberta e subiu aos outros andares, onde se pôs a perambular pelos dormitórios femininos, indagando sobre a passagem, havia cerca de três meses, de uma bela ruiva chamada Golda. Uma vez somente ousou mencionar que ela saltitava um pouco, mas de maneira tão bonita, tão divertida, não é?... Davam-lhe respostas evasivas: tantos comboios nesses três meses tinham cavado tantos vazios, imediatamente preenchidos por novas entradas; ninguém sabia de nada, ninguém deixava rastros, ninguém se lembrava de ninguém. E por trás das suas costas elas cochichavam. Na entrada da escada B, hesitou: ele se sentia tonto naqueles dormitórios femininos em indescritível desordem, onde mil pequenos sinais denunciavam a vontade de conservar, até o derradeiro minuto, seja um casaco de pele ou um estojo de maquilagem, até mesmo um bibelô, ridículo ou encantador - destroços do sexo. No entanto, seu coração disparou, mesmo antes de reconhecer claramente a cabeleira de Golda dentro de um estrado mais afastado, na penumbra da fileira do lado oposto das janelas.

Sentada à beira do seu estrado, prostrada, a cabeça mergulhada dentro das mãos, ela não o sentira aproximar-se, ele tocou uma ponta do seu casaco vermelho, como que para assegurar-se da realidade, e foi então que ela mostrou um rosto intumescido pelas mordidas de pulgas e percevejos, e ao mesmo tempo descarnado, ossudo, amarelado pela miséria. As frieiras tinham arroxado suas belas mãos, com as quais procurou tapar a boca, a fim de sufocar um grito. Ernie sentou-se junto a ela e começou a chorar. Quando pôde vê-la, descobriu que seus olhos estavam secos e o examinavam com a triste indiferença comum aos prisioneiros.

- Você também - disse ela friamente. - E seus pais? - perguntou Ernie.

- Partiram há muito tempo. Pitchipoï.

Ela não dava nenhuma atenção ao desespero com que Ernie estava estreitando suas mãos inchadas, vermelhas e azuis de frio.

- Você chegou há muito tempo? - indagou ela delicadamente; depois, sem esperar pela resposta, continuou com o mesmo tom neutro: - Quase que não o reconheço, meu pobre menino. Parece que um carro passou por cima de você. O que ainda resta são seus olhos. E eu, ainda acha que continuo bonita?

- Golda, Golda - disse Ernie.

Grupos de curiosos se formavam à distância; uma cabeça descabelada de mulher debruçou-se do estrado de cima. A jovem balançou lentamente a cabeça:

- Não existe mais Golda - respondeu ela. - Aqui, é cada um por si. Mas, de qualquer modo, estou contente de revê-lo, não pode imaginar...

- Sente fome? - perguntou-lhe Ernie.

Ela o encarou desamparada, uma alva de compreensão em seus olhos.

- Espere - disse Ernie se levantando.

E com uma palmadinha de bom humor na ponta do nariz de Golda ele conseguiu alcançar a saída do dormitório, sem trair sua fraqueza. Mas, lá fora, o vento gelado e as seqüelas da sua disenteria o fizeram dobrar-se em dois, as mãos agarradas no ventre. No entanto, uma paz estranha tinha tomado conta dele: porque lhe parecia que nada, nem os homens, nem as circunstâncias que fazem os homens e os desfazem a seu capricho, o expulsariam mais para fora da grande arca judaica onde, desde a sua entrada na enfermaria, parecia-lhe estar lado a lado da sombra invisível dos seus: onde, a partir de alguns instantes, ele poderia tocar com o dedo a pessoa de Golda, embora ela tivesse se tornado feia, áspera, indiferente ao passado. Com gestos de alegria levantou a coberta e encontrou intactos o pedaço de pão e os biscoitos vitaminados; depois, forçando um sorriso, num tom de voz muito natural, pediu aos que o cercavam se alguém podia lhe dar de presente um pedaço de chocolate, ou qualquer outra gulodice que "reanime o coração". Os vizinhos mais próximos viraram as costas, escandalizados:

- Você tinha razão - disse em ídiche um jogador de cartas -, realmente, ele é um cômico insuportável.

- Mas não é para mim - protestou Ernie com lágrimas nos olhos -, eu juro,

é para dar!

As risadas se tornaram cada vez mais efusivas; num piscar de olhos, a nova singularidade de Gribouille espalhou-se por todo o dormitório. Mas, deitado num estrado vizinho, um homem de cabelos grisalhos enfiou uma das mãos dentro de uma abertura secreta feita no colchão de palha e dali retirou um estojo de óculos, contendo dois pedaços de açúcar e alguns bombons acidulados. Esvaziando-o em sua mão, refletiu, tornou a colocar lentamente um bombom dentro do estojo. Depois, aproximando-se de Ernie, parado junto ao seu estrado, delirante, trêmulo, os ombros arqueados sob o peso das zombarias, ele estendeu-lhe sorrindo a sua pequena fortuna:

- Irmão - murmurou ele, com uma espécie de imperceptível remorso -, irmão, irmãozinho, é você quem tem razão; é muito importante dar...

E, hesitante, acentuou seu sorriso:

- ... quando não se tem nada.

Ernie notou imediatamente que na sua ausência tinha havido mudança de conceito sobre sua pessoa; um grupo de mulheres o esperava no patamar da escada, e todas o olhavam com uma atenção dolorida, familiar, solidária. Uma delas, baixinha, gorducha, de capuz na cabeça, retirou as mãos da coberta que lhe servia de albornoz e, batendo palmas vigorosamente, exclamou, estupidamente: "Bravo!..." Em seguida, as outras participaram com risadinhas cúmplices, sem que deixassem transparecer alguma impressão desagradável em seu novo comportamento, e quando chegou ao dormitório, Ernie surpreendeu um grupo de tagarelas em volta de Golda toda ataviada, e com um leve toque de batom nos lábios, aplicado por uma jovem detenta. Quando se aproximou, todo o grupo dispersou-se, e as ocupantes dos estrados vizinhos, por sua vez, se retiraram para o fundo do dormitório, abandonando Golda, pintada e penteada como uma louca, perdida entre aquelas caixas de madeira branca. Quando ela viu o pedaço de pão negro e as gulodices que ele segurava junto ao peito, seus olhos jaspeados de púrpura luziram com tal fulgor que toda a sua beleza ressurgiu. Chamando Ernie com um dedo, ela o fez sentar-se; e enquanto que com um lenço umedecido de saliva ele a desmaquilava em silêncio, com delicadas precauções, ela não parava de repetir, apenas um pouco embaraçada:

- Elas quiseram me fazer bonita... elas quiseram...

De repente, ela não se conteve: deu um grito de veludosa doçura e, colocando em seu rosto a mão de Ernie, disse:

- Eu não sabia que Gribouille era você... Foi por minha causa que veio para o campo?

- Não, eu lhe garanto - disse Ernie com uma vozinha muito baixa.

De dentro do pó e do horrendo branco que os cercavam, os olhos da jovem estavam tão cheios de amor e misteriosamente transbordantes de vida, como tinham estado sob aquela abóbada de folhagem que os abrigava na praça Mouton-Duvernet:

- Então - disse ela suspirante -, há outros céus, uma outra terra, pensamentos diferentes desses que nos ocorrem em Drancy?

Em meados de outubro, os ônibus Feldgrau despejaram no centro do campo coberto de neve 1.500 órfãos de 4 a 12 anos, provenientes do campo de recolhimento de Pithiviers; eles foram amontoados como animais nos dormitórios especiais, separados apenas por um tabique do Pavilhão Técnico, e como reclamavam pateticamente pelos pais, decidiram convencê-los de que estes os reencontrariam muito breve em Pitchipoï, que evidentemente seria para eles o próximo, senão o último, lugar de seus avatares sobre a terra. Como os mais pequeninos muitas vezes desconheciam seus próprios nomes, interrogaram seus companheiros, que davam algumas informações; sobrenomes e nomes assim estabelecidos eram inscritos num pequeno medalhão de madeira, preso ao pescoço da criança. Algumas horas mais tarde, não era raro ver um menino usando um medalhão com o prenome de Estela ou Sara. Os inocentes brincavam com os medalhões e os trocavam entre si.

Quinhentos adultos lhes foram juntados para o transporte previsto, na manhã seguinte de madrugada. Quando soube que Golda fazia parte da lista, Ernie se apresentou discretamente no secretariado, onde encontrou uma dezena de postulantes como ele; umas queriam acompanhar o marido para o destino comum, outras, por piedade, as crianças. O encarregado das inscrições estava aninhado num minúsculo escritório, ao fundo do corredor do primeiro andar, uma espécie de depósito de fichas e dossiês, unicamente iluminado por uma lâmpada vermelha, brilhando como um olho ensangüentado de caolho sobre uma divertida marionete de

monóculo, punhos postiços de funcionário municipal, um crânio levemente rosado e olhinhos de porcelana azul que a todos examinava com a benevolência desencarnada de uma fotografia do século passado. A estrela amarela sobre sua camisa meticulosamente pregueada parecia um golpe de pura malícia.

- Mas você está louco - sussurrou em francês quando Ernie lhe comunicou seu estranho desejo.

- Sim, sim - concordou Ernie com um riso imbecil -, estou completamente louco, você adivinhou.

O encantador olhar do burocrata se desvaneceu, cheio de suspeitas:

- A não ser - disse ele apontando com a caneta para Ernie que você acredite no reino dos judeus. Mas se ele for... uma outra coisa?

Forçando um pouco o seu papel, Ernie bateu com as mãos três vezes, e confundindo ainda mais o encarregado das inscrições com o esboço de um passo de dança (o sorriso desdentado de Ernie e sua magra silhueta de fantasma vestido de negro acentuavam o caráter de loucura), soltou um grito agudo:

- Sr. Blum, em qualquer lugar onde haja judeus, aí o meu reino!

O homúnculo sacudiu os ombros e, após convencer-se de que o postulante ao reino se recusava obstinadamente a fazer sua escolha, curvou-se sobre as folhas com a lista, chupou a caneta e, de repente, descobrindo um homônimo do jovem louco, riscou o nome Hermann e inscreveu por cima, com uma bela caligrafia redonda: Ernie.

A revista se deu no começo da tarde.

Os inspetores da Polícia Francesa para Assuntos Judeus oficiaram, como de hábito, junto ao pavilhão dos SS. Foi instalada à porta da saída uma mesa onde, até o cair da noite, voluntárias desfaziam, de qualquer maneira, os pacotes das crianças. Os pequenos broches, brincos e pulseiras das meninas tiveram a mesma sorte das jóias dos adultos. Uma criança de 10 anos sangrava na orelha: fora-lhe arrancado o brinco, que ela, aterrorizada, não conseguiu tirar com a rapidez exigida. Ernie também viu um menino de 6 anos de cabelos desgrenhados, a elegante roupa rasgada nas costas, sujo, o pé esquerdo calçado num sapato fino e o direito descalço, as mãos nuas, nenhum bem lhe restando sob o sol.

Após a revista, as duas mil almas se dirigiram ao Pavilhão Técnico, onde, a partir de então, ficaram isoladas do resto do campo. Os dormitórios,

separados por tabiques de madeira, não eram providos nem de palhas. O tumulto se tornou imediatamente indescritível; amedrontadas com a revista, as crianças não se continham mais. Mas equipes de adultos foram organizadas, e com a ajuda de uma doutora, algumas enfermeiras e monitoras, Ernie orientou a distribuição das crianças entre os diversos grupos de adultos. Depois, até o cair da noite, aqueles que ainda possuíam lápis ou canetas escapados da busca escreveram seus bilhetes formais de despedida. Algumas mulheres pensativas, velhinhas analfabetas, juntavam-se em torno de Ernie, cansado de redigir sempre a mesma fórmula, atroz em sua banalidade: Partimos amanhã para um destino desconhecido.

- Minha letra está um pouco trêmula - repetia ele sorrindo -, mas é porque meu lápis é muito pequeno.

Golda e ele dormiram separados por duas crianças. Na escuridão, ele esticou o braço para a parede e encontrou a mão de Golda, que esperava a sua. De vez em quando, um grito provocava um vento de pânico, e florestas de bracinhos se elevavam de dentro das sombras, de repente reduzidas a um grande clamor. Era preciso levantar-se, espargir sobre tudo aquilo o bálsamo de uma voz adulta. Mas também as mulheres, as costas voltadas para a vida, enlouqueciam, morriam de medo na escuridão; e o único remédio, a única maneira de aquietar a tempestade que lhes dilatava as gargantas era colocar uma criança entre seus braços. De vez em quando, um dormitório vizinho explodia dentro da noite, e saídos de um vago torpor, voltando ao frio, à fome, ao incompreensível destino que pairava sobre suas cabeças, as crianças começavam a falar umas com as outras - estranho diálogo que muitos prisioneiros mais antigos haviam descrito para Ernie, mas de cuja extensão aterradora ele jamais suspeitara. Quando chegou a madrugada, as crianças já dormiam profundamente, e foi preciso a intervenção dos SS com o emblema da morte para arrancá-las dali, quando elas tomaram conhecimento do que se tramava no mundo dos adultos. No pátio todas se calaram, como por encantamento: obedientemente seguras nas mãos ou nos braços dos adultos, elas respondiam tão claramente quanto possível à chamada dos seus nomes. Havia os que nem sequer sabiam pronunciá-los, e esperavam a ajuda dos adultos, que decifravam os medalhões, na pálida claridade difundida pelos projetores instalados na plataforma do posto de observação. Todas as

estrelas foram depois recortadas e jogadas no meio do pátio, que se tornou amarelo como um campo juncado de botões dourados; as metralhadoras se abaixavam sobre o rebanho, o portão se abriu para que pudessem entrar os ônibus.

No momento final, os alemães se precipitaram sobre um prisioneiro que usava um chapéu-coco e lençinho no bolso do casaco; mesmo atirado sobre a neve, pisoteado, ferido a coronhadas, nada o fez se sentir mais ultrajado do que o soco do SS que lhe afundou o chapéu-coco na cabeça, achatando-lhe o pouco de dignidade que lhe restava. Algumas crianças começaram a gritar. Ernie sentiu com clareza que estava acabando de transpor o último círculo do inferno dos Levy. E quando uma hora mais tarde, na estação de Drancy, as portas corrediças se fecharam sobre a noite dos judeus empilhados nos vagões de carga, Ernie não pôde conter-se mais e aos uivos daquele gado juntou seu grito de horror, numa única voz: "Socorro! Socorro! Socorro!...", tentando, ele também pela última vez, revolver os espaços onde a voz humana pudesse encontrar um eco - por mais fraco que fosse.

II

A sua cabeça estava pousada nos joelhos de Golda quando ele emergiu do torpor glacial e começou a pensar que a alma era urdida do nada para suportar, sem despedaçar-se, as provações que Deus reserva aos homens de carne e sangue.

- Você chora enquanto dorme - disse a voz longínqua de Golda -, ainda não parou de verter lágrimas: não pode sonhar? - concluiu ela em choro tom de censura, enquanto que, apoiando-se sobre os cotovelos, Ernie redescobriu, sem acreditar, a fantástica penumbra do vagão de carga, que parecia estar rolando sozinho, num pipocar de rodas e eixos, único comboio da locomotiva que bufava com toda a força das suas ventas de animal antediluviano, levando para seu antro perto de cem corpos, agora deitados sobre o trepidante chão, todos como cadáveres congelados, embora verdadeiramente consolados só houvesse algumas dezenas deles - despojos confusamente empilhados, membros entrelaçados e crânios se entrechocando, num canto do carro reservado primeiramente para as crianças doentes e que, imperceptivelmente, se transformou em necrotério.

- Espere, deixe-me limpar-lhe os olhos, eles estão completamente vermelhos.

Colocando no colo a cabeça de Ernie, a jovem aqueceu com o hálito seu lenço endurecido pelo frio e limpou com ele os olhos inflamados do amigo, que, tendo súbito a sensação de uma presença, despertou por completo, identificando em torno deles o amontoamento de crianças: eram cerca de 15, de todas as idades, agarradas umas às outras nas mais diversas posições, corpos entrelaçados no mesmo reflexo que transformava homens e mulheres em massas compactas sob as cobertas comuns, e cada um daqueles rostos arroxeados pela disenteria, cada um daqueles olhos tornados negros dentro da penumbra, procurava Ernie com uma única e mesma expressão de espera animal; alguns deles abriam a boca, ou talvez deixavam cair o queixo, e um fio de vapor cinzento como a fumaça escapava da chaga silenciosa dos seus lábios.

- Eles estão esperando alguma palavra sua - disse Golda; e movida pelo cruel rancor que a dominava havia 24 horas, desde quando a maioria dos seres encerrados naquele compartimento de morte tinha deixado de ser humana, ela acrescentou, cheia de maldade: - Não posso mais ter você só para mim.

E no momento em que dizia essas palavras, outras silhuetas infantis emergiram das sombras, umas se movimentando de joelhos, outras rastejando com os cotovelos sobre a palha enegrecida pela poeira do carvão e suja de detritos.

- Que horas são? - perguntou Ernie.

- É a terceira manhã - articulou com esforço Golda.

- E não continua chovendo?

- Não, mas as gotas de orvalho estão congeladas.

E com seus dedos entorpecidos arrancou de uma frincha qualquer uma daquelas estalactites que a noite filtrava pelas ranhuras do vagão, e diante dos cobiçosos olhos das crianças levou-a aos lábios de Ernie, ainda na inércia da sua sonolência, e ele a sugou lentamente, entre dolorido e deliciado, sua boca se queimando pelo frio, sua sede sendo saciada com indizível prazer.

- Então, eu não sou nada para você?

Ernie entendeu que ela desejava ser consolada antes das crianças; e ele, erguendo-se, apertou contra o peito o feixe de panos com que a jovem se

enrolava, e livrando-a de um pouco daquela lã, roubada aos mortos, com que ela cobria a cabeça, beijou-lhe a marmórea face azulada, e assim ficou, bem junto a Golda, rosto com rosto.

- Você é tudo para mim - começou ele, com sua voz lenta e cheia de sortilégios, a única que ele sabia capaz de agir sobre os nervos dos miseráveis por quem ele se sentia responsável -; você é para mim mais do que o pão e a água e o sal, você é para mim mais do que o fogo, você é mais do que a vida... - continuou ele, pouco preocupado com o sentido das suas palavras, mas cuidando em reencontrar o ritmo solene e lenificante dos versículos da Bíblia, enquanto Golda, exausta pela sua vigília noturna, colocava a cabeça junto ao ombro de Ernie e mergulhava no esquecimento das lágrimas.

- Tudo isso lhe acontece - disse Ernie olhando as crianças fixadas em seus lábios -, tudo isso é porque você acredita no vagão e nas coisas que aqui acontecem, embora elas não existam. Não é verdade, crianças?... Tudo isso acontece porque você acredita em seus olhos, em seus ouvidos e suas mãos...

Diante dessas palavras, as crianças que estavam mais próximas se deixaram ficar com as bocas abertas, enquanto muitas começavam a balançar suas cabeças da direita para a esquerda, como para melhor se embrenharem no sonho que se derramava da boca de Ernie, outras se aproximaram sofregamente, alongando os pescoços, os lábios cheios de baba.

- Você não fala para mim - gemeu Golda -, fala para as crianças.

Amedrontados, os que estavam mais próximos recuaram, com aterradora lentidão, empurrando-se com os cotovelos e com os joelhos para trás, sem pronunciar uma palavra, enquanto mantinham toda a força dos seus olhos presa nos lábios de Ernie que, mais uma vez, se admirou da extraordinária resistência da sua alma. "Oh!, Deus", pensou ele, "deste-me uma alma de gato que será preciso três vezes matar, antes que ela morra". Depois, acariciando o rosto de Golda, ainda apoiado em seus ombros, ele distendeu com esforço os lábios, numa espécie de sorriso sombrio e suave, piscou habilmente os olhos para as crianças que estavam mais próximas e murmurou em ídiche:

- Não se afastem, meus filhinhos, não se preocupem com ela, aproximem-se para que eu possa falar-lhes do nosso reino...

Um menino entreabriu um olho inchado: ele havia se ferido durante a crise de loucura que sacudira todo o vagão na véspera. Com uma voz sem timbre, como se para formar os sons sua língua não lhe tocasse o palato ressecado, ele murmurou:

- Não é para nós, senhor, é para o outro que está deitado, ele o está chamando.

- Por que não me acordaram? - perguntou Ernie.

- Eu pensei, mas como era a primeira vez - disse envergonhada Golda.

Ernie se afastou dela em silêncio e, percebendo com acuidade o dilaceramento de todos os seus membros, avançou de joelhos entre os corpos das crianças que se desviavam para dar-lhe passagem, quando não ficavam imobilizadas, para que ele passasse por cima; a criança estava deitada a dois metros do necrotério, e a velha doutora sentada junto dele, as costas na parede do vagão, um rosto rígido de máscara sob a touca branca com a cruz vermelha, que por singular aberração ela se obstinava em usar, embora desde o dia anterior seus cuidados se reduzissem a friccionar os corpos gelados dos disentéricos, a vê-los morrer; ela estava fitando um ponto fixo qualquer dentro da noite do vagão lacrado e não moveu os olhos quando Ernie se aproximou.

- Está morto - disse ela simplesmente.

Seu rosto era como um osso azul e ressecado pelo frio, e suas narinas estavam tão afiladas quanto as do menino morto. Sentindo em suas costas os olhos das crianças, Ernie declarou em tom de voz bem alto, para que não houvesse nenhum engano:

- Está dormindo...

Depois, levantou os braços do corpo inanimado do menino e o colocou, com infinita suavidade, sobre a pilha cada vez maior de homens, mulheres e crianças judias que os solavancos do trem sacolejavam em seus sons derradeiros.

- Era meu irmão - disse uma meninazinha um tanto hesitante, sem saber que atitude lhe convinha melhor diante de Ernie.

Ele se assentou junto dela e, colocando-a sobre os joelhos:

- Ele também despertará dentro em pouco, com todos os outros, quando chegarmos ao reino de Israel. Lá, todas as crianças vão encontrar seus pais, e todo mundo se alegrará. Porque o país para onde estamos indo é o nosso reino, fique sabendo disso. Lá, o sol jamais se deita, e você poderá

comer de tudo que lhe vier ao espírito. Lá, uma alegria eterna coroará suas cabeças; a felicidade e a alegria estarão juntas, e a dor e os gemidos desaparecerão...

- Lá - interrompeu uma criança com uma voz feliz, repetindo cada palavra com certo ritmo, como se já houvesse dito, pensado ou ouvido isso inúmeras vezes -, lá, estaremos aquecidos dia e noite.

- Sim - disse Ernie -, é assim que nós estaremos.

- Lá - disse uma segunda voz na sombra -, não haverá nem alemães, nem vagões, nenhuma de todas essas coisas que fazem sofrer.

- Não, não diga mais nada - interrompeu uma criança irritada -, deixe que o rabi fale, é melhor quando é ele.

Ainda embalando a irmã do morto em seus joelhos, Ernie continuou; em volta dele, as cabeças dos pequenos ouvintes oscilavam lentamente sobre seus ombros, e ele percebeu que, um pouco mais distante, alguns adultos, homens e mulheres, começavam discretamente a ouvi-lo, enquanto surgiam em seus olhos os vagos lampejos do delírio que animava os pequeninos. De repente, a menina aninhada em seus joelhos começou a chorar sem lágrimas, como acontecia com todos os outros que tinham chorado demasiadamente nos dois primeiros dias, e com grandes olhos abertos na direção de Ernie, as bolas azuis dos seus punhos sobre o peito, ela começou a dormir.

- E eu, senhor - sussurrou uma voz agonizante -, não quer me fazer dormir? Ainda não dormi, desde o começo.

A voz pertencia a um menino de 12 anos, cujo rosto já atingira tal grau de caquexia que os globos oculares proeminentes ainda se mantinham no lugar por milagre.

- E por quê? - perguntou Ernie.

- Tenho medo.

- Mas você está um pouco crescido para que eu o embale - falou Ernie sorrindo -, apesar de tudo, não sei como devo fazer.

- Mesmo assim - suplicou o disentérico -, mesmo sendo grande, eu queria dormir.

Ernie cobriu a menina, e depois dos múltiplos esforços de ambas as partes, conseguiu instalar em seus joelhos o menino doente; mas ele próprio estava tão enfraquecido que tudo o que pôde fazer foi limitar-se a levantar,

alternadamente, sua cabeça e seus joelhos, reluzentes de excrementos. Com a ajuda de algumas mulheres, que com muito esforço se puseram de pé, Golda começava a friccionar os membros entorpecidos dos que mais sofriam.

- Quando estivermos no reino de Israel... - murmurou Ernie curvado sobre o menino, cujos olhos estavam agora cobertos por uma película amarelada, sonhadora, pacificada.

Momentos depois, sentiu bem junto dele o rosto desértico da doutora. Parecia enlouquecida de cólera.

- Que está fazendo? - cochichou ela no ouvido de Ernie, enquanto as crianças que os rodeavam se afastaram amedrontadas.

Ernie baixou os olhos e percebeu que o cadáver vivo que ele tinha embalado era agora um cadáver morto. A doutora segurou-o fortemente pelos ombros, suas unhas afundando no resto de carne de Ernie.

- Como pode dizer-lhes que é um sonho? - sussurrou com uma voz rancorosa.

Embalando maquinalmente a criança, Ernie pôs-se a chorar sem lágrimas.

- Senhora - disse ele por fim -, aqui não há lugar para a verdade.

Parou de acalantar a criança e, quando voltou a cabeça, percebeu que a mulher tinha mudado de expressão.

- E por que não? - começou ela.

E fixando seus olhos em Ernie, deixando-se penetrar pelos mínimos detalhes do seu rosto, ela murmurou suavemente:

- Então não acredita em nada do que está falando, em nada?

Ela chorava com uma espécie de amargo remorso, e em seus lábios havia um esgar de demência, de terror.

III

As horas vividas por Ernie Levy dentro daquele vagão foram também vividas por muitos dos seus contemporâneos. Quando a quarta noite caiu sobre o caos de corpos embaralhados, noite polonesa desabando com todo o seu peso sombrio e glacial sobre as almas esmagadas, como uma criatura fantástica contra a qual adultos lutavam ainda, soprando dentro das mãos ou friccionando algum membro já quase congelado, nenhum gemido, nenhuma reclamação, nenhum grito de dor saía mais da boca entreaberta

das crianças. Nenhum carinho era capaz de fazê-las falar. Elas olhavam apenas, um longo olhar sem expressão; muitas vezes, aquelas que estavam coladas aos corpos dos adultos lhes arranhavam a pele com unhas insensíveis, como pequenos animais, não para lembrarem ao mundo as suas existências, mas antes por um espasmo vindo do fundo ainda tépido das suas entranhas, por uma espécie de última pulsação de sangue em suas veias, uma vaga exalação de vida se perpetuando nos corpos abandonados pela alma extinta, mas ainda não consolados por Deus. Encostado na parede do vagão, imóvel, Ernie não ousava buscar nenhum sopro de vida no rosto de Golda, encostado em seu ombro; ver se ela não tinha perdido silenciosamente o que a fazia, apesar do horror daquelas carnes, o objeto do seu amor; mas, já havia algum tempo ele não podia esboçar o menor movimento, e unicamente o alto do seu tronco emergia daquele amontoado de corpinhos nele atracados, corpos que lentamente o envolveram por completo. Subindo umas sobre as outras, atraídas pela lembrança das suas palavras, assim elas se imobilizaram, vaga de carne petrificada na altura do seu peito, encerrando-o numa rede de mãos abertas ou duramente cravadas em sua pele. De vez em quando, talvez imaginando que alguma delas podia ouvi-lo, Ernie suscitava palavras cheias de doçura e de alegria no gelado palácio do seu cérebro; mas, a despeito de todos os seus esforços, as palavras não chegavam mais a transpor a porta selada dos seus lábios.

A locomotiva bufou, gemeu e se imobilizou, relutante. Um frêmito larvar percorreu o vagão. Mal os primeiros latidos de cão se fizeram ouvir, um fluido eletrizante de pavor percorreu passo a passo todas as formas deitadas, e Ernie, estupefato, começou a mexer-se, enquanto Golda saía lentamente do seu torpor, as crianças sobreviventes gritavam com todas as forças dos seus envenenados pulmões, tudo em torno de Ernie, cada vez mais encerrando-o dentro de um halo de entranhas em decomposição. Lá fora as tenazes já começavam a abrir os carros chumbados na estação de Drancy, e quando as portas correram, todo o vagão foi tomado por um fluxo ofuscante de luz, que revelara as primeiras silhuetas dos SS com seus emblemas da morte, o chicote ou o porrete nas mãos contendo com esforço os grandes cães negros presos às suas resistentes correias, e já mergulhando reluzentes botas na maré tempestuosa de deportados,

obrigando-a a despejar-se na plataforma à força de gritos e violências que abalavam os mais prostrados, punham-nos bruscamente em movimento, como se se tratasse de uma manada de gado, atropelando e esmagando uns aos outros.

Dentro da madrugada as plataformas pareciam irreais sob os projetores, e a estação improvisada desembocava sobre uma estranha praça, delimitada por uma cadeia de SS e de cães e um barracão cujas formas se diluíam na névoa agonizante. Ernie não soube como, Golda e uma criança presas a seus braços, ele também conseguiu correr ao longo da plataforma, em meio à afobação dos sobreviventes, alguns puxando absurdamente pacotes ou malas. Na frente deles uma deportada caiu sobre sua valise aberta, a saia lhe subindo até a cintura; imediatamente um alemão se atirou sobre ela, segurando a correia de um feroz animal, e, dirigindo-se ostensivamente a eles, gritou, sob o olhar estarecido do grupo em suspense: "Homem, acabe com esse cão!" Sob os clamores da infeliz, Ernie retomou a sua corrida, sem mais perceber outra coisa que não fosse o crepitar do seu cérebro em fogo e a pressão das mãos de Golda e da criança, cujos agudos gritos lhe davam às vezes dúvida se vinham de uma menina ou de um menino...

Dentro da escuridão do alvorecer, aquela praça calcada por centenas de pés judeus não parecia real. Mas o olho atento de Ernie bem rapidamente apreendia detalhes alarmantes: aqui e acolá, no chão apressadamente varrido - um pouco antes da chegada do trem, era visível -, ainda havia objetos abandonados como trouxas de roupas, malas abertas, pincéis de barba, panelas esmaltadas... De onde vinham? E por que depois da plataforma se interrompia o trilho repentinamente? Por que essa relva amarelada e os arames farpados de 3 metros de altura? Por que a zombaria incompreensível dos novos guardas diante dos recém-chegados, que, retomando fôlego, tentavam ajustar-se à nova vida - os homens enxugando a testa com um lenço, as moças ajeitando os cabelos e segurando com as mãos as saias quando vinha uma rajada de vento, e os velhos tentando sentar-se sobre as malas, silenciosos, todos eles mergulhados no terrível silêncio que acabava de cair sobre a manada reunida. Fora as chacotas e as conhecidas gargalhadas, os guardas pareciam haver esgotado o antigo furor, e enquanto tranqüilamente davam ordens, bofetões, pontapés, Ernie entendeu que não estavam mais sendo levados pelo ódio, mas executavam

cada um dos seus gestos com aquela espécie de simpatia longínqua que se sente pelo cão, mesmo batendo nele; sendo um cão o animal batido, é permitido supor, com certa dose de probabilidade, que aquele que bate é um homem. Mas quando seu olhar se voltou de novo para o barracão, um vago clarão surgiu de dentro da névoa, subiu ao céu cinzento e se transformou em nuvem de fumaça negra; no mesmo instante, ele se deu conta de um odor nauseabundo grassando por toda a praça e que se distinguia do cheiro estagnante dos disentéricos por um azedume de matéria orgânica em combustão.

- Você está chorando sangue - disse súbito Golda, espantada.

- Não é possível - disse Ernie -, ninguém chora sangue.

E enxugando as lágrimas de sangue que lhe sulcavam o rosto, Ernie se afastou da jovem, a fim de ocultar-lhe a morte do povo judeu inscrita, ele sabia, em toda a carne do seu rosto.

A multidão já diminuía diante deles. Um a um, os deportados chegavam diante de um oficial SS, protegido por duas sentinelas com metralhadora, que com a ponta de uma varinha distribuía distraidamente os detentos, ora para a esquerda, ora para a direita, avaliando-os com um prático e exercitado olhar. Os da esquerda, homens de 20 a 45 anos, cujo aspecto exterior ainda era relativamente saudável, eram dispostos por trás da cadeia do SS, ao longo de uma fileira de caminhões sem cobertura, que, com o fim da cerração, se mostrava por inteiro aos olhos estupefatos de Ernie; ele viu, surpreso, dentro de um dos caminhões abertos, um grupo de homens que pareciam vestidos de pijamas, carregando cada um seu instrumento de música, como uma orquestra ambulante em alegre espera ali postados, os instrumentos de sopro nos lábios, tambores e címbalos aprestados, prontos para fornecerem música. À direita, crianças, mulheres, velhos e inválidos se amontoavam de qualquer jeito, nas proximidades do barracão, por trás de uma grande abertura cavada na parede da singular construção.

- Eles vão nos separar - disse friamente Golda.

E como se fosse um eco dos seus temores, algumas crianças, que haviam misteriosamente localizado Ernie no meio da multidão, se comprimiram mais em torno dele, umas se contentando em dirigir-lhe a muda afronta de seus olhos pesados e intumescidos como se fossem abscessos, enquanto outras seguravam ora em suas mangas, ora nas abas do seu andrajoso

casaco negro. Ernie passou a mão sobre as cabecinhas cujo destino ele já conhecia com certeza, contemplou o rosto de Golda voltado para ele e, abrindo os olhos baralhados pelo sangue agora coagulado em suas pálpebras, uma última vez ele se embriagou com os traços amados da jovem, com a sua alma tão bem-feita para as simples maravilhas que a Terra dispensa aos homens, dos quais o movimento rápido da varinha do médico SS iria muito breve separá-los para sempre.

- Não, não - disse ele sorrindo para Golda, enquanto lhe descia dos olhos um fluxo de sangue -, nós ficaremos juntos, eu juro.

E para as crianças que agora mal chegavam a dar fracos gemidos:

- Meus pequeninos - disse-lhes, tranquilizando-os -, agora que chegamos ao reino, acham que eu ficarei fora dele? Entraremos juntos no reino - repetiu com voz solene e inspirada, única capaz de tocar almas cheias de negrume e de horror -, muito em breve nós lá estaremos, mãos nas mãos, lá nos espera um festim de pratos suculentos, um festim de finos vinhos, de pratos suculentos, cheios de tutano, e de vinhos velhos, lípidos... Lá, meus cordeirinhos...

Eles escutavam sem entender, um leve sorriso se esboçando nos lábios supliciados.

IV

Estou tão desarvorado que minha caneta não consegue escrever. "Homem, tire as suas vestes, cubra a sua cabeça de cinzas, corra pelas ruas e dance, enlouquecido..."

Um só e único incidente perturbou o cerimonial da seleção: alertada pelo odor, uma mulher exclamou de repente: "Estão matando aqui", o que provocou um curto pânico que fez com que todo o rebanho refluisse lentamente para trás, em direção às plataformas dissimuladas sob estranha fachada, cenário de teatro figurando uma estação. Os guardas entraram imediatamente em ação, mas quando o rebanho se acalmou, oficiais percorreram as diversas fileiras, explicando gentilmente, e alguns até com uma voz untuosa, pastoral, que os homens fortes eram chamados para a construção de casas e estradas enquanto o restante poderia descansar da viagem, à espera de tarefas caseiras ou outras. Ernie constatou com alegria

que até Golda parecia dar crédito a essa ficção, e que seu rosto estava se abrindo, cheio de esperança. Bruscamente, a fanfarra motorizada pôs-se a tocar uma velha melodia alemã, que trouxe à memória atônita de Ernie uma daquelas cantigas melancólicas que Ilse tanto amava; os metais luziam no ar cinzento, uma secreta harmonia irradiava da orquestra de pijamas e daquela lânguida mas fria música; um instante, um curto instante, Ernie acreditou, bem no fundo do seu coração, que honestamente ninguém podia tocar música para os mortos, nem mesmo essa melodia que parecia vinda de outro mundo. Quando o último metal se calou, e o rebanho já estava devidamente embalado, a seleção recomeçou.

- Eu estou doente, não posso andar - murmurou ele em alemão quando, chegada a sua vez, a varinha friamente lhe mostrou o pequeno grupo de homens válidos gratificados com um sursis.

O Dr. Mengele, médico-chefe do campo de extermínio de Auschwitz, lançou um rápido olhar para a “merda judia” que acabava de enunciar aquelas palavras.

- Está bem, nós trataremos de você.

A varinha descreveu um semicírculo, dois jovens SS sorriram maliciosamente. Ernie, cambaleante, juntou-se ao triste mar humano flutuando às margens do barracão e, enlaçando Golda, as mãos das crianças presas nele, ele se abismou na espera comum. Por fim, reuniram todos. Então, um Unterscharführer os convidou, em voz alta, distinguindo bem as palavras, a deixarem ali suas bagagens e se dirigirem ao banho, levando somente documentos, objetos de valor e o estritamente necessário para se lavarem. Dezenas de perguntas se agitaram em seus lábios: Seria preciso levar a roupa de baixo? Poderiam desfazer seus embrulhos?

Quando voltassem, tornariam a encontrar suas bagagens? Nada lhes seria roubado? Mas os condenados não sabiam que força os obrigava a se calarem, a se dirigirem bem depressa, sem dizer palavra, sem mesmo lançar um olhar para trás, para a abertura feita na cerca de arame farpado de 3 metros de altura, ao lado do barracão com o guichê. De repente, no fundo da praça, a orquestra começou a tocar, e as primeiras vibrações de motores se fizeram ouvir, se elevaram ao céu, ainda carregado de névoa matinal, e desapareceram no infinito. Formações de SS armados separavam os condenados repartidos em grupos de cem. O corredor de arame farpado parecia não ter fim. A cada dez passos, um cartaz: Aos

banhos e às inalações. O rebanho passou em seguida diante das pontas de ferro antitanque, ao longo de fossos antitanque, e de novo diante de um fino fio de aço enrolado, torcido em mola; enfim, ao longo de um corredor aberto formado por metros e metros de arame farpado. Ernie carregava uma criança desmaiada. Os outros se apoiavam entre si. E, enquanto que no silêncio cada vez mais pesado da multidão, no odor cada vez mais pestilento, leves e suaves palavras nasciam em seus lábios, enchendo os passos de crianças de sonho e a caminhada de Golda de amor, parecia-lhe que um silêncio eterno se abatia sobre o rebanho judeu conduzido ao abatedouro e que nenhum herdeiro, nenhuma memória sobreviveria à marcha silenciosa das vítimas; um cão fiel não se estremeceria, o badalo de um sino não tocara, ficariam somente as estrelas deslizando no céu frio. “Oh, Deus”, pensou o Justo Ernie subitamente, enquanto o sangue da compaixão corria de novo dos seus olhos, “Oh, Senhor, foi assim que saímos há milhares de anos. Caminhávamos pelos áridos desertos, pelo mar Vermelho de sangue, num dilúvio de salgadas e amargas lágrimas. Somos muito velhos. Caminhamos. Oh, deixe-nos chegar por fim!”

A construção era a de um grande balneário; à direita e à esquerda, grandes vasos de cimento continham caules de flores fenecidas. Ao pé da pequena escada de madeira um SS de bigode e com ar acolhedor dizia aos condenados: “Nada de ruim lhes acontecerá! É preciso somente respirar bem fortemente, isso fortifica os pulmões, é um meio de prevenir as doenças contagiosas, é uma boa desinfecção.” A maioria entrava em silêncio, empurrada pelos que estavam por trás. Dentro, cabides numerados guarneciam as paredes, feito uma espécie de vestiário gigantesco onde o rebanho se despia de qualquer jeito, reconfortado pelos guias SS que lhes aconselhavam guardar bem os números; pedaços de um sabão que parecia de pedra lhes foram distribuídos. Golda rogou a Ernie que não olhasse para ela, e foi com os olhos fechados, conduzido pela jovem e pelas crianças com as mãos seguras em suas coxas nuas, que ele transpôs a porta de correr da segunda sala, onde já estavam amontoados, sob os bocais de duchas fixadas no teto, e à luz azul das pequenas lâmpadas reluzindo em nichos vazados no próprio cimento, homens e mulheres judias, crianças e velhos; com olhos fechados, ele sofreu o ímpeto dos feixes finais de carne, agora empurrados a coronhadas pelos

SS para dentro da câmara de gás; e com olhos fechados ele sentiu que a luz se apagava sobre os vivos, sobre centenas de mulheres judias, subitamente clamando de terror, sobre velhos cujas preces sagradas se elevaram imediatamente com uma força crescente, sobre as crianças, mártires do comboio, que reviviam em seus estertores o inocente vigor das agonias de outrora, num coro de idênticas exclamações: "Mamãe! E eu era bem comportado! Está escuro! Está escuro! Está escuro!... E quando os primeiros eflúvios de gás Cyclon B começaram a infiltrar-se entre os corpos suados para depositar-se nas camadas inferiores, sobre o agitado tapete de cabeças infantis, Ernie, libertando-se do mudo abraço da jovem, curvou-se na escuridão para os pequeninos encolhidos entre suas pernas e se pôs a berrar com toda a suavidade, toda a força da sua alma:

- Respirem forte, meus cordeiros, depressa, respirem!

Quando o lençol de gás recobriu tudo, houve no céu negro da câmara de morte um silêncio de um minuto, cortado apenas pelos acessos de tosse e pelas manifestações dos que estavam demasiadamente afundados na agonia para fazerem dela uma oferenda; e primeiramente qual um riacho, depois cascata, enfim torrente incontida de majestade, o poema, em meio às fumaças dos incêndios e por cima das fogueiras da história judaica - havia dois mil anos não traziam a espada e jamais tiveram remos missionários nem escravos de cor -, o velho poema de amor traçado em letras de sangue sobre a dura crosta terrestre irrompeu na câmara de gás, envolveu-a, dominando seu sombrio e abissal escárnio: "SCHEMA ISRAEL ADONAI ELOHENOU ADONAI EH'OTH... Escuta, Israel, o Eterno nosso Deus, o Eterno é Um. Oh, Senhor, por tua graça os vivos são alimentados, e por tua grande misericórdia tu ressuscitas os mortos; e tu amparas os fracos, curas os doentes, quebras as cadeias dos escravos; e guardas fielmente tuas promessas para aqueles que dormem sobre o pó. Quem é como tu és, ó pai misericordioso, quem pode comparar-se contigo?"

As vozes morriam uma a uma ao longo do poema inacabado; as crianças agonizantes cravavam as unhas nas coxas de Ernie, num supremo esforço, e o braço de Golda se tornava mais fraco, seus beijos estavam se esfumando, quando ela se agarrou ao pescoço do amado e exalou num sopro:

- Não o tornarei a ver mais? Nunca mais?

Ernie conseguiu repelir a fagulha que lhe perfurava a garganta, e enquanto o corpo feminino caía junto a ele, os olhos esbugalhados na noite opaca, ele gritou bem junto ao ouvido de Golda inanimada:

- Daqui a pouco, eu juro!...

Depois sentiu que não podia mais nada para ninguém no mundo, e no clarão que precedeu seu próprio aniquilamento, ele se lembrou com felicidade da lenda do rabi Chanina ben Teradion, tal como era contada alegremente pelo patriarca: quando o doce rabi, envolvido no rolo da Torá, foi mandado pelos romanos à fogueira por ter ensinado a Lei, ao acenderem os feixes de lenha verde, para durar ainda mais o seu suplício, os discípulos lhe disseram: "Mestre, que estás vendo?" E o rabi Chanina respondeu: "Eu estou vendo queimar o pergaminho, mas as letras estão voando..." "Oh, sim, as letras estão voando", repetiu Ernie Levy, enquanto a chama que abrasava seu peito instantaneamente se espalhou até a cabeça. Com os braços moribundos, estreitou o corpo de Golda, numa inconsciente proteção apaixonada, e foi nessa postura que os encontrou, uma hora mais tarde, a equipe do Sonderkommando, encarregada de queimar os judeus nos fornos crematórios. E foi assim com milhões que passaram do estado de Luftmensch ao de Luft. Eu não traduzirei. Pois esta história não terminará num túmulo visitado in memoriam. Porque a fumaça que sai dos crematórios obedece, como uma outra qualquer, às leis físicas: as partículas se juntam e se dispersam ao vento, que as leva. A única peregrinação seria, estimado leitor, olhar de vez em quando o céu tempestuoso com melancolia.

E louvado. Auschwitz. Seja. Maidanek. O Eterno. Treblinka. E louvado. Buchenwald. Seja. Mauthausen. O Eterno. Belzec. E louvado. Sobibor. Seja. Chelmno. O Eterno. Ponary. E louvado. Theresienstadt. Seja. Varsóvia. O Eterno. Vilno. E louvado. Skarzysko. Seja. Bergen-Belsen. O Eterno. Janow. E louvado. Dora. Seja. Neuengamme. O Eterno. Pustkow. E louvado...

É verdade, às vezes o coração quer arrebentar-se de dor. Mas, às vezes também, normalmente à noite, não posso me impedir de pensar que Ernie Levy, morto seis milhões de vezes, ainda está vivo, em algum lugar, não sei onde... Ontem, quando no meio da rua fiquei tremendo de desespero,

pregado ao chão, uma gota de piedade caiu do alto sobre meu rosto; mas não havia nenhuma brisa no ar, nenhuma nuvem no céu... Havia somente uma presença.